Machine Translated by Google

O cristianismo na ideologia de Hitler

Como as crenças religiosas pessoais de Hitler ajudaram a moldar o desenvolvimento do Nacional-Socialismo? Por meio de uma análise atenta de fontes primárias, Mikael Nilsson argumenta que a admiração de Hitler por Jesus foi central para sua vida pública e privada, desempenhando um papel fundamental ao longo de toda a sua carreira política. *O Cristianismo na Ideologia de Hitler* reexamina as raízes do Nacional-Socialismo, explorando como as formas antissemitas do nacionalismo cristão desjudaizaram Jesus e o tornaram um ariano. Por sua vez, o estudo analisa como os professores religiosos e ideológicos de Hitler, especialmente os escritores *Völkisch*- Cristãos Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart, transformaram essas ideias em armas. Nilsson desafia o entendimento estabelecido de que Hitler usava a religião apenas como uma ferramenta de propaganda. Em vez disso, ele argumenta que a fé religiosa e as convicções profundamente arraigadas estavam no cerne do Nacional-Socialismo, seu racismo, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.

Mikael Nilsson é um acadêmico e historiador sueco independente com interesses de pesquisa em Hitler, Nacional-Socialismo e Alemanha Nazista, juntamente com a Guerra Fria. Suas publicações anteriores incluem *Hitler Redux: The Incredible History of Hitler's So-Called Table Talks* (2021).

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

Cristianismo em Ideologia de Hitler

O papel de Jesus no nacional-socialismo

Michael Nilsson

CAMBRIDGE
UNIVERSITY PRESS

Machine Translated by Google

Shaftesbury Road, Cambridge cb2 8ea, Reino Unido

One Liberty Plaza, 20º andar, Nova York, NY 10006, EUA

477 Williamstown Road, Port Melbourne, vic 3207, Austrália

314–321, 3º andar, lote 3, Splendor Forum, centro do distrito de Jasola,
Nova Deli – 110025, Índia

103 Penang Road, #05–06/07, Visioncrest Commercial, Singapura 238467

A Cambridge University Press faz parte da Cambridge University Press & Assessment, um departamento da Universidade de Cambridge.

Compartilhamos a missão da Universidade de contribuir para a sociedade por meio da busca pela educação, aprendizagem e pesquisa nos mais altos níveis internacionais de excelência.

Português Informações
sobre este título: www.cambridge.org/9781009314954

doi: 10.1017/9781009314961

© Mikael Nilsson 2024

Esta publicação está protegida por direitos autorais. Sujeita à exceção estatutária e às disposições de acordos de licenciamento coletivo relevantes, nenhuma reprodução de qualquer parte pode ocorrer sem a permissão por escrito da Cambridge University Press & Assessment.

Ao citar este trabalho, inclua uma referência ao DOI 10.1017/9781009314961

Primeira publicação em 2024

Um registro de catálogo desta publicação está disponível na Biblioteca Britânica.

Um registro de dados de catalogação na publicação para este livro está disponível na Biblioteca de Congresso

isbn 978-1-009-31495-4 Capa dura isbn
978-1-009-31497-8 Brochura

A Cambridge University Press & Assessment não se responsabiliza pela persistência ou precisão de URLs de sites externos ou de terceiros mencionados nesta publicação e não garante que qualquer conteúdo nesses sites seja, ou permanecerá, preciso ou apropriado.

Machine Translated by Google

O cristianismo na ideologia de Hitler

Como as crenças religiosas pessoais de Hitler ajudaram a moldar o desenvolvimento do Nacional-Socialismo? Por meio de uma análise atenta de fontes primárias, Mikael Nilsson argumenta que a admiração de Hitler por Jesus foi central para sua vida pública e privada, desempenhando um papel fundamental ao longo de toda a sua carreira política. *O Cristianismo na Ideologia de Hitler* reexamina as raízes do Nacional-Socialismo, explorando como as formas antissemitas do nacionalismo cristão desjudaizaram Jesus e o tornaram um ariano. Por sua vez, o estudo analisa como os professores religiosos e ideológicos de Hitler, especialmente os escritores *Völkisch*- Cristãos Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart, transformaram essas ideias em armas. Nilsson desafia o entendimento estabelecido de que Hitler usava a religião apenas como uma ferramenta de propaganda. Em vez disso, ele argumenta que a fé religiosa e as convicções profundamente arraigadas estavam no cerne do Nacional-Socialismo, seu racismo, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.

Mikael Nilsson é um acadêmico e historiador sueco independente com interesses de pesquisa em Hitler, Nacional-Socialismo e Alemanha Nazista, juntamente com a Guerra Fria. Suas publicações anteriores incluem *Hitler Redux: The Incredible History of Hitler's So-Called Table Talks* (2021).

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

Cristianismo em Ideologia de Hitler

O papel de Jesus no nacional-socialismo

Michael Nilsson

CAMBRIDGE
UNIVERSITY PRESS

Machine Translated by Google

Shaftesbury Road, Cambridge cb2 8ea, Reino Unido

One Liberty Plaza, 20º andar, Nova York, NY 10006, EUA

477 Williamstown Road, Port Melbourne, vic 3207, Austrália

314–321, 3º andar, lote 3, Splendor Forum, centro do distrito de Jasola,
Nova Deli – 110025, Índia

103 Penang Road, #05–06/07, Visioncrest Commercial, Singapura 238467

A Cambridge University Press faz parte da Cambridge University Press & Assessment, um departamento da Universidade de Cambridge.

Compartilhamos a missão da Universidade de contribuir para a sociedade por meio da busca pela educação, aprendizagem e pesquisa nos mais altos níveis internacionais de excelência.

Português Informações
sobre este título: www.cambridge.org/9781009314954

doi: 10.1017/9781009314961

© Mikael Nilsson 2024

Esta publicação está protegida por direitos autorais. Sujeita à exceção estatutária e às disposições de acordos de licenciamento coletivo relevantes, nenhuma reprodução de qualquer parte pode ocorrer sem a permissão por escrito da Cambridge University Press & Assessment.

Ao citar este trabalho, inclua uma referência ao DOI 10.1017/9781009314961

Primeira publicação em 2024

Um registro de catálogo desta publicação está disponível na Biblioteca Britânica.

Um registro de dados de catalogação na publicação para este livro está disponível na Biblioteca de Congresso

isbn 978-1-009-31495-4 Capa dura isbn
978-1-009-31497-8 Brochura

A Cambridge University Press & Assessment não se responsabiliza pela persistência ou precisão de URLs de sites externos ou de terceiros mencionados nesta publicação e não garante que qualquer conteúdo nesses sites seja, ou permanecerá, preciso ou apropriado.

Machine Translated by Google

O cristianismo na ideologia de Hitler

Como as crenças religiosas pessoais de Hitler ajudaram a moldar o desenvolvimento do Nacional-Socialismo? Por meio de uma análise atenta de fontes primárias, Mikael Nilsson argumenta que a admiração de Hitler por Jesus foi central para sua vida pública e privada, desempenhando um papel fundamental ao longo de toda a sua carreira política. *O Cristianismo na Ideologia de Hitler* reexamina as raízes do Nacional-Socialismo, explorando como as formas antissemitas do nacionalismo cristão desjudaizaram Jesus e o tornaram um ariano. Por sua vez, o estudo analisa como os professores religiosos e ideológicos de Hitler, especialmente os escritores *Völkisch*- Cristãos Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart, transformaram essas ideias em armas. Nilsson desafia o entendimento estabelecido de que Hitler usava a religião apenas como uma ferramenta de propaganda. Em vez disso, ele argumenta que a fé religiosa e as convicções profundamente arraigadas estavam no cerne do Nacional-Socialismo, seu racismo, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.

Mikael Nilsson é um acadêmico e historiador sueco independente com interesses de pesquisa em Hitler, Nacional-Socialismo e Alemanha Nazista, juntamente com a Guerra Fria. Suas publicações anteriores incluem *Hitler Redux: The Incredible History of Hitler's So-Called Table Talks* (2021).

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

Cristianismo em Ideologia de Hitler

O papel de Jesus no nacional-socialismo

Michael Nilsson

CAMBRIDGE
UNIVERSITY PRESS

Machine Translated by Google

Shaftesbury Road, Cambridge cb2 8ea, Reino Unido

One Liberty Plaza, 20º andar, Nova York, NY 10006, EUA

477 Williamstown Road, Port Melbourne, vic 3207, Austrália

314–321, 3º andar, lote 3, Splendor Forum, centro do distrito de Jasola,
Nova Deli – 110025, Índia

103 Penang Road, #05–06/07, Visioncrest Commercial, Singapura 238467

A Cambridge University Press faz parte da Cambridge University Press & Assessment, um departamento da Universidade de Cambridge.

Compartilhamos a missão da Universidade de contribuir para a sociedade por meio da busca pela educação, aprendizagem e pesquisa nos mais altos níveis internacionais de excelência.

Português Informações
sobre este título: www.cambridge.org/9781009314954

doi: 10.1017/9781009314961

© Mikael Nilsson 2024

Esta publicação está protegida por direitos autorais. Sujeita à exceção estatutária e às disposições de acordos de licenciamento coletivo relevantes, nenhuma reprodução de qualquer parte pode ocorrer sem a permissão por escrito da Cambridge University Press & Assessment.

Ao citar este trabalho, inclua uma referência ao DOI 10.1017/9781009314961

Primeira publicação em 2024

Um registro de catálogo desta publicação está disponível na Biblioteca Britânica.

Um registro de dados de catalogação na publicação para este livro está disponível na Biblioteca de Congresso

isbn 978-1-009-31495-4 Capa dura isbn
978-1-009-31497-8 Brochura

A Cambridge University Press & Assessment não se responsabiliza pela persistência ou precisão de URLs de sites externos ou de terceiros mencionados nesta publicação e não garante que qualquer conteúdo nesses sites seja, ou permanecerá, preciso ou apropriado.

Machine Translated by Google

Para Ilse, William, Robert e Morris

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

CONTEÚDO

Agradecimentos viii

Introdução 1

1 Cristo na cruz torta, parte I: Jesus como um ariano,
Guerreiro Antissemita 32

2 Os professores religiosos de Hitler: Dietrich Eckart e Houston
Stewart Chamberlain 85

3 Cristo na cruz torta, parte II: Hitler acreditava que Jesus era divino?
134

4 A experiência de Hitler na estrada de Damasco: como Hitler modelou sua
Narrativa de conversão política em *Mein Kampf* sobre o apóstolo
A conversão religiosa de Paulo em Atos 9 160

5 Jesus como inspiração ideológica para Hitler e o NSDAP 180

Conclusão 234

Bibliografia 243
Índice 258

Machine Translated by Google

AGRADECIMENTOS

Como historiador, estou acostumado a me isolar nos arquivos ou em casa enquanto leio e escrevo. Como tantos outros historiadores, gosto bastante de ficar sozinho, pensando e mexendo com várias ideias. Escrever um livro é, de fato, em muitos aspectos, um trabalho solitário.
No entanto, há muitas pessoas a quem preciso agradecer e dar crédito por sua assistência e apoio inestimáveis para tornar este livro uma realidade. Uma das pessoas mais importantes desta lista é o Professor Brendan Simms: sem ele, este livro não teria sido possível. Sua orientação durante o processo de encontrar uma editora para meu manuscrito foi inestimável. Ele acreditou em mim e me ajudou abnegadamente a realizar uma meta acadêmica que estabeleci para mim há vinte anos, enquanto escrevia e pesquisava minha dissertação, e por isso estarei eternamente em dívida com ele. Também recebi imenso apoio do Professor Thomas Weber e do Professor Associado Richard Steigmann-Gall. Suas leituras e comentários sobre meu manuscrito garantiram que o texto fosse melhorado de uma forma que eu dificilmente pensava ser possível. Eles acreditaram em minhas ideias, me deram críticas construtivas e permaneceram encorajadores mesmo quando tinham opiniões diferentes. Sem eles, este livro não teria se tornado realidade.

Também quero expressar meu amor e gratidão sem fim à minha mãe e ao meu pai, que me trouxeram a este mundo, que me criaram e que me deram o amor e o apoio necessários para crescer e me tornar o homem que sou hoje. Agradeço à minha maravilhosa irmã, que é uma verdadeira lutadora e

Machine Translated by Google

uma inspiração para mim. Outras pessoas que desejo agradecer são (sem nenhuma ordem específica) Magnus Brechtken, Niklas Stenlås, Lars M. Andersson, Marco Wyss, Timothy Ryback, Anders Wiberg (BB), Henrik Arnstad, Wolfram Pyta e Sir Ian Kershaw.

Quero dirigir um caloroso e especial “obrigado” à minha editora na Cambridge University Press, Liz Friend-Smith, por acreditar no meu livro e por ser tão gentil e prestativa nesta jornada. Sei que meus e-mails com perguntas devem ter sido exigentes às vezes, mas ela lidou com eles com gentileza e grande profissionalismo.

Por último, mas certamente não menos importante, quero agradecer à minha amada esposa Ilse por acreditar em mim ao longo dos anos em que passei noites, madrugadas e muitos fins de semana escrevendo e pesquisando este livro. Eu te amo sempre.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

INTRODUÇÃO

Por que mais um livro sobre Hitler é necessário? Hitler, o Terceiro Reich e o Nacional-Socialismo já não foram suficientemente mapeados e descritos para que outro livro sobre esses fenômenos históricos não possa deixar de ser supérfluo? A julgar pelo fluxo constante de novos livros sobre o tópico a cada ano, a resposta óbvia é "não". Não parece haver um limite para o número de livros que podem ser produzidos e consumidos. O mercado parece ser insaciável.

É verdade que nem todo livro escrito foi necessário ou útil quando se trata de aumentar nossa compreensão dessa parte da nossa história comum. No entanto, pode haver uma questão mais interessante a ser respondida aqui, a saber: Há aspectos desse tópico que ainda não receberam a atenção que merecem na literatura?

A resposta a essa pergunta é um "sim" igualmente óbvio. Há muitas questões e aspectos do Nacional-Socialismo que precisam de mais pesquisa. Entre eles está o tópico deste livro: a relação de Hitler e do Nacional-Socialismo com a figura central do cristianismo – Jesus Cristo. 1 A relação de Hitler com o cristianismo tem sido calorosamente debatida.

1 Recentemente, o historiador francês Johann Chapoutot abordou esse tema, mas seu livro é mais sobre a revolução cultural nazista em geral. O foco não está na ideologia de Hitler, mas sim nas ideias sobre as quais o nacional-socialismo foi construído, conforme foram defendidas por outros ideólogos, advogados e políticos; veja Chapoutot, Johann, *La révolution culturelle nazie* (Paris: Gallimard, 2017), pp. 135–177. O livro contém apenas algumas referências aos escritos e discursos de Hitler.

Machine Translated by Google

Foi alegado que ele se ressentia do cristianismo em todas as suas formas, embora grande parte desse conhecimento seja baseado em fontes e raciocínios precários.

Em seu livro *Humanidade,* Jonathan Glover cita Hitler falando sobre o que ele pensava sobre o cristianismo:

> Nunca aceitarei pessoalmente a mentira cristã. ...
> Nossa época certamente verá o fim da doença do cristianismo. Ela durará mais cem anos, duzentos anos talvez. Meu arrependimento terá sido não poder, como quem quer que tenha sido o profeta, contemplar a terra prometida de longe. 2

Esta é uma passagem frequentemente citada da famosa fonte *Hitler's Table Talk.* 3 Ela certamente parece confirmar que Hitler era um descrente convicto e completamente anticristão. Há apenas um problema com ela: ela é baseada em uma falsificação. O texto em inglês foi traduzido não do original alemão (apesar da alegação do historiador HR Trevor-Roper em contrário), o que é problemático de uma perspectiva crítica da fonte, mas de uma versão francesa daquele texto produzida pelo simpatizante nazista suíço (e dono de um dos textos-fonte alemães) François Genoud e publicada um ano antes de *Hitler's Table Talk* em 1952. 4 Genoud não apenas reescreveu o texto original alemão, mas também inseriu frases completamente novas nele. Revisei a falta de confiabilidade dos textos de “conversa de mesa” em grande detalhe no meu livro *Hitler Redux.* 5

2 Glover, Jonathan, *Humanidade: Uma História Moral do Século XX* (Londres: Jonathan Cape, 1999), p. 355.

3 Hitler, A., *Hitler's Table Talk: His Private Conversations 1941–1944. Com um ensaio introdutório sobre a mente de Adolf Hitler por HR Trevor-Roper* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1953), p. 343.

4 Genoud, François, *Comentários livres sobre a guerra e a paz: coletados sob as ordens de Martin Bormann. Prefácio de Robert d'Harcourt da Academia Francesa. Versão francesa de François Genoud,* Vol. Eu (Paris: Flammarion, 1952), p. 332.

5 Nilsson, Mikael, *Hitler Redux: The Incredible History of Hitler's So-Called Table Talks* (Londres: Routledge, 2021); para uma dissecação desta parte, veja pp. 2–4. Este fato não impediu David Redles de citar as mesas de conversa em uma publicação recente. Redles se refere à minha pesquisa e reconhece a natureza problemática dessas fontes, mas acha que vou "longe demais ao descartá-las amplamente como uma fonte legítima". Ele cita a edição em inglês corrompida e diz que "consultou ambas as edições em alemão para verificar as traduções em inglês", mas isso não faz nada para compensar o problema real com essas fontes, que é que os textos em alemão também não são confiáveis para fornecer um registro preciso. Redles então faz uma afirmaç

Machine Translated by Google

Para descobrir as verdadeiras atitudes de Hitler em relação a Jesus e realmente entender o que ele próprio entendia que era o verdadeiro cristianismo, os historiadores devem ir além desta e de outras fontes igualmente não confiáveis e questionáveis. Em vez disso, precisamos nos aprofundar nas crenças centrais do nacional-socialismo. Neste livro, faço isso examinando os textos fundamentais do nacional-socialismo, bem como as fontes mais confiáveis para as crenças pessoais de Hitler. No processo, mostro que o caráter de Jesus, a figura central do cristianismo, também ocupava um lugar central na ideologia de Hitler. Isso sugere que Hitler e os outros nacional-socialistas entendiam o verdadeiro cristianismo como algo totalmente diferente do que estamos acostumados a imaginar. Em vez de rejeitar o cristianismo como um todo, verifica-se que Hitler e seus seguidores estavam buscando restabelecer os ensinamentos originais de Jesus, que eles pensavam ter sido perdidos ao longo dos séculos devido às manipulações do apóstolo Paulo e, depois, da Igreja Católica.

Este livro argumenta, portanto, que as crenças religiosas de Hitler foram de importância central para como o Nacional-Socialismo como ideologia se desenvolveu a partir de 1920, para como o Terceiro Reich foi organizado e para o motivo pelo qual Hitler e seus capangas desenvolveram políticas projetadas para infligir tanto sofrimento e morte. Pode haver dúvidas de que este é um argumento que até agora não assumiu o centro do palco quando os historiadores estudaram a Alemanha de Hitler. Claro, pode-se argumentar que era apenas *a maneira como Hitler usava as crenças religiosas* que era importante e que, portanto, ele não acreditava realmente no que dizia. Mas, ao estudar a história ideológica do Nacional-Socialismo e seus textos fundamentais, mesmo aqueles escritos antes de Hitler se tornar um Nacional-Socialista, podemos traçar as raízes da posição central mantida por Jesus dentro do Nacional-Socialismo.

Uma leitura atenta das fontes primárias mostra, sem sombra de dúvida, que a fé religiosa e as convicções profundamente arraigadas a respeito do plano que Deus tinha

falsa alegação, a saber, que as conversas de mesa nunca foram consideradas fontes literais (Redles, David, “The Apocalypse of Adolf Hitler: *Mein Kampf* and the Eschatological Origins of the Holocaust,” em John J. Michalczyk, Michael S. Bryant e Susan A. Michalczyk (eds.), *Hitler's* Mein Kampf *and the Holocaust: A Prelude to Genocide* [Londres: Bloomsbury Academic, 2022], p. 318, n60). Mas as notas das conversas de mesa foram de fato consideradas registros literais porque foram por muito tempo reivindicadas e aceitas como o trabalho de um estenógrafo. Eu provo e desmascaro essa mesma noção em meu livro *Hitler Redux,* ao qual Redles se refere em seu texto.

Machine Translated by Google

para a humanidade e o universo estavam no cerne do Nacional-Socialismo, seu racismo, a Segunda Guerra Mundial e – não menos importante – o Holocausto. Isso pode parecer, a princípio, uma declaração controversa.
É minha convicção, no entanto, que quando o leitor terminar este livro, essa opinião não estará mais presente – em vez disso, ficará óbvio para o leitor que meu argumento vale a pena ser levado muito a sério.

É importante entender que o Nacional-Socialismo não foi uma invenção de Hitler e do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Sua história começou muitas décadas antes de 1919/20. Por exemplo, o Partido Nacional-Socialista Tcheco foi fundado já em 1898, e em 1903 o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP) *[não* aquele ao qual Hitler se juntaria em 1919] na Boêmia viu a luz do dia. Este último renomeou a si mesmo como “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”

(DNSAP) em 1918 e então se dividiu em um ramo austríaco e um alemão. O nacional-socialismo, portanto, não nasceu do caos da Primeira Guerra Mundial, escreve Thomas Weber. Até os sionistas tinham seu próprio sonho de uma pátria nacional-socialista, ele observa.
Além disso, o primeiro país a ter um nacional-socialista eleito para o parlamento não foi nem a Alemanha nem a Áustria, mas a Grã-Bretanha. Isso aconteceu quando John Joseph “Jack” Jones, do Partido Nacional-Socialista Britânico, foi eleito para a Câmara dos Comuns em 14 de dezembro de 1918. Na Alemanha, no entanto, as raízes remontam a um passado ainda mais distante. O nacional-socialismo se desenvolveu na direita política logo após a unificação alemã em 1871 como uma reação contra o marxismo e a social-democracia, como Asaf Kedar mostra. Já havia várias formas desde o início – uma linhagem burguesa liberal-cristã (representada por Friedrich Naumann), uma linhagem conservadora-cristã moderada (representada por Adolf Stoecker) e uma linhagem cristã de extrema direita mais radical (principalmente) (representada pelo ideólogo e membro do NSDAP Theodor Fritsch).
[6]

Isto significa que o argumento apresentado neste livro não deve necessariamente ser interpretado como um alinhamento com a *Sonderweg* alemã.

[6] Kedar, Asaf, “Nacional-Socialismo antes do Nazismo: Friedrich Naumann e Theodor Fritsch, 1890–1914,” tese de doutorado (Universidade da Califórnia, Berkeley, 2010); Weber, Thomas, *Tornando-se Hitler: A Criação de um Nazista* (Oxford: Oxford University Press, 2017), pp. xiii–xiv.

Machine Translated by Google

(caminho especial) hipótese. Embora Hitler e o NSDAP tenham surgido naturalmente de um contexto histórico especificamente alemão e suas ideologias possam ser rastreadas até os discursos nacional-socialistas que os precederam imediatamente no mundo de língua alemã, ideias semelhantes estavam à tona também em outras partes da Europa ao mesmo tempo. O fascismo, então, não era um *Sonderweg* alemão , mas sim parte de uma tendência ideológica geral na Europa e em outras partes do mundo. No entanto, a forma que o nacional-socialismo assumiu na Alemanha não foi espelhada em outros países. Nesse sentido, cada país tinha seu próprio *Sonderweg* devido às circunstâncias únicas em que cada um se encontrava.

Embora muito tenha sido escrito sobre a con-

conexão com, e a visão de Hitler sobre, religião em geral e cristianismo em particular, nenhum estudo investigou ainda o papel de Jesus na ideologia nacional-socialista. Este livro, portanto, preenche uma lacuna significativa na literatura no campo. Ele argumenta que Hitler era um admirador honesto de Jesus – ou melhor, a interpretação nazista de Jesus, que não deve ser confundida com o Jesus do cristianismo ortodoxo – e que ele o via como uma inspiração tanto para o desenvolvimento moral e ético de um nacional-socialista quanto para a luta política contra os judeus.

O Capítulo 1 mostra que as raízes ideológicas da conexão do Nacional-Socialismo com Jesus remontam a muito mais tempo do que 1919. O Nacional-Socialismo surgiu de um meio religioso conservador na Alemanha já nas décadas de 1870-1890. Por causa do antissemitismo racial7 que se tornou cada vez mais forte a partir de meados de 1800 em diante, mais e mais teólogos cristãos começaram a questionar o status racial da figura central em sua fé – Jesus – transformando-o em um ariano. Na Alemanha nazista, esse desenvolvimento culminaria na teologia do movimento da igreja protestante *Deutsche Christen.* Hitler explorou e extraiu dessa tradição, e ela se tornou a base para sua compreensão de Jesus.

O capítulo 2 trata de Dietrich Eckart e Houston Stewart Chamberlain, as duas figuras mais centrais no desenvolvimento religioso e ideológico de Hitler no início da década de 1920. Eckart parece ter sido o mais importante para a educação política de Hitler. O livro de Eckart

7 Sigo a recomendação da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) para a grafia, que é "antisemitism" em vez de "anti-Semitism" por causa das raízes antissemitas do construto derivado "Semite".

Machine Translated by Google

Der Bolschewismus von Moses bis Lenin, [8] que continha uma ficção conversa entre ele e Hitler sobre tópicos religiosos e políticos, nos oferece uma visão do universo religioso que Eckart e Hitler coabitaram. O livro também é um claro testamento do fato de que as crenças religiosas tinham um lugar central dentro do Nacional-Socialismo.

As visões de Chamberlain sobre Jesus como um guerreiro ariano se tornaram uma parte vital da teologia de Hitler. Ainda assim, Hitler não copiou simplesmente as ideias de Eckart ou Chamberlain. Um bom exemplo disso é que Hitler rejeitou o apóstolo Paulo enquanto Chamberlain o aceitou. O início da década de 1920 foi de fato anos formativos para a ideologia política de Hitler e sua compreensão de si mesmo e de seu lugar no mundo, e foi nessa época que Eckart o convenceu de que ele era o único que estava destinado a trazer a salvação para a Alemanha.

No Capítulo 3, eu trato da questão de se Hitler considerava Jesus divino. Esta certamente não é uma questão trivial. É pertinente à questão de se Hitler considerava sua missão como sendo de Deus e, portanto, tendo sanção divina. As referências explícitas a Jesus não são muito frequentes, e a maioria delas aparece durante a década de 1920 e, em menor extensão, no início da década de 1930. No entanto, Hitler fez essas declarações tanto em público quanto em privado. Portanto, eu sustento que a alegação de que seus comentários sobre Jesus e o cristianismo foram apenas destinados ao consumo público e propósitos de propaganda não pode ser sustentada.

Admitindo que a evidência seja um pouco ambígua, e às vezes até contraditória, ainda assim temos vários exemplos de Hitler se referindo claramente a Jesus como divino. Isso não foi notado por historiadores antes e deve ser considerado muito significativo.

O Capítulo 4 argumenta que Hitler modelou sua própria história de conversão política, conforme apresentada em *Mein Kampf,* na narrativa sobre a conversão do apóstolo Paulo em Atos 9. Encontramos muitos paralelos entre essa história e a que Hitler ofereceu em *Mein Kampf* para que a conexão seja puramente acidental. Hitler inclui um período de cegueira temporária, uma conversa com o divino e uma experiência de despertar que lhe devolveu a visão, e ele se retrata como o fundador de um grande e revolucionário movimento. Assim como Paulo, Hitler

[8] Eckart, Dietrich, *Bolchevismo de Moisés a Lenin: Um diálogo entre Adolf Hitler e eu* (Munique: Franz Eher Verlag, 1924).

Machine Translated by Google

enfatiza que ele passou de completamente desconhecido para alguém que era reconhecido em todo lugar, e ele também afirma ter recebido uma missão de Deus. Era também um recurso narrativo conveniente que Hitler tinha certeza de que seria familiar para seus leitores.

No Capítulo 5, finalmente, mostro como a admiração de Hitler — e do Nacional-Socialismo de modo mais geral — por Jesus inspirou a política da Alemanha nazista até o fim no bunker em Berlim em abril de 1945. No exemplo de Jesus, Hitler encontrou a inspiração para lutar contra os judeus, e foi nos passos do primeiro que ele sentiu que ele e seu partido estavam seguindo. Ele se considerava escolhido por Deus para cumprir a missão que Jesus não conseguiu completar: a erradicação do povo judeu da face da terra. Na Conclusão, resumo minhas descobertas e termino com sugestões e recomendações para pesquisas futuras.

Fontes e Críticas de Fontes

Os últimos vinte anos têm visto um fluxo constante de livros em inglês e alemão (assim como em muitas outras línguas, é claro) sobre a religiosidade de Hitler. Portanto, não é possível argumentar que este é um tema que não recebeu nenhuma atenção dos historiadores. No entanto, este aspecto da personalidade de Hitler continua sendo um dos menos conhecidos do público. Uma das principais razões para esta omissão é que as biografias de Hitler se referem a este tópico apenas de passagem (se tanto) e que sua fé religiosa não recebe nenhum peso nessa literatura. Mas também há uma falha clara na literatura que lida com a religiosidade de Hitler, a saber, que a crítica adequada da fonte geralmente está ausente. Essas obras tendem a citar todas as fontes disponíveis sem exceção e sem usar quaisquer princípios epistemológicos históricos aparentes segundo os quais as informações não confiáveis podem ser separadas das confiáveis. Este é o caso, principalmente em relação ao que talvez seja a fonte mais famosa para as declarações anticristãs de Hitler: as chamadas conversas de mesa. 9 Mas as

67 , *Não.* 1 (2019), págs. 105–146; Nilsson, Mikael, “Construindo um Pseudo-Hitler? A questão da autenticidade do testamento *político de Hitler ”, European Review of*

Machine Translated by Google

as conversas à mesa estão longe de ser a única fonte citada sem crítica por historiadores; o mesmo vale para as memórias de antigos nazistas.

Este livro começou como um resumo do estado da pesquisa sobre o tópico das crenças religiosas de Hitler, mas logo percebi que teria que repassar as fontes primárias e não apenas (talvez) reinterpretar o que outros historiadores já tinham feito, mas também eliminar as fontes e literatura que não são confiáveis. Portanto, a escrita virou em um projeto de pesquisa plurianual conduzido à noite e nos fins de semana. Um dos problemas mais centrais com grandes partes do anterior a literatura é a confiança em "testemunhas oculares contemporâneas", isto é, Os nazistas que passaram um período de tempo mais longo ou mais curto na casa de Hitler comitiva e que, muitas vezes muitos anos ou mesmo várias décadas depois a guerra, decidiram contar "sua história", muitas vezes a jornalistas. Essas testemunhas oculares, das quais a mais (in)famosa deve ser sem dúvida Albert Speer, posteriormente conseguiram espalhar virtualmente a sua versão da realidade sem oposição a historiadores e jornalistas que confiaram em suas "memórias" ao escrever sobre Hitler e o Terceiro Reich. Essas memórias são sempre afetados pelo desejo desses nazistas de limpar seus próprios nomes – ou qualquer outra agenda que pudessem ter tido – e, na maioria das vezes, culpar tudo o que aconteceu na Alemanha nazista por quase Hitler poderes mágicos de persuasão.

Em vez de assumir que essas testemunhas estão dizendo a verdade, o deve ser tomada uma abordagem oposta, ou seja, o que eles dizem deve sempre ser ser considerado suspeito até que se prove o contrário. As mentiras de Speer foram introduzidas quase no início pelo historiador britânico Hugh Trevor-Roper e seu livro *Os Últimos Dias de Hitler* de 1947 (que construído com base em entrevistas com Speer) e seu compatriota Alan Bullock *Hitler: Um Estudo da Tirania* de 1952. [10] Os historiadores alemães não eram muito melhor. A primeira biografia completa de Hitler na Alemanha, escrita por o jornalista Joachim Fest e publicado em 1973, [11] foi para um significativo

História–Revista Europeia de História, Vol. 26, No. 5 (2018), pp. 871–891; Nilsson, Mikael, "Hugh Trevor-Roper e as edições inglesas de Hitler's Table Talk e Testamento", *Revista de História Contemporânea,* Vol. 51, No. 4 (2015), pp. 788–812; Carrier, Richard, "Hitler's Table Talk: Troubling Finds", *German Studies Review,* Vol. 26, Não. 3 (2003), pp. 561–576.

[10] Trevor-Roper, Hugh, *Os Últimos Dias de Hitler* (Londres: Macmillan & Co., 1947); Bullock, Alan, *Hitler: Um estudo sobre a tirania* (Londres: Odhams Press, 1952).

[11] Fest, Joachim, *Hitler: Uma biografia* (Berlim: Propyläen, 1973).

Machine Translated by Google

grau com base em suas muitas conversas com Speer desde que se conheceram em agosto de 1967. Fest então recebeu a tarefa do editor Wolf Jobst Siedler de editar e reescrever (efetivamente ghostwriter) o manuscrito de Speer para suas *Erinnerungen* (Memórias – mais tarde publicadas em inglês como *Inside the Third Reich).* [12] Após a publicação de sua biografia de Hitler, Fest assumiu um papel semelhante durante a publicação de *Spandauer Tagebücher* (Diários de Spandau) de Speer em 1975. [13] Durante esse trabalho, Fest fez Speer escrever citações de Hitler para ele, o que Speer obedientemente fez. Dessa forma, citações "genuínas" de Hitler foram criadas não menos que vinte e dois anos após o fim da guerra, que posteriormente encontraram seu caminho em basicamente todos os livros de história sobre o Terceiro Reich. [14] No entanto, os dois livros de Speer receberam críticas brilhantes tanto na Alemanha quanto em outros lugares. Por exemplo, o historiador Klaus Hildebrand declarou que os diários de Speer eram uma fonte *contemporânea* muito importante da qual citações diretas de Hitler poderiam ser extraídas. [15] Nem mesmo depois que Speer foi exposto como um mentiroso implacável os historiadores pareceram mudar de ideia sobre ele. Portanto, Speer não pode ser usado para corroborar nada, exceto como ele desejava retratar a si mesmo e os eventos e pessoas sobre os quais ele falou. Como fonte de conhecimento sobre as realidades de Hitler e do Terceiro Reich, os livros de Speer são inúteis. A principal lição de tudo isso é que muito na literatura anterior foi de fato demonstrado como incorreto, ou pelo menos necessitando de sérias nuances, por pesquisas mais recentes. Mas longe de toda bolsa de estudos anterior ter sido examinada dessa forma para ver quanta informação falha ou incorreta dessas testemunhas oculares ela contém

Por esta razão, abstive-me, tanto quanto possível, de me referir a tais testemunhas oculares e de apoiar a minha argumentação com elas.

[12] Speer, Albert, *Memórias* (Berlim: Propyläen, 1969).

[13] Speer, Albert, *Diários de Spandau* (Berlim: Propyläen, 1975).

14 Para mais informações sobre o papel de Fest e Siedler na publicação dos livros de Speer, bem como uma revisão do estado da pesquisa sobre o tópico, veja Brechtken, Magnus, *Albert Speer: Eine deutsche Karriere* (Munique: Siedler, 2017), passim, mas especialmente pp. Fest também recebeu parte das receitas das vendas dos livros de Speer, o que já no caso de *Erinnerungen* o havia tornado um homem rico.

15 Brechtken, M., *Albert Speer ... ,* pp. 407–410, 485–491. Certas críticas ocorreram, mas isso nunca conseguiu abafar as resenhas comemorativas ou os defensores de Speer. Para uma revisão detalhada da recepção dos livros de Speer, veja Trommer, Isabell, *Rechtfertigung und Entlassung: Albert Speer in der Bundesrepublik* (Frankfurt: Campus Verlag, 2016).

Machine Translated by Google

contas (tanto direta quanto indiretamente por meio de outra literatura) se eu tiver sido incapaz de corroborar a informação com fontes independentes e confiáveis fontes. Uma exceção óbvia a esta regra é onde eu desejei mostram como essas testemunhas oculares queriam retratar seu próprio papel pós fato. Em vez disso, baseei minha análise no material de fonte contemporânea primária disponível, além da bolsa de estudos existente. Isso não significa que essas fontes primárias não sejam problemáticas. edições dos discursos e escritos de Hitler apresentam ao historiador vários problemas delicados. Podemos, por exemplo, nunca ter certeza de que Hitler formulou suas palavras exatamente da maneira que as transcrições mostram (exceto nos casos em que temos gravações de áudio que podem ser comparadas ao texto). Hitler não leu um manuscrito completo quando falou; em vez disso, ele improvisou a partir de um conjunto de notas de apoio e um núcleo de temas estabelecidos aos quais ele retornou repetidamente. Em muitos casos, o discursos foram anotados pelo estenógrafo do NSDAP e depois transcritos e publicados no *Völkischer Beobachter.* Essas notas então seguem muito bem as palavras reais de Hitler, mas ainda contêm correções ocasionais feitas posteriormente, bem como algumas transcrições erros. Além disso, nem sempre temos acesso à versão integral transcrições. Muitas vezes o que temos são resumos feitos por observadores policiais ou jornalistas, por exemplo, que depois publicaram suas notas no jornais. Às vezes, porém, temos ditados feitos por Hitler para discursos que seriam lidos por outra pessoa, por exemplo, por Goebbels. Isso aconteceu em várias ocasiões, especialmente em direção ao fim da guerra, pois as aparições públicas de Hitler tornaram-se raras e distantes entre. Mesmo que possamos ter certeza de que a formulação é correto, há exemplos em que o discurso foi encurtado por Goebbels devido a limitações de tempo.

O período de 1905 a 1924 é coberto pelo volume fonte *Hitler: Notas completas* (Hitler's Collected Notes) publicadas em 1980. Contém não apenas discursos transcritos, mas também notas de discurso, resumos na forma de relatórios policiais e artigos de jornais, entrevistas, e letras. [16] No entanto, este volume contém nada menos que setenta e cinco falsificações feitas pelo vigarista Konrad Kujau, que também forjou a

[16] Jäckel, Eberhard (ed.), *Hitler: Complete Notes 1905–1924* (Stuttgart: alemão Editora, 1980). Doravante: *SA.*

Machine Translated by Google

infames Diários de Hitler. Desde que esse escândalo foi revelado em 1983, essas falsificações são bem conhecidas dos historiadores, mas isso não impediu que alguns acadêmicos menos familiarizados com o campo as usassem. Um exemplo é o historiador sueco Svante Nordin, que baseou várias conclusões em seu livro de 2018 *Hitlers München* (Munique de Hitler), que foi amplamente celebrado por críticos na imprensa sueca, em muitas dessas falsificações. Fui o único a descobrir seu erro e a tornar o público ciente dele (assim como de várias outras imprecisões).[17] Friedrich Tomberg também cita um dos poemas forjados de Kujau em seu livro.[18]

Em relação ao período de 1925 a 1933, temos a série de quatorze volumes do *Institut für Zeitgeschichte* (IfZ) (Instituto Leibniz de História Contemporânea) em Munique (quatro desses volumes contêm as transcrições do julgamento de Hitler em 1924, e um contém o manuscrito do segundo livro não publicado de Hitler, de 1928).[19] Aqui, também, frequentemente lidamos com resumos de seus discursos feitos por observadores da polícia ou jornalistas. Eles também contêm as cartas preservadas que Hitler escreveu durante esse período de sua vida. Até onde sabemos, nenhum desses documentos são falsificações, mas, como historiadores, devemos sempre ter cuidado o suficiente para avisar nossos leitores sempre que citamos um resumo de um discurso feito por outra pessoa. O que estamos citando nesses casos é a memória de outra pessoa sobre o que Hitler disse, e não o discurso em si. Felizmente, os volumes incluem vários resumos do mesmo discurso e, portanto, é possível identificar facilmente preconceitos e variações de temas.
Ainda assim, devemos ter em mente que não podemos saber com certeza o que Hitler realmente disse nessas ocasiões.

Mas quando chegamos ao período de 1932–45, os quatro volumes pertencentes aos quais foram publicados por Max Domarus em 1965, estamos consideravelmente piores. 20 Os volumes de Domarus não contêm todos os discursos e, muitas vezes, contêm apenas partes deles. Além disso, ele também

17 Nilsson, Mikael, “Embaraçoso: documentos forjados sobre o Führer são considerados garantidos no livro de Svante Nordin 'Hitler's Munich'”, *Dagens Nyheter,* 4 de junho de 2018, p. 7.

18 Tomberg, Friedrich, *Cristianismo na visão de mundo de Hitler* (Munique: Wilhelm Fink Verlag, 2012), pp. 195–196.

19 Hitler, Adolf, *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933* [14 volumes com diferentes editores] (Munique: KG Saur, 1992–2003). Doravante: *RSA.*

20 Domarus, Max (ed.), *Hitler: Discursos e Proclamações 1932–1945. Comentado por um contemporâneo alemão* (Volumes I–IV) (Munique: Süddeutscher Verlag, 1965). Doravante: *HRP.*

Machine Translated by Google

incluiu seu próprio comentário. Esses volumes são baseados principalmente na versão que foi publicada no *Völkischer Beobachter.* Um problema ainda maior é que as comparações entre essas transcrições e as gravações de áudio disponíveis desses discursos que o IfZ fez agora, gravações que não estavam disponíveis para Domarus, mostram que as versões transcritas contêm muitas imprecisões que frequentemente afetam o significado do que foi dito e, portanto, impactam diretamente a interpretação e a compreensão do que Hitler disse (observe que esse é, portanto, provavelmente o caso também dos períodos anteriores). É por esse fato que o IfZ está atualmente trabalhando em uma nova edição dos discursos e escritos de Hitler durante o período de 1933–45 que incluirá todos os textos conhecidos em sua totalidade. Este projeto foi iniciado em agosto de 2017 e não se sabe quando será concluído. 21 Isso significa que a evidência documental para esse período posterior é pior do que o período de 1905 a 1932. Obviamente, então, meu livro sofre do fato de que não tive acesso a transcrições completas do período posterior. Isso significa que partes dos discursos nos quais construo minha análise podem ter sido diferentes, e isso pode ou não afetar algumas das conclusões que tiro deles.

É claro que esse problema ocorre em ambos os sentidos, o que significa que Hitler pode ter feito ainda mais declarações de caráter religioso do que as disponíveis na versão de Domarus; talvez seja até provável que esse seja o caso. De qualquer forma, não é um problema que afetaria seriamente as conclusões deste livro, considerando que o tipo e o número de fontes que utilizo são muito variados e excelentes.

Há também outras fontes publicadas que me foram úteis ao escrever este livro. Por exemplo, os diários muito extensos do líder *do Gau* de Berlim e mais tarde Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels. Eles estão agora disponíveis quase na íntegra, cortesia do IfZ; as únicas exceções são os pouquíssimos casos em que os negativos de placa de vidro (nos quais os diários foram fotografados) se degeneraram ao longo do tempo e se tornaram ilegíveis. 22 Os diários de Goebbels são,

Português 21 Brechtken, Magnus e Becker, Maximilian, “A edição dos discursos de Adolf Hitler de 1933 a 1945”, *Quarterly Journal of Contemporary History,* Vol. 67, No. 1 (2019), pág. 157.

22 Goebbels, Joseph, *Os diários de Joseph Goebbels 1924–1945. Em nome do Instituto de História Contemporânea e com o apoio do Serviço de Arquivos Estatais da Rússia. Editado por Elke Frölich, Volumes I–IV e I–XV* (Munique: KG Saur, 1987–1995). Doravante: *TBJG.*

Machine Translated by Google

no entanto, às vezes muito difícil de uma perspectiva crítica de fonte, já que ele pretendia publicar pelo menos partes delas. Ele fez isso mesmo durante sua vida, e a versão publicada *(Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei* de 1933) é de fato um pouco diferente em comparação com as entradas originais nos diários. Isso significa que não é fácil saber o que era para consumo público e o que (se é que havia algo) era para uso privado. No entanto, Goebbels às vezes critica ou discorda de Hitler nos diários, mostrando assim que ele tinha pelo menos alguma forma de mente independente. Esses diários provam, portanto, que Konrad Heiden estava errado em seu julgamento contemporâneo de Goebbels quando assumiu que ele era o menos independente e o mais desonesto nazista, pois nunca acreditou no que dizia publicamente. 23 Em defesa de Heiden, devemos lembrar que ele não teve acesso aos diários de Goebbels ao fazer essa avaliação. Quando faço uso dos diários de Goebbels, sempre tento corroborar, ou contrastar, seu conteúdo com outras fontes independentes.

Outros nazistas importantes também deixaram diários e correspondências privadas que foram de grande utilidade para mim enquanto escrevia este livro. Entre elas, deve-se mencionar, antes de tudo, as cartas de Rudolf Heß, que foram publicadas já em 1987 por seu filho Wolf Rüdiger Heß e pelo historiador Dirk Bavendamm. 24 As cartas cobrem o período de 1908 a 1933, mas, embora estejam disponíveis para os historiadores há muito tempo — e embora estejam repletas de informações interessantes sobre Hitler, Heß e o NSDAP inicial — surpreendentemente, poucos historiadores fizeram uso delas. Outra fonte importante consiste nos diários de Alfred Rosenberg, que só recentemente se tornaram disponíveis na íntegra para os historiadores. 25 Os diários de Rosenberg são, é claro, problemáticos, assim como o restante dessas fontes, e as declarações atribuídas a Hitler simplesmente não podem ser citadas ac

23 Heiden, Konrad, *Adolf Hitler: Das Zeitalter der Verantwortungslosigkeit. Eine Biographie,* Vol. I (Zurique: Europa Verlag, 1936), p. 379. É claro que Heiden interpreta Goebbels dessa forma em parte porque ele quer fazer um ponto polêmico contra Goebbels. Ao afirmar que Goebbels realmente não era um nacional-socialista convicto, Heiden estava tentando envergonhá-lo e insultá-lo. Naquela época, Heiden achava que havia razões políticas para apontar cada potencial contradição ou constrangimento em relação aos principais nazistas.

24 *Rudolf Hess. Cartas 1908–1933.* Editado por Wolf Rüdiger Heß. Com um Introdução e comentários de Dirk Bavendamm (Munique: Langen Müller, 1987).

25 Jürgen Matthäus e Frank Bajohr (eds.), *Alfred Rosenberg. Os diários de 1934 a 1944* (Munique: S. Fischer Verlag, 2015)

Machine Translated by Google

e verbatim. No entanto, junto com outras fontes independentes, eles oferecem insights importantes sobre a mente de Hitler (e, claro, sobre as mentes dos próprios autores) e seu pensamento sobre questões religiosas.

Depois, há, é claro, o próprio *Mein Kampf de Hitler,* que é uma fonte central para sua *Weltanschauung* religiosa (visão de mundo) e o papel que as crenças religiosas desempenharam no Nacional-Socialismo. Felizmente, também, desde 2016, há uma edição com comentários de especialistas, publicado pelo IfZ, e esta é a edição que eu utilizei. [26]

Um problema bastante incômodo tem sido o fato de que os historiadores citaram anteriormente tantas versões, traduções e edições diferentes de *Mein Kampf.* Isso resultou não apenas em referências a muitas páginas diferentes para as mesmas citações, mas também em diferenças na redação, já que vários tradutores traduziram o texto de forma diferente, não apenas devido à escolha das palavras, mas porque as várias edições mudaram a redação em muitos lugares. O volume IfZ, no entanto, observa todas as várias mudanças no texto na margem do livro. Ele também contém um padrão para referências de página, incluindo a paginação original da primeira edição de *Mein Kampf.* É claro que *Mein Kampf* contém muitas mentiras, mas isso é principalmente um problema real para historiadores quando se trata de detalhes autobiográficos. Na edição IfZ, a maior parte desse trabalho já foi feita para o leitor. Mas em relação à ideologia nacional-socialista, o livro é, no entanto, uma fonte confiável das verdadeiras visões de Hitler - espalhar a ideologia era, afinal, toda a intenção do livro.

Por último, mas certamente não menos importante, estão os livros e panfletos publicados, incluindo a chamada literatura cinzenta escrita por ideólogos nacional-socialistas, que servem como importante material de fonte primária neste livro. 27 Embora o material de fonte primária em que me baseei para este livro consista em grande parte dessas fontes publicadas, também fiz uso de documentos de arquivos alemães, britânicos, americanos e franceses (públicos e privados). Com relação às citações de literatura secundária, citei apenas o que pode ser corroborado

[26] Hitler, Adolf, *Hitler, Mein Kampf: Uma edição crítica, volumes I e II. Editado por Christian Hartmann, Thomas Vordermayer, Othmar Plöckinger e Roman Töppel* (Munique: Instituto de História Contemporânea, 2016). Doravante: *Hitler, Mein Kampf ...*

27 O termo “literatura cinzenta” denota material publicado fora dos canais de publicação tradicionais.

Machine Translated by Google

por fontes confiáveis. Às vezes, citei uma fonte de segunda mão por meio de literatura acadêmica, mas sempre fiz questão de mencionar isso nas notas de rodapé. Na medida do possível, sempre verifiquei se as informações contidas na literatura eram corretas e confiáveis.

Consequentemente, muitas vezes acabei corrigindo pesquisas anteriores sobre esse tópico.

Uma coleção de fontes comumente usada, mas que eu não uso muito, são as chamadas conversas à mesa sobre Hitler, mencionadas acima.

Isso provavelmente surpreenderá, e talvez aborrecerá, muitos leitores que estão pelo menos um pouco familiarizados com essas fontes, que até muito recentemente eram consideradas versões extremamente confiáveis de conversas que Hitler mantinha em particular em seu quartel-general militar em tempo de guerra. Todos os historiadores que escreveram sobre Hitler, o Nacional-Socialismo ou o Terceiro Reich citaram as conversas de mesa com frequência e sem crítica. A razão pela qual não as uso — com apenas algumas exceções, e somente quando seu conteúdo pode ser corroborado por fontes independentes — é, como mencionado acima, sua natureza e confiabilidade muito problemáticas. As traduções em inglês e francês nunca devem ser usadas, pois são altamente corrompidas em comparação aos textos em alemão e contêm declarações forjadas. Como mostrei em outro lugar, as conversas de mesa *não* são transcrições literais das declarações de Hitler, mas notas cuidadosamente editadas feitas de memória por várias pessoas diferentes após o fato. Elas também contêm declarações que Hitler não pode ter feito. Nos poucos casos em que temos acesso a notas independentes paralelas, os historiadores devem citar *ambas* as versões, para que as diferenças entre elas sejam reveladas ao leitor. As notas da mesa-redonda foram revisadas e editadas antes de atingirem sua forma final; além disso, os originais não estão mais disponíveis para nós e, portanto, não sabemos. As mesas-redonda publicadas como eram. versões [28] existem em duas versões diferentes. baseadas em dois manuscritos alemães distintos (que se sobrepõem apenas parcialmente em tempo e conteúdo), originalmente publicados como *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941–1942* em 1951 e *Monologe im Führerhauptquartier 1941–1944* em 1980. [29]

[28] Para isso, veja Nilsson, M., *Hitler Redux ...*

29 Picker, Henry, *Conversas à mesa de Hitler no quartel-general do Führer 1941–42.* Organizado, introduzido e publicado por Gerhard Ritter em nome do *Instituto Alemão para a História da Era Nacional-Socialista* (Bonn: Athenäum Verlag, 1951); *Monólogos no Quartel-General do Führer 1941–1944: As Notas de Heinrich Heim editado por*

Machine Translated by Google

Também optei, na medida do possível, por citar literatura e fontes em seu idioma original, o que neste caso geralmente significa alemão ou inglês (mas também usei literatura francesa e italiana).
A única exceção a esta regra é quando os livros foram originalmente publicados em inglês e depois traduzidos para outro idioma (por exemplo,
Alemão, francês ou polonês); esta exceção foi feita para sempre tentar citar e traduzir o texto e o idioma originais.
Isto é para evitar a tradução em várias etapas, ou seja, para não traduzir a tradução de outra pessoa. Todas as traduções são minhas, a menos que indicado de outra forma. Isto também inclui citações de *Mein Kampf,* mesmo que tenham sido traduzidas várias vezes para o inglês antes. No entanto, essas traduções nem sempre são exatas; de qualquer forma, nenhuma tradução é definitiva e deve ser tratada como uma autoridade sobre como traduzir uma determinada passagem. Os tradutores devem frequentemente tomar certas liberdades com um texto para que ele flua bem e seja idiomático no novo idioma.

O historiador alemão Ludolf Herbst observou corretamente que o que os historiadores podem concluir sem dúvida é que, de 1925 em diante, o NSDAP, em sua propaganda, cultivou uma imagem de Hitler como um líder salvador nomeado por Deus. No entanto, no momento, não temos acesso ao tipo de fontes que poderiam nos dizer com algum grau de confiança o quão bem-sucedida essa propaganda foi na população alemã. 30 Este livro, portanto, não está tentando dar uma resposta a essa pergunta, mas, em vez disso, foca na fé religiosa pessoal de Hitler; como ele retratou essa fé em seus discursos, seus escritos e suas conversas privadas; como a propaganda do NSDAP usou essa

Werner Jochmann (Hamburgo: Albrecht Knaus, 1980). Antes de *Monologe* ser publicado em 1980, duas outras traduções do mesmo manuscrito foram publicadas. Primeiro, uma edição francesa em dois volumes, que saiu em 1952 e 1954, respectivamente, e depois a tradução inglesa mais famosa em 1953: Genoud, F., *Libres propos sur la Guerre et la Paix, ...* (Vol. I); Hitler, Adolf, *Hitler's Table Talk 1941–1944, com um ensaio introdutório sobre a mente de Adolf Hitler por H.R. Trevor-Roper* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1953); Genoud, François, *Comentários livres sobre a guerra e a paz: coletados sob as ordens de Martin Bormann. Prefácio de Robert d'Harcourt da Academia Francesa. Versão francesa de François Genoud,* Vol. II (Paris: Flammarion, 1954).

30 Herbst, Ludolf, *O carisma de Hitler: a invenção de um messias alemão* (Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2010), p. 270.

Machine Translated by Google

simbolismo religioso para transmitir sua mensagem; e como o círculo mais próximo de Hitler o via a esse respeito.

As fontes mostram que Hitler interpretou todos os principais eventos – não apenas em sua própria vida, mas na história em geral – em termos religiosos como sendo um resultado da intervenção de Deus na história humana. Mas isso não é tudo. Existem, de fato, boas razões para acreditar que a moral e a ética de Hitler, e suas visões sobre raça, foram baseadas em sua convicção de que tudo isso foi ordenado por Deus e manifestado nas leis do universo. Isso também é algo que até agora tem sido quase totalmente ignorado na literatura convencional sobre Hitler e o Nacional-Socialismo, 31 embora Michael Burleigh toque no assunto quando observa que as leis raciais de Hitler foram "reveladas por Deus e, por sua vez, investidas de propriedades sagradas". 32 Na verdade, a moral e a ética nacional-socialistas são geralmente, se forem abordadas, retratadas como uma consequência de seu racismo, que é mais frequentemente vinculado a uma suposta idolatria da ciência e à fria racionalidade social darwinista, 33 em vez do contrário — isto é, que o racismo de Hitler era uma consequência de sua ética e moralidade, que por sua vez decorriam de suas crenças religiosas. Hitler era um inimigo declarado da razão e da racionalidade científicas, e era da opinião de que se a ciência alguma vez contradissesse a ideologia nacional-socialista, então seria a ciência que teria que ceder, e não o contrário. 34 Sem uma compreensão adequada das crenças religiosas de Hitler, simplesmente não podemos entender completamente por que ele usou termos moralmente carregados como “vergonha racial” *(Rassenschande)* e “pecado contra o sangue” *(Blutsünde)* ao condenar a miscigenação.

31 Para alguns dos poucos estudos dedicados a este tópico, veja Bialas, Wolfgang e Fritze, Lothar, *Nazi Ideology and Ethics* (Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014); Bialas, Wolfgang, “The Eternal Voice of the Blood: Racial Science and Nazi Ethics”, em Anton Weiss-Wendt e Rory Yeomans (eds.), *Racial Science in Hitler's New Europe 1938–1945* (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2013).

32 Burleigh, Michael, *O Terceiro Reich: Uma Nova História* (Nova York: Hill e Wang, 2000), pág. 13.

33 Veja, por exemplo, Weikart, Richard, *De Darwin a Hitler: Ética Evolucionária, Eugenia e Racismo na Alemanha* (Houndmills, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2004).

34 Veja, por exemplo, *Hitler, Mein Kampf* ... (Band II), pp. 1161–1165 **[98–100].** O tipo em negrito refere-se aos números de página na primeira edição original.

Machine Translated by Google

Pesquisa anterior

Não será nenhuma surpresa que muito tenha sido escrito em inglês e alemão, desde o fim da guerra, sobre a religiosidade de Hitler e sua atitude em relação ao cristianismo, bem como a relação entre o regime nazista e as igrejas cristãs em geral. Apesar disso, poucos desses livros dão uma boa visão geral da pesquisa sobre o tópico.
Além disso, não é tão comum ver referências a essa bolsa de estudos nas biografias tradicionais e mais vendidas de Hitler; sua religiosidade simplesmente não parece ter sido levada a sério por esses autores. Não é apenas que obras mais antigas como *Das Glaube des Adolf Hitler* de Friedrich Heer de 1968 e *"Die SA Jesu Christi"* de Ernst Klee de 1989 permanecem quase desconhecidas, é também que pesquisas mais novas e muito interessantes como *The Holy Reich* de Richard Steigmann-Gall de 2003 e *Catholicism and the Roots of Nazism* de Derek Hastings de 2009 raramente aparecem na literatura popular e popular sobre Hitler, o nacional-socialismo e o Terceiro Reich. 35

Um acadêmico que não se envolve com essa pesquisa é Peter Longerich, que na introdução de sua biografia de Hitler fala sobre como Hitler não conseguiu implementar "suas políticas radicais anti-igreja". 36 Pode-se, portanto, ter a impressão de que Longerich se aprofundaria nessa questão mais adiante no livro, mas, embora ele inclua um capítulo com o título "Luta da Igreja e Política Cultural", apenas onze páginas são dedicadas à atitude de Hitler em relação à religião. Nenhum dos livros mencionados acima, nem quaisquer outros trabalhos acadêmicos mais recentes sobre o mesmo tópico são incluídos por Longerich. A pesquisa de Kevin Spicer sobre padres católicos que eram simpatizantes do nazismo não é mencionada; a bolsa de estudos de Michael Phayer não é incluída; os livros importantes de Doris L. Bergen e Susannah Heschel também não são mencionados. Em vez disso, Longerich escolhe citar pesquisas dos anos 1980 e até mesmo dos anos 1970 (e somente se essa bolsa de

35 Heer, Friedrich, *A fé de Adolf Hitler: anatomia de uma religiosidade política* (Munique: Bechtle Verlag, 1968); Klee, Ernst, *"A SA de Jesus Cristo": A Igreja sob o feitiço de Hitler* (Frankfurt am Main: Fischer, 1989); Steigmann-Gall, Richard, *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919–1945* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003); Hastings, Derek, *Catolicismo e as raízes do nazismo: identidade religiosa e nacional-socialismo* (Oxford: Oxford University Press, 2010).

36 Longerich, Peter, *Hitler: Biografia* (Munique: Siedler, 2015), p. 12.

Machine Translated by Google

conclusões), o que é realmente antes dos estudos críticos neste campo serem publicados. 37

Ainda assim, embora todas as boas biografias de Hitler abordem algumas das conexões religiosas, mesmo as explicitamente cristãs, ninguém até agora as tratou como um fator explicativo importante. Este é o caso, embora Sir Ian Kershaw, em uma biografia mais curta, tenha analisado Hitler usando o conceito de Max Weber de "líder carismático", que é tremendamente adequado para entender Hitler em termos religiosos. Conceitos como esses são simplesmente usados com frequência sem uma análise mais profunda de seu significado. É como se eles ainda não tivessem um papel fundamental a desempenhar nas narrativas dos autores. Como devemos entender esse fenômeno? Acredito que há várias explicações para o motivo pelo qual o aspecto religioso não é enfatizado em um grau significativo nas grandes biografias de best-sellers. Primeiro, pode ser que esse aspecto geralmente não seja entendido como importante o suficiente para merecer atenção. Segundo, suspeito que muitos historiadores tenham uma certa oposição psicológica para atribuir às crenças religiosas qualquer responsabilidade por essa parte extremamente violenta e negativa da história europeia moderna. Talvez seja também por isso que tem havido uma clara resistência em levar a sério os elementos religiosos e quase religiosos do Nacional-Socialismo e suas diversas expressões (comícios de massa, rituais, mitos, etc.).[38]

Hannah Arendt comentou sobre o componente religioso no Nacional-Socialismo já em 1951 em seu famoso livro *As Origens do Totalitarismo* em conexão com o que ela chamou de "nacionalismo tribal" no movimento pan-germânico na Alemanha. Arendt foi uma das primeiras a apontar que na base do Nacional-Socialismo "está uma verdadeira teologia" e que esse "tipo de fanatismo não é simplesmente

37 Ibidem, págs. 501–507, 520–523; Para referências, veja pp. 1117–1121. O fato é que as políticas culturais de Hitler são tratadas com a mesma leviandade por Longerich, que dedica apenas doze páginas ao tópico. Vários dos livros mais recentes sobre o assunto — como *Artists under Hitler: Collaboration and Survival in Nazi Germany* (New Haven, CT: Yale University Press, 2014), de Jonathan Petropoulos, *Artists under National Socialism: "German Art," Art Politics and the Berlin Art Academy* (Colônia: Böhlau Verlag, 2015), de Wolfgang Ruppert, e *Hitler's Artists: Culture in the Service of National Socialism* (Frankfurt am Main: Insel Verlag, 2004), de Hans Sarkowicz — estão desaparecidos.

38 Para uma discussão sobre este tópico, veja Steigmann-Gall, Richard, "Was National Socialism a Religião Política ou uma Política Religiosa?" em Michael Geyer e Hartmut Lehmann (eds.), *Religião e Nação, Nação e Religião: Contribuições para uma História Não Resolvida* (Göttingen: Wallstein Verlag, 2004), pp. 395, 401–405.

Machine Translated by Google

abuso de linguagem religiosa", mas deixou evidente uma convicção religiosa profundamente sentida de que o povo e a nação alemães foram escolhidos por Deus para alcançar a grandeza. Este é, no entanto, um dos aspectos menos notados da análise de Arendt sobre o nacional-socialismo. Mas Arendt não se importou muito, ou gastou muito tempo, analisando a base religiosa para a ética do nacional-socialismo. O fato é que ela insistiu que o horror dos campos de concentração e morte da SS, assim como o Holocausto, essencialmente construído sobre "o princípio niilista de que "tudo é permitido" e, significativamente, possível. Ela insistiu que o nacional-socialismo se esforçou para "criar uma sociedade na qual a banalidade niilista" degradou a moral e a ética humanas a tal ponto que transformou as pessoas psicologicamente em zumbis. 39 Arendt não estava sozinha ao tirar essa conclusão. Em suas famosas palestras de 1964, Erich Voegelin argumentou que o nazismo causou um colapso moral na Alemanha.

40 Arendt foi ainda mais longe e declarou que o nacional-socialismo era um "mal radical" e que seus fundamentos eram, portanto, o oposto da moralidade. 41 É fácil entender por que eles chegaram a essa conclusão, mas isso não significa que eles estavam corretos.

Na verdade, a questão das crenças religiosas de Hitler, que inclui sua idolatria a Jesus, e a base religiosa para a ética e moralidade nacional-socialista é absolutamente central se quisermos entender Hitler em particular e o nacional-socialismo em geral. Isso vale também para o crime máximo do nacional-socialismo: o Holocausto. Embora possa ser provocativo até mesmo sugerir que o Holocausto surgiu de princípios éticos fundamentados em uma moralidade absoluta, a saber, Deus, que foram baseados nas crenças religiosas de Hitler e outros líderes nazistas, não podemos, como historiadores, nos abster de fazer tais perguntas e, quando garantido pelas fontes disponíveis, de fazer tais declarações. A intenção não é ofender ninguém, mas lançar luz sobre este período horrível de nossa história comum e, esperançosamente, contribuir para o

39 Arendt, Hannah, *The Origins of Totalitarianism,* nova ed. com prefácios adicionados (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973, publicado originalmente em 1951), pp. 227–243, 459, citações nas pp. 233, 440, 459.

40 Clemens, Detlev e Purcell, Brendan (eds.) e (trad.), *As obras reunidas de Erich Voegelin,* Vol. XXXI: *Hitler e os alemães* (Columbia, MI: University of Missouri Press, 1999), p. 156.

41 Arendt, H., *As origens ... ,* p. 459.

Machine Translated by Google

esforços para impedir que a história se repita por meio de atos genocidas semelhantes. Enquanto este livro está sendo escrito, a guerra na Ucrânia ainda está acontecendo, mais uma vez mostrando que a Europa ainda não escapou de sua história de atrocidades e violência genocida.

As raízes religiosas do antissemitismo racista de Hitler

Götz Aly argumenta em um estudo recente que o antissemitismo secular "moderno" (cujo início ele atribui a cerca de 1880, o ano em que a palavra "antissemitismo" foi inventada na Alemanha por Wilhelm Marr) era baseado em "teorias" sobre raça e era, portanto, substancialmente diferente da versão religiosa muito mais antiga. Isso é obviamente verdade. Mas então ele também inclui outra explicação, um tanto contraditória, a saber, que o antissemitismo moderno era baseado na ganância e no ressentimento, isto é, na inveja do sucesso judaico na sociedade e na economia. A religião era usada apenas como uma cobertura para esse ódio, ele conclui.
O antissemitismo secular, em vez disso, reuniu sua força a partir de problemas sociais e econômicos, e foi isso que lhe deu seu enorme poder destrutivo. Ele também argumenta que a combinação de democracia e nacionalismo resultou em aumento do antissemitismo, e que isso pode ser explicado assumindo que foi somente na sociedade industrial moderna que o "estranho" na forma do "comerciante" errante *(Händler)* se tornou um problema (como se a xenofobia não tivesse sido um problema sério em toda a história humana). Aly diz que os antissemitas modernos muitas vezes se referiam a tensões socioeconômicas e muito raramente usavam argumentos explicitamente raciais em suas críticas aos judeus.[42]

Mas essa dicotomia entre o secular e o religioso, entre o moderno e o tradicional, o antissemitismo não resiste ao exame minucioso.
Certamente, argumentos socioeconômicos para oprimir os judeus eram importantes em toda a Europa e na Alemanha nazista também, mas ninguém sequer imaginaria tentar argumentar que o racismo não era central para o ódio dos nazistas aos judeus. Ideias raciais sobre a inferioridade judaica estavam no cerne da propaganda nazista contra os judeus, e a volumosa pesquisa sobre o nacional-socialismo e o Holocausto tem meticulosamente

42 Aly, Götz, *A Europa contra os judeus 1880–1945* (Frankfurt am Main: S. Fischer, 2017), págs. 20–21, 346–365.

Machine Translated by Google

detalhes mostraram que isso era um fato. 43 A chamada Questão Judaica na Alemanha nazista era, em grande parte, uma questão relacionada à visão de que os judeus eram outra raça que tinha que ser removida. 44 Christopher R. Browning também destaca a centralidade do ódio racial contra os judeus nos eventos que levaram ao Holocausto e durante ele em seu seminal *The Origins of the Final Solution.* 45 As declarações de Aly são, portanto, muito difíceis de compreender, e somos tentados a interpretá-las como uma ênfase equivocada de sua parte.

Como o antissemitismo racial não é muito mais importante do que a ganância e o ressentimento para explicar o antissemitismo moderno também nunca é explicado por Aly. Além disso, ainda não é possível entender o antissemitismo moderno sem referência às raízes de mais de 1.000 anos do antissemitismo teológico cristão. É um fato que *todas* as ideias sobre os judeus que foram trazidas pelos antissemitas raciais modernos já existiam de alguma forma dentro do antissemitismo religioso pelo menos desde a Idade Média. Muitos historiadores mostraram isso, é claro, mas Saul Friedländer faz esse ponto muito bem no primeiro volume de seu *Nazi Germany and the Jews,* onde ele aponta para o significado da importância contínua do antissemitismo cristão tradicional. 46 Estranhamente, isso é exatamente o que Aly argumenta que *não* era muito proeminente, isto é, o antissemitismo racial. 47 Francamente, à luz de todas as pesquisas sobre antissemitismo e o Holocausto, a conclusão de Aly de que o racismo desempenhou um papel muito pequeno é absurda.

Assim é a descontinuidade imaginária entre o antijudaísmo religioso cristão e o antissemitismo racial. Até mesmo a ideia dos judeus como uma raça separada cujo sangue era estrangeiro e ameaçava infectar os não judeus (ou seja, miscigenação) se estes últimos se misturassem com os judeus era

43 Veja, por exemplo, Herf, Jeffrey, *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006), pp. 6–49.

44 Isso também foi documentado em milhares de estudos. Para um resumo, veja, por exemplo, Kershaw, Ian, *Hitler, the Germans, and the Final Solution* (New Haven, CT: Yale University Press, 2008), pp. 210–234.

45 Browning, Christopher R., *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, setembro de 1939–março de 1942,* com contribuições de Jürgen Matthäus (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2004), pp. 25–35, 169–193.

46 Friedländer, Saul, *Alemanha nazista e os judeus,* Vol. I: *Os anos de perseguição, 1933–1939* (Nova York: Harper Perennial, 1997), pp. 73–112.

47 Para este argumento, veja Aly, G., *Europe against the Jews ...* , p. 365.

Machine Translated by Google

já com centenas de anos em 1933. Uma prova óbvia disso é a doutrina dentro do catolicismo espanhol de *limpezia de sangre* (pureza de 48 Essa fusão de teológico étnico já era evidente na era e sangue) nos anos 1400. o antissemitismo racial/ patrística, diz a estudiosa do Novo Testamento Adele Reinhartz. Esses escritores pensavam que os judeus eram "por natureza maus, e sua rejeição/assassinato de Cristo é evidência dessa natureza má". 49 Além disso, o nacionalismo e a democracia não criaram nada de novo, mas, no máximo, amplificaram o ressentimento e o ódio antissemitas que já eram prevalentes e difundidos na sociedade. Ao mesmo tempo, Aly está certo quando aponta que o Holocausto não pode ser compreendido focando apenas na Alemanha e no antissemitismo alemão. Civis e militares, estruturas governamentais estaduais e locais em todos os países ocupados ajudaram (em graus variados de país para país) na destruição dos judeus europeus durante a guerra, e isso se baseou em uma longa tradição de antissemitismo e ódio aos judeus.

> Segundo Susannah Heschel, há:
>
> um número crescente de estudiosos que não consideram mais útil a distinção entre antijudaísmo teológico e antissemitismo, particularmente quando estudam o Movimento Cristão Alemão do Terceiro Reich. 50

> Além disso, ela acrescenta:
>
> Não sei quando surgiu o esforço para distinguir entre antijudaísmo e antissemitismo. Encontrei a distinção quase exclusivamente nos escritos de teólogos, em vez de historiadores, e me pergunto se ela entrou em uso durante a era pós-Segunda Guerra Mundial em conexão com estudos que tentavam negar a responsabilidade cristã pelo antissemitismo nazista e o

48 Carroll, James, *Constantine's Sword: A Igreja e os Judeus. Uma História* (Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 2001), pp. 343–362.

49 Citado em Heschel, Susannah, “Historiografia do antissemitismo versus antijudaísmo: uma resposta a Robert Morgan”, *Journal for the Study of the New Testament,* Vol. 33, No. 3 (2011), p. 260.

50 Ibid., pág. 258.

Machine Translated by Google

> Holocausto. Historiadores gerais parecem concordar que "antissemitismo" é o termo aceitável.[51]

É importante manter essas coisas em mente quando estudamos o Holocausto. Daniel Jonah Goldhagen estava certo ao focar no antissemitismo cristão como um fator extremamente importante nessa catástrofe, mas ele estava errado quando argumentou que havia um antissemitismo eliminacionista especificamente alemão, isto é, um argumento alemão *Sonderweg .* Além disso, ele não deixou claro em seu livro que havia tanto colaboradores quanto resistentes na população alemã, assim como espectadores, e que não era um fato que todos, ou mesmo a maioria, dos alemães queriam assassinar seus vizinhos judeus. 52 Goldhagen só conseguiu chegar a essa conclusão essencialmente ignorando o Holocausto no resto da Europa e todos os voluntários que participaram do saque e assassinato. O antissemitismo alemão, e o Holocausto, eram obviamente parte de um contexto histórico europeu muito mais amplo ao mesmo tempo em que componentes especificamente alemães estavam envolvidos, um dos mais importantes, sem dúvida, sendo o próprio Hitler, o indivíduo que liderou o NSDAP e um dos principais originadores e iniciadores do Holocausto.

Portanto, é de suma importância que entendamos Hitler e suas influências ideológicas se quisermos entender completamente o Holocausto, porque Hitler foi tanto um produto quanto um criador dos fatores necessários que levaram ao estabelecimento do Terceiro Reich, da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. O nacional-socialismo como ideologia deve, é claro, também ocupar o centro do palco, e mesmo neste aspecto Hitler é completamente indispensável, pois foi um dos intelectuais mais importantes dentro do movimento. Hitler era um homem animado por ideias e ideologia, e devemos ter certeza de que levamos essas ideias a sério se quisermos entender o horrível sindicato do crime que era o estado nazista, que ele criou e construiu. Os historiadores devem, portanto, analisar a ideologia de Hitler com muito cuidado e não cometer o erro, que era muito comum mesmo muito depois do fim da guerra, de não levá-lo em consideração.

51 Ibid., p. 258 n2. Para o mesmo ponto, veja p. 263. O antijudaísmo é, nesta visão, simplesmente um termo por antissemitismo disfarçado de linguagem teológica.

52 Goldhagen, Daniel Jonah, *Os carrascos voluntários de Hitler: alemães comuns e a Holocausto* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1996).

Machine Translated by Google

palavra – exceto, é claro, quando não deveríamos, mas essas ocasiões são felizmente bastante fáceis de separar do resto.
Descartar categoricamente e sem maiores reflexões suas palavras como mera propaganda e retórica seria um erro horrível. Este livro, portanto, aborda uma parte da ideologia e do sistema de crenças de Hitler que até agora foi quase completamente ignorada pelos historiadores que analisam o Terceiro Reich e o Holocausto: as ideias religiosas de Hitler, especialmente sobre o papel e a natureza de Jesus, e qual papel elas desempenharam em sua *Weltanschauung.*

Moral e ética nacional-socialistas: de origem secular ou religiosa?

Ao abordar um assunto tão controverso, é vital que tenhamos em mente a seguinte sabedoria do teólogo alemão Rainer Bucher: ao estudar a "teologia de Hitler", não podemos incluir nesta categoria apenas as ideias sobre Deus com as quais concordamos e compartilhamos. No caso de Hitler, no entanto, não estamos lidando com a disciplina acadêmica da teologia, mas sim com teologia no sentido de "ideias sobre Deus", explicitamente "conversas sobre Deus" *(Rede von Gott).*
53

Bucher publicou o livro *Hitlers Theologie* em 2008, e é uma análise e apresentação rigorosa (a melhor já feita, eu diria) do conteúdo teológico das crenças religiosas de Hitler. 54 O livro é, portanto, muito recente para ter tido tempo de se tornar um clássico na área. Mas nem mesmo Richard Weikart, que publicou seu livro *Hitler's Religion* em 2016, dá a Bucher mais do que uma breve referência em seu

53 Bucher, Rainer, "A Teologia de Hitler? Algumas Pressuposições", em Lucia Scherzberg (ed.), *Teologia e Chegar a um Acordo com o Passado: Uma Avaliação Crítica em uma Comparação Interdisciplinar* (Munique: Ferdinand Schöningh, 2005), pp. 71–72. Ver também Bucher, Rainer, *Hitler's Theology* (Würzburg: Echter Verlag, 2008), pp. 32–34.

54 Bucher, R., *Hitlers Theologie.* A tradução em inglês (por Rebecca Pohl) publicada pela Continuum em 2011 recebeu o título *Hitler's Theology: A Study in Political Religion,* o que é um pouco enganoso, já que Bucher declara expressamente que seu livro *não* é sobre aplicar o conceito de "religião política" de Eric Voegelin ao Nacional-Socialismo ou à própria fé de Hitler (veja Bucher, R., *Hitlers Theologie,* p. 31). Michael Rißmann argumenta que a maneira de governar de Hitler foi muito além da definição de religião política de Voegelin; veja Rißmann, Michael, *Hitlers Gott: Vorsehungsglaube und Sendungsbewusstsein des deutschen Diktators* (Zurique: Pendo, 2001), pp. 194–195. Para a discussão de Rißmann sobre o conceito, veja ibid., pp. 191–197.

Machine Translated by Google

notas de rodapé. 55 Isso possivelmente ocorre porque a análise séria de Bucher contradiz muitos dos pontos centrais da conclusão de Weikart.

A questão da religiosidade de Hitler continua sendo uma questão que constitui um grande problema para historiadores que estudam o ditador e o movimento que ele liderou. A maioria absoluta deles desejou ver Hitler como um fenômeno secular no mesmo sentido que Alan Bullock fez em *Hitler: A Study of Tyranny,* onde Hitler é dito ter sido um materialista racional. Esta é uma conclusão que é surpreendente, considerando a frequência com que Hitler condenava o materialismo, que ele pensava ser a base para o chamado judaico-bolchevismo. Esta visão também é paralela à ideia de que o nacional-socialismo era antirreligioso.

Essa maneira de abordar essas questões desconsidera os aspectos e propriedades essenciais da religiosidade de Hitler e do nacional-socialismo, de acordo com o historiador Richard Landes. Ele argumenta que há quatro tipos básicos de contra-argumentos para olhar para Hitler e o nacional-socialismo dessa forma: (1) eles são vistos inteiramente como fenômenos seculares que nem mesmo permitem a sugestão de que eles tinham uma dimensão religiosa, (2) alguns veem o nacional-socialismo como algo que substituiu o cristianismo, mas negam que houvesse conexões entre eles ou que o nazismo tivesse qualquer conteúdo religioso, (3) alguns admitem que muitos cristãos se tornaram seguidores devotos do nacional-socialismo, mas ao mesmo tempo afirmam enfaticamente que esse entusiasmo não foi retornado pelo nazismo, e (4) alguns historiadores podem ver que o nacional-socialismo continha alguns aspectos cristãos, mas eles não conectam isso à dimensão milenarista dessa religião.
56

Também foi frequentemente apontado que Hitler nutria um profundo ressentimento em relação ao cristianismo organizado e que ele, e outros nazistas importantes, falavam sobre querer esmagar as igrejas e que a Igreja era a organização mais hedionda que se possa imaginar. Nacional

55 Weikart, Richard, *A religião de Hitler: as crenças distorcidas que impulsionaram o Terceiro Reich* (Washington, DC: Regnery History, 2016), p. 309. Weikart é um cristão evangélico, e isso fica evidente em todo o seu livro em vários lugares, principalmente no fato de que ele escreve “Ele” em vez de “ele” ao se referir a Jesus na terceira pessoa do singular (ibid., pp. 80–83). Parece que Weikart considera blasfêmia não usar um “H” maiúsculo neste caso. Alguém poderia, portanto, questionar se Weikart é capaz de permanecer suficientemente objetivo em sua análise do relacionamento de Hitler com Jesus.

56 Landes, Richard, *Céu na Terra: As Variedades da Experiência Milenar* (Oxford: Oxford University Press, 2011), pp. 365–367.

Machine Translated by Google

O socialismo e a Igreja eram para sempre diametralmente opostos um ao outro, Hitler supostamente disse. No entanto, Hitler também disse, ainda em 1937, que ainda não havia chegado a hora de uma luta contra a Igreja.
O fato de que os ataques contra as igrejas continuaram muitas vezes teve a ver com o fato de que as bases do NSDAP frequentemente os iniciavam. Esse ódio se originou na ideia nazista do cristianismo organizado como uma religião judaica que envenenou as mentes do povo alemão. Mas, por outro lado, Hitler também declarou que, no que diz respeito à hostilidade cristã em relação aos judeus, ele era 100% cristão. Até mesmo Richard J. Evans admite que a religiosidade de Hitler e Goebbels manteve alguns elementos do cristianismo, embora eles o misturassem com muitos outros elementos excêntricos. O fato de que o nacional-socialismo não tinha um plano para o que aconteceria com as igrejas após a vitória nazista, bem como o fato de que Hitler não deixou os pagãos do NSDAP desenvolverem uma liturgia e prática religiosa intrincada, também não é negado por esses historiadores. Muitos nazistas de fato sonhavam com o estabelecimento de uma igreja totalmente alemã sob um bispo do Reich. 57

No prefácio da nova edição de sua biografia de Hitler, Joachim Fest descreve o perigo e a insuficiência de descrever Hitler como um maníaco sem princípios morais e ideológicos e obcecado apenas pelo poder, como tantas biografias anteriores fizeram.
Hitler, escreveu Fest, e o sistema que ele representou e estabeleceu, só podem ser compreendidos se percebermos e aceitarmos que Hitler foi guiado por uma convicção ideológica caracterizada por uma vontade e desejo de ir até o fim para convicção uma realidade. deve-se então perguntar o que tornar essa caracteriza tal ideologia e o tipo de pessoas que estão dispostas a ir até o fim para atingir os objetivos que estabeleceram para si mesmas e para o mundo? A resposta é, acredito, que a única coisa que poderia alcançar esse resultado é uma convicção construída sobre uma ideologia religiosa – isto é, uma ideologia cuja base é, em princípio, se

57 Fischer, Klaus P., *Alemanha nazista: uma nova história* (Londres: Constable, 1995), pp. Bullock, Alan, *Hitler: um estudo sobre a tirania* (Londres: Odhams Press Limited, 1952), pp. Kershaw, Ian, *Hitler 1936–45: Nêmesis* (Londres: Allen Lane, 2000), pp. Kershaw, Ian, *Hitler 1889–1936: Hubris* (Nova York: WW
Português Norton & Company, 1998), pp. 435, 582, 562; Evans, Richard J., *O Terceiro Reich no Poder 1933–1939* (Londres: Allen Lane, 2005), p. 249; Speer, Albert, *Por dentro do Terceiro Reich: Memórias de Albert Speer* (Londres: Weidenfeld e Nicolson, 1970), pp. 95, 123.
58 Fest, J., *Hitler ...,* pp. vi–vii.

Machine Translated by Google

não diretamente, presumindo-se que tenha sido dado por Deus. O conteúdo doutrinário de tal uma ideologia é o ponto central aqui: a ideia de que existe uma razão final verdade que nunca pode ser, e não é permitida, questionada e que a moralidade não é algo que se desenvolve através de uma série de comportamentos explícitos ou negociações e discussões implícitas entre membros de sociedades sobre ao longo da história, mas sim uma doutrina que é tão imutável quanto as leis da natureza que os humanos têm que cumprir, não importa o que aconteça consequências são. Claudia Koonz formulou este ponto no seguinte maneira:

> A Solução Final não se desenvolveu como o mal encarnado, mas sim como o lado negro da retidão étnica. A consciência, originalmente vista como proteger a integridade do indivíduo das exigências desumanas do grupo, no Terceiro Reich tornou-se um meio de subscrição o ataque dos fortes contra os fracos. Para os alemães apanhados em um simulacro de alto propósito moral, purificação de estrangeiros raciais tornou-se um dever difícil, mas necessário. ... Ao oferecer aos fiéis uma visão de vida santificada no *Volk,* ela [a ideologia nazista] assemelhava-se uma religião. Sua condenação do egoísmo e celebração da auto-negação tinham muito em comum com postulados éticos em outros lugares. 59

Fest também aborda o mesmo ponto quando escreve que o alemão as pessoas, tendo sido apanhadas no caos do período entre guerras, ansiavam por uma "fé" na qual pudessem depositar as suas esperanças para o futuro, e neste ansiando que houvesse uma propensão para uma "liturgia grandiosa" e uma expectativa de "superar as circunstâncias tristes e materialistas" que resultaram em apoio maciço ao Nacional-Socialismo e deu a este último uma "aura quase religiosa, Adventista, e isso proporcionou uma espécie de expectativa messiânica sobre Hitler". 60 Koonz tira a conclusão de que o fundamentalismo étnico reúne política e religião "numa cruzada para defender valores e tradições autênticas que parecem estar em perigo". Em tempos que muitas pessoas pensam que são caracterizadas pela depravação moral, política Os líderes que parecem representar valores morais de uma era passada tendem a ser

59 Koonz, Claudia, *A Consciência Nazista* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard Imprensa Universitária, 2003), pág. 273.

60 Fest, J., *Hitler ...,* pp. iv–vi.

Machine Translated by Google

vistos “como faróis de retidão moral num mar de pecado”.61 Isto também, portanto, contrasta fortemente com as conclusões falhas de Aly.

O nacional-socialismo e a pessoa de Hitler uniram esse anseio e expectativa com a crueldade e a atitude impenitente de um religioso verdade, uma doutrina que exige total obediência e dedicação, mas cuja origem permanece oculta ao fiel crente e que precisamente por isso essa razão é tão eficaz e tem uma atração tão poderosa para o indivíduo. O líder que representa esta doutrina, que recebeu a Evangelho da Verdade e o transmite e alimenta aqui na terra, transforma-se de um ser humano de carne e osso para um representante de uma entidade superior poder cuja palavra se torna lei e cuja lei é escrita em pedra.

O propósito maior deste livro, além de estudar a relação de Hitler com Jesus, é argumentar que devemos entender o nacional-socialismo movimento e sua revolução não tão “quase religiosa”, como Fest e outros colocaram, mas como uma ideologia que era religiosa em sua essência. Somente fazendo este argumento pode nos ajudar a entender como tantas pessoas, não apenas em A Alemanha poderia ser tão tomada pelo desejo de implementar a mais radical e, para todos os efeitos, ideias insanas de que estavam prontos e dispostos a deixar de lado todos os seus princípios morais e éticos anteriores por uma um objetivo maior que eles nunca tinham visto ou sequer chegado perto.

A ideologia, especialmente aquela formulada em tal forma, é, como Steven Pinker destacou que um dos fatores transcendentes que podem levar humanos caminham sobre montanhas de cadáveres para alcançar o prometido Utopia no fim do arco-íris. [62] O papel da ideologia também é algo que tem sido frequentemente discutido em relação a Hitler e como explicamos suas ações psicologicamente. Eu aderi ao agora quase interpretação completamente dominante de que a ideologia é central para entender Hitler e o nacional-socialismo como um movimento de massa. explicação ideológica de Hitler como um nacional-socialista convicto foi estabelecido já em 1947 pelo historiador britânico Hugh Trevor-Roper no livro *Os Últimos Dias de Hitler.* 63 Contra esta ideia opôs-se por muitos anos o rival de Trevor-Roper, Alan Bullock, que havia publicado

[61] Koonz, C., *A Consciência Nazista,* p. 274.

[62] Pinker, Steven, *Os anjos melhores da nossa natureza: o declínio da violência na história e Suas causas* (Londres: Allen Lane, 2011), pp. 556–570.

[63] Trevor-Roper, RH, *Os Últimos Dias ...*

Machine Translated by Google

sua biografia extremamente influente *Hitler: Um Estudo da Tirania* em 1952 e que, em vez disso, argumentou que Hitler era basicamente um cínico que apenas fez e endividada disse qualquer coisa 64 Essa visão estava sem dúvida altamente para ganhar poder. às ideias de Hermann Rauschning expressas em *Die Revolution* duramente *o Nihilismus* (A Revolução Niilista)*des* 65 Eberhard Jäckel criticou Bullock mais tarde mudou sua carecia de um objetivo e propósito ideológicos. [66] visão e se convenceu de que Hitler era de fato honesto em sua retórica de ódio aos judeus, isto é, ele estava ideologicamente convencido de que o que ele estava dizendo era verdade. Isto é o que Bullock disse em uma entrevista com o historiador Ron Rosenbaum no final dos anos 1990:

> Mudei de ideia sobre Hitler, pois originalmente o considerava interessado apenas no poder. ... Agora acho que a ideologia *é* central. Acho que é o que blinda Hitler contra remorso, culpa, qualquer coisa. Hitler era inabalável nessa ideologia, essa crença de que ele era um homem enviado pela providência. [67]

Observe o que Bullock diz no final da última frase sobre Hitler acreditar que foi enviado pela Providência. Surpreendentemente, Bullock nunca fez muito dessa percepção, e a maioria dos historiadores também não o fez, como já vimos.

64 As posições desses dois historiadores estão bem descritas em Rosenbaum, Ron, *Explaining Hitler: The Search for the Origins of His Evil* (Londres: Papermac, 1999), pp. 63–96.

65 Rauschning, Hermann, *Die Revolution des Nihilismus: Kulisse und Werklichkeit im Dritten Reich* (Zurique: Europa Verlag, 1938), passim. A tese de Rauschning é que o Nacional-Socialismo era uma ideologia niilista, uma revolução sem doutrina, como ele a formula. A única coisa que importava era a ânsia pelo poder. Todo o resto era um espetáculo secundário, até mesmo a visão de mundo da ideologia (como poderia ter sido uma ideologia se não tivesse conteúdo?) era supostamente um espetáculo secundário. O último capítulo do livro é chamado de “A Tendência de Maximizar o Reinado e o Poder” (ibid., pp. 451–495). Ironicamente, Trevor-Roper também empurra o argumento niilista em seu livro. Ele afirma não apenas que Speer era um niilista, mas também que o partido também mostrava tais características. Ele até se refere a Rauschning ao falar do suposto niilismo de Hitler. No entanto, ele não fez isso com tanta frequência ou profundidade quanto Rauschning, e talvez seja por isso que parece ter sido esquecido (Trevor-Roper, HR, *The Last Days ...* , pp. 78, 85–87). A questão de se tal vontade de poder é compatível com o niilismo é uma questão que foi deixada sem resposta por Rauschning e Trevor-Roper. Isso também foi notado por outros; veja Schreiber, Gerhard, *Hitler. Interpretationen 1923–1983: Ergebnisse, Methoden und Probleme der Forschung* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984), pp. 147–148.

66 Português Jäckel, Eberhard, *Hitler's World View: Draft of a Rule,* nova edição revisada. (Stuttgart: Editora Alemã, 1991), pp. 14–19.

67 Citado em Rosenbaum, R., *Explicando Hitler ...* , p. 89.

Machine Translated by Google

Na percepção de Bullock está a chave para entender Hitler e o Nacional-Socialismo. Foi somente por estarem convencidos de que estavam em uma missão divina que os nazistas foram capazes de orquestrar o maior evento genocida da história mundial até então. Qualquer um que realmente acredite estar agindo de acordo com a vontade de Deus na Terra – que ele é o instrumento material e espiritual de Deus – naturalmente se sentirá justificado em qualquer ação que considere necessária para garantir que o plano de Deus para a humanidade seja r
A história nos forneceu exemplos demais disso para que duvidemos da verdade dessa afirmação. Nos capítulos seguintes, apresento um caso para o argumento de que Hitler e os nacional-socialistas estavam convencidos de que suas ações eram divinamente ordenadas e que a admiração e a crença de Hitler em Jesus eram um aspecto central das ações.

Historiadores como Michael Burleigh, como já foi observado, começaram a explorar as dimensões religiosas do Nacional-Socialismo, observando, por exemplo, que a ideologia nazista "era política como uma missão biológica, mas concebida de forma religiosa". As leis raciais que Hitler seguiu foram, Burleigh escreve corretamente, "reveladas por Deus e, por sua vez, investidas de propriedades sagradas". 68 Mas, como Richard Steigmann-Gall apontou, Burleigh também não extraiu todas as implicações dessa percepção. Steigmann-Gall sugeriu, em um argumento que antecipou o meu, que o Nacional-Socialismo talvez devesse ser visto como "uma política com uma dimensão religiosa" em vez do oposto, como a maioria dos teóricos da "religião política" fizeram até agora. Steigmann-Gall também observou que "Hitler inequivocamente desejava lançar o nazismo como uma política religiosa em vez de uma religião política" e que "a ideologia religiosa em questão seria cristã" de certa forma. Ele continua argumentando que a crença professada por Hitler em um Deus, ou Providência, como ele frequentemente chamava, que interveio ativamente no mundo; as referências a si mesmo como um verdadeiro cristão; e até mesmo declarações expressando uma profunda admiração por Jesus como um guerreiro ariano contra os judeus devem ser levadas a sério pelos estudiosos do Nacional-Socialismo. "Por mais que Hitler alegasse ser um inimigo da religião organizada, essa concepção de Jesus exibia um limite claro para sua apostasia e a retenção de dimensão especificamente cristã em suas crenças", resume Steigmann-Uma Gall. que essa é, em última análise, a maneira correta de ver o Nacional-Socialismo.

[68] Burleigh, M., *O Terceiro Reich ...* , p. 13.
[69] Steigmann-Gall, R., "O nacional-socialismo era uma religião política ... ," pp. 395, 401–405.

Machine Translated by Google

1 CRISTO NA CRUZ TORTA, PARTE I

Jesus como um guerreiro ariano e antissemita

1.1 Introdução

Ao estabelecer a importância de Jesus para Hitler, é necessário entender que Hitler expressou sua admiração por Jesus com uma consistência bastante notável ao longo do tempo. Muitas fontes mostram que isso é um fato. Mas é igualmente importante entender quais características Hitler (e muitos outros antissemitas antes e contemporâneos a ele) atribuíram a Jesus para interpretar adequadamente qual papel Jesus desempenhou dentro de sua visão de mundo. Essas características atribuídas a Jesus também foram consistentes ao longo do tempo. Neste capítulo, portanto, apresentarei o pano de fundo para o desenvolvimento dessa visão, que Hitler não originou, para preparar o cenário para o restante do livro.

1.2 Como um homem tolo que construiu sua casa na areia

Friedrich Tomberg afirmou de forma um tanto contraditória que, enquanto Hitler se esforçou para "de certa forma" erradicar o cristianismo da história e substituir a visão cristã dominante de Jesus por uma em que este último havia sido transformado em um ariano, Hitler também afirmou explicitamente ao mesmo tempo que o NSDAP continuou nas "pegadas de Jesus" com a intenção de finalmente atingir o objetivo que Jesus havia estabelecido originalmente para si mesmo e para o mundo. 1 Escrevo "contraditoriamente" porque é difícil

1 Tomberg, F., *Cristianismo ... ,* pp. 14, 115.

Machine Translated by Google

entenda por que Hitler teria qualquer interesse em transformar Jesus, o judeu, em Jesus, o ariano, se sua intenção era erradicar o cristianismo. Ver isso como um truque de propaganda projetado para ganhar milhões de eleitores cristãos para o lado do nacional-socialismo não se sustenta. Se essa fosse a intenção de Hitler, então, é claro, teria sido muito mais fácil e menos demorado simplesmente adotar uma compreensão cristã convencional de Jesus como uma ferramenta para escapar desse truque. O fato de Hitler ter uma visão divergente do que o cristianismo realmente era e de quem Jesus era, e que o nacional-socialismo gastou tanto tempo e energia tentando espalhar essa visão nos mostra que deveríamos pelo menos considerar levar essas alegações a sério. A investigação de Tomberg também é falha no sentido de que ele usa apenas uma pequena fração da bolsa de estudos moderna disponível sobre a relação de Hitler e do nacional-socialismo com o cristianismo. Isso significa que suas conclusões são frequentemente duvidosas e não confiáveis.

Em seu livro, Tomberg enfraquece ainda mais seus próprios argumentos ao declarar explicitamente que não pretende mostrar "o que realmente aconteceu". O livro pretende ser uma interpretação filosófica e literária, e ele diz que cabe aos historiadores mostrar se a visão que ele apresenta é compatível com a realidade. [2] Essa atitude também é evidente na maneira como Tomberg trata suas fontes, que é quase completamente desprovida de crítica de fontes, e os métodos críticos que ele aplica são falhos e inválidos. Por exemplo, ele se refere a *Tischgespräche* sem mencionar que a qualidade dessa fonte não havia sido estabelecida na época. [3] Ele usa *Gespräche mit Hitler* (Conversas com Hitler) de Rauschning de 1940, embora admita que os historiadores não as considerem genuínas; ele aparentemente pensa que pode citar essa fonte de qualquer maneira porque ele "corrobora" o que Rauschning diz usando "outras" fontes (não está claro a quais fontes ele está se referindo).

[4] Além disso, ele se refere aos chamados ditados de Bormann (Tomberg está se referindo ao *Hitlers politisches Testament,* ou *O Testamento de Adolf Hitler),* que são considerados continuações das conversas em *Tischgespräche,* citando-as extensivamente, embora ele já tenha notado que os historiadores têm

2 Ibid., pág. 17. 3 Ibid., p. 64. A qualidade desta fonte só foi estabelecida recentemente.
4 Ibidem, pág. 31.

Machine Translated by Google

duvidou da veracidade desta fonte também (já provei que estas notas são falsificações). 5 Em outra ocasião, ele cita Hitler com base no livro de Dietrich Eckart *Der Bolschevismus von Moses bis Lenin* (Bolchevismo de Moisés a Lenin), sem mencionar que este é um Portanto, não podemos olhar conversa fictícia inventada por Eckart. a Tomberg [6] para obter uma descrição confiável das ideias de Hitler sobre Jesus e o cristianismo.

1.3 A longa tradição do socialismo cristão e Jesus Adoração no Nacional-Socialismo

A ideia de Jesus como um lutador e campeão dos ideais e princípios nacional-socialistas não foi algo que Hitler ou o NSDAP inventaram. Na verdade, já tinha uma longa tradição dentro dos círculos conservadores cristãos alemães em 1920. Uma figura central no desenvolvimento inicial dessa linha de pensamento foi o pastor e político protestante Friedrich Naumann (1860–1919). Ele havia se tornado muito influenciado pelo capelão da corte Adolf Stoecker (1878–1918), o fundador do antissemita Partido dos Trabalhadores Sociais Cristãos *(Christlich-Soziale Arbeiterpartei),* no início da década de 1880 e sua abordagem para abordar a chamada questão social, que era a réplica burguesa ao marxismo.

A questão social era sobre como administrar as relações sociais na era do industrialismo de uma forma que se opusesse à agitação social-democrata da época. A solução era oferecer uma alternativa baseada em uma ideologia cristã ética e explicitamente antimaterialista. Foi um esforço proposital para sequestrar o termo “socialismo” e redefini-lo de uma forma que se adequasse a uma agenda política de direita. Albrecht Tyrell observa que Naumann se considerava explicitamente um socialista de direita. 7

Naumann foi explicitamente mencionado como um precursor do National Socialismo no livro *Der nationale* do ideólogo do NSDAP Rudolf Jung

5 Ibid., p. 71. Por ser uma falsificação, veja Nilsson, M., *Hitler Redux ... ,* pp. 279–339.

6 Tomberg, F., *Cristianismo ... ,* p. 21.

7 Tyrell, Albrecht, *De “baterista” a “Führer”: a transformação da filosofia de Hitler Autoimagem entre 1919 e 1924 e o desenvolvimento do NSDAP* (Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1975), pp. 18–19; Kedar, A., “Nacional-Socialismo antes do Nazismo...”, pp. 26–27. Naumann é citado e traduzido por Kedar.

Machine Translated by Google

Socialismo de 1922. [8] Jung era um refugiado alemão dos Sudetos da Boêmia e membro do parlamento austríaco representando o *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP – Partido dos Trabalhadores Alemães), que foi formado em 1910 e renomeado para *Deutsche Nationalsozialistischen Arbeiterpartei* (DNSAP – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) em 1918. Foi Jung quem foi creditado por ter sugerido a Hitler incluir "Nacional Socialista" no nome do par Hitler, por outro lado, aparentemente tinha o mais combativo "Partido Social Revolucionário" em mente originalmente. 9 Mas o termo "revolucionário" não agradou ao gosto de Anton Drexler, fundador do DAP, que foi o partido que Hitler lideraria mais tarde. 10 Após a criação da Tchecoslováquia na esteira da dissolução da dupla monarquia austro-húngara após a Primeira Guerra Mundial, o DNSAP criou uma filial em Viena liderada por Walter Riehl e uma nos Sudetos

Faz sentido pensar que Jung e o DNSAP foram as fontes inspiradoras para a criação do novo nome NSDAP porque ocorreu logo após os nacional-socialistas de Munique no DAP/DNSAP terem

[8] Português Jung, Rudolf, *Nacional-Socialismo: seus fundamentos, seu desenvolvimento e seus objetivos,* 3ª ed. (Munique: Deutscher Volksverlag, Dr. E. Boepple, 1922), p. 66. Esta foi uma versão reescrita (mais que dobrada em tamanho) de uma obra que Jung havia publicado em 1919 sob o título *Nacional-Socialismo: uma explicação de seus fundamentos e objetivos* (Tyrell, A., *Vom "Drommler" ... ,* p. 250 n266). Jung obviamente sentiu que precisava expandir seu livro depois que Hitler se tornou o líder do NSDAP e quando um programa do partido ficou disponível.

9 Kuehnelt-Leddin, Erik R. von, "The Bohemian Background of German National Socialism: The DAP, DNSAP, and NSDAP," *Journal of the History of Ideas,* Vol. 9, No. 3 (1948), p. 356. Alguém poderia, é claro, ser cético sobre essa informação, que é baseada em um artigo de Konrad Heiden de 1933 e que parece bastante anedótico. Ela também não é mencionada nas principais biografias de Hitler, embora seja mencionada na biografia de Heiden de 1936, é claro (Heiden, K., *Hitler ...* [Vol. I], pp. 125–126). Mas foi aparentemente corroborado pelo advogado nazi, membro do NSDAP e propagandista Hans Fabricius (a partir de 1933, ajudante pessoal do Ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick) no seu livro *Geschichte der nationalsozialistischen Bewegung* em 1937 (pp. 125-126, n.72). Tyrell não menciona isso em seu trabalho muito diligente, nem Joachim Fest, Ian Kershaw, Peter Longerich, Volker Ullrich ou Thomas Weber. Sven Felix Kellerhoff refere-se a isto, no entanto, mas não menciona Jung especificamente e baseia a informação em Heiden (Kellerhoff, Sven Felix, *Die NSDAP: Eine Partei und ihre Mitglieder* [Stuttgart: Klett-Cotta, 2017], p. 49).

10 Heiden, K., *Hitler ...* (Vol. I), p. 126. Toland conta outra história, segundo a qual Drexler havia sugerido o nome "Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães" já na reunião de fundação do DAP em janeiro de 1919, mas a reunião objetou que "a palavra 'socialista' poderia ser mal interpretada" (Toland, John, *Adolf Hitler* [Nova York: Doubleday & Company, 1976], pp. 85–86).

Machine Translated by Google

visitou Salzburgo para uma reunião nacional-socialista internacional conjunta. Adicione a isso o fato de que o DNSAP começou a usar a suástica em maio de 1918, um símbolo que o NSDAP também começou a usar após a mudança de

nome. 11 Pode não ser coincidência que Jung tenha reescrevido a história em seu livro, cuja terceira edição ele dedicou a "Adolf Hitler e os seus", e afirmou que o partido que havia sido fundado em 5 de janeiro de 1919 não era o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), mas o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP).[12] Jung visitou Hitler na fortaleza de Landsberg13 (em Landsberg am Lech) em 5 de abril de 1924, e estava de fato entre as pessoas que passaram mais tempo falando com Hitler (eles falaram por uma hora). Isso nos diz que Jung certamente estava

11 Bullock, A., *Hitler ... ,* pp. 59–60. Curiosamente, não sabemos exatamente como o NSDAP veio a se apropriar da suástica ou mesmo quando a usaram pela primeira vez. A suástica não era um símbolo tão incomum dentro dos círculos *völkisch ,* no entanto, e também era usada pela *Thule Gesellschaft* (Sociedade Thule) sediada em Munique. Mas não parece que *a Thule Gesellschaft* tenha sido a principal inspiração, já que eles deveriam tê-la adotado muito antes (afinal, o cofundador do DAP, Karl Harrer, era membro dessa sociedade).
Kershaw afirma que o NSDAP começou a usar a suástica em meados de 1920, o que significaria que ocorreu simultaneamente com a mudança de nome. Estranhamente, Kershaw aceita a alegação de Hitler em *Mein Kampf* de que este último projetou o novo emblema do partido (Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ... ,* p. 147). Faz sentido que Hitler fosse muito narcisista e muito teimosamente orgulhoso para admitir que foi plagiado do DNSAP. O primeiro folheto conhecido do NSDAP (embora o relatório policial ainda se referisse ao partido como DAP), impresso em algum momento antes de 12 de abril de 1920, *não* continha uma suástica, e nem o convite anterior para a noite de Hitler e Dingfelder no Hofbräuhaus em 24 de fevereiro de 1920. Um comprovante de admissão do NSDAP de dezembro de 1920 também não contém este símbolo. Nem mesmo um livro de filiação do NSDAP de 1921 tinha a suástica. O certificado de dívida para a compra do *Völkischer Beobachter* em dezembro de 1920, no entanto, *contém* a suástica (uma fileira de suásticas emoldura o documento) e, em 5 de janeiro de 1921, o recém-fundado grupo local do NSDAP em Esslingen (completamente por conta própria, ao que parece) também a usou em um folheto (quero agradecer a Sven Felix Kellerhoff por compartilhar seu profundo conhecimento deste tópico comigo, bem como algumas fotos de documentos antigos do NSDAP de vários arquivos alemães [em um e-mail datado de 15 de agosto de 2021]). Sobre o Esslinger Ortsgruppe, veja Kellerhoff, SF, *Die NSDAP ... ,* p. 56. Parece, portanto, que a adoção ocorreu *após* a mudança de nome, mas que o uso da suástica, muito parecido com o uso do novo nome NSDAP, foi bastante desorganizado e talvez até um pouco espontâneo. Este é mais um assunto, ao que parece, sobre o qual Hitler mentiu em *Mein Kampf.*

12 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* p. 70. Jung cometeu suicídio em Praga em 1945.

13 O termo "fortaleza" não significa uma forma particular de fortificação, mas sim uma forma particular de encarceramento para aqueles condenados pelo crime de alta traição (Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* p. 307).

Machine Translated by Google

uma pessoa central no NSDAP naquela época. 14 Após a visita, Jung escreveu um artigo de jornal no qual ele comparou Hitler a ninguém menos que Jesus.15 Isto é ainda mais interessante quando consideramos o fato de que Jung celebrou Jesus no *Nacional Socialismo.* Jung afirmou que "uma das reivindicações mais importantes das doutrinas nacional-socialistas" era a "renovação moral do nosso povo" e o "desenvolvimento da sua vida religiosa segundo o espírito alemão". Jesus foi retratado como estando em total contradição com os judeus, e Jung enfatizou que Jesus condenou o deus judeu Javé como sendo Satanás, referindo-se a João 8:44, onde Jesus diz aos fariseus: "Vós sois dos vossos pai, o Diabo" (NVI). Ele também observou que Jesus não havia fundado uma igreja ou um grupo de padres, e proclamou que o "centralismo" dentro da "Igreja Luterana Romana e crente na Bíblia é o traço explicitamente judaico no cristianismo da igreja".16 Outra das Igrejas Austríacas

As principais figuras do DNSAP que viam Hitler como um líder semelhante a Cristo foram uma de seus cofundadores, Walter Riehl, que também foi uma espécie de ideólogo inspiração para Hitler após a morte de Eckart. Riehl se considerava um João Batista cuja tarefa era preparar o caminho para "Hitler o Salvador."17

Embora fosse um antissemita, Stoecker (Naumann's inspiração) não chegou ao ponto de afirmar que Jesus não era judeu. Ele podia aceitar o judaísmo de Jesus, porque ele não era um antissemita racial. Ele era contra os judeus por causa da rejeição deles a Jesus e via a luta contra os judeus em termos espirituais e não raciais

14 Fleischmann, Peter, *Hitler como prisioneiro em Landsberg am Lech 1923/24: arquivo pessoal de prisioneiro de Hitler junto com outras fontes de custódia protetora, prisão preventiva e Fortaleza Prisão* (Neustadt: Verlag PH. CW Schmidt, 2015), pp. 44, 55, 251. Othmar Plöckinger escreve que Jung visitou Hitler também em janeiro de 1924, enquanto Hitler ainda estava na prisão. aguardando julgamento, mas nenhuma documentação dessa visita foi encontrada (Plöckinger, Othmar, *História de um livro: "Mein Kampf" de Adolf Hitler 1922–1945. Uma publicação do Instituto de História Contemporânea,* 2ª edição atualizada (Munique: Oldenburg Verlag, 2011), p. 32; Fleischmann, P., *Hitler como prisioneiro ... ,* pp. 35, 244). Em 1936, um panfleto anti-nazi social-democrata de Alexander Stein intitulado "Adolf Hitler: Discípulo dos Sábios de Sião" ("Adolf Hitler, um Estudante dos Sábios de Sião") afirmou que foi Jung e não Eckart que transformou Hitler num antissemita raivoso (Heer, F., *Der Glaude des Adolf Hitler ... ,* p. 303). A questão aqui não é se isso é verdade ou não, mas que Jung era visto como importante o suficiente para as pessoas na década de 1930 para que isso fosse verdade.

15 Longerich, P., *Hitler ... ,* pág. 140.

16 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 86–87.

17 Pyta, Wolfram, *Hitler: O artista como político e líder militar. Uma análise do poder* (Munique: Siedler Verlag, 2015), pp. 116–117.

Machine Translated by Google

(essa visão também era comum entre os apoiadores mais próximos de Hitler, razão pela qual pessoas como sua benfeitora, Elsa Bruckmann, simultaneamente tinham amigos judeus e salvaram alguns deles de serem assassinados no Holocausto).[18] Eles tinham que aqueles que viam essa questão em termos puramente raciais corressem o risco de buscar ódio e brutalidade, o que machucaria mais os cristãos do que os judeus. Havia várias vertentes de pensamento sobre Jesus circulando nas esferas teológicas e filosóficas alemãs já durante as décadas de 1870 e 1880. Tanto Johann Gottlieb Fichte (1762–1814) quanto Friedrich Hegel (1770–1831) consideravam impossível que Jesus fosse judeu — Hegel por causa de como ele entendia os ensinamentos de Jesus e Fichte por causa de suas ideias sobre o caráter de Jesus, ou *Wesen.* O teólogo e filósofo antissemita Bruno Bauer (1809–82) argumentou na década de 1840 que Jesus não era judeu, mas de ascendência helenística. Ernest Renan (1823–92) argumentou em *Leben Jesu* (A Vida de Jesus) em 1863 que Jesus, cuja descendência racial ele achava impossível estabelecer, tinha sido um revolucionário que lutou contra os judeus. O orientalista, filólogo e teólogo Paul de Lagarde (1827–91) postulou que Jesus estava em total oposição e contradição com tudo o que era judeu; Jesus não deveria ser considerado judeu, mas como o Filho de Deus. Lagarde também enfatizou o "masculino"
Jesus. Então, talvez mais notavelmente neste contexto, Richard Wagner (1813–83) e seu genro Houston Stewart Chamberlain (1855–1927) ambos argumentaram que Jesus não era judeu.[19]

No entanto, quando o primeiro congresso antissemita internacional do mundo foi realizado em Dresden, Alemanha, em setembro de 1882, Stoecker foi um dos participantes. O próprio jornal do Vaticano, *Civilità Cattolica,* relatou com aprovação que "muitos discursos violentos foram feitos denunciando os judeus". Stoecker apresentou várias resoluções para

[18] Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* pp. 174–176.

19 Fenske, Wolfgang, *Wie Jesus zum "Arier" wurde: Auswirkungen der Entjudaisierung Christi im 19. und zu Beginn des 20. Jahrhunderts* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005), pp. 72–73, 81–86, 105–110, 130. Outro autor que enfatizou a masculinidade de Jesus e o viu como tendo um relacionamento privilegiado com a raça branca foi Jack London. Ele construiu sua imagem de Jesus em suas leituras de Friedrich Nietzsche, Ernst Haeckel, Herbert Spencer e Thomas Huxley. London também ilustra bem o quão difundidas essas ideias eram no início do século XX. Veja Bembridge, Steven, "Jesus as a Cultural Weapon in the Work of Jack London," *Studies in American Naturalism,* Vol. 10, No. 1 (2015), pp. 22–40.

Machine Translated by Google

o congresso que, de acordo com o periódico, era “relativamente moderado”, todos os quais tinham sido aprovados pelos outros delegados. Os judeus eram considerados um povo que nunca poderia ser assimilado em nenhuma sociedade nacional, e a emancipação dos judeus “tinha sido um ‘erro fatal’ e uma nova legislação restritiva era urgentemente necessária.”[20]

1.4 Socialismo de direita: antimarxista, cristão, Antissemita e nacionalista

O nacional-socialismo liberal-burguês de Naumann e o nacional-socialismo de extrema direita de Theodor Fritsch (1852–1933), cujo nome real era Thomas Frey, surgiram de uma tradição ético-conservadora que se tornou proeminente após a unificação alemã em 1871. Era um socialismo conservador já visível nos escritos do economista Carl Rodbertus-Jagetzow em meados de 1800. Em 1872, um grupo de importantes intelectuais conservadores protestantes fundou a Associação para a Política Social *(Verein für Sozialpolitik).* Eles logo passaram a ser chamados de *Katedersozialisten* (“socialistas do púlpito”). Embora originalmente fosse um termo depreciativo aplicado por seus oponentes, logo se tornou um termo orgulhosamente autoaplicado pelo grupo. Os *Katedersozialisten* não eram absolutamente esquerdistas e não eram marxistas. Eles se definiram por sua rejeição absoluta do socialismo marxista e do liberalismo laissez-faire. Stoecker se envolveu com a Associação e, em 1877, foi formada a Associação Central Protestante-conservadora para a Reforma Social *(Centralverein für Sozialreform) ,* uma organização que também publicou o jornal *Der Staatssozialist (O Socialista de Estado).* Um ano depois, Stoecker formou seu partido, que era caracterizado por um forte antissemitismo. Este era um socialismo de direita, um socialismo não enraizado no marxismo, que não estava preocupado em corrigir injustiças sociais percebidas por meio de políticas progressistas e reformas sociais, mas que, em vez disso, pretendia "preservar uma ordem social ético-holística concebida ontologicamente" na Alemanha. Esses eram conservadores de direita que alegremente autoaplicavam o termo "socialista". Nacional-socialistas como Naumann e

[20] Kertzer, David I., *Os papas contra os judeus: o papel do Vaticano na ascensão do antissemitismo moderno* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2001), p. 142.

Machine Translated by Google

Stoecker se opôs apaixonadamente não apenas ao socialismo marxista materialista (e, na visão deles, judeu), mas também ao liberalismo em suas formas econômica e filosófica. O materialismo constituía nada menos que uma negação direta da existência de Deus. 21 Stoecker foi mencionado com respeito no livro de 1933 do ideólogo nazista Rudolf von Sebottendorff (seu nome verdadeiro era Adam Glauer), *Bevor Hitler kam* (Antes que Hitler viesse). portanto, um socialismo que [22] Era era completamente diferente, tanto em origem quanto em conteúdo, do socialismo marxista de esquerda que normalmente pensamos quando ouvimos o termo hoje.

O Nacional-Socialismo do NSDAP também foi influenciado pela onda de pensamento "anticapitalista" de direita que surgiu dentro do movimento *völkisch* do final da década de 1880 e início da década de 1890. Em 1889-1890, grupos mais antigos de antissemitas que se opunham tanto ao "marxismo judaico" quanto ao "capitalismo judaico" começaram a usar o termo "socialismo alemão" *(Deutscher Sozialismus)* em sua defesa dos interesses da classe média baixa e burguesa para fazer com que pessoas das classes baixa e média da população se juntassem ao Partido Popular Antissemita *(Antisemitische Volkspartei),* renomeado como Partido da Reforma Alemã em 1893 *(Deutsche Reformpartei),* e ao Partido Social Alemão *(Deutsch-Soziale Partei).* O termo “Socialismo Alemão” significava “um antissemitismo moderado, conservador e de classe média, que se originou de um ponto de vista antiliberal ou ortodoxo cristão e cujos objetivos eram a limitação dos direitos civis dos judeus, bem como reformas econômicas e sociais em benefício de pequenas empresas e pequenos agricultores”.
Combinava o ultranacionalismo extremo e o antissemitismo racial com uma forma particular de anticapitalismo emocional, em vez de racional, que *não* era uma refutação do capitalismo como tal, mas apenas um certo aspecto dele, que era considerado o capital financeiro internacional judaico “improdutivo”.
O socialismo marxista era visto como uma corrupção do verdadeiro socialismo alemão, e o sociólogo alemão Oswald Spengler (1880–1936) argumentou no panfleto *Preußentum und Sozialismus* (Prussianismo e Socialismo) em 1919 que o socialismo tinha que ser libertado de Marx. Foi esse socialismo

21 Kedar, A., “Nacional-Socialismo antes do Nazismo...”, pp. 9–10, 19–21, 28; Fenske, W., *Wie Jesus se tornou um “ariano” ...,* p. 96.

22 Sebottendorff, Rudolf von, *Antes da chegada de Hitler: documentos do período inicial da Movimento Nacional Socialista* (Munique: Deukula-Verlag Graffinger & Co., 1933), p. 30.

Machine Translated by Google

que o fundador e líder do partido DAP, Anton Drexler, abraçou, agitou e incluiu no programa do partido NSDAP de 24 de fevereiro de 1920. 23 Na verdade, ao contrário da crença popular, em vez de nacionalizar indústrias-chave, os nacional-socialistas começaram uma grande campanha de privatização quando chegaram ao poder. Eles até reprivatizaram entidades que haviam sido nacionalizadas antes de 1933. O regime de Hitler foi pioneiro na privatização em uma época em que os governos do Ocidente estavam nacionalizando.

24 O que todos os nacional-socialismos tinham em comum era sua sub-posição da nação como a unidade social central e única relevante. Era a nação que era o objeto de toda atividade econômica, política e social, e era, portanto, também a nação – que era vista como uma entidade orgânica – que era o objeto de todas as considerações éticas. O que isso significava era que todas as ações eram avaliadas com base em se beneficiavam a nação, e *não* as pessoas que a compunham. A nação era um organismo e não era simplesmente a soma de suas partes constituintes. A nação era simultaneamente teologizada, e Stoecker argumentava que cada nação (ou *Volk)* era "dotada por Deus de uma disposição singular, com dons especiais, e que ela deve se apegar a essas peculiaridades, pois elas pertencem à essência de sua existência". O liberalismo, argumentou Stoecker, havia atomizado o *Volk.* O individualismo implicado na visão de mundo liberal foi rejeitado completamente pelos nacional-socialistas.

O liberalismo havia destruído a Alemanha, havia levado à *Kulturkampf* contra as igrejas e a religião, e esse individualismo seria substituído por uma subordinação total do indivíduo à vontade da nação e por uma disposição piedosa de se sacrificar por essa nação. 25 Deus e o país se tornaram uma e a mesma coisa nessa visão.

As semelhanças à parte, certamente também havia diferenças entre nacional-socialistas como Naumann e Stoecker, por um lado, e Hitler e o NSDAP, por outro. Havia diferenças entre os dois primeiros também, embora tivessem começado como amigos ideológicos. Stoecker estava mais focado no nacionalismo, enquanto

23 Tyrell, A., *Sobre o "Baterista"* ..., págs. 19–21.

24 Bel, Germà, "Contra o mainstream: a privatização nazista na Alemanha dos anos 1930" , *The Economic History Review,* Vol. 63, No. 1 (2010), pp. 34–55.

25 Kedar, A., "Nacional-Socialismo antes do Nazismo ... ," pp. 11–13.

Machine Translated by Google

Naumann, embora ainda um nacionalista fervoroso, estava mais focado na agenda social cristã. Stoecker era mais conservador e menos preocupado com a questão da reforma social. Naumann era menos hostil à social-democracia do que Stoecker e, em vez disso, mais negativo em relação aos grandes proprietários de terras. Eles também diferiam no fato de que Naumann pensava que o reformismo social acabaria ganhando força nos partidos políticos burgueses, mesmo (ou mesmo especialmente) no Partido Conservador. Foi também o conservadorismo de Stoecker que levaria à ruptura entre ele e Naumann. [26] Hitler poderia ser visto como tendo traços combinados que lembram o nacional-socialismo inspirado no cristianismo de Naumann e Stoecker. Ele certamente estava muito preocupado com a reforma social ao mesmo tempo em que considerava o nacionalismo de importância central. Mas Hitler não era conservador, embora fizesse parte de uma herança ideológica que surgiu de círculos conservadores – ele era um socialista ultranacionalista revolucionário de direita. Os conservadores, na visão de Hitler, eram reacionários que não entendiam o que a Alemanha precisava para sobreviver – isto é, um renascimento completo da nação e uma reforma moral (igualmente) completa. 27

Curiosamente, Jung negou que o nacional-socialismo fosse um movimento e ideologia revolucionários. Não foi por meio de uma revolução violenta, mas por meio de uma reforma que o atual sistema capitalista privado deveria ser derrubado. Devido ao seu desejo por lucros privados, o sistema atual havia se tornado um "materialismo sem alma". Portanto, nunca poderia ser a "base espiritual" para o verdadeiro socialismo. Isso era o oposto do que é comumente pensado como Socialismo, que não era nada além de "Comunismo de tipo marxista" aos olhos de Jung. Tanto o Comunismo (que incluía a Social Democracia) quanto o capitalismo financeiro ganancioso eram as ferramentas dos judeus para escravizar os povos do mundo. [28] Jung pode, é claro, ser

[26] Ibidem, pág. 28.

27 A inclinação anticonservadora de Hitler é talvez melhor ilustrada por seu conhecido ódio à monarquia como um sistema e um símbolo. A vingança de Hitler contra a família Habsburgo, que ele via como um sintoma de tudo o que estava errado com a monarquia dupla multiétnica na qual ele nasceu e cresceu, é talvez o exemplo mais óbvio disso (Longo, James, *Hitler and the Habsburgs: The Vendetta Against the Austrian Royals* [Nova York: Diversion Books, 2018]). Hitler desprezava a família alemã Hohenzollern da mesma forma.

[28] Jung, R., *Der nationale Sozialismus ...* , pp. 104–105, 110–111. Jung também discute as ideias de Marx e Engels em alguns detalhes, o que era bastante incomum para ideólogos nacional-socialistas (ibid., 106–107).

Machine Translated by Google

perdoado por não pensar no Nacional-Socialismo como uma ideologia revolucionária, porque ele escreveu seu livro antes de Mussolini chegar ao poder na Itália em 1922, após a Marcha sobre Roma. Foi somente depois desse ponto que Hitler percebeu que isso era mesmo uma possibilidade – ele ficou tão inspirado pela revolução do Fascismo Italiano que decidiu tentar a sua própria em Munique. 29

1.5 Antissemitismo: A chave para entender o NSDAP Programa da festa

Questões frequentemente associadas depreciativamente aos judeus, como a proibição da usura e do aluguel de terras, e capital e trabalho produtivos versus improdutivos, podem ser encontradas no programa do partido NSDAP nos pontos 11, 13 e 17–18. O ponto 11 exigia a abolição da renda sem esforço. O ponto 13 exigia a expropriação pelo estado de "trusts" *(não* de empresas em geral, que é como isso tem sido frequentemente interpretado por aqueles que desejam retratar o nacional-socialismo como um movimento de esquerda), que eram entendidos como concentrações improdutivas de capital onde a fixação de preços era usada para fraudar o *Volk.* O ponto 17 exigia uma reforma agrária "adequada às nossas necessidades nacionais", a proibição da especulação e dos juros sobre terras, e uma lei que permitisse a expropriação de terras que não fossem usadas para o benefício do *Volk.*

O ponto 18 exigia uma luta implacável contra, e a pena de morte para, usurários *(Wucherer),* contrabandistas e "criminosos miseráveis contra o *Volk" (gemeine Volksverbrecher)* "independentemente de religião ou raça". De fato, todo o programa só pode ser compreendido corretamente dentro do contexto histórico cristão, ultranacionalista e antissemita descrito acima. Essa conexão foi feita explicitamente por Jung em *Der nationale Sozialismus,* no qual ele alegou que a perseguição aos judeus na Alemanha durante a Idade Média não se devia a diferenças religiosas, mas à atividade judaica de usura por meio de aluguel de terras e juros sobre empréstimos. Os trusts eram apenas

29 A admiração de Hitler por Mussolini e sua modelagem de seu próprio movimento político sobre este último tem sido o assunto de vários livros. Veja, por exemplo, Wiskemann, Elizabeth, *Rome-Berlin Axis: A History of the Relations between Hitler and Mussolini* (Oxford: Oxford University Press, 1949); Schneider, Wolfgang, *Adolf Hitler: Politischer Zauberlehrling Mussolinis* (Oldenburg: De Gruyter, 2017); Goeschel, Christian, *Mussolini and Hitler: The Forging of the Fascist Alliance* (New Haven, CT: Yale University Press, 2018).

Machine Translated by Google

último estágio de desenvolvimento no capitalismo financeiro moderno e uma expressão do "mamonismo" e "do materialismo do nosso tempo, cuja força motriz não é outra senão o espírito judaico!"30 A frase "independentemente de religião ou raça" no ponto 18 é uma prova disso. Na verdade, isso foi explicitamente declarado por Gottfried Feder em um comentário sobre este ponto em 31 As palavras "judeu" e "judeu" recebem apenas uma única menção, em 1933. resto pontos 4 e 24, respectivamente, em todo o programa, mas foi *precisamente porque* o do programa era quase inteiramente voltado contra os judeus, e entendido como tal por aqueles que o NSDAP desejava atrair para o então partido altamente exclusivo (lembre-se de que isso foi antes de ser decidido torná-lo um partido popular de massas para ganhar a eleição) que os autores do programa aqui tiveram que deixar explicitamente claro que isso se aplicava a todos e não apenas aos judeus.

Mais adiante em seu livro, Jung descreveu o desejo do NSDAP por "socialização" *(Vergesellschaftung)* da seguinte maneira: "Nós defendemos sem reservas a transferência de todas as grandes empresas capitalistas *[Großbetriebe],* que efetivamente são monopólios privados, para as mãos do estado, terra [um corpo de autoadministração *völkisch],* ou comunidade local." Mas em contraste com a posição marxista, disse Jung, era uma questão de "nacionalização", isto é, de "transferência para as mãos do nosso povo", em vez de "socialização". Jung contrastou o desejo nacional-socialista de nacionalizar apenas os grandes monopólios privados com o desejo dos marxistas de socializar *todas* as empresas privadas, independentemente de seu tamanho ou caráter nacionalista. Além disso, as únicas empresas e áreas afetadas por essa nacionalização foram aquelas envolvidas na mineração dos "tesouros da terra" *(Bodenschätze),* como "carvão [e] energia h Tudo o mais não era um alvo para socialização, escreveu Jung. Isso foi combinado com a demanda de que ninguém além de cidadãos alemães, uma categoria que excluía explicitamente os judeus, poderia ter permissão para possuir terras. 32

30 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 25–28, 40.

31 Koehne, Samuel, "O padrão racial: 'etnoteísmo' e visões oficiais nazistas sobre Religion," *German Studies Review,* Vol. 37, No. 3 (2014), p. 588. Feder também mencionou o ponto 23, que exigia que jornais que espalhassem "mentiras" e "não-germanidade" fossem banidos. Isso mostra que esse ponto também era direcionado contra os judeus, embora não os mencionasse.

32 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 133–136, 150.

Machine Translated by Google

É, portanto, óbvio que essa demanda tinha a ver com garantir que o *Volk* tivesse controle total sobre os recursos naturais no território sob sua posse. Isso, por sua vez, estava enraizado no ultranacionalismo que forneceu a fundação para a ideologia nacional-socialista.

Era uma maneira dos nazistas garantirem a tão cobiçada autarquia para a Alemanha. Qualquer tentativa de entender o programa do partido sem interpretá-lo através das lentes do tipo particular de antissemitismo do nacional-socialismo levará a graves mal-entendidos da ideologia. O termo "nacionalização" realmente significava "arianização". Não era o estado, isto é, o governo, que deveria possuir e operar esses negócios e ativos, mas os alemães arianos, que eram considerados membros da nação alemã. Isso também é exatamente o que aconteceu depois de 1933. Os judeus foram, é claro, forçados a vender. A expropriação foi feita por decreto do governo, por lei ou por meio de assédio violento, e a propriedade foi vendida - na verdade, entregue - a alemães não judeus privados por uma fração de seu valor real. E por causa da natureza corrupta do regime nazista, muitas vezes eram os oficiais do partido que "compravam" os melhores e mais valiosos bens e propriedades. Foi um roubo apoiado pelo governo em grande escala. 33 Quando Drexler começou a trabalhar no programa partidário do DAP em algum momento de 1918, ele o fez em grande parte com base nas ideias de Alfred Brunner do *Deutschsozialistische Partei* (DSP – Partido Socialista Alemão), que havia sido fundado no mesmo ano, embora ele também tenha sido inspirado por Gottfried Feder e Dietrich Eckart. Muitos dos pontos no programa do DAP são basicamente copiados de Brunner e do DSP, e havia uma sobreposição considerável na filiação entre o DSP e o DAP (o DSP foi dissolvido em 1922, e muitos de seus membros se juntaram ao NSDAP). No entanto, também havia pontos no programa DAP/NSDAP que não tinham precursores diretos no programa do DSP.

Os pontos 4 a 8 foram explicitamente direcionados contra os judeus e seus direitos civis. Os pontos 10–11 foram implicitamente direcionados contra os judeus também em seu foco na demanda de que todo cidadão deve se envolver em trabalho produtivo intelectual ou físico, e na abolição da renda sem trabalho e sem esforço. Esses tipos de atividades e renda eram considerados típicos de

33 Para uma ótima visão geral da arianização, veja Friedländer, S., *Nazi Germany and the Jews, Vol. Eu: ...,* pp. 232–239, 242–244, 247, 257–261, 280–298, 316–330.

Machine Translated by Google

os judeus. O ponto 14, exigindo a divisão de lucros em grandes empresas *(Großbetrieben),* referia-se a grandes empresas e certamente não estava exigindo a divisão de lucros para os trabalhadores nessas empresas, mas sim para o *Volk* – isto é, a nação. O programa DSP declarou expressamente que artesãos, pequenas empresas e pequenas indústrias estavam isentos. A distinção entre a concentração produtiva e improdutiva de capital deve ser mantida em mente aqui. É a mesma distinção feita no ponto 16 do programa NSDAP, isto é, a demanda pela criação e manutenção de uma "classe média saudável" pela comunalização de "grandes lojas de departamento" *(Groß-Warenhäuser).* Isso também era um eufemismo para lojas de departamento judaicas e o arrendamento desses espaços a aluguéis baixos para pequenos comerciantes. Esta última certamente não era uma demanda que qualquer marxista, isto é, esquerdista, socialista faria. Mas isso fazia todo o sentido dentro de uma *Weltanschauung* ultranacionalista que fazia a distinção entre empresas e indivíduos produtivos e improdutivos, e que era simultaneamente informada por um antissemitismo vitriólico que em todos os casos colocava os judeus na última categoria. [34]

Os pontos frequentemente formulados de forma um tanto enigmática no programa DAP/NSDAP são, portanto, frequentemente explicados por sua relação próxima com o programa DSP – este último era como uma matriz oculta sobre a qual o programa de Drexler foi colocado. A influência de Gottfried Feder pode ser vista no ponto 11, e Dietrich Eckart foi obviamente a inspiração para o ponto 24 com sua demanda por liberdade religiosa e para que o partido fosse baseado no "cristianismo positivo", partes dele sendo retiradas literalmente dele. Que Hitler tenha participado da formulação do programa parece aparente, de acordo com o historiador Albrecht Tyrell, embora a extensão de seu envolvimento permaneça incerta. Pode ser que as formulações curtas e incisivas dos pontos do programa sejam devidas à influência de Hitler. [35]

34 Tyrell, A., *Sobre o "baterista" ... ,* pp. 76–82; Português Koehne, Samuel, "Religião no meio nazista inicial: em direção a uma maior compreensão da 'cultura racista'", *Journal of Contemporary History,* Vol. 53, No. 4 (2018), págs. 670–676, 679–683, 688–690. Veja também *o Programa Básico do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães,* http://jgsaufgab.de/intranet2/geschichte/geschichte/natsoz/programm_nsdap_20.htm .

35 Tyrell, A., *"O baterista" ... ,* pp. 84–85. Konrad Heiden, que já escreveu no meados da década de 1930, atribui um papel muito maior a Hitler na criação do programa. Por outro lado, ele erroneamente afirma que o programa era apenas uma questão de propaganda para Hitler, ou seja, que ele realmente não acreditava nos pontos listados nele (Heiden, K., *Hitler ...* [Vol. I], p. 87).

Machine Translated by Google

Samuel Koehne também mostrou que os dois comentários oficiais do programa partidário do NSDAP, um de Alfred Rosenberg de 1923 e um de Gottfried Feder de 1927, confirmam que o ponto 24 visava fortemente os judeus e sua suposta influência destrutiva na moralidade alemã e na raça alemã. Feder pensou que “era óbvio que o Ponto 24 era um ponto antissemita, assim como outros que examinaram o programa”. 36

Os elementos básicos do nacional-socialismo de Hitler e do NSDAP estavam, portanto, mais ou menos todos presentes no nacional-socialismo cristão de Naumann e Stoecker das décadas de 1880 e 1890.
No entanto, o principal impulso para o antissemitismo de Hitler não veio dos argumentos motivados religiosamente de Naumann, mas de argumentos baseados em ideias sobre raça biológica e cultura na tradição de Wilhelm Marr, Eugen Dühring e Theodor Fritsch. Marr, um secularista completo, foi o autor de um dos textos fundamentais do antissemitismo moderno, a saber, *Der Sieg des Judentums über das Germanenthum* (A Vitória do Judaísmo sobre o Germanismo) de 1879. Marr, que foi apelidado de "o patriarca do antissemitismo" por Moshe Zimmerman em um livro de 1986, e que foi creditado por cunhar a frase em si, alegou que os judeus se disfarçaram e que eles se "alojaram na Alemanha como um 'estado dentro de um estado'", uma expressão literalmente usada por Hitler em *Mein Kampf,* e que seu objetivo era a dominação mundial total e a destruição da nação alemã. Notavelmente, também, Marr apresenta a ideia produtivista sobre os judeus como um povo que evita o “trabalho real”.

Marr argumentou que os judeus tinham derrotado quase completamente os alemães na década de 1800 e viam “apenas uma última e desesperada 'expressão popular' de luta antijudaica: nomeadamente, a 'agitação contra a usura' numa época em que 'o povo pobre *[Volk]* de todas as classes *[Stände]* continua a ser vítima dos usurários [judeus] e dos seus... ajudantes germânicos'.”37

Esta é uma formulação que é basicamente idêntica à que encontramos no ponto 18 do programa do partido NSDAP; é quase como se os autores do programa tivessem o texto de Marr em mente quando formularam a parte

36 Koehne, S., “O critério racial...”, p. 588.

37 Kedar, A., “National Socialism before Nazism ... ,” pp. Citações e tradução de Kedar. Para a citação “um estado dentro do estado”, veja *Hitler, Mein Kampf ...* (Band I), p. 427 **[158].** Os editores do volume crítico não notam essa semelhança com Dühring nesta ocasião, embora o façam em outros lugares.

Machine Translated by Google

sobre a pena de morte para usurários, independentemente de sua religião ou raça, ou seja, se eram usurários judeus ou seus ajudantes alemães traidores. No capítulo "A Carreira dos Judeus" em *Mein Kampf,* Hitler deixou claro que o judeu nunca trabalhou na sociedade como um "produtor", mas como um "agiota", sempre cobrando "juros exorbitantes", e que o judeu era o inventor dos juros como tal. 38 Este foi essencialmente um comentário sobre a demanda do programa do partido pela pena de morte contra usurários, confirmando que a razão pela qual ela se aplicava a todas as religiões e raças era por causa do conteúdo antissemita inerente em todo o programa do NSDAP.

1.6 Misturando antissemitismo racial e cristianismo Ideologia Produtivista

Outro paralelo entre o Nacional-Socialismo de Naumann, por um lado, e o de Hitler, por outro, é o foco no "produtivismo cristão". Essa era uma visão que elevava o chamado trabalho produtivo a um status de "princípio organizador moralmente sancionado para a sociedade", que via a sociedade como uma dicotomia consistindo em "produtores" e "não produtores". Os últimos eram considerados "parasitas" que viviam do trabalho produtivo dos primeiros. Essa visão também era a peça central da *Weltanschauung* de Theodor Fritsch, de extrema direita.

Era, em suma, algo que era característico do antissemitismo moderno em sua totalidade. O produtivismo também se tornou uma maneira de Naumann e Fritsch rejeitarem o conservadorismo ético de Stoecker. Foi consequentemente também um pilar principal no Nacional-Socialismo de Hitler e do NSDAP, e Hitler escreveria longamente sobre como os judeus eram parasitas vivendo no "corpo" *(Körper)* de outros povos em *Mein Kampf.* Fritsch é, claro, ainda mais central para essa forma de Nacional-Socialismo, já que ele não foi apenas uma inspiração ideológica para os nazistas, mas também um membro entusiasmado do partido da década de 1920 até sua morte em 1933. Hitler mencionou explicitamente a grande influência que Fritsch teve sobre ele, especialmente em seu antissemitismo. 39

38 Hitler, *Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 805 **[327].**

39 Kedar, A., "O nacional-socialismo antes do nazismo...", pp. 29–31, 92–93; *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), pp. 791–793 **[322–323].**

Machine Translated by Google

Os nacional-socialistas (ou seja, o socialismo de direita) não eram contra a propriedade privada em si, não se ela fosse usada para "trabalho honesto" e não prejudicasse o interesse público ou a comunidade nacional, explicou Jung. Com imagens bíblicas, ele descreveu quem se qualificava como trabalhadores "produtivos". Não era apenas "o artista, em quem a centelha divina brilha em sua alma, o inventor, o empreendedor previdente, o comerciante ousado" que se enquadrava nessa categoria. Assim como "também o fazendeiro" e "o silvicultor" que trabalhavam o solo e a floresta para ganhar a vida da Mãe Terra "com o suor de sua testa". Esta última é uma linha tirada diretamente do conto no livro de Gênesis sobre o pecado original e a queda da graça que levou os humanos a serem banidos do Jardim do Éden. Também "o funcionário, que se importa com o bem-estar do público em geral" contava como um trabalhador "produtivo", explicou Jung. 40 Seria, naturalmente, bastante estúpido definir as coisas de tal forma que alguém se encontrasse entre o grupo improdutivo.

Fritsch, ou Frey, não era um teólogo ou mesmo um filósofo, mas um engenheiro. No entanto, ele fundou a editora *Hammer Verlag,* que publicou muita literatura antissemita (incluindo a falsificação *Os Protocolos dos Sábios de Sião),* bem como o *Deutsch-Soziale Partei* (Partido Social Alemão – não confundir com o *Deutschsozialistische Partei* mencionado acima) em 1889. Ele até se sentou no *Reichstag* por um curto período em 1924. De acordo com Fritsch, Jesus era um ariano de ascendência galileana cujo pai tinha sido um soldado romano, e toda a sua vida foi uma batalha constante contra os judeus. Fritsch argumentou que o cristianismo "era um protesto ariano contra o espírito desumano dos judeus" e que, ao contrário do materialismo judaico, o (verdadeiro) cristianismo era puro idealismo. Fritsch argumentou que Jesus era um personagem genial *(Genie)* e que, como tal, ele poderia, por definição, não ser judeu. A ideia do “gênio criativo” tinha um status quase mitológico nos círculos racistas de direita durante esse período, e toda grande personalidade histórica era interpretada em termos de ter sido um gênio.
Isso incluía Hitler também, cuja autoimagem foi em grande parte construída sobre esse conceito. Isso significava que os ideólogos que o seguiram

[40] Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 90–91.

Machine Translated by Google

Fritsch poderia simplesmente adicionar alguma ornamentação pseudocientífica a esse argumento para fazê-lo

parecer um fato sólido. 41 No entanto, em meados da década de 1890, Naumann veio a abandonar seu Socialismo Cristão por um Nacional Socialismo mais pronunciado que substituiu o ideal ético de reforma social por um existencialismo nacional que superou todos os imperativos éticos e, simultaneamente, seu produtivismo cristão por um produtivismo nacionalista. O Nacional Socialismo de Naumann agora rejeitava explicitamente a ideia de que a propriedade privada deveria ser abolida, mas mirava no "abuso de propriedade" e no crescimento incomensurável do capital. Aqui também, foi o conceito de trabalho produtivo que teve precedência; o capital carregava consigo juros, e a renda dos juros não era considerada produtiva, uma vez que não produzia bens úteis. Apesar disso, Naumann *não* rejeitou a concentração de capital per se, porque ele a celebrava explicitamente quando era combinada com grande concentração de empreendimento, como no caso de grandes empreendedores como Krupp e Stumm. No entanto, quando era o resultado de "aluguel de terras", como juros de hipotecas e aluguel de casas – e Naumann conectou essa ideia ao seu antissemitismo ao mencionar explicitamente "Rothschild, Bleichbröder e empresa" como exemplos de capitalistas improdutivos e acumuladores de juros – então era anátema. Isso não era nada além de uma forma de lei de usura *(Wuchergesetz* em alemão), e Naumann alegou que sua forma social cristã de "anticapitalismo prático" havia sido informada por "conservadores e antissemitas". A proibição de juros, ou renda adquirida sem trabalho, tem uma longa história no cristianismo e já foi condenada por Tomás de Aquino, que também lançou o "anticapitalismo prático" não era nada mais do que proteccionismo capitalista nacionalista. 42 Este "anticapitalismo prático" não era nada mais do que

Fritsch foi muito influenciado por Marr quando afirmou que os judeus eram a fonte de toda a miséria do povo alemão, uma vez que "eles drenam o sangue do corpo nacional *[Volkskörper]".* No entanto, Fritsch foi além de Marr quando declarou que os judeus eram fisicamente

41 Fenske, W., *Wie Jesus zum "Arier" wurde ... ,* pp. 96–97. Para a importância do conceito de "gênio" para Hitler, veja Pyta, W., *Hitler ... ,* pp. 219–260.

42 Kedar, A., "National Socialism before Nazism ... ," pp. 25, 28–30, 42. Citações e tradução de Kedar.

Machine Translated by Google

incapazes de trabalho físico (a terrível e trágica ironia é que os nazistas escravizariam os judeus e os assassinariam, em grande parte, por meio de tal trabalho físico no sistema de campos de concentração e, ao fazê-lo, provariam que essa suposição estava errada no processo, embora eles sem dúvida vissem as altas taxas de mortalidade entre os trabalhadores escravos judeus como uma confirmação da ideia de Fritsch). Eles, portanto, passavam seu tempo pechinchando, negociando e cobrando juros exorbitantes. Os judeus possuíam uma "natureza nômade", afirmava Fritsch, e eram "cosmopolitanos". Eles eram, portanto, também incapazes de sentimentos nacionalistas e, consequentemente, um judeu nunca poderia ser um verdadeiro patriota alemão, não importa o quão assimilado ele fosse. Além disso, Fritsch também foi muito influenciado por Eugen Dühring, que alegou que os judeus, a quem ele acusou de serem "a manifestação mais maligna de toda a raça semítica", não poderiam ser definidos como uma comunidade religiosa, mas apenas como uma raça (essa ideia também foi ecoada por Hitler em sua carta a Adolf Gemlich em 16 de setembro de 1919, a primeira evidência escrita que temos do antissemitismo nacional-socialista de Hitler, e mais tarde em *Mein Kampf,* onde ele alegou que os judeus eram apenas uma raça, ou um povo, e não uma comunidade religiosa, e que eles apenas usavam a religião como uma ferramenta para se espalhar como uma doença destrutiva sob o pretexto de liberdade religiosa). Marr não via a raça como sendo tão importante e constitutiva da chamada questão judaica quanto Dühring e, seguindo-o, Fritsch o fez. Dühring introduziu a ideia de que era a mistura racial, não o casamento religioso, que ameaçava o povo alemão. Era uma visão de mundo maniqueísta caracterizada por uma batalha entre o bem absoluto e o mal absoluto, manifestada na carne como o povo alemão e judeu, respectivamente. Também é digno de nota que Dühring, como Hitler mais tarde faria, também considerou o cristianismo estabelecido como "uma manifestação espiritual das qualidades raciais judaicas". Na filosofia de Dühring, o produtivismo e o capital foram divididos "em formas saudáveis ('naturais') e perniciosas, usurárias ('judaicas')". A injustiça social e o conflito de classes não estavam, portanto, estruturalmente embutidos no capitalismo em si, mas eram o resultado da atividade judaica sediciosa.

43 No entanto, onde as opiniões do antimarxista Dühring e de Hitler divergiam era em

43 Ibidem, pp. 97–102. Citações e tradução de Kedar. Ver também *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pp. 427, 795, 799 **[158, 324–325].** Ver também Lüdicke, Lars, *Hitler's Worldview: From "Mein Kampf" to the "Nero Order"* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2016), p. 43.

Machine Translated by Google

A rejeição de Jesus por Dühring precisamente porque ele era judeu.[44] Esta era, em certo sentido, uma atitude mais lógica do que aquela adotada por Hitler.

No entanto, a ideologia produtivista que Hitler e o NSDAP adotaram provavelmente não pode ser tão separada do mundo religioso, ou cristão, das ideias como, por exemplo, Asaf Kedar assume. Sem dúvida, também foi informada por ideias especificamente cristãs do Novo Testamento. Kedar também enfatiza demais, ao que parece, o grau em que as visões de Dühring eram realmente seculares por natureza. À primeira vista, isso era certamente verdade, pois ele rejeitava completamente quaisquer fundamentos religiosos para seu antissemitismo. Mas é ao mesmo tempo igualmente verdade que esse antissemitismo racial e chamado biológico continha os próprios conceitos espirituais e religiosos que Susannah Heschel apontou em seu livro *The Aryan Jesus,* conceitos como sangue e espírito, bem como como sangue e espírito interagiam entre si. [45] A metafísica em *Der Mythos des 20 Jahrhunderts* de Alfred Rosenberg declarou "que raça é a imagem da alma". “Alma significa raça vista de dentro. E, inversamente”, ele escreveu, “raça é o lado externo de uma alma”. [46] Nesse sentido, o pastor de Berlim Siegfried Nobiling criou um credo em 1932 que continha a frase “Vemos nos judeus o envenenamento espiritual e físico de nossa raça”. [47] Essas ideias não eram seculares, mas completamente mitológicas, espirituais e até mesmo religiosas em caráter. Até Kedar fala sobre o complexo de ideias de Dühring como sendo “sustentado por uma cosmologia maniqueísta que vê o bem e o mal como entidades ontológicas” que existiram no mundo e agiram ao longo da história mundial – dificilmente conceitos e ideias seculares. Ele também observa que essa dinâmica foi então *reteologizada* por Fritsch, que trouxe Deus e Satanás de volta à discussão sobre o povo alemão e judeu. Ele acreditava que Deus havia criado os judeus para atormentar a humanidade, assim como Deus havia criado parasitas e vermes para fazer o mesmo, e que, portanto, era humano-

44 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um “ariano” ... ,* p. 87.

45 Heschel, Susannah, *O Jesus Ariano: Teólogos Cristãos e a Bíblia na Alemanha Nazista* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008), pp. 18–23.

46 Citado em Varshizky, Amit, “Alfred Rosenberg: A *Weltanschauung* nazista como gnose moderna”, *Politics, Religion & Ideology,* Vol. 13, No. 3 (2012), p. 320.

47 Heschel, S., “Historiografia do antissemitismo ... ,” p. 263.

Machine Translated by Google

missão da cidade de pisotear e destruir os judeus. Os judeus eram, em suas palavras, “os herdeiros legítimos de Satanás”.48

1.7 O Guerreiro Ariano Cristo: Racial Cristão A teologia encontra o nacional-socialismo

O fato de que os primeiros nacional-socialistas como Naumann, Marr e Fritsch eram cristãos crentes naturalmente também significava que seu conceito de quem Jesus era tinha que ser influenciado por seu desenvolvimento ideológico. Naumann, por exemplo, argumentou que Jesus era "em termos éticos um adversário radical da acumulação de capital" e que o "impulso antimamonista é característico de todo o pensamento de Jesus". Ele alegou que quando o *Volk* finalmente acordasse da névoa do materialismo, cujo feitiço eles estavam atualmente sob, eles encontrariam Jesus. Era de fato moralmente errado para qualquer um "explorar seus irmãos através de juros e juros compostos enquanto eles têm abundantemente o suficiente" e "acumular tesouros na terra, embora Jesus tenha proibido isso". A dimensão ética e a necessidade de reforma ética foram uma parte importante do nacional-socialismo de Naumann e Stoecker, mas ambos repudiaram o lado ético-conservador deste nacional-socialismo inicial. 49 No livro *Jesus als Volksman* de 1894, Naumann afirmou que Cristo estava profundamente gravado no espírito do povo alemão e argumentou que ele era de fato "alemão" e um "contemporâneo" do povo alemão na época de Naumann. 50 Essas partes da concepção de Jesus de Naumann, até certo ponto, também aparecem na interpretação de Jesus por Hitler, o que talvez não seja nenhuma surpresa, considerando que Hitler era um grande admirador do prefeito extremamente antissemita de Viena, Karl Lueger, que também era o líder do Partido Social Cristão *(Christlich-Soziale Partei).* Hitler mais tarde celebraria Lueger em *Mein Kampf* como talvez o maior prefeito *alemão* (embora Lueger fosse austríaco, é claro) de todos os tempos. 51

48 Kedar, A., “Nacional-Socialismo antes do Nazismo ... ,” pp. 99, 101.

49 Ibid., pp. 27–28, 30 n30. Citações e tradução de Kedar.

50 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um “ariano” ... ,* pp. 99–100.

51 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 207 **[55];** Hamann, Brigitte, *A Viena de Hitler: Aprendizagem de um Ditador* (Munique: Piper, 1996), pp. 333–336, 393–425. Para mais informações sobre Lueger, veja Wladika, M., *Hitler’s Fathers’ Generation ...,* pp. 184–190.

Machine Translated by Google

No entanto, Naumann havia argumentado, pelo menos em 1891, que “o antissemitismo racial é basicamente também anticristão, e o cristão sabe que não pode conduzir uma luta racial com base no Evangelho”. 52 Naumann também ainda pensava em junho de 1895 que o socialismo não deveria ser baseado no darwinismo “mas deveria ser esclarecido, purificado e energizado por Jesus Cristo”. Mas apenas alguns meses depois, ele ignorou essa visão e abraçou totalmente a ideia de que a luta era “um motor benigno e divinamente ordenado da história mundial” e que, portanto, a luta era a chave para o verdadeiro progresso. Ele achou estranho que Deus tivesse criado a natureza com a premissa de que somente aquele que luta sobreviverá, apenas para então se virar e proclamar que o mesmo princípio não deveria se aplicar aos humanos, à sociedade humana e à história humana. Se a luta acabasse, Naumann agora declarou, então a história mundial, a cultura e a humanidade inevitavelmente chegariam ao fim com ela. Deus abençoou a luta, ele argumentou, e declarou que Jesus nunca exigiria que a Alemanha destruísse suas armas com as quais defendia seu *Volkskörper* e sua própria existência. Foi durante os últimos meses de 1895 que Naumann estava se livrando dos últimos vestígios de seu Socialismo Cristão, afastando-se da abordagem ética e, em vez disso, abraçando totalmente um Nacional Socialismo construído sobre a ideia social darwinista de luta e existencialismo nacional. Ele também observou que Jesus *não* havia dito a seus seguidores para não terem inimigos, mas, em vez disso, para amá-los (este era, claro, um princípio que não era muito difícil de harmonizar com o princípio social darwinista da luta pela sobrevivência – de certa forma, alguém deveria ser grato ao seu inimigo, porque era, afinal, devido à existência do inimigo que o progresso histórico era possível, de acordo com essa visão). Ironicamente, Naumann abraçou o darwinismo social sob influência direta do historiador da igreja e companheiro cristão Rudolf Sohm. Assim como Hitler faria mais tarde, Sohm criticou as tentativas de alguns partidos políticos de monopolizar Cristo e declarou que "Cristo não pertence a nenhum partido político, na verdade, a nenhum partido eclesiástico". Foi ao mesmo tempo uma crítica que defendia um estado secular e a separação entre igreja e estado.

A nova visão de Naumann sobre o mundo como uma luta racial perpétua e, concomitantemente com essa mudança, sua nova compreensão de Jesus

52 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um “ariano” ...* , p. 101.
53 Kedar, A., “Nacional-Socialismo antes do Nazismo ... ,” pp. 39–40.

Machine Translated by Google

algumas consequências ainda maiores. Em 1902, após uma visita à Palestina e tendo visto a situação social lá, Naumann também abandonou a ideia de Jesus como um reformador social e acreditava que não se deveria pedir conselhos a Jesus quando se tratasse de questões sociais e econômicas. Ele também alegou que onde quer que um estado tenha tornado o cristianismo uma religião oficial, isso não era à imagem de Cristo. 54 Não se sabe se essa mudança também significou que Naumann começou a considerar Jesus como um ariano. Hitler, é claro, incluiria essencialmente essas mesmas ideias no capítulo 11, "Pessoas e Raça" *(Volk und Rasse),* do primeiro volume de *Mein Kampf* em uma seção sob o título "A Vida é Luta" *(Leben ist Kampf).* 55 Essa ideia formou a espinha dorsal do Nacional-Socialismo de Hitler, bem como suas crenças religiosas, durante o resto de sua vida.

É precisamente a passagem "ama teu inimigo" (Mateus 5:43–48) que Eckart comenta em seu *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin.*

Nesta conversa, é Eckart quem traz a passagem à tona e Hitler que tem o papel de explicar a declaração de Jesus aos leitores. Hitler é levado a dizer:

> Aquele que é um inimigo real, um inimigo aberto, e portanto muito mais brutal, ele também pode ser amado. Pode-se pelo menos respeitá-lo, e isso também é o que Cristo quis dizer. Mas que devemos deixar entrar em nossos corações pessoas que são monstros puros, que não poderiam ser impedidas de envenenar nosso corpo e alma por nenhuma quantidade de amor no mundo; sofrer isso nem teria ocorrido a Cristo em um sonho. Afinal, ele não faz isso sozinho. Pelo contrário, ele ataca [de volta] tão forte quanto pode.
>
> 56

Este último foi uma referência de Hitler à história frequentemente usada de como Jesus expulsou os agiotas do templo com seu chicote na mão. 57 Hitler acusaria mais tarde, por exemplo, o partido católico *Zentrum* de politizar a religião, e assim o ponto 24 inspirado por Eckart no programa do partido NSDAP, que falava não apenas do partido ser

54 Gärtner, Sandro, *A síntese do nacional e do social em Friedrich Naumann* (artigo de pesquisa GRIN, 2001), pp. 6–7.
55 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 755 **[306].**
56 Citado em Heer, F., *A Fé de Adolf Hitler ... ,* p. 205. Minha tradução.
57 Ver Mateus 21:12–13; Marcos 11:15–18; Lucas 19:45–46; João 2:15–16.

Machine Translated by Google

fundada no “cristianismo positivo”, mas também na “liberdade de religião”, deve ser entendida e interpretada sob essa luz. Pode-se, é claro, argumentar que os esforços durante meados da década de 1930 para criar uma igreja estatal protestante alemã modelada na Igreja Anglicana da Inglaterra contradizem esse princípio, mas o fato de Hitler ter desistido disso quando se mostrou mais difícil do que ele havia previsto sugere que o que ele tinha em mente era mais um casamento de conveniência do que de amor verdadeiro. A intenção parece ter sido reunir todas as denominações de cristãos protestantes sob o mesmo teto.

Mas o que o termo “cristianismo positivo” significava? Na verdade, não era um termo inventado pelos próprios nacional-socialistas. Ele tinha uma história mais longa dentro do cristianismo e “significava, de acordo com a terminologia protestante da época, protestantismo conservador, fundamentalista e nacionalista”. Mas essa não era toda a história, porque o significado estabelecido não captava o elemento racial que era tão essencial na religiosidade nazista. O antissemitismo era o principal elemento do nacional-socialismo como ideologia política, e o mesmo era verdade em relação à fé cristã do movimento. Alfred Rosenberg o descreveu como “um cristianismo antijudaico extremo”. A liberdade religiosa de que se falava no ponto 24 não era, obviamente, uma liberdade, mas sim uma limitação – incluía a ressalva de que a religião não tinha permissão para ofender a lei e a moralidade do *Volk.* A moralidade estava aqui ligada diretamente ao espírito e à raça de um povo, excluindo os judeus por definição. Mas também poderia ser facilmente aplicada contra qualquer dogma cristão que fosse contra as crenças e a ideologia nacional-socialistas.

58

Hitler compartilhou sua visão dos conflitos entre as várias religiões confissões religiosas em um discurso proferido em Munique em 27 de setembro de 1923, quando afirmou que o NSDAP se baseava no “ensinamento que *Cristo* havia proclamado ao mundo, *mas que tipo de cristão cada indivíduo é, isso cabe a cada um”.* Em casa, pode-se ser católico ou protestante, mas como político, deve-se antes de tudo ser alemão, disse Hitler. Ele continuou: “Queremos ser respeitosos uns com os outros na convicção de que somos todos alemães, e somos ainda mais cristãos quando fazemos isso”. 59 Quatro anos depois, em um discurso proferido em

[58] Koehne, S., “O critério racial...”, pp. 580, 582–583, 587.
[59] *SA,* pág. 1018 (Doc. 574).

Machine Translated by Google

Em 24 de maio de 1927, Hitler declarou que, quando o NSDAP não tolerava qualquer lutas internas no partido, “acreditamos que estamos agindo de acordo com a intenção do nosso altíssimo Senhor. Servimos a Cristo mais do que aqueles que fazem alianças eleitorais com marxistas, ateus e judeus.” Hitler referia-se aos partidos católicos *Zentrum* e BVP, e continuou para repreendê-los por terem votado de maneiras no *Reichstag* que os tornaram aliados eficazes dos marxistas ateus. [60]

A ideia de que todas as confissões devem poder coexistir na

O NSDAP também foi expresso no ponto 24 do programa do partido, onde também foi dito que o partido foi fundado no “cristianismo positivo” e que permaneceu estável ao longo do tempo. Por exemplo, Goebbels observou em seu diário em 23 de fevereiro de 1937, que o partido não deveria entrar em guerra com Cristianismo e que, em vez disso, o NSDAP deveria declarar-se ser os únicos verdadeiros cristãos. Hitler havia explicado que Cristo também tinha lutou contra a dominação mundial judaica, escreveu Goebbels, mas o judeu Paulo havia corrompido os ensinamentos de Cristo e, assim, feito a Cristianismo o que Marx fez ao Socialismo. No entanto, este fato poderia não impede o NSDAP de ser verdadeiramente socialista. [61] Richard Steigmann-Gall salientou que isto também significava implicitamente que o NSDAP não podia deixar de ser cristão só porque Paulo havia corrompido as ideias de Jesus. [62] Goebbels terminou este parágrafo escrevendo: “O *Führer* é realmente um gênio. Com o poder de um profeta, ele dá sentido e contente com esta idade. Estou eufórico. Que Deus nos deixe mantê-lo por muitos décadas ainda.”63

Goebbels expressou o mesmo desejo no seu elogio a Hitler na

52º aniversário deste último em 20 de abril de 1943: “Pedimos, portanto, a um Deus misericordioso para mantê-lo com boa saúde por muito tempo ainda, e para conceder Sua bênção ao seu trabalho de libertar o nosso povo de todas as correntes”.64 O mesmo tema foi repetido novamente no elogio fúnebre de aniversário de Goebbels no ano seguinte, mas

60 *RSA,* II/1, pp. 317–319 (Documento 129). Veja também Weikart, R., *Hitler's Religion ...* , p. 78.

61 Goebbels, J., *TBJG,* I/3, p. 55 (23 de fevereiro de 1937).

62 Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ...* , pp. 118–119.

63 *TBJG,* I/3, p. 55 (23 de fevereiro de 1937). A passagem em questão pertencia a uma parte do manuscrito que, por limitações de tempo, não estava no discurso propriamente dito, mas foi incluído a publicação posterior nos jornais.

64 *GR* II, p. 57 (19 de abril de 1941). Veja também ibid., pp. 170, 216 (30 de janeiro e 19 de abril de 1943).

Machine Translated by Google

então com detalhes adicionais sobre o Deus que Goebbels desejava que abençoasse Hitler:

> Chama-se o poder eterno que nos governa de Todo-Poderoso, ou Deus, ou Providência, ou o Pai amoroso, que – como diz o coro final da Nona Sinfonia, deve habitar acima do dossel estrelado. Pedimos a este Todo-Poderoso que guarde o *Führer* para nós, que lhe dê força e bênçãos, que eleve e promova sua obra, e que confirme em nós nossa fé, que nos dê perseverança em nossos corações e força em nossa alma, para – embora após luta e sacrifício – dar a vitória ao nosso povo e, assim, cumprir a era que fomos capazes de começar![65]

A sinfonia à qual Goebbels se referia é a Nona de Beethoven, cujo movimento final, "Ode à Alegria", é uma celebração do Deus cristão. O texto era originalmente um poema escrito por Friedrich Schiller em 1785, que Beethoven retrabalhou e incluiu em sua sinfonia de 1824. Goebbels até citou o texto quando mencionou "o Pai amoroso ... deve habitar acima do dossel estrelado", uma frase que tanto na versão original de Schiller quanto na versão editada de Beethoven dizia "acima do dossel estrelado um pai amoroso deve habitar". 66 Goebbels expressou aqui sua religiosidade e fé em Deus, uma crença que nunca o abandonou e que permaneceu com ele até o fim em Berlim em maio de 1945.

O traço imperialista-expansionista na *Weltanschauung* de Hitler também é visível no Nacional-Socialismo de Naumann, onde o nacionalismo se tornou sinônimo do desejo de estender a influência da Alemanha sobre o mundo. Este era apenas um estado natural das coisas em um mundo no qual Deus havia ordenado que a luta fosse o mais alto princípio organizador para os organismos vivos. Isso levou Naumann a transformar a angústia malthusiana sobre o aumento populacional e a capacidade de uma nação de alimentar seu povo em um impulso positivo para a expansão. A nação com a maior e mais saudável população tinha uma chance melhor de vencer a luta internacional entre

65 Ibid., p. 119 (19 de abril de 1943).

66 Goebbels usa a palavra *guten* sobre Deus (ou o Pai), que é sinônimo da palavra *lieber* (que também significa "querido" ou "amado") usada por Schiller e Beethoven.

Machine Translated by Google

nações. A Alemanha precisava de taxas de natalidade mais altas e de "homens, homens para que possamos faça a guerra! As massas são decisivas na guerra moderna."[67]

A ideia de que Jesus não era de fato um judeu, mas um galileu Aryan foi avançado por Franz Schrönghamer-Heimdal em uma série de cinco artigos intitulados "Jesus era judeu?" em *Völkischer Beobachter* já em início de 1920, logo após ter aderido ao partido. Schrönghamer-Heimdal também considerava os judeus como a personificação literal do Anticristo na forma do bolchevismo judaico-marxista materialista. Outro membro influente do partido que também expressou sua admiração por Jesus foi Alfred Rosenberg. Em seu livro *O Traço do Judeu na Mudança Zeiten* (A Trilha do Judeu através dos Tempos) de 1920, ele argumentou para uma separação clara entre o Cristo e o Anticristo.[68] O O guerreiro ariano Jesus do Nacional-Socialismo, o herói antissemita, foi também apresentado em grande detalhe no livro de Hans Hauptmann, *Jesus der Aryan* (Jesus, o Ariano) de 1930.[69] Hauptmann argumentou que Jesus era um Galileu e um guerreiro por natureza *(eine Kampfnatur),* mas ele negou isso Jesus era divino. O Jesus sobre o qual Hauptmann escreveu não veio para estabelecer uma nova religião, mas para trazer uma muito antiga de volta à vida.[70] O a palavra *Kampfnatur* tinha de fato sido usada sobre Jesus por Hitler em um discurso em um comício do NSDAP em 18 de dezembro de 1926, em Munique.[71]

Em seu livro *Nacional-Socialismo,* Rudolf Jung escreveu sobre Jesus e como ele expulsou os cambistas do templo. Ele também destacou como Jesus criticou os fariseus e citou o Evangelho de João onde diz que o Diabo era o pai de tanto os judeus como os mentirosos e que os judeus estavam fazendo a mesma coisa que seu pai

[67] Kedar, A., "National Socialism before Nazism ... ," pp. 51–53. Citações e tradução por Kedar.

[68] Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* pp. 56–57, 79–80. Outros, incluindo Houston Stewart Chamberlain, já havia expressado ideias semelhantes antes disso (ibid., p. 206). Veja também Kellogg, Michael, *As raízes russas do nazismo: emigrados brancos e a construção do nacional-socialismo 1917-1945* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), págs. 238–242; Gentio, Emílio, *Contra César: Cristianismo e Totalitarismo na era do fascismo* (Milão: Feltrinelli Editori, 2010), pp. 248–258.

[69] Piper, Ernst, "Steigmann-Gall, *O Santo Reich", Revista de História Contemporânea,* Vol. 42, No. 1 (2007), pág. 50.

[70] Hauptmann, Hans, *Jesus, o Ariano: Uma Vida de Herói* (Munique: Deutscher Volksverlag Dr. E. Boepple, 1930), pp. 5–6, 9–10.

[71] *RSA,* II/1, pp. 105–106 (Documento 59). Veja também Tomberg, *F., Christianity... ,*pp. 125–126.

Machine Translated by Google

trabalho. Como Jesus tinha visto através dos judeus e suas mentiras, eles o assassinaram e crucificaram. Em vez de se tornar o Messias dos judeus, Cristo se tornou "o Salvador dos não judeus". Os judeus odiaram Cristo com paixão até hoje, escreveu Jung, porque o idealismo de Jesus – manifestado na prática de sacrificar a própria vida pela realização de uma ideia e princípio mais elevados – era ininteligível para eles.
Foi isso que Jesus fez, e isso por si só constituiu prova de que ele não era judeu, mas de sangue nórdico. O que conseguiu manter os arianos no cristianismo, uma religião que na realidade era contra a natureza ariana e para a qual eles não tinham utilidade real, foi precisamente a morte heróica de Jesus Cristo: "Este ato foi espírito do nosso espírito, sangue do nosso sangue."72 Isso retratou Jesus como uma inspiração clara e líder dos arianos e dos nacional-socialistas, e essas são as mesmas ideias que Hitler também expressou.

"O caráter masculino de Jesus" também foi abordado por Alfred Rosenberg em seu livro *Der Mythos des 20 Jahrbunderts.* Era do interesse da Igreja Católica Romana retratar Jesus como caracterizado por "humildade submissa" e proclamá-lo um ideal para atrair seguidores. "Corrigir esse retrato é mais uma tarefa indispensável para o movimento alemão de renovação", Rosenberg 73 Ele continuou:

escreveu.

> Jesus nos aparece hoje como um Senhor autoconfiante no mais alto e melhor sentido da palavra. É sua vida que é importante para o povo germânico, não sua morte sofrida... O pregador violento e o irado no templo; o homem que levou embora, e a quem "todos eles" seguiram, não o cordeiro sacrificial da profecia judaica, não o crucificado, é o ideal de hoje, que brilha para nós a partir dos Evangelhos. E se isso não brilha, então os Evangelhos também estão mortos. 74

Rosenberg sublinhou que a recalibração interior dos fiéis cristãos a Cristo lutador deve também ser necessariamente acompanhada por uma

72 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 46–47.
73 Rosenberg, Alfred, *O mito do século XX: uma avaliação das lutas espirituais e psicológicas do nosso tempo,* 3ª ed. (Munique: Hoheneichen-Verlag, 1934), p. 604.
74 Ibidem.

Machine Translated by Google

harmonização externa de expressões. Um caso em questão foi o crucifixo cristão, que manifestou o ensinamento de Cristo como um cordeiro sacrificial. Esta era uma imagem que só poderia contribuir para tornar o povo alemão relutante em enfrentar o mal de frente. Uma igreja alemã teria que substituir o Jesus crucificado e derrotado pelo "espírito do fogo ensinador, representado por heróis no sentido mais elevado". Ele observou que quase todos os artistas na Europa pintaram Jesus como um ariano – loiro e magro – e a *Madona Sistina* de Rafael (1513–14) "mostrou o Jesus loiro 'completamente heróico' no mundo". Isso porque "o amor de Cristo", Rosenberg escreveu, "era o amor de um homem que estava ciente de sua nobreza espiritual e sua forte personalidade." Este era "Jesus como Senhor," de acordo com ele: "Jesus se sacrificou como Senhor, não como um escravo."75 Isso fazia todo o sentido dentro de um contexto onde Jesus tinha sido transformado em um ariano com características "nórdicas", algo que era o tópico do livro de Franz Wolter *Wie sah Christus aus?* (Qual era a aparência de Cristo?) publicado simultaneamente com *Der Mythos des 20 Jahrhunderts* de Rosenberg em 1930. Consequentemente, em 1937, na exposição de *Entartete Kunst* (arte degenerada), o regime exibiu imagens de Cristo sofrendo na cruz como exemplos de imagens que foram proibidas. Isto porque "agonia e crucificação eram anti-heróicas e, portanto, inadequadas ao movimento nazista", escreve Susannah Heschel. O foco deveria estar na vida e ressurreição de Cristo, não em sua morte. 76

Hitler adotou o Jesus reinterpretado que o transformou em um guerreiro ariano, um exemplo brilhante de masculinidade que travou uma guerra santa contra os judeus, que eram descendentes de Satanás. Isso exigiu algumas acrobacias intelectuais, considerando que a maioria das coisas que Jesus diz e faz nos Evangelhos não eram comensuráveis com o Nacional-Socialismo. Mas Hitler aparentemente escolheu se apegar às poucas passagens que ele sentiu que falavam com ele em um nível mais profundo. O conselho de dar a outra face não estava entre estes, no entanto, e este d

75 Ibidem, págs. 617, 622.

76 Heschel, Susannah, "Confronting the Past: Post-1945 German Protestant Theology and the Fate of the Jews," em Jonathan Frankel e Ezra Mendelsohn (eds.), *The Protestant-Jewish Conundrum: Studies in Contemporary Jewry,* Vol. XXIV (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 46. "Nórdico" era simplesmente sinônimo de "ariano". O livro de Wolter foi discutido longamente pelo antropólogo racial Hans FK Günther no periódico *Volk und Rasse (Pessoas e Raça)* em 1932 (ibid., p. 65).

Machine Translated by Google

portanto, presumiu-se que foi forjado pelo judeu Paulo. Em vez disso, como Hitler disse à sua audiência em Augsburg em 6 de julho de 1923, o estado deveria ser construído sobre o "verdadeiro cristianismo" e um verdadeiro cristão não simplesmente dava a outra face como um covarde, mas, em vez disso, escolhia combater a injustiça e lutar pelo que

era certo. 77 Rosenberg proclamou que a crítica textual acadêmica havia chegado longe o suficiente para que tal renovação do Novo Testamento fosse viável. Notavelmente, Rosenberg também reconheceu a natureza divina de Jesus. Foi o Evangelho de Marcos, ele escreveu, que provavelmente continha "o verdadeiro núcleo da mensagem do filho de Deus contra a doutrina semítica do servo de Deus". O Evangelho de João foi "a primeira interpretação genial" da "experiência da polaridade eterna entre o bem e o mal contra a ilusão do Antigo Testamento" e o Deus judeu contido nele. Em Marcos, onde Jesus repreendeu Pedro por chamá-lo de Messias, não havia nenhum traço de "Jesus como o 'cumpridor' da ideia judaica do Messias, a quem Mateus e Paulo nos trouxeram para a calamidade de toda a cultura ocidental", Rosenberg pregou. Tudo isso mostrou, ele argumentou, que "as igrejas paulinas são, portanto, essencialmente não cristãs, mas sim um produto da atividade dos apóstolos judaico-sírios, tal como foi iniciada pelo autor jerusalemítico *[jerusalemitisch]* do Evangelho de Mateus e, independentemente dele, completada por Paulo". Rosenberg então citou vários parágrafos das epístolas paulinas para demonstrar a natureza judaica desses textos. Para infectar as nações e os povos com uma teocracia, tal foi "a falsificação paulina da grande figura de Cristo".

João, por outro lado, "interpretou Jesus brilhantemente, mas sua percepção de que estava lidando com um espírito antijudaico hostil ao Antigo Testamento havia sido invadida pela tradição judaica". 78 Ele continuou:

> As igrejas "cristãs" são apenas uma monstruosa falsificação consciente e inconsciente das notícias simples e alegres do Reino dos Céus dentro de nós, do filho de Deus *[Gotteskindschaft],* do serviço para o bem e da defesa flamejante contra o mal.
>
> No Evangelho original *[Urevangelium]* de Marcos encontramos também as características lendárias dos possuídos, que podemos remontar a

77 *SA,* pág. 947 (Documento 544, 6 de julho de 1923).

78 Rosenberg, A., *Der Mythos ...* , pp. 605–607.

Machine Translated by Google

> contos populares, bem como as adições embelezadoras às aventuras de Friedrich, o Grande, e Francisco, o Santo, por exemplo, que dizem ter pregado até para os pássaros. Mas o Marcos original *[Ur-Markus]* está longe de todos os arrebatamentos em que partes do Sermão da Montanha excedem umas às outras.
> Não se opor ao mal, dar a face esquerda quando você é atingido na direita e assim por diante, essas são exacerbações feministas que não podem ser encontradas em Marcos. Essas são adições forjadas por outras pessoas. Todo o ser de Jesus era um "oposicionista" ardente. Por causa disso, ele teve que morrer. ... A religião de Jesus era, sem dúvida, a pregação do amor. Toda religiosidade é, na verdade, principalmente uma excitação mental que está pelo menos internamente relacionada ao amor. ... Mas para desenvolver um movimento religioso alemão, que quer se tornar uma Igreja do Povo, é preciso explicar que o ideal de amar o próximo é subordinado ao ensino do nacionalismo; que nenhuma ação pode ser aprovada por uma Igreja do Povo Alemã, que não tenha como objetivo principal preservar o povo. 79

Rosenberg está aqui escrevendo como um teólogo tanto quanto um ideólogo nacional-socialista. O Rosenberg que encontramos nas páginas de *Der Mythos des 20 Jahrhunderts* está, portanto, longe de ser um ateu determinado a destruir o cristianismo. Pelo contrário, ele pensava em si mesmo e no NSDAP como os arautos do cristianismo real. Acho que é seguro dizer que os nacional-socialistas assumiram a reivindicação de representar o "verdadeiro" O cristianismo na forma dos ensinamentos originais de Cristo é sério.

Derek Hastings observa que as pessoas que compareceram aos comícios durante o início da década de 1920 foram lembradas repetidamente do fato de que Jesus não veio para trazer paz, mas uma espada. Hitler e os outros líderes nazistas eram constantemente retratados como lutadores cristãos heróicos representando um partido que não atribuía a um “cristianismo de palavras”, mas a um cristianismo de “ações” ou de “ação”. 80 O cristianismo protestante tradicional de “boas obras” ou “ações” era uma parte central do culto *do Führer* em geral. O chefe do *Ahnenerbe,* o filólogo

79 Ibidem, pp. 607–608.
80 Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* pp. 111–136. Para o mesmo, veja Sebottendorff, R. von, *Bevor Hitler kam ... ,* p. 26.

Machine Translated by Google

e o filósofo da religião Walther Wüst, enfatizou esse ponto em uma palestra sobre a visão de mundo ariana em *Mein Kampf* em *Hackenbräukeller ,* em Munique, em 10 de março de 1937.[81] Mas as raízes dessa ideia do Jesus ariano remontam a muito mais tempo do que isso. Portanto, não foi como se o nacional-socialismo tivesse infectado o cristianismo com suas ideias racistas estrangeiras, mas sim o contrário, como Richard Steigmann-Gall apontou. Essas ideias foram desenvolvidas por teólogos cristãos por muito tempo antes que o nacional-socialismo fosse uma realidade histórica.[82]

A ideia de um Jesus ariano foi, de certa forma, um desenvolvimento teológico natural do discurso racista de meados do século XIX em diante. Era apenas uma questão de tempo até que isso se infiltrasse nas discussões teológicas dentro do cristianismo. Não foi muito difícil introduzir essas ideias também, como Susannah Heschel mostrou em seu livro *The Aryan Jesus,* por causa do antissemitismo teológico que existia dentro do cristianismo há muitos séculos. Ernest Renan – um católico francês, linguista e estudioso da religião – foi o primeiro a dar a esse movimento os conceitos com os quais completar a transformação racial de Jesus de judeu para ariano. De acordo com Renan, Jesus nasceu judeu, mas seu status racial mudou quando ele se tornou o destruidor do judaísmo. Ele transcendeu sua própria judaidade, argumentou Renan, e abandonou sua natureza judaica. Essas ideias foram então recolhidas pelo ídolo de Hitler, Houston Stewart Chamberlain (voltaremos a ele mais tarde) e apresentadas ao mundo em seu *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* (Os Fundamentos do Século XIX) de 1899. Chamberlain acreditava de todo o coração no Jesus ariano e se considerava um verdadeiro cristão. Além disso, ele argumentava que apenas os ensinamentos de Jesus que pudessem ser feitos para concordar com sua herança ariana deveriam ser mantidos na Bíblia; o resto, que ele considerava interpolações judaicas, teria que ser limpo das Escrituras. Essa visão mais tarde se tornou

[81] Português Junginger, Horst, “De Buda a Adolf Hitler: Walther Wüst e a tradição ariana”, em Horst Junginger (ed.), *O estudo da religião sob o impacto do fascismo* (Leiden: Brill, 2008), pp. 121–125.

[82] Português Steigmann-Gall, Richard, “Cristianismo e o movimento nazista: uma resposta”, *Journal of Contemporary History,* Vol. 42, No. 2 (2007), p. 187.

Machine Translated by Google

dogma para o movimento pró-nazista *Deutsche Christen* (cristãos alemães) e sua teologia.[83]

Muitos teólogos cristãos famosos estavam envolvidos na transformação de Jesus de judeu em ariano. Aqui, encontramos professores em instituições teológicas bem conhecidas em prestigiosas universidades alemãs, como Gerhard Kittel e Paul Althaus, William Wrede, Emanuel Hirsch, Walter Grundmann, Wilhelm Bousset, Walter Bauer (um proeminente historiador do cristianismo primitivo) e Paul Fiebig. Em 1927, Bauer, em seu artigo "Jesus der Galiläer" ("Jesus, o Galileu"), argumentou que Jesus era um ariano. Longe da maioria dos teólogos alemães aceitaram a visão da *Deutsche Christen ,* é claro, mas o suficiente deles aceitou para que se tornasse uma visão dominante aceita à qual milhões de cristãos alemães aderiram, e foi pregada aos fiéis do púlpito em dezenas de milhares de igrejas (principalmente protestantes) na Alemanha. Isso incluía a ideia do Jesus não divino, isto é, o "Filho do Homem" que não era ao mesmo tempo filho de Deus ou o Messias. 84 Observe que isso significa que não é possível argumentar que aqueles que não aceitaram Jesus como divino não eram, por definição, cristãos.

A *Deutsche Christen* não era uma seita marginal, mas era a denominação dominante dentro do cristianismo alemão em meados da década de 1930, e controlava a maioria das faculdades teológicas, organizações femininas e, durante a guerra, também conseguiu se infiltrar na organização de padres militares. O *Protestant Soldier's Song Book ,* que foi distribuído em milhões de cópias aos soldados da *Wehrmacht,* seguiu a *Deutsche Christen* em seu objetivo de erradicar todas as influências judaicas da Bíblia e da música sacra. A organização tinha sua

[83] Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. 30, 33–37, 41–44, 48–55; Gutteridge, Richard, *Abra a Tua Boca para os Mudos! A Igreja Evangélica Alemã e os Judeus, 1879–1950* (Oxford: Basil Blackwell, 1976), pp. *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), p. 896 **[353].**
Para mais informações sobre o desenvolvimento teológico, veja também Kelley, Shawn, *Racializing Jesus: Race, Ideology and the Formation of Modern Biblical Scholarship* (Londres: Routledge, 2002). A palavra alemã para "ressurreição" é *Auferstehung,* uma palavra que Hitler não usou, mas a implicação ainda é a mesma, ou seja, que uma Alemanha espiritualmente morta havia se tornado espiritualmente viva novamente.

[84] Português Ericksen, Robert P., *Teólogos sob Hitler: Gerhard Kittel, Paul Althaus e Emanuel Hirsch* (New Haven: Yale University Press, 1985); Heschel, Susannah, "Estudos judaicos no Terceiro Reich: um breve olhar sobre Viktor Christian e Kurt Schubert", em *Review of Rabbinic Judaism,* Vol. 13, No. 2 (2010), p. 238. Veja também Kelley, S., *Racializing Jesus ... ,* pp. 64–88, 129–164; Heschel, S., *The Aryan Jesus ... ,* pp. 58–66.

Machine Translated by Google

sede em Eisenach, na Turíngia, na Alemanha central, e foi liderada
por Siegfried Leffler. O professor de teologia da Universidade de Jena
(1936–45), Walter Grundmann, era o chefe do departamento de pesquisa - os estudantes
85 mento. de teologia em Jena eram de fato obrigados a ler *Mein*
Kampf, e o professor de teologia prática Wolf Meyer-Erlach disseram
seus alunos que eles tinham que ler não apenas os épicos de Hitler, mas
O de Rosenberg também, antes dos exames. [86]

A ideia de um Jesus ariano estava bem estabelecida dentro
círculos teológicos no cristianismo protestante alemão até 1918, o mais tardar,
escreve Elisabeth Lorenz. Grundmann, no entanto, nunca chegou a
dizer explicitamente que Jesus era um ariano. Em vez disso, ele argumentou, no que só pode
ser descrito como uma desculpa intelectual, que Jesus, como uma criatura divina,
estava acima desta categoria humana. Jesus não tinha raça, ele afirmou, mesmo que ele
em 1940 no livro *Jesus, o Galileu e o Judaísmo* (Jesus, o
Galileu e o judaísmo/os judeus), observe a semelhança do título com o artigo de Bauer
de 1927, escreveu com a máxima certeza que Jesus não era judeu. Mas
A visão de Grundmann sobre Jesus foi baseada em argumentos vindos de- [87] Na verdade,
da biologia e da história da religião, não da biologia racial. o estudo
do judaísmo não diminuiu durante o regime nacional-socialista. Em vez disso,
floresceu, ainda que na sua forma ideológica e antissemita, e produziu
trinta e duas dissertações somente nos anos de 1939 a 1942. [88] O livro de Grundmann
foi um grande sucesso que vendeu 200.000 cópias nos primeiros seis meses. [89]

[85] Bergen, Doris L., *Twisted Cross: O movimento cristão alemão no Terceiro Reich*
(Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1996), pp. 1–8, 98–100, 148–149;
Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. 3–6, 26–66, 88–91; Lorenz, Elisabeth, *Uma Imagem de Jesus*
no Horizonte do Nacional-Socialismo: Estudos sobre o Novo Testamento do "Instituto para a
Investigação e eliminação da influência judaica na vida da igreja alemã"
(Tübingen: Mohr Siebeck, 2017), pp. 29–34.

[86] Heschel, Susannah, "Ser Adolf Hitler: Mein Kampf como Bildungsroman antissemita", em
John J. Muchalczyk et al. (eds.), *Mein Kampf de Hitler e o Holocausto: Um Prelúdio para*
Genocídio (Londres: Bloomsbury Academic, 2022), p. 189.

[87] Lorenz, E., *Uma imagem de Jesus no horizonte do nacional-socialismo ... ,* pp. 35–37. Para um
história detalhada de Grundmann e seu papel na arianização de Jesus, veja Deines, Roland, "Jesus
do Galileu: História da tradição e gênese de uma construção antissemita em Walter
Grundmann", em Roland Deines, Volker Leppin e Karl-Wilhelm Niebuhr (eds.), *Walter*
Grundmann: Um estudioso do Novo Testamento no Terceiro Reich (Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt,
(2007), págs. 43–131.

[88] Heschel, S., "Estudos Judaicos no Terceiro Reich ... ," pp. 240–241.

[89] Head, Peter, "A busca nazista por um Jesus ariano", *Revista para o estudo do passado histórico*
Jesus, Vol. 2, No. 1 (2004), pp. 79–80.

Machine Translated by Google

O conservadorismo na Alemanha, principalmente em suas partes do nordeste, como a Prússia, estava intimamente ligado às igrejas, e Shelley Baranowski sublinha que não é possível entender esse conservadorismo a menos que se investigue o papel das igrejas evangélicas em 90 O que a *Deutsche Christen* tentou fazer não era realmente novo na sociedade, e não era estranho ao cristianismo. Na verdade, era essencialmente o mesmo que o pai da igreja primitiva Marcião de Sinope (por volta de 85 a.C.–por volta de 160 a.C.) tentou fazer. Ele foi creditado com a criação do primeiro cânone cristão, que consistia em onze "livros". Apenas um dos Evangelhos no Novo Testamento, ou seja, aquele que mais tarde foi atribuído a Lucas (embora ausente a história do nascimento de Jesus e todas as referências ao Antigo Testamento), fazia parte desse cânone, e todos os outros eram textos atribuídos a Paulo. Marcião, que foi classificado como gnóstico, pensava que o Antigo Testamento estava em completa contradição com a mensagem de Jesus. O Antigo Testamento não apenas estava cheio de contradições internas, mas também era profundamente imoral e bárbaro.

O Deus judeu no Antigo Testamento simplesmente não era o mesmo Deus sobre o qual Jesus havia falado, segundo ele, mas o Demiurgo. O projeto de Marcião não foi bem-sucedido, no entanto, e ele passou a ser visto pela ortodoxia católica como um dos primeiros hereges. No entanto, seu presente para a história da igreja foi sua contribuição para a criação do cânone que ainda é aceito hoje. 91 A *Deutsche Christen,* portanto, em certo sentido, queria retornar à oposição de Marcião às influências do Antigo Testamento no cânone cristão.

Esta era a mesma visão que Houston Stewart Chamberlain adotou em seu *Mensch und Gott* (Humano e Deus) de 1922. Lá, ele saudou Marcião como um modelo gnóstico porque ele havia proclamado que o Deus judeu materialista Javé não era o pai de Jesus. O Deus judeu era o Deus criador do mal, o Demiurgo, que governava o mundo material. O Deus ariano, cujo filho era Jesus, era o Deus do amor. O Javé judeu foi aquele que cuidou para que os judeus matassem Cristo. Marcião então dedicou sua vida à libertação

90 Baranowski, Shelley, *A santidade da vida rural: nobreza, protestantismo e nazismo na Prússia de Weimar* (Oxford: Oxford University Press, 1995), p. 83.

91 Freeman, Charles, *Uma nova história do cristianismo primitivo* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), pp. 134–136.

Machine Translated by Google

Cristianismo do Antigo Testamento, ele proclamou. Era em essência uma Cristianismo maniqueísta onde o Deus do mal se opôs ao Deus do bondade. O cristianismo judaico era uma religião de leis e uma "religião de pecado"; os verdadeiros cristãos arianos não tinham necessidade de igrejas ou mesmo de dogmas religiosos. Tudo o que os arianos precisavam para encontrar Deus eram os ensinamentos de Wagner. obras de arte. [92]

A teologia e a cosmologia aqui expressas, onde um Deus que criou o mundo material (o Demiurgo) está em total contraste com um Deus transcendental, é de fato, como Amit Varshizky aponta, um Deus gnóstico conceito. Alfred Rosenberg também destacou Marcião como um pioneiro religioso, e ele pode ter adquirido essa visão de Adolf von Harnack, que publicou um livro intitulado *Marcião: O Evangelho do Deus Estrangeiro* (Marcion: Um Evangelho do Deus Estrangeiro) em 1920. [93] Não sabemos quando, ou mesmo se, Hitler leu o livro de Chamberlain, mas suas opiniões se sobrepõem frequentemente com os de Chamberlain também neste caso. Este foi um visão da relação entre o homem e Deus que convinha perfeitamente a Hitler, considerando que ele já havia usado as óperas de Wagner há muito tempo, como bem como outras peças de arte, para obter acesso a experiências transcendentais e religiosas.

É neste contexto que se deve compreender a violência massiva infligido à Bíblia hebraica ou Tanakh (ÿÿÿÿÿÿÿÿ – (isto é, os pergaminhos , (ÿÿÿÿÿÿÿ) Torá que contém e ,)ÿÿÿÿÿÿÿÿÿ) por) – ÿÿÿÿÿÿÿÿ) Ketuvim im'Nevi os nazistas durante o Pogrom de 9 a 10 de novembro de 1938. Milhares de cópias desses livros foram queimadas em centenas de cidades alemãs, grandes e pequenas, e 1.400 sinagogas foram incendiadas em um frenesi de antissemita ódio. Alon Confino ressalta que essas queimadas são muitas vezes esquecidas quando a história do Pogrom de novembro é escrita. Ele pergunta por que o Os nazistas iriam tão longe e gastariam tanta energia queimando itens religiosos. [94] Parte da resposta pode ser o desejo de purgar uma Igreja Nacional Alemanha cristã socialista do que foi considerado contaminação judaica da Bíblia cristã.

[92] Hesemann, Michael, *A religião de Hitler: a doutrina fatal da salvação do nacional-socialismo* (Munique: Pattloch Verlag, 2004), pp. 200–201.

93 Varshizky, A., "Alfred Rosenberg ... ," pp. 316, 323–324.

94 Confino, Alon, "Por que os nazistas queimaram a Bíblia hebraica? Alemanha nazista, Representações do Passado e do Holocausto", *The Journal of Modern History,* Vol. 84, Não. 2 (2012), pp. 369–370.

Machine Translated by Google

Rosenberg celebrou o livro de Chamberlain em *Der Mythos des 20 Jahrhunderts,* onde enfatizou que a luta nacional-socialista por uma renovação da vida religiosa alemã era "a busca por um caminho imediato para a personalidade de Cristo". Ele continuou afirmando que o filósofo Johann Gottfried Herder "exigiu uma vez que a religião voltada para Jesus *[Religion an Jesum]* se tornasse a religião *de Jesus [Religion Jesu].*

Foi precisamente isso que Chamberlain pretendia. Um homem completamente livre, que interiormente domina a cultura geral do nosso tempo, que demonstrou o melhor sentimento pela grande simplicidade sobre-humana de Cristo e retratou Jesus como ele uma vez apareceu: como o mediador entre o homem e Deus" [ênfase no original]. 95 Isso inegavelmente soa como um claro reconhecimento da divindade de Jesus por parte de Rosenberg. Ele então continuou sua celebração de Jesus de *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten* de 1920.

A mesma ideia foi expressa por Jung em *Der nationale Sozialismus,* onde ele afirmou que seria um erro, como alguns grupos *völkisch* fizeram, rejeitar o cristianismo original de Jesus apenas porque o cristianismo da igreja havia sido corrompido por influências e ensinamentos judaicos. O que os nacional-socialistas estavam buscando poderia ser resumido no termo "igreja do povo" *(Volkskirche),* escreveu Jung. Isso, no entanto, não implicava uma organização centralizada real da igreja, nem significava que o cristianismo deveria ser substituído por uma "fé Wotan" revivida. Aqui, Jung fez um argumento que Hitler faria mais tarde, e ele fez isso novamente quando afirmou que a reforma da igreja de Lutero foi apenas meio bem-sucedida, pois ele não libertou a igreja de seu traço "centralista" (ou seja, judaico). A "igreja do povo" nacional-socialista seria uma amálgama não confessional das igrejas protestante e católica na Alemanha. Isso os libertaria do "centralismo" internacional e os tornaria verdadeiramente nacionalistas e alemães. Um pré-requisito para a formação de uma "Igreja do Povo" livre era "a separação entre igreja e estado", escreveu Jung. Simplesmente não era possível para nenhuma comunidade religiosa alemã ser livre se estivesse associada ao estado, ele argumentou, e exemplificou isso referindo-se à situação em sua terra natal, os Sudetos. 96 É óbvio que Jung ainda não previa a tomada do poder pelos nacional-socialistas na Alemanha, já que Hitler realmente fez uma

95 Rosenberg, A., *Der Mythos ... ,* pp. 623–624.
96 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 88–90.

Machine Translated by Google

esforço para fazer exatamente o oposto, ou seja, criar uma igreja estatal como na Inglaterra. Jung argumentou dentro de um contexto assumido onde os nacional-socialistas estariam vivendo sob um governo não nacional-socialista, como era o caso na Alemanha de Weimar quando ele escreveu seu livro.

Alfred Rosenberg também escreveu sobre como uma *Volkskirche* alemã "era o anseio de milhões" de alemães. Rosenberg afirmou que a ciência poderia derrotar os dogmas falhos das igrejas cristãs, mas que nunca poderia destruir a "verdadeira religião". A Igreja do Povo reuniria todos os crentes em Deus, independentemente da confissão, se sua fé permanecesse leal à nação e não contradissesse a "honra nacional". A religião era uma questão pessoal que cabia a cada um decidir por si mesmo – em contradição com os atuais dogmas eclesiásticos do cristianismo. Os dogmas na religião eram uma criação judaica e deveriam ser evitados. O Antigo Testamento teve que ser deixado de lado. Ele representava o esforço fracassado dos últimos 1.500 anos para transformar os alemães em judeus em espírito. Foi uma tentativa intimamente ligada à "horrível dominação material dos judeus", afirmou Rosenberg. Outro esforço importante foi revisar o Novo Testamento e libertá-lo de "histórias supersticiosas" *(abergläubische Berichte).* Rosenberg então declarou que "o quinto Evangelho necessário" não seria decidido por uma reunião sinódica, mas "será a criação de um homem que experimenta o anseio pela purificação tão profundamente quanto pesquisou a erudição sobre o Novo Testamento". 97 Cada membro da *Deutsche Christen* era, é claro, um antissemita mais ou menos raivoso. Leffler, o líder deste grupo, declarou em uma conferência em 1936 que sabia que tinha uma obrigação moral de matar judeus, embora isso parecesse contradizer a proibição do assassinato no cristianismo, uma vez que era um ato defensivo destinado a salvar a nação alemã de sua destruição. Leffler disse:

> Mesmo que eu saiba que "não matarás" é um mandamento de Deus ou "amarás o judeu" porque ele também é filho do Pai eterno, sou capaz de saber também que tenho que matá-lo, tenho que atirar nele, e só posso fazer isso se me for permitido dizer: "Cristo". 98

97 Rosenberg, A., *Der Mythos ...* , pp. 599–604.
98 Heschel, S., "Historiografia do antissemitismo ... ," pp. 258–259.

Machine Translated by Google

Ninguém na conferência parece ter tido algo a dizer contra a declaração de Leffler — embora isso tenha sido antes dos próprios nazistas chegarem a essa conclusão. Em 4 de abril de 1939, a *Deutsche Christen* fundou um centro de pesquisa e propaganda com o nome incômodo de Instituto para o Estudo e Erradicação da Influência Judaica na Vida da Igreja Alemã *(Institut zur Erforschung und Beseitigung des jüdischen Einflusses auf das deutsche kirchliche Leben).* O Instituto foi extremamente bem-sucedido e ativo, e organizou muitas conferências e divulgou sua própria "pesquisa" na forma de livros e artigos. A *Deutsche Christen* tinha cerca de 600.000 pastores, bispos, professores de teologia e professores de religião como membros em meados da década de 1930, e eventualmente atraiu entre um quarto e um terço de todos os membros das igrejas protestantes na Alemanha. Foi, portanto, um verdadeiro movimento de massa. A *Bekennende Kirche* opositora nunca conseguiu reunir mais do que cerca de 20 por cento dos pastores protestantes e permaneceu como um grupo minoritário durante a curta, mas horrível história do Terceiro Reich. 99 Ernst Klee descreveu a estreita colaboração entre o clero evangélico e o regime nazista em seu livro *"Die SA Jesu Christi".* Ele mostra que o nacional-socialismo assumiu o cristianismo evangélico a tal ponto que a *Landesverein für Innere Mission* (Associação do país para a missão interna) em Hamburgo assumiu e então administrou o campo de concentração de Kuhlen da SA em julho de 1933.

Muitos outros clérigos serviram como guardas em outros campos de concentração, por exemplo, em Hannover e em Esterwegen (até 1936, o maior campo de concentração depois de Dachau), e muitos também eram membros da SA. Não é de se admirar que Klee fale sobre esses clérigos como a SA e a SS de Jesus Cristo. 100 Susannah

Heschel escreve em *The Aryan Jesus* que se o antissemitismo de Hitler teve uma recepção boa e ampla na Alemanha, então isso foi por causa da câmara de eco criada pelo implacável discurso teológico antijudaico que dominava o país, que ligava o antissemitismo nazista e o antissemitismo do cristianismo com a autoridade moral das igrejas. O antissemitismo também uniu as duas facções em luta

99 Bergen, DL, *Cruz Torcida: ...* , p. 7; Heschel, S., *O Jesus Ariano ...* , pp. 3–4, 10–17, 101–104.

100 Klee, E., *"As Palavras de Jesus Cristo"* … , pp. 61–74.

Machine Translated by Google

dentro da igreja protestante, isto é, a *Deutsche Christen* e a *Bekennende Kirche.* O antijudaísmo era, escreve Heschel, o tema mais frequente dentro do cristianismo, assim como o antissemitismo era o tema mais frequente dentro do nacional-socialismo. O nazismo não podia rejeitar completamente o cristianismo, principalmente por causa da longa história de antissemitismo dentro dessa religião; mas ele combateu a influência das igrejas nas arenas política e moral. Siegfried Hermle observa que nenhum bispo protestante, diretoria da igreja ou sínodo protestou contra o boicote contra os judeus alemães e seus negócios em 1933, e que isso pode ser explicado por referência tanto à teologia quanto ao pragmatismo político. Eles mantiveram silêncio sobre os judeus, escreve Hermle, mas, por outro lado, expressaram explicitamente seu apoio ao regime em sua comunicação com igrejas estrangeiras, minimizando o abuso e a discriminação aos quais os judeus eram expostos, quando seus colegas estrangeiros se perguntavam o que estava acontecendo na Alemanha. Mas enquanto o nazismo lutava contra as igrejas, Heschel observa, o nazismo também se baseou em ideias e tradições cristãs em sua própria propaganda para fazer com que mais alemães se juntassem ao NSDAP e ao projeto nacional-socialista. Por outro lado, a *Deutsche Christen* se baseou na *Weltanschauung* nacional-socialista para se tornarem mais atraentes aos olhos do regime. Tanto a *Deutsche Christen* quanto o NSDAP viam Hitler como uma reencarnação do Messias, escreve Heschel. O antissemitismo da *Deutsche Christen* visava apoiar ativamente e emprestar autoridade moral à opressão do regime nazista ao povo judeu, e mesmo que os objetivos do regime nem sempre se alinhassem com os da *Deutsche Christen,* o apoio desta última era, no entanto, importante para Hitler. 101 No entanto, aparentemente havia limites para o quão longe o regime desejava ir ao retribuir o amor pelo nacional-socialismo que a *Deutsche Christen* e o Instituto exibiam. Peter Head cita Martin Bormann, que deixou claro a Grundmann em setembro de 1942 que o regime não estava preparado para dar

reconhecimento oficial ao Instituto.

Os esforços de Grundmann foram “bem-intencionados”, escreveu Bormann, mas houve

101 Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. 6–9; Português Hermle, Siegfried, “A política nazista antijudaica como um desafio ao protestantismo”, em Thomas Brechenmacher e Harry Oelke (eds.), *As igrejas e os crimes do Estado nacional-socialista* (Göttingen: Wallstein Verlag, 2011), pp. 177–178.

Machine Translated by Google

nenhum interesse oficial por parte do governo em assimilar o cristianismo ao nacional-socialismo ou em provar que um cristianismo reformado estava livre de influências judaicas. Isso provavelmente não foi uma surpresa para Grundmann, que já em março de 1941 concluiu em uma conferência organizada pelo Instituto que o *Volk alemão,* que estava envolvido em "uma luta contra os poderes satânicos do judaísmo mundial pela ordem e vida deste mundo, rejeita Jesus, porque não pode lutar contra os judeus e abrir seu coração ao rei dos judeus". 102 A citação de Grundmann por Head termina aí. Isso faz parecer que Grundmann equiparou a relutância do regime em endossar o Instituto com uma rejeição a Jesus. Mas Susannah Heschel, que também cita a declaração de Grundmann, mostra que ele então continuou argumentando que não havia necessidade de se preocupar porque a "luta contra os judeus satânicos pode ser levada adiante sem ter que abandonar Jesus" porque Jesus de fato *não* era o rei dos judeus. Os judeus perseguiram Jesus e todos que o seguem até hoje, Grundmann escreveu, mas o povo ariano poderia colocar sua fé em Jesus Cristo para salvá-los. 103 Isso faz alguém se perguntar se Head não inclui esta última parte porque ele quer fazer parecer que a Alemanha de Hitler rejeitou Jesus e o cristianismo. Essa suspeita é especialmente justificada porque Head, um estudioso do Novo Testamento e um cristão, defendeu tanto Grundmann quanto o cristianismo em uma revisão crítica do livro de Heschel, *The Aryan Jesus.*

104

Considerando essa questão, também fica claro por que Head usa Rauschning acriticamente em seu próprio artigo de 2004 sobre o Cristo Ariano – ele bajula seus próprios sentimentos sobre a questão e confirma sua visão preconceituosa de que Hitler e os nazistas rejeitaram tanto o cristianismo quanto a figura de Jesus. Mas as declarações de Bormann ainda são significativas. Houve outras demonstrações semelhantes do desejo do governo de que as igrejas na Alemanha permanecessem distantes do estado também. Por exemplo, em 1936, o NSDAP exigiu que as igrejas removessem o

102 Head, P., "The Nazi Quest ... ," p. 78. O termo "rei dos judeus" era estranho para alguém como Grundmann, que argumentava que Jesus não era judeu (ver ibid., p. 85).

103 Heschel, Susannah, "Lendo Jesus como um nazista", em Tod Linafelt (ed.), *A Shadow of Glory: Reading the New Testament after the Holocaust* (Nova York: Routledge, 2002), p. 34.

Português 104 Head, Peter, " O *Jesus Ariano* de Susannah Heschel : Uma Resposta", *Revista para o Estudo do Novo Testamento,* Vol. 32, No. 4 (2010), pp. 421–430.

Machine Translated by Google

suásticas de seus altares e jornais. Isso causou protestos barulhentos de pastores e líderes da igreja que "alegaram que a suástica era um elemento-chave na vida religiosa de seus congregantes". 105 A carta de Bormann e o exemplo de 1936, no entanto, estão provavelmente entre as melhores evidências que temos de que Hitler e os outros nazistas líderes não estavam usando ideias cristãs simplesmente para fins de propaganda. Alguém poderia argumentar que o regime agiu dessa forma porque não queria ser associado ao cristianismo ou às igrejas – sejam católicas ou protestantes. Mas alguém também poderia argumentar que esta foi uma instância da liderança nazista levando a sério o ponto 24 do programa NSDAP, ou seja, que nenhuma denominação deveria ser oficialmente favorecida em detrimento de outra. A última interpretação é apoiada, por exemplo, por Gerhard Besier, que conclui que "entre a liderança política nacional-socialista, ou nazista, havia um amplo espectro de opinião com relação às igrejas tradicionais. Na realidade, o Partido Nazista... nunca realmente seguiu uma política oficial de propaganda de encorajar as pessoas a deixarem a igreja. Em vez disso, eles constantemente

se alinhavam com o Artigo 24 do programa do partido."106 Que o antijudaísmo cristão realmente pode ser um terreno fértil para o antissemitismo racial, o chamado *praeparatio antisemitica,* foi estabelecido por vários acadêmicos. 107 Isso é apoiado também por Doris L. Bergen em seu livro *Twisted Cross.* Bergen, como James M. Rhodes, Robert A. Pois e Richard L. Rubenstein, aponta para o lugar central do cristianismo na Alemanha nacional-socialista e cita Rubenstein, que escreve que a cultura que tornou os campos de extermínio possíveis não era apenas endêmica ao Ocidente, mas era um resultado (embora não intencional) das tradições religiosas fundamentais no Ocidente. A hostilidade do cristianismo para com os judeus

105 Ericksen, Robert P. e Heschel, Susannah, "As igrejas alemãs e o Holocausto", em Dan Stone (ed.), *Historiography of the Holocaust* (Londres: Palgrave Macmillan, 2004), p. 298.

106 Português Besier, Gerhard, "As Igrejas e o Nacional-Socialismo entre a Equivocação Religiosa de Hitler e o Mito de Rosenberg: Ambiguidades, Fascinação e Autoafirmação", em Martin Nykvist, David Gudmundsson e Alexander Maurits (eds.), *Clássicos da História da Igreja do Norte da Europa ao Longo de 500 Anos: Ensaios em Honra a Anders Jarlert* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2017), p. 153.

107 Veja, por exemplo, Gerdmar, Anders, *Roots of Theological Anti-Semitism: German Biblical Interpretation and the Jews, de Herder e Semler a Kittel e Bultmann* (Leiden: Brill, 2009), p. 594.

Machine Translated by Google

na capacidade do Nacional-Socialismo de virar uma nação inteira (um leve exagero, é claro, considerando que havia muitos alemães que estavam dispostos a arriscar suas vidas para ajudar os judeus) contra os judeus. Bergen enfatiza como as influências e imagens cristãs inundaram a Alemanha nazista por meio de campanhas de propaganda nazista. Por exemplo, a iconografia que o regime usou em seu benefício estava cheia de referências a "auto-sacrifício" e "redenção". Como foi o caso na Croácia durante o mesmo período, a história do cristianismo na Alemanha nazista mostra que as identidades religiosas, nacionais e pessoais se reforçam mutuamente de uma (às vezes)
forma mortal, de acordo com Bergen. [108]

Longe de todos na Alemanha compartilharem a visão de Jesus como um ariano, é claro. Victor Klemperer conta uma lenda que se espalhou pela Alemanha em 1938: um homem vai ao hospital em Berlim para ter seu bebê e o de sua esposa. Sobre a cama do hospital, há uma imagem do menino Jesus. O homem diz à enfermeira que a imagem deve ser retirada porque seu bebê recém-nascido não deveria ter que ver um bebê judeu ao abrir os olhos pela primeira vez. A enfermeira diz a ele que não pode fazer nada sobre isso, mas promete levar suas opiniões aos responsáveis. O homem vai embora. À noite, o médico lhe envia um telegrama dizendo: "Você teve um filho. A imagem não precisa ser removida, no entanto, porque a criança é cega."109 O humor negro como crítica à opressão ditatorial não era exclusivo da Alemanha nazista.

Encontramos o mesmo na URSS de Stalin e em todas as outras ditaduras brutais.

Embora cada vez mais estudiosos argumentem que o Nacional-Socialismo foi um movimento completamente espiritual e religioso, ainda há muitos que não concordam com essa visão e, em vez disso, acreditam que o nazismo foi baseado em ideias seculares sobre raça. Para os ideólogos nazistas, no entanto, a religião estava intimamente ligada ao conceito de raça. O idealismo ariano era considerado o mais propício ao sentimento religioso, e isso contrastava com a incapacidade materialista judaica de

[108] Bergen, DL, *Twisted Cross ... ,* pp. 8–10. Para argumentos semelhantes, veja também Rhodes, James M., *The Hitler Movement: A Modern Millenarian Revolution* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1980); Pois, Robert A., *National Socialism and the Religion of Nature* (Nova York: St. Martin's, 1986); Rubenstein, Richard L., *The Cunning of History: Mass Death and the American Future* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992).

109 Klemperer, Victor, *Serei testemunha até o último: Diários 1933–1941. Editado por Walter Nowojski com a assistência de Hadwig Klemperer* (Berlim: Aufbau Verlag, 1995). Entrada para 30 de março de 1938.

Machine Translated by Google

abrigar qualquer crença religiosa real. O judeu usava a religião como um manto, enquanto o ariano vivia e respirava isso. O ariano possuía uma "alma racial", e o importante para os nacional-socialistas não era uma teologia específica, dogma religioso ou tradição. Em vez disso, deveria ser algo que mudasse com os tempos, mas sempre permanecesse fiel ao espírito nórdico germânico. "Sangue e fé" estavam intimamente ligados. Quaisquer que fossem as particularidades das crenças religiosas específicas mantidas pelos nazistas, eles tinham que concordar com sua ideologia ultraantissemita e racista. 110 De levou acordo com o teólogo Hugo Delff (1840–98), foi precisamente o idealismo de Jesus que o a um conflito tão agudo com os judeus materialistas. Os alemães, por outro lado, eram caracterizados pelo mesmo idealismo puro de Jesus e, portanto, podiam entender intuitivamente seus ensinamentos. 111

Obviamente, o movimento para desjudaizar Jesus foi em grande parte motivado por preocupações ideológicas e racistas sobre ele ser judeu; essa foi uma mudança que ocorreu dentro de um contexto histórico específico nos países de língua alemã a partir do início dos anos 1800. Filósofos como Hegel e Fichte começaram a questionar as origens judaicas de Jesus. Mais importante para Hitler, no entanto, foi talvez que seu ídolo Richard Wagner, o compositor, pensou que Jesus não era judeu, mas ariano. No entanto, o primeiro autor a incluir a ideia de Jesus como ariano no título de um livro foi Max Sebald (1859–?), que publicou *Jesus der Arier und die jesuanische Weltanschauung* (Jesus, o ariano e a visão de mundo de Jesus) em 1886/87, no qual ele, entre outras coisas, alegou que os autores dos Evangelhos, por serem "orientais", não entenderam os ensinamentos de Cristo. Sebald até negou a divindade de Jesus e afirmou que José, que ele disse ter sido um ariano também, era o verdadeiro pai de Jesus. 112 Portanto, seria muito simplista e instrumentalista assumir que as crenças religiosas de Hitler – incluindo suas opiniões sobre Jesus – foram motivadas simplesmente por seu racismo. Tal visão não pode explicar por que os antissemitas consideravam Jesus uma pessoa que valia a pena salvar dos destroços do cristianismo em prime

110 Varshizky, Amit, "A Metafísica da Raça: Revisitando o Nazismo e a Religião", *História da Europa Central,* Vol. 52, No. 2 (2019), pp. 256–257, 259, 276–283.

111 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um "ariano" ... ,* p. 101.

112 Ibid., pp. 9–12, 83–85, 92–94. O livro de Fenske mostra quantos pensadores espalharam essa ideia.

Machine Translated by Google

parece ter havido uma crença religiosa profunda e sincera por trás desse esforço. A razão por trás desse anseio por um Jesus ariano é muito provavelmente encontrada em convicções religiosas genuínas da parte de Hitler também.

1.8 A compreensão de Hitler sobre Jesus

A primeira vez que as fontes disponíveis registram Hitler falando sobre Jesus é em 31 de agosto de 1920, quando ele fez o discurso "Por que somos antissemitas?" (pela segunda vez) para uma multidão do NSDAP em Rosenheim. 113 Hitler então aparentemente mencionou Jesus novamente em um discurso chamado "Política partidária e a questão judaica" proferido em 8 de dezembro de 1920. A transcrição do discurso no *Völkischer Beobachter* não mencionou Jesus, mas nas notas deste discurso nós realmente encontramos uma referência a "Cristo", e assim é razoável supor que Hitler realmente o mencionou. 114 Então, em 21 de abril de 1921, Hitler falou novamente em uma reunião do NSDAP em Rosenheim, onde ele, de acordo com o *Völkischer Beobachter,* disse que todos aqueles que não desejassem ver o cristianismo, que hoje infelizmente era apenas um cristianismo simbólico, ser destruído, tinham que resistir aos judeus, que tinham a ambição de roubar os alemães de sua fé cristã. “Não consigo imaginar Cristo como algo diferente de loiro e com olhos azuis”, disse Hitler, e “o Diabo, por outro lado, apenas com o focinho judeu”. 115 Esta foi a primeira vez registrada que Hitler falou sobre Jesus como um ariano.

Como vimos, isto não foi algo que Hitler tenha sonhado; foi o produto de um desenvolvimento dentro da teologia cristã a partir de meados do século XIX, nas obras de Ernst Renan,
Houston Stewart Chamberlain e Paul de Lagarde. [116] Nós sabemos que Hitler estava ciente de Lagarde, porque Alfred Rosenberg registrou uma conversa com Hitler em seu diário em 13 de dezembro de 1941, que menciona

113 *SA,* pp. 220–221 (Documento 140); Weikart, R., *Hitler's Religion ... ,* p. 81. Observe que o *Völkischer Beobachter* (ainda não era um jornal do NSDAP) incluiu um resumo mais curto que não inclui essas frases.

114 *SA,* pp. 276–277 (Documentos 172 e 173). Novamente, o *Völkischer Beobachter* ainda não era um jornal do NSDAP. A aquisição foi anunciada em 18 de dezembro de 1920.

115 *SA,* pág. 367 (Doc. 223).

116 Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. 30, 33–37, 41–44, 48–55; Fenske, W., *Como Jesus se tornou um “ariano” ... ,* pp. 9–88. Veja também Lorenz, E., *Uma imagem de Jesus no horizonte do nacional-socialismo ...*

Machine Translated by Google

Lagarde. 117 Como vimos, vários teólogos alemães famosos e influentes também aderiram a essa ideia. [118] O nazista oposicionista Otto Straßer também menciona Lagarde (ao lado de Chamberlain) em suas memórias *Hitler und ich* (Hitler e eu) e afirma que foi Eckart quem apresentou ambos os pensadores a Hitler. 119 Note que nada disso deve ser interpretado como evidência de que Hitler leu Lagarde no início dos anos 1920, embora ele possa ter lido. Timothy Ryback encontrou uma edição bem lida de 1934 de uma antologia dos escritos antissemitas e nacionalistas de Lagarde, publicada originalmente no final dos anos 1800, chamada *German Essays ,* que contém quase 100 páginas de notas manuscritas de Hitler. [120] Isso sugere que Hitler não havia lido esses textos específicos antes. Hitler, portanto, provavelmente obteve seu conhecimento de Lagarde não diretamente de Lagarde, mas de outras fontes, como Eckart, a quem ele celebrou no final do segundo volume de *Mein Kampf.* 121 Isso certamente explicaria como Eckart poderia ser tão preciso quanto às visões de Hitler sobre esse tópico em seu livro *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* de 1924. [122]

O Jesus ariano foi um tema que seria levantado por Hitler de tempos em tempos ao longo dos anos seguintes. Goebbels registrou uma conversa com Hitler em seu diário em 23 de fevereiro de 1937, onde Hitler disse que Cristo também lutou contra a dominação mundial judaica e por isso os judeus o pregaram na cruz e o mataram, deixando evidente que ele não considerava Jesus um judeu. Paulo (o apóstolo) então corrompeu o conteúdo dos ensinamentos de Cristo e, assim, fez ao cristianismo o que Marx fez ao socialismo. Este fato, no entanto, não poderia impedir o NSDAP de ser socialista,

117 Rosenberg, A., *Alfred Rosenberg ... ,* pp. 415–416. As conversas à mesa registram essa parte da conversa também, mas essa versão é redigida de forma diferente e é formulada de forma muito menos clara; veja Jochmann, W., *Monologe,* pp. 150–151.

118 Português Ericksen, RP, *Teólogos sob Hitler ... ,* passim; Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. Bergen, DL, *Cruz Torcida ... ,* pp. Chappel, James, *Católico Moderno: O Desafio do Totalitarismo e a Reconstrução da Igreja* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018), p. 99.

119 Para isso, veja Ryback, Timothy W., *Hitler's Private Library: The Books That Shaped His Vida* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2008), p. 69.

120 Ibid., pág. 134.

121 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume II), pág. 1739 **[353].**

122 Eckart, D., *Bolchevismo ... ,* pp. 18–29. Para uma análise crítica da obra de Eckart, veja Plewnia, Margarete, *On the Way to Hitler: The "Völkisch" Journalist Dietrich Eckart* (Bremen: Schünemann Universitätsverlag, 1970).

Machine Translated by Google

Hitler disse. 123 Richard Steigmann-Gall ressalta que Hitler aqui também sugere que a corrupção dos ensinamentos de Jesus por Paulo não deveria impedir o NSDAP de ser cristão. 124 O fundador da *Thule Gesellschaft,* o acima mencionado Rudolf von Sebottendorff (1875–1945), na verdade Adam Alfred Rudolf Glauer, celebrou o ideólogo *völkisch* Jörg Lanz von Lebenfels (1874–1954) como um dos precursores do Nacional-Socialismo e observou com aprovação que Lebenfels havia "tentado restaurar o texto original do Novo Testamento a partir dos livros dos pais da igreja; seus livros foram confiscados e destruídos". 125 Em suas memórias, o ex-governador-geral do Governo Geral da Polônia

Ocupada, Hans Frank, relata um episódio que teria ocorrido quando Hitler visitou Mussolini em Roma em maio de 1938 (sua única visita à capital italiana). Em um ponto durante esta visita, Hitler aparentemente permaneceu de pé em frente a um busto muito antigo de Jesus (de acordo com Frank, era o busto mais antigo existente e pensava-se que datava do século II) e contemplou esta obra de arte. Com admiração em sua voz, Hitler declarou, Frank alega, que este busto poderia muito bem ter sido feito por um artista que teve a oportunidade de perguntar sobre a aparência de Jesus a pessoas que o conheceram. De acordo com Frank, Mussolini concordou com esta visão e Hitler então supostamente disse que era a melhor evidência disponível para Este momento, portanto, parece ter tido um efeito profundo, talvez até religioso, em Hitler. Mas podemos ter certeza de que Hitler realmente quis dizer o que a visão de que Jesus não era judeu. [126] disse neste caso? Não, não podemos. Podemos ao menos ter certeza de que isso aconteceu e que não é apenas uma invenção da imaginação de Frank? A resposta honesta é que não podemos.

A razão é que Frank nem sempre é uma testemunha confiável. No entanto, mesmo que Frank tenha inventado tudo, ainda significa algo importante, a saber, o

123 *TBJG,* I/3, p. 55 (23 de fevereiro de 1937).

124 Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ...* , pp. 118–119.

125 Sebottendorff, R. von, *Antes que Hitler chegasse ...* , p. 32.

126 Frank, Hans, *Diante da forca: interpretação de Hitler e seu tempo com base em experiências e percepções pessoais* (Munique: Friedrich Alfred Beck Verlag, 1953), p. 294.
Veja também Heer, F., *Der Glaube des Adolf Hitler ...* , p. 343. Não se sabe que busto era esse porque não há nenhum busto retratando Jesus datado de qualquer lugar próximo ao segundo século em existência. A história pode ser apócrifa, mas é, no entanto, significativa, pois nos diz muito sobre como Frank via Hitler e sua admiração por Jesus.

Machine Translated by Google

fato de que ele obviamente não achava que seus leitores considerariam essa história falsa. A natureza factual da história em si, como aparece nas memórias de Frank, deveria pelo menos nos dizer que a admiração de Hitler por Jesus era bem conhecida nos círculos nacional-socialistas.

Naturalmente, o antissemitismo de Hitler informou sua visão de Jesus, mas o aspecto religioso deve ser considerado mais importante aqui porque é apenas o significado religioso que faria Hitler se importar se Jesus era judeu ou não. Não havia nada no antissemitismo racial que exigisse que Hitler protegesse Jesus do desdém que ele acumulou sobre Paulo, por exemplo. Em *Monologe im Führerhauptquartier* (as chamadas conversas de mesa) também, há várias entradas que registram declarações sobre Jesus como um ariano e Paulo como um corruptor judeu dos ensinamentos de Jesus. Isso é paralelo em outras notas também. 127 Essas eram as mesmas visões que apareceram em *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin de Eckart.* O fato de Hitler constantemente ao longo de sua vida, em várias fontes diferentes, isentar a figura de Jesus da hostilidade vitriólica que ele frequentemente expressava em relação às igrejas e ao cristianismo estabelecido deve nos dizer que ele realmente admirava Jesus de uma forma muito profunda e sincera.

1.9 A Natureza Religiosa do Conceito de Raça em Nacional Socialismo

Na introdução do livro *The Aryan Jesus,* Susannah Heschel enfatiza a importância de entender que o conceito de “raça” fundamentalmente não tem nada a ver com biologia e tudo a ver com a alma humana. Os higienistas e ideólogos raciais eram muito claros sobre esse fato, e muito tempo foi gasto classificando o que eles

127 *Monólogos ... ,* pp. 96–99, 150, 412–413; *Arquivos Federais, Berlin-Lichterfelde* (doravante, BBL), Ministério do Reich para os Territórios Orientais Ocupados, R6/34a fol. 1–82 (doravante, R6/ 34a), notas do assistente pessoal de Rosenberg, Dr. Koeppen, sobre as conversas à mesa de Hitler em 1941 (doravante, notas, Koeppen), “Relatório n.º 48. Quartel-general do Führer, quarta-feira, 22 de outubro de 1941. Folha 2: Almoço 21.10” e “Relatório nº 52. Quartel-general do Führer, domingo, 26 de outubro de 1941. Jantar 25.10,” pp. 60–61, 71. Uma versão comentada das notas de Koeppen foi publicada: Koeppen, Werner, *Outono de 1941 no “Quartel-general do Führer”: Relatórios de Werner Koeppen para seu Ministro Alfred Rosenberg. Editado e comentado por Martin Vogt* (Koblenz: Materials from the Federal Archives, Edição 10, 2002), p. 60.

Machine Translated by Google

chamavam as propriedades espirituais nas pessoas que estudavam. O corpo era apenas a representação física de qualidades morais e espirituais, e era nessas últimas categorias que a ameaça de miscigenação – isto é, mistura com outras raças – poderia ser encontrada (pensava-se que isso levaria à degeneração moral e espiritual). Muitos dos principais ideólogos raciais, como Houston Stewart Chamberlain, até rejeitaram a própria ideia de ciência e prática científica como não valendo a pena. Era inútil, já que o conhecimento era uma propriedade intuitiva da raça ariana. Em qualquer caso, quer rejeitassem medições ostensivamente científicas de crânios e corpos ou não, os resultados dessas avaliações eram os mesmos.

Heschel descreve o argumento de que o racismo é sobre biologia como ultrapassado, porque ele perde completamente o ponto de que os perigos vistos por esses ideólogos raciais diziam respeito ao que o corpo (matéria) expunha a alma (espírito). Essa conexão essencial entre corpo e alma é algo que os ideólogos raciais, e mais tarde os nazistas, herdaram da metafísica cristã, onde o foco estava no mesmo problema – a batalha entre corpo e espírito, entre o mundo material e o espiritual. Era um reflexo direto do misticismo cristão e da marca que ele havia deixado na filosofia ocidental, de acordo com Heschel. Eles também tiraram a ideia do judaísmo e dos judeus como uma manifestação do material, e do cristianismo como uma manifestação do espiritual, da filosofia cristã. Além disso, o "sangue", que tinha um lugar central dentro do discurso racista, era o elo entre espírito e corpo, humano e divino, metáfora e realidade. Essa era uma visão cristã de ponta a ponta, porque o sangue na teologia cristã é o elo entre corpo e alma, e as ideias sobre o sangue de Jesus e suas qualidades mágicas têm um lugar igualmente central dentro da fé cristã. Portanto, a conexão explícita do Nacional-Socialismo inicial com o Cristianismo não é de todo estranha, escreve Heschel. Ambos eram de certa forma naturalmente atraídos um pelo outro.

128

Samuel Koehne sugere o termo “etnoteísmo” para descrever a concepção de religião do Nacional-Socialismo. 129 Quanto mais alto na escada do desenvolvimento um povo *(Volk)* estava, Hitler explicou em um discurso em 12 de julho de 1925, maior o potencial espiritual que ele tinha e mais isso

[128] Heschel, S., *O Jesus Ariano ... ,* pp. 21–23.

129 Koehne, S., “O critério racial...”, pp. 576–577.

Machine Translated by Google

espírito veio para o primeiro plano. Esse espírito era a luxúria pela vida como ela havia se manifestado na natureza, e um Deus justo deu aos povos corajosos sua liberdade como uma recompensa por sua bravura. 130 O historiador Gerhard Ritter também observou que a conexão entre corpo, mente e espírito era parte integrante da concepção de raça de Hitler, embora permanecesse obscuro para ele exatamente como essa relação parecia. O antissemitismo parecia ser a coisa mais importante para Hitler, disse Ritter, o que ele pensava ser uma consequência da "fé" de Hitler no valor da raça nórdica.

131 Aparentemente, não ocorreu a Ritter, um cristão devoto e oponente do nacional-socialismo, que o cristianismo vinha pregando o antijudaísmo e o antissemitismo por mais de 1.000 anos antes da ascensão de Hitler no cenário mundial e que esse fato poderia ter algo a ver com o sucesso do nacional-socialismo.

1.10 Conclusão

Neste capítulo, mostrei que as raízes ideológicas do Nacional-Socialismo remontam a muito mais tempo do que 1919. Na verdade, o Nacional-Socialismo surgiu em um meio religioso conservador na Alemanha nas décadas de 1870, 1880 e 1890. No início do século XX, todos os elementos constituintes do Nacional-Socialismo de Hitler já estavam bem estabelecidos na cultura nacional alemã e na tradição intelectual.

Portanto, não havia nada de novo sobre o Nacional-Socialismo do NSDAP em si; o que era novo era, antes, a maneira como esses elementos eram combinados e transformados na miscelânea de influências ideológicas que era. No entanto, essa história mais antiga é muito raramente, e na verdade quase nunca, mencionada quando o Nacional-Socialismo de Hitler e o NSDAP é discutido. Isso significa que não podemos entender completamente por que o Nacional-Socialismo, como ideologia, se desenvolveu como se desenvolveu depois de 1919.

O fato de que o Nacional-Socialismo já tinha essas raízes religiosas desde o início, e muito antes de Hitler se tornar um Nacional-Socialista (na verdade, muito antes de ele nascer), é importante saber se desejamos entender como e por que Jesus veio a ocupar um lugar dentro da ideologia e mitologia nazistas. Não foi algo que foi introduzido por Hitler como um truque de propaganda barato. A adoração de Jesus como um ariano

130 *RSA,* I, p. 107 (Documento 55). 131 Picker, H., *Conversas à mesa de Hitler ... ,* p. 22.

Machine Translated by Google

O termo guerreiro já era bastante prevalente em certas teologias cristãs há pelo menos meio século.

Por causa do antissemitismo racial que se tornou cada vez mais forte a partir de meados de 1800 em diante, mais e mais teólogos cristãos começaram a questionar o status racial da figura central do cristianismo – Jesus. Esses teólogos, filósofos e ideólogos cristãos se sentiram muito desconfortáveis com Jesus sendo judeu. Eles, portanto, começaram um processo de transformá-lo, primeiro em um ariano espiritual galileu de ascendência racial incerta, e depois em um ariano puro-sangue. Esse processo começou já com filósofos como Hegel e Fichte, avançou através do estudioso religioso Ernest Renan e foi cumprido pelo filólogo e teólogo Paul de Lagarde e pelo compositor Richard Wagner. Chamberlain seguiu os passos de seu ídolo Wagner. Teólogos famosos como Bruno Bauer, Gerhard Kittel, Paul Althaus, Emanuel Hirsch e Walter Grundmann seguiram seu exemplo e formaram as fundações do movimento vigoroso para erradicar todas as influências judaicas da Bíblia. Na Alemanha nazista, esse projeto foi adotado pela *Deutsche Christen,* o movimento dominante da igreja simpatizante do nazismo dentro do cristianismo protestante alemão.

Foi essa herança que Hitler utilizou quando falou de Jesus como um guerreiro ariano que dedicou sua vida à luta contra os judeus materialistas. Foi o Jesus que expulsou os agiotas do terreno do templo que Hitler professou admirar e idolatrar. Hitler manteve suas opiniões sobre Jesus até o fim. Ele continuou insistindo que Jesus não era judeu e continuou considerando-o como um modelo para os nacional-socialistas em todos os lugares. Ele fez isso tanto em público quanto, mais importante, em privado. Por que ele fez isso se o caráter de Jesus não era muito importante para ele e suas crenças ideológicas e religiosas? Não havia absolutamente nenhuma razão de propaganda para Hitler declarar essa visão em particular no final da guerra se ele realmente não acreditasse no que disse. Esta é sem dúvida a evidência mais forte de que Hitler realmente acreditava no que disse sobre Jesus.

Por causa do que foi dito acima, os historiadores até agora obviamente subestimaram grosseiramente o papel que a compreensão de Hitler, e talvez a crença em Jesus, desempenhou na história de sua carreira política e do Terceiro Reich. Hitler não apenas passou de apolítico para político, e de um desconhecido para um líder político de

Machine Translated by Google

eventualmente fama nacional entre 1919 e 1924. Ao mesmo tempo, ele também deixou de ser relativamente não religioso para se tornar um fervoroso crente em Deus e na Providência. A conversa de Hitler sobre Deus, Providência e Jesus como um ariano não deve ser vista como mutuamente exclusiva. Esses eram conceitos muito provavelmente sobrepostos em sua mente. Esses dois desenvolvimentos em sua personalidade eram claramente simultâneos e conectados. Mas de quem Hitler obteve essas ideias e crenças mais diretamente? As duas figuras mais importantes para o desenvolvimento religioso e ideológico de Hitler durante o início da década de 1920, o período formativo na transformação de Hitler, foram Dietrich Eckart e Houston Stewart Chamberlain.

Machine Translated by Google

2 PROFESSORES RELIGIOSOS DE HITLER
Dietrich Eckart e Houston Stewart Chamberlain

2.1 Introdução

Quando Hitler retornou a Munique via Berlim em 21 de novembro de 1918, após ter recebido alta do hospital em Pasewalk, ele era um homem sem nenhum objetivo ou intenção real em sua vida. Seu principal medo parece ter sido ser forçado a voltar para a vida que ele levava em Viena antes da guerra, uma vida sem renda estável e sem moradia – em suma, uma vida de miséria nas ruas. Voltar para uma vida de pintura e venda de cartões postais não era uma opção que ele parece ter seriamente considerado.

Em vez disso, ele optou por permanecer no exército. O profundo senso de pertencimento que ele sentiu no exército era algo que ele nunca havia experimentado antes em sua vida. Ele estava determinado a não desistir disso e, portanto, estava preparado para fazer o que fosse necessário para manter esse sentimento. É por isso que ele retornou a Munique e continuou a servir no exército sob um regime revolucionário socialista em vez de se desmobilizar e voltar à vida civil. Essa determinação de permanecer em um contexto que lhe dava significado e pertencimento – sem mencionar moradia gratuita, comida gratuita e um bom salário mensal – é provavelmente uma razão importante pela qual a transformação de Hitler de um ninguém apolítico em novembro de 1918 para uma personalidade central no submundo *völkisch* e nacional-socialista de Munique no final de 1919 foi tão rápida. Hitler foi, é claro, auxiliado nessa transformação pelo ritmo rápido dos eventos em Munique nessa época. A história deu um salto para a frente durante aqueles meses,

Machine Translated by Google

e uma vez que o Capitão Karl Mayr o selecionou para um curso de propaganda contrarrevolucionária do exército em julho de 1919, em combinação com a ratificação do Tratado de Versalhes pelo governo alemão em 9 de julho, o destino de Hitler foi selado (de certa forma, o destino de Mayr foi selado então também, pois ele mais tarde seria preso em Buchenwald e morreria em 9 de fevereiro de 1945 durante um ataque aéreo britânico na fábrica de munições onde ele foi forçado a trabalhar). Hitler tinha sido claramente um nacionalista alemão mesmo antes da guerra, mas foi somente no verão de 1919 que ele se tornou um nacionalista de extrema direitá e antissemita ge

Este capítulo trata da influência de dois dos mais importantes ideólogos nas crenças religiosas de Hitler durante este período inicial, a saber, Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart. Seu impacto nas crenças religiosas de Hitler e na interpretação do cristianismo, bem como da pessoa de Jesus, dificilmente pode ser exagerado. No entanto, essa influência intelectual sobre Hitler durante os primeiros anos de formação não foi muito estudada e quase sempre é encoberta nas principais biografias. Portanto, é mais do que justificado dar uma olhada mais profunda em como essas duas personalidades racistas religiosas afetaram Hitler. Este capítulo abordará Chamberlain e Eckart na ordem cronológica em que suas publicações apareceram; no entanto, vale a pena notar que Hitler provavelmente leu Chamberlain somente *depois de* conhecer Eckart e que *Die Grundlagen* provavelmente foi recomendado a Hitler por ele. Esta também é provavelmente a razão pela qual encontramos uma influência mais forte de Eckart na visão de Hitler do cristianismo estabelecido e do apóstolo Paulo, entre outras coisas.

2.2 Houston Stewart Chamberlain

Com o livro *Os Fundamentos do Século XIX* (Os Fundamentos do Século XIX) de 1899, Houston Stewart Chamberlain foi impulsionado para a vanguarda do movimento *völkisch* e sua interpretação do cristianismo e de Jesus tornou-se extremamente influente, embora ele provavelmente nunca esperasse isso, pois

1 A melhor literatura sobre as atividades de Hitler em Munique e sua jornada política logo após a guerra consiste em Joachimsthaler, Anton, Hitlers Weg startedn in München 1919–1923 (Munique: Herbig Verlag, 2000), passim; Weber, T., *Becoming Hitler ...* , passim.

Machine Translated by Google

deu os retoques finais em seu manuscrito em Viena no outono de 1898. Seu casamento com a filha de Richard Wagner, Eva, em 1908, certamente não tornou sua reputação menos formidável nesses círculos. Chamberlain, é claro, se beneficiou dos desenvolvimentos ideológicos e teológicos que o precederam durante os anos 1800 e pertenceu ao que Wolfgang Fenske chamou de "terceira fase", o período de popularização do movimento para transformar Jesus em um ariano (aproximadamente 1899-1945). Junto com a viúva de Wagner, Chamberlain é considerado a "eminência parda" por trás da cena nacionalista alemã antissemita. O que também é notável sobre Chamberlain é que em 1923 ele já havia reconhecido o potencial de Hitler como um líder dentro do movimento *völkisch* .[2]

Sabemos que *Die Grundlagen* foi um dos muitos livros que Hitler pegou emprestado da biblioteca do Instituto Nacional Socialista de Friedrich Krohn, em Munique, entre 1919 e 1921.[3] Hitler finalmente conheceu Chamberlain pessoalmente na casa da família Wagner em Bayreuth em setembro de 1923. Aparentemente, a admiração não foi apenas unilateral, porque após esse encontro Chamberlain escreveu uma carta a Hitler na qual o elogiou por ter transformado completamente sua alma e ressuscitado sua crença na germanidade. Talvez Hitler ter contado a Chamberlain sobre seus planos para uma revolução de estilo fascista em Munique tenha causado a euforia? Seja como for, os sentimentos de Chamberlain supostamente deixaram Hitler fora de si de alegria. Em conexão com isso, Chamberlain, que era um cristão profundamente crente, também escreveu um artigo no *Völkischer Beobachter* com o título muito revelador “Deus quer!

Uma Deliberação sobre a Condição Contemporânea da Alemanha.” O tempo estava agora pronto para o líder nato que tinha surgido do povo alemão esperando sua hora de atacar, escreveu Chamberlain. Hitler mais tarde argumentou que Bayreuth era a cidade onde a espada espiritual, com a qual a luta era agora travada, tinha sido feita – primeiro por Wagner e depois por Chamberlain. 4

2 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um “ariano” ...* , pp. 105, 110.

3 Ryback, TW, *Biblioteca Particular de Hitler ...* , p. 50.

4 Kellog, M., *The Russian Roots of Nazism ...* , pp. 122–123, 206–207. Veja também Herbst, L., *Hitlers Charisma ...* , pp. 146–147. O relacionamento de Hitler com a família Wagner e Bayreuth é tratado em detalhes em Hamann, Brigitte, *Winifred Wagner oder Hitlers Bayreuth* (Munique: Piper Verlag, 2002).

Machine Translated by Google

A metáfora da espada era uma referência muito clara ao Novo Testamento e ao Evangelho de Mateus (10:34), onde diz que Jesus não veio para trazer paz, mas uma espada. Foi precisamente esse cristianismo combativo, que retratou Jesus como um guerreiro pronto para destruir os judeus, com quem Hitler se identificou. Significativamente, o próprio Chamberlain citou essa passagem em *Die Grundlagen.* 5 Em *Mein Kampf,* Hitler declarou abertamente a importância do trabalho de Chamberlain em seu desenvolvimento ideológico. *Die Grundlagen* foi publicado por uma empresa de propriedade de Hugo Bruckmann, que por sua vez era o marido do benfe Elsa Bruckmann. [6]

No *Monologe,* numa nota datada da noite entre 24 e 25 de janeiro de 1942, Heinrich Heim faz Hitler falar sobre seu encontro

5 Chamberlian, Houston Stewart, *Os fundamentos do século XIX, primeira metade* (Munique: Verlagsanstalt F. Brückmann A.–G., 1899), p. 44. Veja também Sebottendorff, R. von, *Before Hitler came ... ,* p. 26.

6 Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* pp. 173–174. Hitler conheceu os Bruckmanns já em 1921 por meio de seu recém-convertido, o excêntrico, mas muito bem relacionado na sociedade *de salões* de Munique , americano Ernst "Putzi" Hanfstaengl. Elsa Bruckmann ficou encantada com Hitler e logo o apresentou a várias pessoas ricas que se tornaram financiadoras do NSDAP (Othmar Plöckinger [ed.], *Quellen und Dokumente zur Geschichte von "Mein Kampf" 1924–1945* [Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2016], p. 106). No entanto, aparentemente não foi por meio dos Bruckmanns que Hitler conheceu Chamberlain. Essa honra foi dada pela maioria dos biógrafos a Helene Bechstein, a esposa do fabricante de pianos Carl Bechstein, que, como Elsa Bruckmann, sentia uma espécie de amor maternal por Hitler. Konrad Heiden, no entanto, escreve que foram Eckart e Rosenberg que apresentaram Hitler à casa dos Wagner. No entanto, há alguma confusão na literatura sobre exatamente quando Hitler conheceu Chamberlain. Anton Joachimsthaler data em 30 de setembro de 1923, que foi a data do *Deutsche Tag,* e afirma (com base nas memórias do nazista Ulrich Graf) que Hitler conheceu os Wagners pela primeira vez na mesma ocasião. Ian Kershaw confusamente dá duas datas diferentes. No texto, ele diz que a visita ocorreu em outubro de 1923 e apenas ele menciona H No entanto, na nota final dessa mesma passagem, ele diz que Hitler conheceu Chamberlain "na mesma ocasião, no final de setembro de 1923". Então, qual é? Volker Ullrich escreve, com base na carta de Chamberlain a Hitler datada de 7 de outubro de 1923, que Hitler conheceu Chamberlain em 28 de setembro após fazer um discurso em Bayreuth. O problema é que Hitler não fez nenhum discurso em Bayreuth em 28 de setembro. Talvez isso tenha sido um erro da parte de Chamberlain: ele pode ter se lembrado incorretamente. O discurso foi de fato feito em 30 de setembro, o que sabemos pelas *Sämtliche Aufzeignungen de Eberhard Jäckel.* Ullrich então data a primeira visita de Hitler à villa da família Wagner, "Wahnfried", em 1º de outubro de 1923. Hitler conheceu Chamberlain, bem como Siegfried e Winifred Wagner, pela primeira vez no final de setembro daquele ano durante a *Deutsche Tag* em Bayreuth (Ullrich, Volker, *Adolf Hitler: Biographie. Banda I: Die Jahre des Aufsteigs* [Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2013], pp . 143–144 , 873 n160 ; n.º *116 ;* [Documento 576, 30 de setembro de 1923]).

Machine Translated by Google

com Chamberlain e a visita aos Wagners, e afirma que Hitler disse que “a carta de Chamberlain chegou durante meu encarceramento!”7 Isso é incorreto (embora seja incerto se foi Hitler ou Heim que cometeu o erro), pois Chamberlain havia de fato escrito a Hitler em 7 de outubro de 1923, uma carta na qual ele celebrava Hitler e traçava paralelos entre ele e o herói Parsifal na ópera de Wagner com o mesmo nome. Em vez disso, foi Hitler quem respondeu a esta carta durante seu tempo em Landsberg (provavelmente em ou por volta de 5 de maio de 1924), embora ele a tenha endereçado a Siegfried Wagner (filho de Richard Wagner). Hitler escreveu sobre sua visita à propriedade de Wagner no “início de outubro” de 1923 e também sobre como ele até 9 de novembro havia alimentado a esperança de poder agradecer pessoalmente a Chamberlain “por suas maravilhosas [e] boas cartas”, dizendo que o Destino *(Schicksal,* ou seja, Deus) deveria lhe conceder a oportunidade de levar ao doente e sofredor Chamberlain “o melhor remédio que o mundo de hoje pode lhe oferecer”, mas que o fracasso do *golpe* havia destruído esse sonho.

[8] Pela maneira como Hitler formulou sua carta, parece que Chamberlain escreveu mais de uma carta a Hitler antes de 9 de novembro de 1923. Seja como for, não pode haver absolutamente nenhuma dúvida sobre o fato de que Chamberlain ficou completamente encantado por Hitler depois de encontrá-lo apenas uma vez.

Chamberlain interpretou a Primeira Guerra Mundial, ou a Grande Guerra como era conhecida então, como uma guerra antigermânica inspirada e controlada por poderes judeus tanto de fora quanto de dentro da Alemanha. Ele foi, portanto, também um representante proeminente do mito da “facada nas costas”, segundo o qual a Alemanha havia sido traída de dentro – e tudo foi arquitetado pelos judeus. Os paralelos entre as visões de Chamberlain e Hitler sobre Jesus são muitos e muito significativos. Em *Die Grundlagen,* Chamberlain afirmou que o nascimento de Jesus significou a introdução na história mundial de uma nova raça de humanos. Seu Cristo foi aquele que celebrou a força e evitou a fraqueza. Nessa teologia, Jesus “não foi uma 'voz divina de compaixão pelo humanismo fraco'” e os ensinamentos de Jesus sobre dar a outra face não devem ser interpretados como tal.

Em vez disso, Jesus simbolizou um renascimento da humanidade caracterizado por

7 *Monólogos ... ,* p. 224.

8 *SA,* pp. 1231–1232 (Documento 636, provavelmente 5 de maio de 1924); Hesemann, M., *Hitlers Religion ... ,* p. 203; Rißmann, M., *Hitlers Gott ... ,* pp. 106–107.

Machine Translated by Google

heroísmo – e somente os verdadeiros cristãos poderiam ser verdadeiramente heróicos. 9 Este, escreveu Rudolf Jung, era todo o propósito do NSDAP, isto é, a renovação espiritual do povo alemão. A bandeira vermelha com a suástica preta era o símbolo deste movimento, e "é nossa santa convicção" que Hitler e o NSDAP levarão o povo[10] alemão à vitória

Há uma linha muito direta entre as visões de Chamberlain e Hitler. Por exemplo, este último frequentemente repetia a ideia de que a compaixão era "falso humanismo". 11 Para ser um verdadeiro cristão, Hitler disse em uma reunião do NSDAP em Augsburg em 6 de julho de 1923, não significava "oferecer covardemente a outra face, mas ser um guerreiro pela retidão e um combatente de toda injustiça". 12 Isso foi repetido no livro de Sebottendorff *Bevor Hitler kam* em 1933, onde ele escreveu que os nacional-socialistas "não praticam o trabalho penoso do humanis *(Humanitätsdusel),* nem "damos a outra face àquele que nos golpeou na face oposta; revidamos e nos orgulhamos de golpear com força, de golpear de modo que o oponente permaneça caído no chão". Ele encerrou seu discurso referindo-se ao exemplo de Jesus Cristo: "Essa também era a opinião de nosso Salvador: ele veio trazer a espada". 13 Hitler proclamou em 27 de setembro de 1923, diante de uma congregação da *Deutschen Kampfbund* (Liga Alemã de Combate), que o NSDAP, assim como as outras duas organizações que compunham a *Kampfbund,* se baseavam "no ensinamento que Cristo havia proclamado ao mundo". Mas ele deixou que cada indivíduo decidisse o que ser cristão significava para eles. 14 O princípio de resistir à "falsa humanidade" também formou a base das políticas de eugenia nazistas, e o principal responsável por esse esforço, o médico profundamente religioso Walter Groß, motivou essas políticas e a luta contra o falso humanismo de uma forma

9 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um "ariano" ... ,* pp. 105–106; Chamberlain, HS, *O básico ... ,* p. 206.

10 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 63–64.

11 Ver, por exemplo, *RSA* II/2, p. 770 (Documento 253).

12 *SA,* p. 947 (Documento 544, 6 de julho de 1923). Hans Frank cita uma declaração semelhante feita por Hitler em suas memórias; veja Frank, H., *Im Angesicht des Galgens ... ,* p. 40.

13 Sebottendorff, R. von, *Bevor Hitler kam ... ,* p. 26. Foi afirmado que Sebottendorff naquela época "tinha rompido com o cristianismo" (Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* p. 133), mas o fato de ele se referir a Jesus como seu próprio salvador e o salvador do movimento torna isso muito menos provável de ser verdade.

14 *SA,* pág. 1018 (Doc. 574).

Machine Translated by Google

discurso de rádio em 14 de julho de 1933, dizendo: “A rosa que não floresce será arrancada e jogada no fogo, e o jardineiro cortará a árvore que não dá frutos”. 15

Esta é uma paráfrase próxima de uma das parábolas de Jesus no Sermão da Montanha, onde, de acordo com Mateus 7:19 e 12:33 e Lucas 4:43–44, Jesus disse que cada árvore que não der fruto será cortada e lançada no fogo. As mesmas palavras também são atribuídas a João Batista em Mateus 3:10. Esta parábola também aparece em João 15:1–6, que fala sobre como “o Pai” (isto é, Deus) é o jardineiro na vinha que quebra e joga fora todo ramo que não dá fruto. Jesus então diz que ele é a árvore do vinho e seus seguidores são os ramos e que cada um daqueles que não permanecerem nele será jogado fora como um ramo quebrado e murchará e morrerá, e que esses ramos serão então reunidos e lançados no fogo. A mensagem de Groß e do Nacional-Socialismo era clara: a piedade ou a compaixão não poderiam interferir no projeto de higiene racial.

No terceiro capítulo do primeiro volume de *Die Grundlagen,* Chamberlain apresentou suas ideias sobre Jesus sob o título “Die Erscheinung Christi” (“A Aparição de Cristo”), e começou proclamando que Cristo tinha que ser separado do cristianismo histórico, o que não era o que Cristo havia ensinado originalmente. De fato, os conceitos de pecado, salvação, renascimento e graça eram todas velhas ideias arianas que a igreja primitiva havia adotado e integrado ao seu cristianismo. O nascimento de Cristo significou uma transformação completa em termos de seu “significado ético para a humanidade, [para] toda a 'visão de mundo moral'”.

Ele descreve Jesus, e também o Buda, como “heróis morais”.
Somente com Jesus a humanidade recebeu “uma *cultura moral”* [ênfase no original], denotando a grande importância que a moralidade e a ética desempenhavam na visão de mundo de Chamberlain. Jesus não pregou um ensinamento monástico que fosse hostil ao mundo. Em vez disso, o ensinamento de Jesus foi caracterizado por uma perspectiva positiva que enfatizava a importância da força de vontade. O enorme foco na força de vontade era algo que caracterizava Jesus, ele afirmou. Ele também enfatizou que Cristo viu “a

15 Citado em Koontz, C., *The Nazi Conscience,* pp. 110–111. Tradução de Koontz.

Machine Translated by Google

"Providência" em todos os lugares; nada acontecia no mundo sem a aprovação de Deus. [16] Essa visão era compartilhada por Hitler até o fim.

Esta era, naturalmente, uma visão altamente contraditória, uma vez que Chamberlain, ao mesmo tempo, enfatizou o conceito e a natureza da Providência e a onipotência de Deus, o que realmente não deixou espaço algum para a vontade humana afetar o resultado de nada. Biólogos raciais na Alemanha, como Fritz Lenz, estavam bastante preocupados com este problema, uma vez que o conceito de "vontade" tinha sido central para a filosofia alemã desde Leibniz e era o foco da filosofia de Schopenhauer e Nietzsche. As implicações para o Nacional-Socialismo eram enormes, considerando o lugar central da ideia de "força de vontade" em sua *Weltanschauung.* Lenz resolveu o problema rejeitando completamente o pensamento racional. Ele proclamou que, mesmo que fosse verdade que o mundo era predeterminado, ele não negaria a existência do livre-arbítrio porque o ato voluntário era pré-condicionado e inevitável. 17 Isso tornava absolutamente

não faz sentido.

Mas a questão do livre-arbítrio também era um problema clássico na teologia cristã. Hitler adotou uma visão do problema que era muito semelhante à de Lenz. Por exemplo, em 6 de junho de 1937, em Regensburg, Hitler observou o quão impossível era ter sucesso em um empreendimento que "não fosse abençoado por este Todo-Poderoso" e como uma missão abençoada por Deus não poderia ser destruída pelo homem. Apenas algumas semanas depois, em 27 de junho, ele disse em um dia de festa *Gau* em Würzburg: "Por mais fraco que o indivíduo humano seja no final, comparado à Providência todo-poderosa e sua vontade, tão forte ele é no momento em que age de acordo com a intenção deste

[16] Chamberlain, HS, *Die Grundlagen ... ,* pp. 190–192, 199, 202, 207, 240–241. Mais adiante no livro, no entanto, Chamberlain afirma que deve ser admitido que o foco na vontade é uma influência judaica no cristianismo e que, a esse respeito, Jesus não poderia ser completamente separado do contexto judaico em que apareceu; ele de fato *era* um judeu no sentido moral. "Eu até direi que Cristo pertence 'moralmente' aos judeus", ele diz em uma passagem bastante surpreendente. Até mesmo a determinação e a vontade de Jesus eram, até certo ponto, judaicas, ele proclamou, já que a vontade era o traço mais característico dos judeus. Mas ele então imediatamente passou a afirmar que Jesus, o Salvador *(Heiland),* rompeu com esse judaísmo na aplicação da visão moral da onipotência e da Providência de Deus e na relação entre a humanidade e Deus, e na abordagem da vontade humana que se seguiu a ela (ibid., p. 248). Hitler obviamente nunca adotou *essa* visão, e não temos registro de nenhum com

17 Varshizky, Amit, "Entre a ciência e a metafísica racial: Fritz Lenz e a metafísica racial Antropologia na Alemanha entre guerras," *Intellectual History Review,* Vol. 27, No. 2 (2017), pp. 257–259. Citações de Lenz que se seguem são citadas neste artigo.

Machine Translated by Google

Providência!” O discurso de 6 de junho também foi a primeira vez registrada que Hitler usou o termo “crença em Deus” *(Gottgläubigkeit)* para descrever a religiosidade dentro do NSDAP. [18] Isso mostra como a ideia da Providência divina estava diretamente conectada às crenças cristãs dentro dessa tradição inspirada no völkisch alemão. No ponto 24 do programa do partido NSDAP, há uma formulação que lembra fortemente as ruminações teológicas de Chamberlain, a saber, onde diz que o cristianismo positivo “luta contra o espírito judaico-materialista dentro de nós e fora de nós” e que a liberdade religiosa era a melhor maneira de fazer isso, desde que a religião em questão não colocasse em risco a existência do estado ou contradissesse “os sentimentos éticos e morais da raça germânica”. 19 Isso, é claro, por definição, excluía os judeus e o judaísmo. Enquanto a primeira era uma formulação copiada de Eckart, que provavelmente a obteve de Chamberlain, a última estava diretamente relacionada à ideia de Chamberlain sobre a importância da revolução moral e ética por meio do advento de Jesus.

Enquanto Hitler reunia todos os principais generais e oficiais da *Wehrmacht* (cerca de 200 pessoas) ao meio-dia no "Grande Salão" na nova Chancelaria do Reich em Berlim em 23 de novembro de 1939, para discutir o próximo *Fall Gelb* (Plano Amarelo) - o ataque à França, Bélgica e Holanda em maio de 1940 - ele enfatizou a importância absoluta de ter Deus ao seu lado. Hitler começou apontando que a reunião tinha o objetivo de dar aos reunidos "uma visão do mundo das ideias" que dominavam seu pensamento. Ele enfatizou que permaneceu forte em sua fé, apesar de muitos contratempos durante o *Kampfzeit* e que "a Providência deu a última palavra e me garantiu sucesso". Por causa disso, ele tinha a "sólida vontade de tomar decisões brutais". Hitler então disse que foi em 1919 que ele "após uma longa luta interna decidiu se tornar um político". Este foi um momento de clareza verdadeira, já que a história oficial, conforme contada em *Mein Kampf,* era que ele havia tomado essa decisão enquanto estava no hospital em Pasewalk, no final de 1918.

[18] *HRP* I/2, pp. 700, 704 (6 e 27 de junho de 1937).

19 Ponto 24 do *Programa Básico do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães,* http://jgsaufgab.de/intranet2/geschichte/geschichte/natsoz/programm_nsdap_20 .htm. Para o mesmo ponto, veja, por exemplo, Koehne, S. “Religion in the Early Nazi Milieu ... ,” p. 675.

Machine Translated by Google

Hitler então reclamou da falta de "fiéis" *(Gläubige)* na *Wehrmacht* em suas decisões de política externa após 1933, como a remilitarização da Renânia, e observou que muitos "profetas" expressaram suas dúvidas sobre ele. Ele encerrou seu discurso sublinhando mais uma vez que o sucesso de *Fall Gelb* era "totalmente dependente do favor da Providência" e da "determinação fanática" dos líderes militares. Ele destruiria o inimigo, disse ele, porque "somente aquele que luta ao lado do destino pode ter uma Providência favorável. Durante os anos anteriores, vi vários exemplos de Providência. Além disso, no desenvolvimento atual, vejo Providência."20

É fácil ver por que Hitler deve ter se sentido assim naquele momento, porque duas semanas antes, em 8 de novembro, ele conseguiu escapar de uma tentativa de assassinato completamente ileso depois de deixar o *Bürgerbräukeller* em Munique mais cedo do que o planejado porque ele tinha que pegar o trem para Berlim. O plano era voar para lá, mas o mau tempo tornou isso impossível. O carpinteiro Georg Elser colocou uma bomba sob o palco, que estava programada para explodir às 21h20. Isso deveria ter sido no meio do discurso, mas Hitler saiu às 21h07, o que significa que ele sobreviveu enquanto outras oito pessoas morreram e cerca de sessenta ficaram feridas. Isso foi interpretado também por Goebbels como intervenção divina e como uma confirmação de que ele ficaria sob a proteção de Deus até concluir sua missão histórica. Christa Schroeder, secretária de longa data de Hitler, alegaria depois da guerra que Hitler compartilhava dessa convicção. É de fato muito provável que ele o fizesse, mas não temos nenhuma fonte contemporânea que o confirme.

[21]

Assim como Hitler faria mais tarde, Chamberlain respondeu à questão de se Jesus era judeu negativamente. No entanto, ele não estava falando principalmente sobre a judaidade de Jesus em termos raciais – embora ele considerasse isso extremamente improvável, considerando que o local de nascimento de Jesus era a Galileia (e não a Judeia, o que também não dava razão para supo

20 Michalka, Wolfgang (ed.), *História Alemã 1933–1945: Documentos sobre Política Interna e Externa* (Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996), pp. 180–182 (Documento 139). Veja também Ullrich, Volker, *Adolf Hitler: Biografia. Volume II: Os anos de declínio* (Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2018), pp. 101–102.

21 *TBJG* I/3, pp. 636–637 (9 de novembro de 1939). Para a versão de Schroeder, veja Zoller, Albert, Hitler in Private: The Experience of His Secret Secretary (Düsseldorf: Droste Verlag, 1949), p. 181.

Machine Translated by Google

eram judeus) – mas em termos de sua criação, educação e moralidade. Este último era mais importante na visão de Chamberlain do que a questão racial, que lhe pareceu uma maneira um tanto restrita de encarar o problema. Mas quem quer que alegasse que Jesus era judeu tinha que fazê-lo contra seu próprio conhecimento, ele argumentou, porque Jesus não tinha uma gota de sangue judeu em suas veias (assim, Chamberlain *se* prestou a argumentos raciais sobre Jesus, afinal). Cristo personificou, de acordo com Chamberlain, a negação do povo judeu. Em Chamberlain, também encontramos a visão de que os judeus eram incapazes de sequer ter uma religião. 22 Essa noção também era compartilhada por Hitler.

Portanto, embora houvesse diferenças muito claras entre as visões de Chamberlain e Hitler sobre o cristianismo e o apóstolo Paulo, é igualmente claro que Chamberlain foi uma inspiração importante para Hitler, como mostram sua interação pessoal e o testemunho posterior de Hitler.

É provável que Chamberlain tenha se tornado uma figura importante para Hitler por causa de seu casamento com Eva, filha de Richard Wagner, em 1908. Considerando o grande interesse de Hitler por Wagner, é de fato provável que Hitler tivesse ouvido falar de Chamberlain naquele momento. Embora não saibamos exatamente quando Hitler ouviu falar ou leu *Die Grundlagen* pela primeira vez – em partes ou na íntegra, no original ou em forma popularizada de segunda mão23 – podemos ter certeza de que deve ter sido depois de 1908, porque é extremamente improvável que Hitler tenha lido Chamberlain antes dos dezoito/dezenove anos ou antes de sua mudança para Viena no início de 1908. Na verdade, não temos nenhuma evidência direta de que ele tenha lido Chamberlain antes mesmo da Primeira Guerra Mundial. Timothy Ryback observa que Otto Straßer afirma em suas memórias *Hitler und ich* que foi Eckart quem apresentou os escritos de Chamberlain e Lagarde a Hitler. 24 Se isso for verdade, o que muito bem poderia ser, então isso significa que Hitler de fato só leu Chamberlain em 1919, no mínimo. Michael Hesemann escreve que foi durante seu tempo em

22 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um "ariano" ... ,* pp. 106–107; Chamberlain, HS, *As Fundações ... ,* pp. 18, 211, 214, 218–219, 393, 410.

23 Brigitte Hamann ressalta que Hitler não deve necessariamente ter obtido todas as ideias paralelas às de Chamberlain diretamente dele, embora ela ainda presuma que Hitler leu material relacionado a Chamberlain durante seus anos em Viena (Hamann, B., *Hitlers Wien ... ,* p. 334).

24 Ryback, TW, *Biblioteca Particular de Hitler ... ,* p. 69.

Machine Translated by Google

Landsberg disse que Hitler teve tempo para “estudar as obras reunidas de Chamberlain”. 25 Isso parece razoável, embora não possamos verificar.

Que nem todo nazista proeminente era bem lido sobre Chamberlain é claro. Após a guerra, Rudolf Heß escreveu da prisão de Spandau em Berlim para sua mãe, Klara, e contou a ela sobre como ele finalmente tinha lido o livro de Chamberlain , *Man and God: Deliberations on Religion and Christianity (Mensch und Gott: Betrachtungen über Religion und Christentum).* Através de Chamberlain, Heß obteve uma imagem completamente nova de Cristo, ele disse, uma imagem que estava em completo contraste com aquela que as igrejas cristãs estavam espalhando. As igrejas nem sequer se esquivaram de forjar partes do texto original no Novo Testamento, de acordo com Heß, que aparentemente engoliu tudo o que Chamberlain havia escrito anzol, linha e chumbada. A religião de Jesus era a mais simples imaginável, ele disse à sua mãe, e não exigia mediadores na forma de igrejas de padres. Era um Cristo que era tolerante e simples. Seu ensinamento só se preocupava com o Reino de Deus e o Pai Celestial. Era uma visão do Salvador *(Heiland)* que se alinhava muito de perto com a que ele teve durante seus anos escolares quando menino, afirmou Heß. Os objetivos do Salvador não diziam respeito a questões terrenas, mas apenas a levar o indivíduo ao céu. Só mais tarde Paulo entrou em cena, e em seu rastro seguiram centenas de pais da igreja que desejavam aprisionar o espírito livre no homem. O homem apenas se esforçou para cima em sua fé, escreveu Heß, e a graça de Deus se curvou em sua direção. A única coisa necessária para a salvação era a fé: "É assim que a palavra de Cristo se torna inteligível: 'Todo aquele que crê em Deus tem a vida'." Cristo não teve nada a ver com prostrar-se ou abandonar o mundo, no que Heß acreditava anteriormente, e ele não havia falado sobre o pecado; ele não havia punido o pecador supremo. A Igreja havia feito o melhor que pôde para esconder esses fatos dos crentes, disse Heß. Heß estava obviamente argumentando em seu próprio nome aqui, já que ele queria ser perdoado por Deus pelo que ele tinha feito durante sua vida. É um fato interessante que várias das cartas que Heß escreveu enquanto estava em Spandau tinham conteúdo religioso. Parece que seu filho também estava envolvido em deliberações religiosas e estava pensando em se juntar a uma congregação cristã. Heß escreveu que se seu filho decidisse

25 Hesemann, M., *A religião de Hitler ...* , p. 214.

Machine Translated by Google

faça isso, então seu pai ficaria feliz, porque para ele não tinha importância *como* alguém encontrava Deus. O importante era que acontecesse de acordo com as preferências pessoais do crente.
[26]

2.3 Magia do Sangue, a Teologia da Raça e o Espiritual Luta contra os judeus

Os estudos das organizações cristãs nazistas mostram muito claramente que a "judaicidade" era considerada, acima de tudo, uma qualidade espiritual – não genética ou científica. Chamberlain até rejeitou completamente a ideia de uma base científica para suas crenças. A religião ariana, isto é, o cristianismo, e o conhecimento de Deus foram dados a ele por intuição, enquanto a religião judaica era apenas uma questão de seguir regras. Os teólogos nazistas enfatizaram que o judaísmo era uma religião materialista, enquanto o cristianismo era uma religião espiritual. A ideia de raça enfatizava essa dicotomia que já estava embutida no cristianismo. Mesmo para os frenologistas mais fervorosos, a raça era, no final, uma questão das qualidades espirituais e morais que estavam alojadas no corpo. Esse era o objeto real de seus chamados estudos. Os ideólogos raciais modernos viam o corpo como o recipiente que carregava uma alma equipada com qualidades morais e éticas, Susannah Heschel aponta, e isso transformou a teoria racial em um tipo de teologia – não uma ciência. O cristianismo tinha exatamente o mesmo entendimento da relação entre corpo e alma. Para os nazistas e os ideólogos raciais, não eram os físicos dos judeus que ameaçavam o povo alemão; era o efeito degenerativo do espírito judeu. Era isso que ameaçava o espírito ou alma ariano puro. Era por essa razão que o racismo se concentrava no sangue porque a ideia era, assim como em muitas religiões, que o sangue era

[26] Heß, Ilse (ed.), *Gefangener des Friedens: Neue Briefe aus Spandau* (Leoni am Starnberger See: Druffel Verlag, 1955), pp. 169–187, citação na p. 173. Não é sem importância que o livro contenha um posfácio do editor que questiona a validade da sentença de prisão perpétua do tribunal de Nuremberg contra Heß e expressa a esperança de que o livro resultaria na libertação de Heß e na permissão de se reunir com sua esposa, Ilse (ibid., pp. 188–195). As cartas foram, portanto, de certa forma, destinadas a ser "evidências" de que Heß era um cidadão reformado. No entanto, não há nenhuma indicação de que as opiniões expressas sobre Jesus e sua fé religiosa sejam falsas.

Machine Translated by Google

o elo entre o corpo e a alma, entre o humano e o divino.
O racismo, tal como a religião, atribui qualidades morais e espirituais ao sangue. 27

Na mitologia nazista, a "essência e caráter" *(das Wesen und der Karaktär)* de um povo era totalmente determinada pelo sangue porque o sangue (ou seja, o espírito) determinava a raça. Questões culturais, como religião e idioma, eram secundárias nesse processo, de acordo com Hitler. [28] O sangue carregava características espirituais. Ironicamente, essa era a mesma visão que pode ser encontrada em Levítico 17:14, onde diz que "porque a vida de toda criatura é seu sangue: seu sangue é sua vida. ... Não comerás o sangue de nenhuma criatura, porque a vida de toda criatura é seu sangue. Quem o comer será cortado." A mesma mensagem pode ser encontrada em Gênesis 9:4.
Essas passagens se tornam ainda mais irônicas quando se considera o fato de que Hitler se absteve (mais ou menos) de comer carne e, portanto, sangue. A ideia de que o sangue carregava qualidades morais também é repetida em Mateus 27:4, quando Judas diz: "Pequei... porque traí sangue inocente". Esta foi uma referência a Jesus, que por ser divino estava inteiramente livre do pecado, e ao fato de que a queda do homem da graça e o pecado original estavam encapsulados no sangue. Em Lucas 11:50–51, Jesus amaldiçoa os fariseus e diz que o sangue de todos os profetas assassinados será uma maldição sobre eles, isto é, os judeus. Hitler e o nacional-socialismo compartilhavam a mesma visão básica da alma que é apresentada na Torá judaica. Era, em essência, uma visão de mundo bíblica.

Foi por isso que a batalha contra os judeus e sua suposta influência no mundo não foi, antes de tudo, uma batalha material e física, mas espiritual. "Estamos lutando por um estado alemão", disse Hitler em 1º de agosto de 1923, "na vanguarda do qual está uma entidade que consiste em um espírito social, nacional e puro!" Foi somente por causa da falta de um espírito tão puro que o povo alemão pereceu e agora estava em extrema necessidade de uma "atitude nacionalista fanática" no povo, porque só então o homem estava preparado para sacrificar seu sangue por sua pátria. Este estado não seria construído com base na "sabedoria internacional", ele enfatizou. 29 Muitos anos depois, em janeiro de 1941, Hitler falou sobre a

27 Heschel, S., *O Jesus Ariano ...* , pp. 18–23.
28 *SA,* p. 541 (Documento 340). Veja também Hesemann, M., *Hitlers Religion ...* , p. 239.
29 *SA,* pág. 956 (Doc. 553).

Machine Translated by Google

Kampfzeit como “talvez a maior batalha pela alma que foi travada em nossa história”. 30 Quando a guerra terminasse, ele disse em outubro do mesmo ano, então ele retornaria ao povo alemão um nacional-socialista ainda mais fanático do que nunca. 31 Ele repetiu essa ideia em maio de 1942, quando declarou em um telegrama a Robert Ley que eles tinham ido à guerra como nacional-socialistas fanáticos e que retornariam dessa batalha ainda mais fanaticamente convencidos. 32 O desprezo pelo conhecimento brilha aqui, mas a mensagem central é a compreensão de Hitler da luta contra os judeus e, portanto, da luta pela Alemanha, como sendo uma luta espiritual antes de tudo.

Quando Hitler fez seu primeiro discurso público após ser libertado da fortaleza em Landsberg, em uma reunião do NSDAP em Munique, em 27 de fevereiro de 1925, ele fez questão de enfatizar o lado espiritual e religioso da luta que o partido havia sido fundado para travar.
Com referências especificamente cristãs, ele falou sobre o “poder satânico” que havia jogado a Alemanha no poço do sofrimento e sobre a luta contra o marxismo e os portadores espirituais da “praga mundial” e do “flagelo” da humanidade: os judeus. [33] Agora, toda essa linguagem religiosa era realmente uma expressão das verdadeiras crenças de Hitler, ou apenas um truque de propaganda com o qual cortejar seu público? É claro que é impossível saber com certeza o que alguém realmente acredita. Mas, ainda assim, estamos o tempo todo tentando estabelecer, à luz das evidências disponíveis, o que é mais provável ser o caso.

Primeiro, a questão de saber se essa linguagem refletia as verdadeiras crenças de Hitler ou era apenas mera propaganda é baseada em uma premissa falsa, a saber, que essas categorias são mutuamente exclusivas. Para Hitler, não havia contradição inerente entre propaganda e visões honestamente mantidas. Se ele tivesse que usar linguagem religiosa apenas por razões de propaganda, isso era bom para ele. Se suas próprias crenças religiosas pudessem ser usadas como propaganda, isso também era bom. Afinal, os historiadores concordam que Hitler e os outros nacional-socialistas queriam dizer o que disseram sobre os judeus em sua propaganda. Então, o que devemos fazer com essas declarações acima e neste livro como um todo? Hitler provavelmente usou a linguagem especificamente cristã não apenas por razões propagandísticas, mas para expressar sua

30 *HRP* II/4, p. 1658 (30 de janeiro de 1941). 31 Ibid., p. 1766 (3 de outubro de 1941).
32 Ibid., p. 1881 (3 de maio de 1942). 33 *RSA* I, p. 20 (Documento 6).

Machine Translated by Google

crenças verdadeiras também, porque era assim que ele dava sentido ao mundo – como uma luta divina entre o bem e o mal. Segundo, outra razão pela qual deveríamos acreditar que esse era o caso é porque a congregação à qual ele estava se dirigindo era toda nazista ideologicamente convicta e membros do NSDAP (embora possa ter havido alguns descrentes na multidão também). No mínimo, Hitler entendeu que o que ele disse ressoaria com seu público porque suas crenças espirituais se alinhavam com as dele. Mas não havia necessidade real de fazer um show como esse para eles. Terceiro, um forte argumento contra a tese da "apenas propaganda" também é o fato de que Hitler raramente usava essas imagens. Se a intenção era reunir apoiadores para a causa, ou tornar os membros ainda mais fanáticos, então deveríamos esperar ver muito mais disso. Além disso, não temos nenhuma evidência que indique que Hitler bajulava um grupo de crentes com o qual ele não concordava. Portanto, devemos levar o que ele disse a sério e realmente considerar a possibilidade de que ele quis dizer o que disse, assim como quis dizer as outras coisas que disse sobre os judeus. Hitler aqui fez dos judeus os portadores de um veneno espiritual que ameaçava o povo alemão. Sim, os judeus e seu vírus ideológico na forma do marxismo eram um parasita estrangeiro dentro do corpo do povo alemão. Sangue e espírito aqui se fundiram em um todo unificado - dois lados da mesma moeda racial. Até que evidências em contrário venham à tona, temos razões muito boas para supor que Hitler estava expressando suas verdadeiras crenças aqui.

Se o chamado corpo do povo *(Volkskörper)* recebesse sangue estrangeiro, Hitler escreveu em *Mein Kampf,* então a consequência seria subsequentemente uma "fragmentação profana do nosso ser interior". Hitler via a mistura de raças como uma forma de envenenamento do sangue que dilacerava a alma ariana. Essa mistura de raças no povo alemão começou a sério com a Guerra dos Trinta Anos, ele disse. Essa foi uma ideia que Hitler provavelmente obteve do americano Madison Grant, que havia afirmado a mesma coisa em seu *The Passing of the Great Race* (que havia sido publicado em alemão depois do primeiro, mas antes do segundo, volume de *Mein Kampf* estar disponível). 34 Essa foi a razão pela qual Hitler, no segundo volume de *Mein Kampf,* argumentou que o estado alemão deveria inicialmente voltar sua atenção para o fortalecimento do físico

34 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume II), pp. 1001, 1012–1013 **[21, 27].**

Machine Translated by Google

aptidão e saúde da juventude alemã, porque com um corpo forte vinha a longevidade da alma. O fato de que os gênios eram frequentemente doentes não tinha importância, disse Hitler. Eles eram apenas as exceções que comprovavam a regra. Primeiramente, a juventude receberia uma educação espiritual, e não uma educação científica, porque o importante era dar à juventude força de vontade e a capacidade de tomar decisões. O conhecimento real sobre o mundo viria em segundo lugar, de acordo com Hitler. O estado partiria da suposição de que era melhor que um povo fosse fisicamente apto, mas sem educação, do que uma massa espiritualmente erudita de indivíduos fisicamente fracos. Isso era certamente um tanto contraditório.
"Um povo constituído por pessoas eruditas", observou Hitler, "não conquistará o Céu". Um espírito saudável poderia, a longo prazo, habitar apenas um corpo saudável, disse ele. Portanto, as escolas deveriam dedicar uma quantidade enorme de tempo à atividade física, já que não havia sentido em sobrecarregar o cérebro jovem com muito conhecimento desnecessário. 35

2.4 A natureza irracional e anticientífica da Nacional Socialismo

Brigitte Hamann propôs que o racismo pseudocientífico de Hitler não veio da leitura das fontes primárias e que, portanto, ele não foi realmente inspirado diretamente por, por exemplo, Darwin, Nietzsche, Le Bon, Chamberlain, Dühring, Schopenhauer ou Schiller.
Em vez disso, ele parece ter lido principalmente versões populares (e, especialmente no caso de Darwin, vulgarizações falsificadas) desses pensadores em jornais, revistas, panfletos e outros escritos. Todos esses textos popularizados tinham uma coisa em comum: todos eles estavam em clara oposição à ciência que era ensinada e praticada nas universidades.
De acordo com Hamann, isso era de certa forma uma parte central do *Zeitgeist,* um que estava cheio de suspeita e ódio declarado em relação à ciência estabelecida e à busca de conhecimento. Chamberlain, por exemplo,

35 Ibid., pp. 1041–1045 **[41–43].** Veja também o resto do capítulo: pp. 1047–1105 **[44–73].** Hitler está aqui aludindo ao famoso ditado "Em um corpo são vive um espírito são", que se origina do verso satírico do poeta romano Juvenal "Orandum est, ut sit mens sana in corpore sano" ("É de se esperar que um espírito são viva em um corpo são"). Era, portanto, originalmente uma frase satírica, mas com o tempo o "ordanum est" inicial caiu, e a frase se tornou uma declaração de verdade.

Machine Translated by Google

declarou sem um pingo de vergonha que era um homem sem educação; ele até se gabava de seu diletantismo, que ele descreveu como uma reação contra a "escravidão da ciência". Os cientistas eram "enterrados" em seus assuntos particulares, o que os tornava cegos para o mundo ao redor deles. Essa celebração do diletantismo foi apoiada por Hitler até a última sílaba.
Até mesmo os políticos tinham enorme sucesso entre o povo se eles se posicionassem e dispensassem "os Professores", e Karl Lueger, o prefeito de Viena que Hitler tanto estimava, era precisamente um desses celebradores do diletantismo. Uma vez que os resultados científicos de Darwin passaram a ser mal utilizados e mal interpretados a tal ponto nesta cultura, talvez não devêssemos nos surpreender que o princípio da seleção natural (que não tinha nada a ver com força ou fraqueza física) passou a ser transformado de simplesmente um mecanismo de seleção evolucionária para um imperativo moral que só se preocupava com o direito do forte de governar e destruir o fraco. 36 Para Hitler, essa hipótese se tornou uma doutrina religiosa que não podia nem deveria ser questionada, mesmo quando o próprio povo sofria por causa disso.

Rosenberg também odiava a racionalidade científica. Na verdade, ele era da opinião de que "toda a ordem liberal-burguesa, incluindo sua crença no pensamento racional, positivismo científico e progresso universal, reflete um sistema antirracial de valores, cujas raízes são encontradas no 'dogmatismo espiritual' da Igreja e da lei judaica."37 Portanto, deve ser óbvio para todos agora que o Nacional-Socialismo como *Weltanschauung* não pode ser considerado como tendo contido muito na forma de pensamento científico racional. Alguém poderia, é claro, argumentar que havia uma racionalidade inerente nas visões de Hitler se alguém aceitasse as premissas nas quais o Nacional-Socialismo era baseado. Isso é verdade. Mas então nos encontramos na situação difícil de ter que aceitar que basicamente não há ideologias ou pessoas irracionais, já que todo sistema de ideias poderia ser justificado nessa mesma base. Mais importante, está longe de ser evidente que a ideologia de Hitler, ou suas ações, eram racionais, mesmo se aceitarmos suas premissas básicas.

36 Hamann, B., *Hitlers Wien ... ,* pp. 333–336; Chamberlain, HS, *Die Grundlagen ... ,* p. ix. Observe os paralelos entre a celebração de Chamberlain e Hitler do diletante iletrado e a crítica similar de hoje aos especialistas e ao empreendimento científico. O movimento antivacina da Covid, o trumpismo, os terraplanistas e os negadores da mudança climática são apenas alguns exemplos contemporâneos.

37 Varshizky, A., "Alfred Rosenberg ... ," p. 320.

Machine Translated by Google

No entanto, o darwinismo, ou a teoria evolucionista como tal, não era algo que os nacional-socialistas celebravam ou sobre o qual construíam sua ideologia. Na verdade, o darwinismo foi criticado por ser "materialista", isto é, judeu em espírito. Isso pode parecer contraditório a princípio, mas a razão por trás dessa rejeição foi descrita por Rudolf Jung em seu livro *Der nationale Sozialismus* de 1922, no qual ele citou com aprovação o julgamento de Oswald Spengler: "O darwinismo ... torna a condição de toda a alma causalmente dependente dos efeitos de fatores materialistas." Essa era "a visão especialmente superficial de [Georg] Büchner e [Ernst]
Haeckel."38 Rosenberg também proclamou que a teoria da evolução tinha sido usada na "era liberal" para derrotar falsamente a "religião como tal" por meio da ciência. 39 Exatamente o mesmo ponto foi de fato levantado pelo fundador da *Thule Gesellschaft,* Rudolf von Sebottendorff, em seu livro *Bevor Hitler kam,* que também mencionou Büchner e Haeckel especificamente. 40 Haeckel havia rejeitado explicitamente a ideia da alma ser independente do corpo material. 41 Mesmo muito mais tarde, houve muitos nazistas

em posições de liderança que rejeitaram Darwin pelo mesmo motivo. Uma dessas pessoas foi Hans Schemm, que era um *Gauleiter* (líder regional) na cidade natal de Wagner, Bayreuth, bem como o chefe da Associação de Professores do NSDAP.
Schemm era um cristão protestante profundamente crente e conhecido em toda a Alemanha nazista por seu lema: "Nossa religião é Cristo; nossa política é a Pátria!" De acordo com Schemm, Darwin (e Marx) manifestaram o materialismo em forma política. 42 Erich Ludendorff expressou opiniões semelhantes em 1924 quando disse que não podia aceitar a ideia darwinista de que não era Deus que impulsionava o desenvolvimento dos organismos. 43 Isso é mais importante do que pode parecer à primeira vista

38 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* p. 98. 39 Rosenberg, A., *Der Mythos,* p. 599.

40 Sebottendorff, R. von, *Antes que Hitler viesse ... ,* p. 19.

41 Kleeberg, Bernhard, *Theophysis: Ernst Haeckels Philosophie des Naturganzen* (Colônia: Böhlau Verlag, 2005), pp. 244–252. Haeckel pensou, no entanto, que ainda poderia salvar a existência da alma declarando que a matéria era possuída por um espírito universal. Ele pensou que dessa forma havia resolvido o dilema e superado a brecha entre o idealismo e o materialismo.

42 Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ... ,* pp. 24–25.

43 Strohm, Harald, *Gnose e Nacional-Socialismo* (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1973), pp. 37–38.

Machine Translated by Google

porque isso significa que a imagem do Nacional-Socialismo como uma ideologia darwinista-materialista está completamente errada.

O nacional-socialismo era geralmente cético em relação à ciência, e o *Völkischer Beobachter* frequentemente continha artigos rejeitando os ideais do Iluminismo e alertando contra o excesso de confiança no pensamento racional. Até Newton foi criticado por ser o criador do moderno materialismo e por estar infectado pela mentalidade e espírito judaicos.[44] O ódio nazista ao Iluminismo não foi coincidência. Suas principais figuras, Voltaire, Rousseau e Montesquieu, foram instrumentais na emancipação dos judeus em 1791.[45] Não temos evidências de que Hitler tenha mencionado Darwin ou o darwinismo, muito menos que ele tenha lido ou se inspirado em Darwin.[46] O darwinismo é realmente uma teoria materialista que não deixa espaço para a espiritualidade religiosa e o idealismo, que os ideólogos nacional-socialistas frequentemente e fervorosamente alegavam ser o que separava o ariano do judeu. Portanto, o darwinismo era suspeito desde o início. O darwinismo social de Spengler era aceitável, no entanto, porque enfatizava a luta pela sobrevivência na sociedade e cultura humanas, mas permitia que os poderes espirituais do ariano e do judeu tivessem sido dados por Deus.

Fritz Lenz, que foi chamado de “um 'eugenista nazista arquetípico',” foi frequentemente citado como tendo dito que “o nacional-socialismo é simplesmente biologia aplicada.” Mas o que exatamente isso significava na linguagem nacional-socialista e antropológica racial daquela época? Na verdade, tinha um significado muito diferente daquele que tem hoje. A compreensão nacional-socialista da biologia, escreve Amit Varshizky, “transcendeu a mera genética e as determinações biológicas e consistiu em

44 Dennis, David B., *Inumanidades: interpretações nazistas da cultura ocidental* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), pp. 142–147.

45 Head, P., “A busca nazista por um Jesus ariano”, pp. 62–63.

46 A única exceção que conheço é Otto Wagener, que em dado momento afirma que Hitler supostamente lhe disse em 1930 que Darwin estava certo sobre a seleção natural (Wagener, Otto, *Hitler de perto: Notas de um confidente 1929–1932,* ed. HA Turner, Jr. [Frankfurt am Main: Verlag Ullstein, 1978], p. 106). No entanto, esta não é uma fonte confiável sobre este assunto. Em uma entrevista de 1964, o ex-nazista Hermann Esser também afirmou que Hitler, mais tarde na vida, leu Darwin (Weber, Thomas, *Wie Adolf Hitler zum Nazi wurde: Vom unpolitischen Soldaten zum Autor von “Mein Kampf”* [Berlin: Propyläen, 2016], p. 364). Considerando o fato de que Esser era apenas uma parte do círculo interno de Hitler durante o início da década de 1920, ele dificilmente estava em posição de saber o que Hitler leu ou não depois daquele ponto.

Machine Translated by Google

significados metabiológicos". Lenz foi assistente e seguidor de
Alfred Ploetz, talvez o mais importante fundador da ideologia racial alemã
higiene e professor de higiene racial na Universidade de Munique
de 1923 a 1933 (e posteriormente Diretor do Instituto de Estudos Raciais
Higiene na Universidade de Berlim). Lenz rejeitou completamente a genética como
uma explicação para as diferenças mentais que os higienistas raciais acreditavam
eles observaram entre as raças. Hans FK Günther, outro proeminente teórico racial na
Alemanha entre guerras e nazista, também "criticou todos
aquelas visões de mundo 'biológicas' e 'biologistas' que estão especialmente presentes
hoje em dia na investigação actual sobre raça [e] prejudicam a
Renascimento germânico." A razão para a rejeição de Lenz e de outros antropólogos
e higienistas raciais à genética e à biologia mendelianas
a ciência era considerada materialista e, portanto, judaica. 47
Ao rejeitar a "ciência materialista", Lenz optou pela "especulação vitalista" e concluiu

> que a raça é uma categoria irredutível que não pode ser submetida a
> qualquer julgamento empírico ou raciocínio científico e, portanto,
> deve ser articulada, em última análise, em termos de experiência intuitiva e
> meta-racional. [48]

Os outros teóricos raciais também o fizeram. Por exemplo, em seu best-seller
Ciência Racial do Povo Alemão (A Ciência Racial do Povo Alemão
Pessoas) de 1922, Günther explicou que "qualquer tentativa de estabelecer
ciência racial nos princípios naturalistas, positivistas e livres de valores
métodos estava fadado ao fracasso, uma vez que a questão racial era em si mesma uma
questão de valor".49 Lenz também admitiu abertamente na sexta edição de
seu livro *Grundriß* (Trabalho de Base) de 1936 (publicado pela primeira vez em 1921)
que o conceito de raça do Nacional-Socialismo não o fez, e de facto não poderia fazê-lo,
tem qualquer base científica. Lenz escreveu:

47 Varshizky, A., "Entre a ciência e a metafísica racial ... ," pp. 247, 253–255, 257.
48 Ibidem, pág. 257.
49 Varshizky, Amit, "Estilos explicativos não mecanicistas na análise racial alemã do entreguerras
Teoria: Uma comparação entre Hans FK Günther e Ludwig Ferdinand Clauss," em Sabine
Hildebrandt, Mirriam Offer e Michael Grodin (eds.), *Medicina e o Holocausto: Novo
Estudos sobre vítimas, perpetradores e legados para o século XXI* (Nova York: Berghahn
Livros, 2019), p. 29.

Machine Translated by Google

> Seguindo seu fundador, Adolf Hitler, o estado nacional-socialista colocou a raça no centro da existência. A visão de mundo nacional-socialista é baseada na fé na raça *[im Glauben an die Rasse].* Não se baseia no conhecimento científico *[wissenschaftlicher Erkenntnis]* sobre a essência da raça e suas regulações de vida. Primeiro e acima de tudo, é a vontade de auto-realização *[der Wille zur Selbtsbehauptung]* da raça em si; essa vontade é anterior a qualquer percepção científica e seus derivados. A importância do conhecimento biológico racial reside, portanto, em ser um instrumento para preservar, recuperar e melhorar a raça.[50]

Günther compartilhava essa visão e explicou que “o ideal nórdico” não derivava do material, mas do espírito. Ele “reconheceu a supremacia do espírito, ou da vontade” e foi inflexível em que a biologia, isto é, “ciência empírica e descritiva”, “nunca será capaz de servir de base para uma *Weltanschauung”. 51* Simplesmente não havia como basear a política e a ideologia raciais nazistas na ciência. Os biólogos raciais, portanto, optaram voluntariamente por deixar o pensamento racional e científico para trás em favor da especulação metafísica. Como Amit Varshizky coloca eloquentemente:

> Assim, a *Weltanschauung* nazista deveria ser baseada na “fé” e não no “conhecimento”; em uma “vontade de auto-realização” em vez de “percepção científica”. A ciência, portanto, ganha um novo significado aqui: não é mais um sistema organizado de princípios e regulamentos direcionados para alcançar insights significativos sobre o mundo. É um instrumento a serviço de uma fé meta-racional, visando deixar de lado qualquer ceticismo dialético e julgamento crítico em favor da convicção interna e da vontade formativa. 52

A “fé na raça” de Lenz tornou-se o princípio fundador do Nacional-Socialismo. A noção nazista de raça era tanto “irracional quanto quase mística”, e foi “esvaziada de seu real significado biológico e investida de significados idealistas, metafísicos e até escatológicos”. Isso teve uma longa história dentro da comunidade *völkisch .* Também

50 Varshizky, A., “Entre a ciência e a metafísica racial ... ,” p. 260.
51 Varshizky, A., “Não-mecanicista ... ,” pp. 29, 31. Tradução de Varshizky.
52 Ibidem.

Machine Translated by Google

dominou os círculos do *Kulturpessimismus* (pessimismo cultural) do entreguerras. 53 Os teóricos raciais estavam preocupados com "o problema urgente do niilismo moderno e a queda dos valores absolutos" e sua influência na ciência. 54 Era, portanto, o oposto do relativismo ético que muitas vezes foi feito para ser. Esta é uma percepção fundamental sobre a "ciência" racial em geral que não foi notada em grande parte da bolsa de estudos sobre o assunto. A escolha de abandonar métodos e valores verdadeiramente científicos foi mais ou menos forçada sobre os antropólogos raciais quando o esforço para vincular sua ideologia à ciência falhou. Mas em vez de descartar sua ideologia racista não científica, eles optaram por rejeitar o método científico. Em suma, eles tiveram que colocar a carroça na frente dos bois para evitar dissonância cognitiva.

2,5 O Apóstolo Paulo: O Desacordo de Hitler com Chamberlain

Como vimos, Chamberlain até pensava que os judeus materialistas não poderiam ser verdadeiramente religiosos – eles não tinham a habilidade de formar uma comunidade religiosa, já que vinham do deserto e eram equipados com uma imaginação muito pobre. As próprias visões de Hitler sobre os judeus a esse respeito são extremamente reminiscentes das de Chamberlain e, portanto, é muito provável que sua leitura da obra de Chamberlain tenha sido de fundamental importância também neste caso. Curiosamente, no entanto, Hitler não compartilhava a visão de Chamberlain sobre o apóstolo Paulo, a quem Chamberlain considerava um pagão que havia trazido influências helenísticas para o cristianismo. Pelo contrário, a visão de Hitler sobre Paulo era que ele era um judeu que havia corrompido os ensinamentos originais de Jesus ao trazer influências judaicas para eles. Esta foi uma ideia que parece ter se originado

53 Ibid., p. 261; Varshizky, Amit, "In Search of the 'Whole Man': Soul-Man-World in the National Socialist *Weltanschauung," Dapim: Studies on the Holocaust,* Vol. 31, No. 3 (2017), p. 200. Isso é importante, pois aponta para uma saída do debate sobre se a "ciência" racial era ciência ou pseudociência. Os teóricos raciais *se* colocaram em oposição mais ou menos completa aos ideais científicos de seu tempo, saindo voluntariamente dos limites dos valores e métodos científicos, se não da comunidade científica. Para uma breve discussão dessa distinção e debate, veja Wetzell, Richard F., "Eugenics, Racial Science, and Nazi Biopolitics: Was There a Genesis of the 'Final Solution' from the Spirit of Science?" em Devin O. Pendas, Mark Roseman e Richard F. Wetzell (eds.), *Além do Estado Racial: Repensando a Alemanha Nazista* (Cambridge: Cambridge University Press, 2017), pp. 158–160.

54 Varshizky, A., "Não-mecanicista ... ," p. 37.

Machine Translated by Google

com Paul de Lagarde. O fato de tantos teólogos cristãos terem adotado (e desenvolvido) essa ideia no início dos anos 1900 significou que uma nova ética cristã, baseada no racismo e com o Jesus ariano em seu cerne, foi usada para justificar a violência racista contra, e o assassinato e a matança de, muitas outras chamadas raças muito antes de Hitler se tornar chanceler da Alemanha. Por essa lente, a derrota alemã na Grande Guerra foi interpretada como a crucificação da Alemanha; uma visão à qual Hitler aludiu explicitamente em *Mein Kampf* quando falou da necessidade e de sua própria luta pela reconstrução e ressurreição da nação alemã. 55

Como já mencionado, Rosenberg falou com Hitler sobre esse tema e sobre Lagarde em 13 de dezembro de 1941. No dia seguinte, Rosenberg escreveu em seu diário que havia dito a Hitler que considerava os esforços de Chamberlain para salvar a honra de Paul ininteligíveis. Hitler então aparentemente confirmou que esse era de fato o erro básico no pensamento de Chamberlain. poderia levar os historiadores completamente para o caminho do jardim neste contexto.

Por exemplo, em um artigo de 2015, Johann Chapoutot cita *Gespräche mit Hitler* de Rauschning , onde Hitler teria dito que Jesus *não* poderia ter sido um ariano; isso não era nada menos que puro “absurdo” para Hitler, escreve Chapoutot. Tentar argumentar que Jesus era um ariano, como Houston Stewart Chamberlain havia feito, era “absurdo” e “simplesmente estúpido”. 57 Peter Head, em um artigo no *Journal for the Study of the Historical Jesus* de 2004, também aceita isso como uma declaração genuína da década de 1930 e tenta encaixá-la com

55 Heschel, S., *O Jesus Ariano,* pp. 30, 33–37, 41–44, 48–55; Gutteridge, R., *Abra teu Boca para o Mudo! ... ,* pp. 22–23; *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), p. 896 **[353].** Para mais informações sobre o contexto deste desenvolvimento teológico, veja também Kelley, S., *Racializing Jesus ...*

56 Rosenberg, A., *Alfred Rosenberg ... ,* pp. 415–416. Heinrich Heim escreveu a mesma conversa nas conversas de mesa, mas a parte sobre Chamberlain é extremamente enigmática, pois ele escreveu que Hitler havia dito que o erro de Chamberlain foi "acreditar no cristianismo como um mundo espiritual" *(Monologe ... ,* p. 151). Heim, portanto, dá ao leitor a impressão de que Hitler pensava que o problema era que Chamberlain era um cristão crente, o que distorce o que ele disse (as notas de Rosenberg são aqui obviamente mais confiáveis, pois fazem mais sentido. Lagarde não é mencionada por Heim, e nem o fato de que isso foi dito como parte de uma conversa com Rosenberg).

57 Chapoutot, Johann, “Do Humanismo ao Nazismo: A Antiguidade na Obra de Houston Stewart Chamberlain,” *Miranda,* No. 11 (2015), https://journals.openedition.org/miranda/6680.

Machine Translated by Google

pronunciamentos em contrário ao afirmar que Hitler mudou sua 58 Mas esta é uma sobre o assunto, mesmovisão que era diametralmente oposta à posição real de Hitler no início da década de 1920. Este é mais um prego no caixão de Rauschning como uma fonte confiável para as opiniões de Hitler. Rauschning virou as opiniões reais de Hitler sobre Jesus de cabeça para baixo, com a consequência de que a admiração deste último por Jesus caiu completamente fora da linha de visão de muitos historiadores. Rauschning provavelmente fez isso porque queria colocar a maior distância possível entre Hitler e o cristianismo.

2.6 Dietrich Eckart

Hitler conheceu Eckart em algum momento no outono de 1919, talvez já na primeira reunião do DAP de Hitler em 12 de setembro daquele ano. Infelizmente, não sabemos os detalhes do primeiro encontro deles ou como seu vínculo estreito se desenvolveu. Eckart já estava no DAP naquela época e era um dos principais ideólogos do partido. Isso significa que o antissemitismo que Hitler exibiu na carta a Adolf Gemlich em 16 de setembro de 1919 não foi um produto da preparação de Eckart. Isso parece ter se cristalizado durante o verão de 1919 durante o curso de propaganda que Hitler frequentou como parte de sua educação sob o capitão do exército Karl Mayr. De acordo com fontes contemporâneas, no final de agosto de 1919 Hitler realizou uma série de palestras no Camp Lechfeld, o campo de prisioneiros de guerra fora de Munique onde ele trabalhava, e uma delas focou na questão do capitalismo e do antissemitismo. Esta é a primeira fonte conhecida a mencionar o antissemitismo de Hitler. 59 No entanto, Hitler não estava totalmente desenvolvido ideologicamente na época em que Eckart o colocou sob sua proteção.

O autoproclamado católico Dietrich Eckart foi um dos ideólogos mais importantes do movimento nacional-socialista inicial, não menos importante por seu papel como professor pessoal de Hitler (e figura paterna) em Munique. Foi ele quem apresentou Hitler a Alfred Rosenberg, algo sobre o qual Rosenberg escreveu em seu diário em outubro de 1936.
O que Eckart encontrou no catolicismo foi a base para seu fanatismo

[58] Head, P., “A busca nazista...”, pp. 56, 68.
59 Weber, T., *Tornando-se Hitler ...* , pp. 109–110, 140–143.

Machine Translated by Google

antissemitismo. A fé cristã era tão importante para Eckart, assim como para muitos outros nazistas na época, que ele considerava impossível ser um verdadeiro ariano sem ela. Foi também por isso que os nazistas, sem hesitar, condenariam o "pecado contra o sangue" – as categorias religiosa e racial coexistiam e não podiam ser separadas sem destruir toda a ideologia. [60] Em *Mein Kampf,* Hitler tornou as conotações religiosas ainda mais evidentes ao dizer que miscigenação era "pecar contra a vontade do eterno criador".61 O

catolicismo de Eckart era bastante estranho comparado ao que normalmente pensamos quando ouvimos esse rótulo. No entanto, sua religião era semelhante ao cristianismo católico praticado pelo chamado *Lorberbewegung* (Movimento Lorber), anteriormente conhecido como *Neu-Salems-Gesellschaft* (Nova Sociedade de Salem), que era baseado nas obras revelacionais de Jakob Lorber. Os lorberianos não eram cristãos confessionais, isto é, eles se viam como estando acima das várias confissões e sendo uma espécie de fé universalista. No entanto, eles permaneceram formalmente dentro da Igreja Católica Romana, pois acreditavam em mudar a Igreja de dentro e não de fora. Em junho de 1937, as autoridades proibiram os escritos de Lorber e a editora do movimento, *Neu-Salem-Verlag,* vendo o grupo como uma forma de seita hostil ao estado nacional-socialista.

Isso fez com que o chefe da editora *Neu-Salem-Verlag,* Otto Zluhan, se opusesse e apontasse que "Dietrich Eckart citou as publicações de Neu-Salem e, assim, fundamentou sua crença religiosa" no movimento e se referiu à obra de Eckart, *Peer Gynt,* de 1912 (fornecendo até mesmo uma referência de página). Zluhan digitou seu protesto em uma carta escrita originalmente por Eckart em 1912, na qual este último se referia não apenas a Lorber, mas também à publicação mensal do próprio movimento, *Das Wort* (A Palavra). Os adeptos do movimento não poderiam ser considerados "uma seita", argumentou Zluhan, e "sua visão de mundo e crenças relig

[60] Steigmann-Gall, Richard, "Vinho velho em garrafas novas? Religião e raça no antissemitismo nazista", em Kevin P. Spicer (ed.), *Antissemitismo, ambivalência cristã e o Holocausto* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 2007), pp. Dietrich, Otto, *12 Jahre mit Hitler* (Munique: Isar Verlag, 1955), p. 178; Rosenberg, A., *Alfred Rosenberg ... ,* p. 212.

[61] *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), pp. 743–747 **[302–303].** Veja também Heschel, S., "Being Adolf Hitler ... ," p. 194.

Machine Translated by Google

ser considerado hostil ao estado também, quando eles vêm da mesma fonte que as crenças religiosas de Dietrich Eckart."62 Aparentemente, Zluhan conseguiu que a proibição fosse temporariamente suspensa e, ao mudar o nome da editora, ele conseguiu evitar uma proibição completa até 1941, quando ela foi aparentemente fechada; permaneceu assim até depois do fim da guerra .

2.6.1 O bolchevismo de Eckart de Moisés a Lenin: um panfleto religioso Apresentando Hitler

A ideia sobre o "judeu" como o Anticristo era uma característica central das crenças religiosas de Eckart. Eckart escreveu sobre esse aspecto da fé em seu livro *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* (Bolchevismo de Moisés a Lenin) de 1924, um diálogo fictício entre ele e Hitler. Neste livro, Eckart fez Hitler condenar o Antigo Testamento e também o fez referenciar as muitas passagens sobre assassinatos em massa e crimes de guerra cometidos pelos antigos israelitas na Bíblia, a fim de ilustrar que os judeus pretendiam dominar e erradicar o mundo cristão se tivessem a chance. O Antigo Testamento é rotulado como "A Bíblia Satânica", enquanto o Novo Testamento foi descrito de forma oposta. Jesus foi celebrado e santificado nesta obra como sendo um ariano que havia travado guerra contra os judeus malignos; mas o Hitler de Eckart também passou algum tempo condenando Paulo por supostamente ter corrompido 64 Já vimos que foi Eckart quem ensinou os ensinamentos originais de Jesus. inspirou o ponto 24 do programa do NSDAP, que falava do "cristianismo positivo 65 " como base para o partido.

Tudo na Bíblia foi interpretado através da lente antissemita. Sebottendorff escreveria mais tarde em 1933 que a fuga judaica do Egito descrita no Êxodo não foi realmente uma fuga, mas uma expulsão dos judeus parasitas pelo povo anfitrião, os egípcios. O Antigo Testamento foi usado como evidência da imensa

62 Veja carta de Eckart, 27 de agosto de 1912, dos arquivos de um colecionador particular em Paris. Agradeço a Thomas Weber por disponibilizar fotografias desses documentos para mim.

63 Veja informações no site da Lorber Verlag: www.lorber-verlag.de/01begruessung/05verlag.htm; 16 de agosto de 2021. Parece, no entanto, que a última edição do *Das Wort* saiu em junho de 1937, porque no arquivo online há edições faltando desde então até 1948 (veja https://onedrive.live.com/?id=96DC68F4101B42E2%21107&cid= 96DC68F4101B42E2; 16 de agosto de 2021).

64 Eckart, D., *Bolchevismo ...*

65 Tyrell, A., *Sobre o "Baterista" ... ,* p. 85.

Machine Translated by Google

poder e privilégio dos judeus. A Bíblia foi redigida ao contrário de 300 a.C., afirmou Sebottendorff. Foi "aquele engano monstruoso, do qual o cristianismo ainda sofre hoje."[66]

Sebottendorff não foi apenas o fundador da *Thule Gesellschaft,* uma organização de fachada para a ordem germânica (um segredo sociedade fundada em 1912 em Berlim) criada para coordenar *a völkisch* propaganda e atividade política em Munique. Karl Harrer também foi um membro da *Thule Gesellschaft,* e ele e Drexler fundaram a DAP – ou *Deutsche Arbeiterverein* (Associação Alemã de Trabalhadores), como é conhecida foi originalmente chamado – em um esforço direcionado para ajudar a *Thule Gesellschaft* de classe alta e média a alcançar também os trabalhadores de Munique e nacionalizá-los. Outros membros da sociedade, ou que pelo menos frequentavam suas reuniões, estavam Eckart, Drexler, Gottfried Feder, Hans Frank, Alfred Rosenberg e Rudolf Hess. 67 Sebottendorff também em um tornou-se o fundador (e primeiro editor-chefe) do *Völkischer Beobachter* quando comprou os direitos de publicação do jornal *Münchener Beobachter* em agosto de 1918 da viúva de seu original fundador, Franz Eher. [68] O jornal tornou-se inicialmente um órgão de propaganda para a *Thule Gesellschaft* e, em maio de 1919, a agência oficial para a *Partido Socialista Alemão* sob Hans George Grassinger. O nome a mudança ocorreu em 9 de agosto de 1919. O jornal foi comprado pela O NSDAP pouco mais de um ano depois, em 17 de dezembro de 1920, compra para a qual a Eckart forneceu o financiamento. [69]

Não se sabe ao certo quanto do diálogo no livro de Eckart é ficção completa e quanto dela é baseada em memórias de fatos reais conversas entre eles. Muito disso é, sem dúvida, inteiramente ficcional. A análise mais completa de *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* pode ser encontrado na biografia de Eckart de Margarete Plewnia intitulado *No Caminho para Hitler .* Plevna

66 Sebottendorff, R. von, *Antes que Hitler chegasse ...,* pp. 20–21.

67 Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* p. 132. Curiosamente, Sebottendorff na verdade apenas menciona Harrer como fundador do DAP (Sebottendorff, R. von, *Before Hitler came ... ,* p. 8).

68 Sebottendorff, R. von, *Antes que Hitler chegasse ... ,* p. 44. A influência da *Sociedade Thule* sobre o Nacional-Socialismo, especialmente no que diz respeito ao esoterismo e ao ocultismo, é, no entanto, uma mito criado por escritores neonazistas do pós-guerra. Para isso, veja François, Stephane, *Nazi Ocultismo: entre a SS e o esoterismo* (Londres: Routledge, 2023).

69 Ver "Munich Observer", em *Léxico Histórico da Baviera;* www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Münchener_Beobachter ; 15 de agosto de 2021.

Machine Translated by Google

conclui que as conversas são inteiramente fictícias e inventadas por Eckart, e como prova ela se refere ao fato de que Hitler profere declarações no livro que Eckart havia feito em outros contextos. Mas ela também mostra que Hitler, em seus primeiros discursos entre novembro de 1919 e o verão de 1920, evoluiu e mudou a maneira como falava sobre os judeus, e argumentou que isso se devia à amizade de Hitler com Eckart. 70 Ernst Nolte, por outro lado, interpretou a concordância entre as visões de Hitler e aquelas que Eckart atribui a Hitler em seu livro como evidência de que as conversas eram autênticas. 71 David Redles faz o mesmo argumento em um capítulo recente de livro. Ele cita essa fonte como se contivesse as próprias palavras de Hitler simplesmente porque há muita concordância entre o que Eckart faz Hitler dizer e o que Hitler diz em No entanto, esse raciocínio obviamente não é logicamente

outras fontes [72]
posteriores. som.

Werner Maser também não concordou com a análise de Plewnia e zombou de sua interpretação: “A Sra. Plewnia se refere a tão pouca evidência sobre Hitler que seu julgamento no final só tem o peso de uma opinião.”73 Ao mesmo tempo, no entanto, ele aceita a declaração de que nenhuma outra pessoa desempenhou um papel tão importante para o desenvolvimento ideológico de Hitler durante esses anos do que Eckart. 74 A conclusão de Maser é muito dura, e ele realmente não dá nenhuma evidência para sua posição além de argumentos emocionais. Suspeita-se que a verdadeira razão para sua crítica esteja em outra coisa, por exemplo, o fato de que Plewnia, como um recente PhD em história, chegou a descobertas que o historiador mais experiente Maser talvez pensasse que ele próprio deveria ter visto, o que pode tê-lo chateado. O que também fala a favor do caso de Plewnia é, além do fato de que ela convincentemente mostra como chegou às suas conclusões, que o Hitler que encontramos em *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* é um Hitler muito mais carregado teoricamente do que o que encontramos em qualquer outra fonte, incluindo as conversas de mesa. Até Maser, que aparentemente pegou o

70 Plewnia, M., *Auf dem Weg zu Hitler ...,* pp. 94–112. A conclusão de que Eckart inspirou o antissemitismo de Hitler e que o livro é ficção literária, em vez de um registro de conversas reais, é expressa mais claramente nas pp. 95–96, 105–107.

71 Para isso, veja Rißmann, M., *Hitlers Gott ... ,* pp. 133–134.

72 Redles, D., “O Apocalipse de Adolf Hitler ...,” pp. 222–229.

73 Maser, Werner, *Adolf Hitler: Lenda, Mito, Realidade,* 12ª ed. (Munique: Bechtle Verlag, 1989), p. 188.

74 Ibidem, pág. 193.

Machine Translated by Google

livro considerado seriamente como um registro de conversas reais, observa que Hitler demonstra um conhecimento surpreendente sobre a Bíblia e o Talmude. De acordo com Maser, isso é corroborado nos discursos de Hitler, bem como por pessoas que eram próximas a ele, mas ele não dá absolutamente nenhuma fonte para isso. 75

Portanto, não tenho certeza do que Maser estava se referindo aqui. Que Hitler conhecia, e também se referia, à Bíblia é, claro, bem conhecido.

Mas a ideia de que ele havia lido o Talmude não parece muito provável; pelo menos não temos tais indicações nas fontes disponíveis ou em pesquisas mais recentes no campo. Maser tinha uma tendência a fazer alegações essencialmente infundadas sobre o que Hitler havia ou não lido (por exemplo, ele assume que Hitler havia lido Platão porque Schopenhauer havia dito em um prefácio para uma de suas obras – que ele também simplesmente assumiu que Hitler havia lido – que se deveria fazê-lo para entender melhor suas próprias obras 76).

Ironicamente, Schopenhauer pensou que Jesus era de fato um judeu, mas que seus ensinamentos ainda tinham sido corrompidos pelos judeus e que foi somente através do misticismo alemão que a mensagem de Jesus finalmente foi corretamente interpretada. 77 Redles também aceita acriticamente o que Hitler é levado a dizer sobre o Talmude e escreve que, embora "as palavras sejam de Eckart, citarei 'Hitler', pois acredito que essas palavras realmente refletem ideias, formadas sob a tutela de seu mentor". 78 Este é

um raciocínio falho. Há muito material no panfleto de Eckart que Hitler nunca profere em nenhuma outra fonte preservada, o que é suspeito, e Hitler também está falando de uma forma totalmente fora do personagem para ele (fazendo referências a obras e autores que claramente devem ser da leitura de Eckart e não de Hitler). Como historiadores, não podemos, portanto, nos permitir citar as ideias do livro de Eckart como se refletissem a mente de Hitler. Elas são um reflexo apenas da mente de Eckart. Ainda assim, vale a pena notar que muito disso – especialmente a crítica ao cristianismo estabelecido, às igrejas e à ideia de que o cristianismo de Paulo era essencialmente uma forma de protobolchevismo – é o mesmo que aparece em outras fontes independentes ao longo da vida de Hitler. *Der*

75 Ibid., pág. 188.

76 Ibidem, pág. 190.

77 Fenske, W., *Como Jesus se tornou um "ariano" ...* , p. 73.

78 Redles, D., "The Apocalypse of Adolf Hitler ...," pp. 316–317, n50 e n57. Isso é como dizer que alguém citará Rosenberg em vez de Hitler simplesmente porque eles tinham a mesma opinião sobre um assunto.

Machine Translated by Google

Bolschewismus von Moses bis Lenin é, portanto, uma boa evidência da influência de Eckart no desenvolvimento ideológico de Hitler, embora não possa ser usado como um registro dos pensamentos de Hitler.

Esta não era uma visão compartilhada por Chamberlain, embora até ele observe em um ponto que o judaísmo do Antigo Testamento tinha uma " linha *socialista explícita"* que havia assumido uma forma bastante violenta nos Profetas. Chamberlain baseou sua conclusão no caráter comunitário do judaísmo, que, segundo ele, ignorava completamente o indivíduo. O "individualismo extremo" dos ensinamentos de Cristo continha uma forma de comunismo *(Kommunismus)* também, ele admitiu, mas este era de um tipo completamente diferente do "comunismo teológico dos Profetas", que era judeu por completo. 79 *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* fala sobre o bolchevismo como sendo uma criação judaica. Esta era uma visão que Hitler levaria consigo pelo resto de sua vida, e é muito provável que tenha sido Eckart quem a implantou nele. O livro argumentava, de uma maneira tipicamente apocalíptica e religiosa, que a batalha final entre o bem e o mal estava próxima, já que os judeus (que eram equiparados ao Diabo) eram implacavelmente atraídos para a destruição da humanidade sem perceber que isso levaria à destruição do próprio Satanás (ou seja, os judeus).

[80] Note que esta é precisamente a visão expressa por Hitler em sua infame declaração em 1939, de que se os judeus conseguissem arrastar o mundo para outra guerra, então não seria a destruição do mundo que aconteceria, mas a destruição dos judeus.

Eckart frequentemente usava o livro do Apocalipse para descrever a batalha final entre Cristo e o Anticristo que ele previu em seu diário *Auf gut Deutsch* (em alemão simples). Foi contra esse pano de fundo ideológico que Hitler, apenas alguns anos depois, escreveu em *Mein Kampf* que ele agiu de acordo com a vontade do Senhor, e até mesmo *para* o Senhor, quando O fato é que depois que Hitler, ele estava lutando contra os judeus. [81] devido a algumas táticas astutas, conseguiu alcançar sua posição ditatorial dentro do NSDAP no verão de 1921, uma das primeiras organizações

79 Chamberlain, HS, *As Fundações ... ,* p. 247.

[80] Aqui está mais um paralelo, a saber, o discurso de Hitler em janeiro de 1939, no qual ele alertou que uma nova guerra mundial significaria a destruição do povo judeu.

[81] Kellog, M., *As raízes russas do nazismo ... ,* pp. 238–242.

Machine Translated by Google

mudanças que ele fez foi instalar Eckart como editor-chefe do jornal do próprio partido, o *Völkischer Beobachter.* Dessa posição central, Eckart continuou sua implacável polêmica católica (que basicamente consistia em criticar o catolicismo *político ,* manifestado em sua forma mais aparente no partido Catholic *Zentrum)* até sua morte. Eckart até assinou seu primeiro editorial no *Völkischer Beobachter* com o provocativo "Dietrich Eckart, católico".82

Também parece que foi Eckart quem trouxe o conceito do "Terceiro Reich" para a ideologia nazista. Exatamente de onde Eckart tirou essa ideia é desconhecido, mas Klaus-Ekkehard Bärsch acredita que ela foi tirada do drama *Imperadores e Galileus de Ibsen,* onde foi usada para descrever o reino do Messias (Jesus como imperador no céu e como Deus na terra). Na mente de Eckart, o Terceiro Reich inauguraria um tempo de salvação e libertação, que veria o fim de todos os conflitos políticos. Mas o caminho para a paz eterna era a guerra, e não qualquer guerra, mas uma guerra religiosa, uma guerra entre a luz e as trevas, entre Deus e o Diabo, onde as trevas seriam eventualmente destruídas para sempre – a Solução Final. O mal foi, é claro, personificado pelos judeus. O povo alemão assumiu a forma de Cristo nesta batalha cósmica, e os judeus a forma do Anticristo. O Terceiro Reich significou um novo começo e uma nova ordem, o mundo futuro que foi de uma vez por todas separado do mundo contemporâneo caótico e escuro; era um mundo onde o povo alemão encontraria salvação eterna. A ideia de um fim totalmente destrutivo para o atual mundo maligno foi diretamente inspirada pelo livro do Apocalipse no Novo Testamento. Eckart, naturalmente, também sabia se referir ao capítulo 8 do Evangelho de João, onde diz que o Diabo era o pai dos judeus. A concepção de Deus de Eckart (que era em todos os aspectos essenciais idêntica àquela que Hitler também abraçaria) mostra claramente que seu Deus era um Deus semelhante ao do cristianismo, diz Bärsch, e tanto a Trindade quanto
Jesus desempenharam papéis centrais em seu misticismo.
83 Observe que este último não foi algo que Hitler adotou em seu cristianismo.

[82] Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* pp. 100–101.
[83] Português Bärsch, Claus-Ekkehard, *A religião política do nacional-socialismo: a dimensão religiosa da ideologia nazista nos escritos de Dietrich Eckart, Joseph Goebbels, Alfred Rosenberg e Adolf Hitler* (Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1998), pp. 52, 55, 57–92. Sobre a ideia nazista de uma luta apocalíptica cósmica entre o bem e o mal, veja também Grabner-Haider, Anton, *Hitlers Theologie des Todes* (Kevelaer: Topos, 2009), pp. 32–34, 69–7

Machine Translated by Google

Hitler nunca falou da Trindade. Sua religiosidade era, no geral, muito menos explicitamente cristã do que a de Eckart, mesmo que ele mantivesse muitos elementos centrais dos ensinamentos de Eckart.

No entanto, o catolicismo era, pelo menos inicialmente, muito importante para Hitler. Em *Mein Kampf,* ele expressou uma profunda admiração pela Igreja Católica como uma organização burocrática, como uma instituição com uma forte ideologia e mensagem central, e como um meio de propaganda. 84 Eckart foi forçado a desistir de seus estudos médicos e de seu desejo de se tornar um médico devido a seus recorrentes ataques de dependência de morfina. Ele trabalhou como publicitário e agitador em Munique de 1915 em diante, onde pregou sua mensagem apocalíptica a todos que estavam dispostos a ouvir (curiosamente, ele foi um crítico severo de ninguém menos que Nietzsche). [85] O catolicismo de Eckart, no entanto, aparentemente foi tão difícil de engolir para alguns historiadores que eles tenderam a ignorá-lo e não reconhecer esse lado do professor ideológico de Hitler. Por exemplo, Eduard Gugenberger está tão ocupado empurrando a hipótese de que os mentores ideológicos de Hitler eram ocultistas que ele consegue escrever nada menos que quinze páginas sobre Eckart sem mencionar sua fé católica ou seu ódio por Nietzsche nem uma vez. [86] Os sentimentos negativos de Eckart sobre Nietzsche também podem ter influenciado Hitler, e pode ser por isso que, ao contrário do que muitos pensam, não temos evidências de que Hitler tenha lido Nietzsche ou tenha baseado sua ideologia em sua filosofia.

Eckart tirou inspiração para seu ódio violento aos judeus do Antigo Testamento porque ele achava que era neste documento (que Eckart, e Hitler também, ironicamente parecem ter visto como uma espécie de livro de história) que se poderia ver claramente o quão sanguinários os judeus eram e o quanto eles buscavam massacrar seus oponentes.

Ele também usou o Novo Testamento para motivar a suposição de que Jesus era um ariano e um antissemita raivoso também que havia expulsado os agiotas judeus do Templo com um chicote, chamando-os de crias de Satanás. Do Antigo Testamento, os nazistas também tiraram a ideia de que a única maneira de impedir a destruição dos arianos nas mãos do

[84] Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ... ,* pp. 17–18; Rißman, M., *Hitlers Gott ... ,* págs. 133–134.

[85] Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* pp. 59–60.

[86] Gugenberger, Eduard, *Os visionários de Hitler: os pioneiros ocultos do Terceiro Reich* (Viena: Ueberreuter, 2000), pp. 31–44.

Machine Translated by Google

Os judeus deveriam vencer os judeus e destruí-los antes que pudessem 87 Hitler agir. tornou essa visão explícita em suas notas para um discurso em 2 de novembro de 1922 (no discurso também, embora muito menos claramente), onde ele fez referência ao livro de Ester no Antigo Testamento como um conto de advertência. Ele apontou para a Rússia como uma repetição do que aconteceu no livro de Ester, onde os judeus mataram todos os seus inimigos. Hitler não mencionou explicitamente o livro de Ester no discurso, mas ele usou a Bíblia para provar a maldade e os poderes culturalmente destrutivos dos judeus para seu Jung tinha público. [88] feito o mesmo em seu *Der nationale Sozialismus.* 89 Este é, portanto, um caso interessante em que Hitler usou histórias bíblicas como inspiração para seus discursos, mas sem se referir explicitamente a elas. Isso também fala contra a ideia de usá-lo apenas para fins de propaganda.

A importância de Eckart para Hitler como mentor também é evidente pelo fato de Hitler ter encerrado *Mein Kampf* com uma dedicatória ao recentemente falecido Eckart, que, segundo Hitler, foi um dos maiores heróis do nacional-socialismo:

> E entre estes gostaria também de incluir o homem, um dos melhores, que dedicou a sua vida à ressurreição do seu, do nosso, povo em poemas e pensamentos, até ao fim, de facto: *Dietrich Eckart.* 90 [ênfase no original]

O fato de que essas são as últimas palavras em *Mein Kampf* atesta o lugar central que Hitler atribuiu a Eckart em seu desenvolvimento ideológico. Hitler de fato mencionaria Eckart também em seu segundo livro não publicado de 1928. Lá, ele celebrou Eckart, de quem ele reclamou ter sido colocado em custódia protetora, embora estivesse doente e deitado em seu leito de morte, como “o maior poeta da Baviera” e como um verdadeiro herói nacionalista. 91

87 Redles, David, *O Reich Milenar de Hitler: Crença Apocalíptica e a Busca pela Salvação* (Nova York: New York University Press, 2005), pp. 59–60.

88 *SA,* págs. 713–714, 717 (Documentos 415 e 416).

89 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 40–53.

90 *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda II), p. 1739 **[353].** Este capítulo foi originalmente concebido para terminar o primeiro volume de *Mein Kampf,* mas depois que a decisão de dividir o livro em dois volumes foi tomada, o capítulo foi movido porque se pensou que o conteúdo poderia levar a problemas para o recém-fundado NSDAP e para o próprio Hitler (para isso, veja ibid., p. 1691).

91 Hitler, Adolf, *Segundo livro de Hitler: um documento de 1928. Apresentado e comentado por Gerhard L. Weinberg. Com prefácio de Hans Rothfels* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1961), p. 200.

Machine Translated by Google

Outro católico que esteve intimamente envolvido com o NSDAP inicial foi o ex-padre Bernhard Stempfle (erroneamente considerado o editor do *Mein Kampf),* um dos muitos padres "pardos" documentados por Kevin P. Spicer. 92 Stempfle também era jornalista e escreveu muitos artigos no *Völkischer Beobachter* durante o início da década de 1920. O tópico desses artigos era a influência destrutiva dos judeus na cultura e sociedade alemãs (por exemplo, porque eram considerados ateus). A ameaça que eles representavam justificava a perseguição mais cruel imaginável,

de acordo com Stempfle. 93 Tem sido debatido se Hitler sabia sobre, e nesse caso se ele aprovava, a publicação de *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin,* que ocorreu durante o tempo de Hitler na fortaleza de Landsberg. O editor escreveu no prefácio da primeira edição que esperava que Hitler, depois que o caso de alta traição contra ele terminasse, continuasse e concluísse o trabalho de Eckart (Eckart morreu antes de ter tempo de terminar o livro). 94 Que Hitler sabia sobre isso parece bastante óbvio, e é difícil imaginar como ele não poderia ter sido informado sobre isso por alguém (mesmo que não por Eckart). Uma evidência bastante sólida mostrando que Hitler, pelo menos de alguma forma, aprovou seu conteúdo é o fato de que ele nunca o proibiu ou tentou destruí-lo, como fez com tantas outras coisas que considerou um insulto à sua pessoa ou que simplesmente não se encaixavam na propaganda do *Mein Kampf.* Por outro lado, como Plewnia aponta, a segunda edição do livro foi publicada sem o subtítulo *Zweigespräch zwischen Adolf Hitler und mir* (Conversa entre Adolf Hitler e eu mesmo), o que ela explica, com o apoio de outro historiador, foi devido ao fato de que Hitler já havia se tornado um escritor publicado por direito próprio após o lançamento do primeiro volume do *Mein Kampf ,* e que a referência a Hitler no subtítulo de Eckart se tornou então uma responsabilidade ou aborrecimento menor. Eckart havia dado um manuscrito a uma das outras pessoas proeminentes dentro do NSDAP, seu amigo próximo, o médico Emil Gansser (um especialista em explosivos da Si

92 Spicer, Kevin P., *Os padres de Hitler: clero católico e nacional-socialismo* (DeKalb, IA: Northern Illinois University Press, 2008), p. 10.

93 Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* pp. 67–68.

94 Eckart, D., *Bolchevismo ... ,* p. 50.

Machine Translated by Google

aparentemente mostrou o texto para outras pessoas. Parece que Eckart não queria que Hitler visse, ou mesmo soubesse sobre, o livro antes de ser publicado, e, portanto, ele ficou muito chateado quando soube que Gansser havia traído sua confiança ao tentar obter uma cópia do texto para Hitler para que ele fizesse correções nas provas. Eckart argumentou que teria sido totalmente degradante e indigno mostrar a Hitler um texto cheio de erros de ortografia – o texto tinha que ser revisado antes de ser entregue a Hitler, ele insistiu. Hitler não apreciaria o valor do trabalho se o visse antes de ser concluído, disse Eckart. Mas Wolfram Pyta se refere a uma carta de Eckart para Max Amann datada de 28 de agosto de 1923, na qual Eckart escreveu que não queria que Hitler visse o manuscrito até que fosse publicado porque ele havia colocado palavras em sua boca que não se poderia esperar que ele aprovasse sem crítica. Plewnia mostra, no entanto, que as evidências disponíveis apontam para a conclusão de que Hitler ainda tentou impedir que o livro fosse espalhado para um público mais amplo, e uma dissertação acadêmica de 1940 que tratava de como o judaísmo era representado nas obras de Eckart mostra que apenas duas cópias estavam disponíveis em bibliotecas na Alemanha naquele momento. 95 Friedrich Heer sugeriu que *Mein Kampf* era a maneira de Hitler fazer os desejos do editor do livro

de Eckart se tornarem realidade. Hitler publicou seu próprio livro como uma realização do trabalho de Eckart e como um que tinha a intenção, pelo menos em parte, de convencer os círculos cristãos e conservadores na Alemanha do caráter cristão de sua missão. 96 É uma hipótese interessante e talvez até plausível. Mas pode ser testada?

Não, na verdade não. O tratamento discreto do livro de Eckart por Hitler não significa que ele considerou o conteúdo uma deturpação de suas opiniões. Mas Hitler pode ter desejado controlar a narrativa sobre ele e sobre a ideologia nacional-socialista – ele tinha bons motivos para desejar que sua crítica extrema ao cristianismo estabelecido permanecesse oculta, agora que o NSDAP estava sendo reformado e se lançando na política de massa. Esta era uma situação completamente nova que Eckart não poderia ter previsto. O mesmo é verdade para os anos de guerra, considerando que Hitler foi cuidadoso em incitar um conflito aberto com as igrejas antes que a Alemanha vencesse a guerra. O que Eckart fez em seu livro foi semelhante

95 Plewnia, M., *A caminho de Hitler ... ,* pp. 108–109; Pyta, W., *Hitler ... ,* pág. 172.
96 Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ... ,* p. 204.

Machine Translated by Google

ao que Platão fez em seus diálogos fictícios com Sócrates: a intenção era fazer um ponto filosófico ou moral. No entanto, *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin* simplesmente não se encaixou bem em nenhum contexto político depois de 1925. Além disso, pode ter sido o caso, pelo menos inicialmente, de que Hitler não queria que o livro de Eckart ofuscasse sua própria obra *Mein Kampf,* que, se Heer estiver certo em sua análise, era uma espécie de continuação da obra de Eckart. Nesse caso, o elogio de Hitler a Eckart no final do último volume de *Mein Kampf* poderia ser visto como um reconhecimento desse fato. 97 Eckart havia se retirado para

Berchtesgaden em abril de 1923 para escrever seu livro, em parte por causa de um desejo de se isolar e em parte porque um mandado de prisão havia sido emitido pelo tribunal regional em Leipzig por ele ter insultado o presidente Hindenburg. Ele permaneceu lá até 6 de novembro, quando retornou a Munique para participar da tentativa de golpe, que só o levou a ser preso por esse crime. Ele morreu das consequências relacionadas à saúde que sofreu enquanto estava preso na prisão. Wolfram Pyta escreve que Eckart esperava ganhar uma quantia significativa de dinheiro com seu livro, o que não era uma expectativa irracional, considerando que havia de fato uma demanda por uma suposta declaração programática da agora bastante famosa, mas ainda misteriosa e desconhecida, estrela política Hitler. Pyta diz que esse plano, no entanto, saiu pela culatra, já que Hitler em março de 1924 não era mais uma estrela política emergente, mas sim um criminoso acusado de alta traição. Ainda assim, ele ressalta que a contínua falta de um texto programático deu a Hitler a oportunidade de preencher esse vazio com seu próprio livro. 98 Mas há algo que está errado com a análise de Pyta aqui. Primeiro, não era verdade que o golpe fracassado significava que a estrela de Hitler estava desaparecendo; pelo contrário, ela

estava disparando para cima. A evidência disso não é apenas a vitória de propaganda em que Hitler transformou o julgamento, mas também sua enorme popularidade durante seu tempo na fortaleza. O julgamento fez de Hitler uma figura importante na cena política de extrema direita, e seu nome se tornou conhecido em toda a Alemanha e até no exterior. O tribunal

97 Provavelmente foi também por causa do desejo narcisista de parecer original que Hitler não se referiu a nenhuma de suas fontes em *Mein Kampf.*

98 Pyta, W., *Hitler: O Artista ... ,* pp. 171–172.

Machine Translated by Google

até mesmo infringiu a lei e se absteve de deportar Hitler para a Áustria com a motivação de que Hitler era muito alemão em seus sentimentos e pensamentos, e quando a sentença contra ele foi lida em 1º de abril (irônico, considerando que a sentença foi uma piada de muito mau gosto), o tribunal explodiu em uma tempestade de gritos *de Heil* .

99 Esses fatos são bem conhecidos, e foi precisamente por isso que Hitler decidiu escrever *Mein Kampf,* então é um pouco intrigante por que Pyta argumenta da maneira que ele faz. Segundo, o livro de Eckart foi de fato publicado, o que significa que não faltou uma declaração programática das visões políticas de Hitler quando ele se sentou para escrever *Mein Kampf,* se é verdade que esse era o propósito do livro de Eckart.

Foi até mesmo alegado que Eckart havia se retirado amargamente para os Alpes e Berchtesgaden porque Hitler o havia substituído como editor do *Völkischer Beobachter* em 10 de março de 1923 (Alfred Rosenberg havia assumido essa posição). a suposta ruptura [100] No entanto, Thomas Weber demonstrou que entre Hitler e Eckart não aconteceu. Hitler não havia substituído Eckart por razões ideológicas, mas porque os problemas de abuso de morfina e álcool de Eckart o tornavam incapaz de fazer seu trabalho. O *Völkischer Beobachter* tinha grandes problemas econômicos, e Eckart não estava em condições de lidar com a situação e retificá-la. Mas isso não significava que Hitler e Eckart se repudiassem, escreve Weber. Eles permaneceram ideologicamente e emocionalmente próximos, e Hitler frequentemente visitava Eckart em seu esconderijo alpino do final de abril de 1923 em diante. Mesmo em agosto de 1923, Hitler e Eckart continuaram em contato próximo, e os dois até foram juntos à Suíça para uma campanha de arrecadação de fundos com Emil Gansser para arrecadar mais dinheiro para o jornal e para o partido.

[101]

Também sabemos pelas memórias do chefe de imprensa de Hitler, Otto Dietrich, que Hitler visitava regularmente o túmulo de Eckart na pequena cidade de Neumarkt em Oberpfalz, local de nascimento de Eckart. Dietrich afirma que Hitler repetidamente lhe disse que Eckart tinha sido imensamente importante para o caminho que sua vida havia tomado e para sua carreira política, e que Eckart era

99 Thamer, Hans-Ulrich, *Adolf Hitler: Biografia de um ditador* (Munique: CH Beck, 2018), pp. 94–96.

100 Reuth, Ralph George, *Hitler: Uma biografia política* (Munique: Piper, 2003), p. 143.

101 Weber, T., *Como Adolf Hitler se tornou um nazista ... ,* pp. 386–390.

Machine Translated by Google

"seu melhor amigo" e "pai espiritual". Foi de Eckart que Hitler veio a abraçar seu " patriotismo *völkischer* fanático e antissemitismo radical". 102 Eckart parece ter tido esse papel já no final de 1919. Eckart ficou profundamente impressionado com o jovem, e várias semelhanças em suas histórias de vida os atraíram. Ele até contou a Hitler durante seu primeiro encontro sobre seu desejo genocida de colocar todos os judeus em um trem e levá-lo para o Mar Vermelho. Foi também Eckart quem incutiu em Hitler o sentimento de que ele era de fato superior àqueles ao seu redor – que ele tinha uma missão. 103

Eckart, de fato, estava esperando por um personagem como Hitler há muito tempo. Ele estava ansioso para anexar sua expectativa preexistente de Messias a alguém digno dela, especialmente depois de ter ficado decepcionado com o revolucionário Wolfgang Kapp e seu golpe fracassado em Berlim em março de 1920. Ludolf Herbst argumenta que foi depois disso que ele começou a ver Hitler como o salvador da Alemanha. Eckart tomou Hitler sob sua proteção e o ensinou não apenas a escrever, mas, mais significativamente, a falar, se pudermos acreditar em Konrad Heiden. A palavra *Führer* como uma designação para Hitler apareceu no *Völkischer Beobachter* de Eckart em dezembro de 1921 – Eckart foi de fato "o criador espiritual do mito *do Führer ",* como Heiden já havia dito em 1936 – mas foi somente após a Marcha sobre Roma de Mussolini em outubro de 1922 que ela se tornou frequentemente usada. Seu argumento convincente é que a transformação de Hitler no *Führer* e na figura do Messias alemão não foi um desenvolvimento espontâneo. Essa imagem foi conscientemente criada por Eckart, Alfred Rosenberg e alguns outros associados mais próximos de Hitler durante 1922 e 1923 (e, claro, de 1923 em diante, não menos importante, pelo próprio Hitler).
104

Ele também apresentou Hitler a alguns doadores ricos da elite burguesa e conservadora de Munique. 105 Para

mostrar o quão bem-sucedido foi esse esforço de propaganda, podemos olhar para a infame Paixão de Oberammergau de 1934. Enquanto o público assistia à crucificação de Jesus, as pessoas ficaram boquiabertas ao verem claramente o paralelo entre a história do Evangelho e Hitler e a Terceira

102 Dietrich, O., *12 anos com Hitler,* p. 168.
103 Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* pp. 140–143.
104 Herbst, L., *O carisma de Hitler ... ,* pp. 137–140; Heiden, K., *Adolf Hitler ...* (Vol. I), págs. 58, 85–86.
105 Dietrich, O., *12 anos com Hitler,* p. 178.

Machine Translated by Google

Reich. “Lá está ele. Esse é o nosso Führer, nosso Hitler!”, eles gritaram.
Susannah Heschel observa que esta reação “foi ambígua: foi
A Alemanha sendo crucificada ou Hitler sendo identificado como o
salvador?”106 Talvez tenha sido um pouco dos dois. Além disso, vale a pena enfatizar
que essa reação não foi criação completa da propaganda nazista.
Sem dúvida, muitos cristãos na Alemanha traçaram eles próprios estes paralelos
e provavelmente o teria feito mesmo sem a ajuda de Hitler e
seus propagandistas. Mesmo assim, o trabalho destes últimos certamente deve ter
fez a diferença em termos do número de pessoas que viram Hitler em
esta peça como o salvador e o Terceiro Reich como a nova terra prometida.

Thomas Weber observou que Eckart e Hitler “compartilhavam experiências
retórica minatória ao se referir aos judeus”. Eckart foi inspirado
para se tornar um antissemita fervoroso lendo o livro *Geschlecht und
Charakter* (Sexo e Caráter) publicado em 1903 pelo autor judeu austríaco que se
odiava, Otto Weininger. Ele havia se convertido em 1902
O cristianismo protestante rejeitou sua herança judaica e atribuiu tudo o que
considerava mal no mundo aos judeus. Sem surpresa,
Weininger sofria de depressão e suicidou-se aos 18 anos.
vinte e três. Mas foi precisamente o ódio de Weininger por si mesmo que atraiu
Eckart e o transformou em um antissemita raivoso. 107 Eckart nunca parou
sendo um herói para o NSDAP. Ainda em 5 de maio de 1928, o *Völkischer
Beobachter* reproduziu um poema de Eckart chamado “O Primeiro Antissemita”
(Der erste Antisemit), no qual ele argumentou que o primeiro antissemita em
a história mundial não foi outro senão o bíblico Caim, que assassinou
“o judeu”, isto é, seu irmão Abel, “o bastardo sorrateiro”. De acordo com
Eckart, Caim foi o primeiro a perceber os esforços dos judeus para disfarçar
ele mesmo e vê-lo como ele realmente era. [108] Nesse mesmo ano,
Rosenberg publicou uma biografia de Eckart com o subtítulo *Um Legado
(um legado)* usando a própria editora do NSDAP. 109 Abel
assim representou o judeu cujo assassinato Eckart proclamou ser um
ação abençoada por Deus.

[106] Heschel, S., “Confrontando o passado...”, p. 46.
107 Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* pp. 141–142.
[108] Dennis, DB, *Desumanidades ... ,* p. 397.
109 Hitler, A., *Segundo livro de Hitler ...,* p. 200 n1; Rosenberg, Alfred, *Dietrich Eckart. UM Legado. Editado e introduzido por Alfred Rosenberg* (Munique: Franz Eher (Verlag, 1928).

Machine Translated by Google

É digno de nota que Weininger, assim como Chamberlain, argumentou que o espírito judaico estava presente em cada pessoa e que todos, portanto, tinham que lutar contra o judaísmo dentro de si mesmos. 110 portanto, a Era mesma ideia que foi expressa no ponto 24 do programa do NSDAP sobre como o cristianismo positivo "luta contra o espírito judaico-materialista dentro de nós e fora de nós". Não se sabe se Weininger pegou isso de Chamberlain, mas essas eram ideias que não eram incomuns no final do século XIX e início do século XX. Elas parecem ter sido parte da radiação de fundo antissemita na Europa naquela época; pode-se até dizer que eram populares.

Tudo isso significa que a história de *Der Bolschwismus von Moses bis Lenin de* Eckart tem que ser parcialmente reescrita, já que as interpretações anteriores são construídas sobre uma premissa falha, a saber, que Hitler e Eckart se distanciaram um do outro. Mas com o conhecimento de que Hitler visitou Eckart várias vezes durante o período em que ele estava escrevendo *Der Bolschwismus von Moses bis Lenin,* é razoável perguntar se Hitler não sabia sobre o livro afinal. Eckart realmente teria mantido esse trabalho em segredo de seu ainda bom amigo Hitler? Pelo menos parece muito menos provável do que antes.

Esta história notável, no entanto, mostra duas coisas: (1) que o conteúdo do livro de Eckart, embora Hitler tenha limitado sua circulação mais tarde, não pode ter estado tão longe da imagem de Hitler mantida por outros membros importantes do NSDAP quando foi escrito, porque então Gansser (e também o CEO da editora do NSDAP, Max Amann, que também havia lido o texto) naturalmente teria recuado e opinado contra a falsa imagem do *Führer* apresentada por Eckart e (2) que Eckart claramente ainda tinha Hitler em alta conta e que a opinião deste último era importante para ele. O segundo ponto fala contra a suposição de que o livro deu uma imagem enganosa de Hitler. O mesmo poderia, é claro, ser dito com referência à dedicatória de *Mein Kampf* de Hitler a Eckart vários anos depois.

Historiadores notaram que o livro de Eckart parece transformar Hitler em um antissemita teológico cristão, quando na realidade ele havia desenvolvido um antissemitismo racial distinto naquela época. 111 Isto é verdade para um

110 Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* p. 174; Eckart argumentou o mesmo, veja: . S Rosenberg, A., *Dietrich Eckart ....,* pp. 191–230.

111 Thamer, H.-U., *Adolf Hitler ... ,* pág. 77; Pyta, W., *Hitler: O Artista ... ,* p. 172.

Machine Translated by Google

extensão, isto é, Hitler tinha de fato desenvolvido tal antissemitismo baseado em raça. Mas o fato de Eckart ter colocado palavras na boca de Hitler não significa que tudo incluído no texto não fosse verdade. É igualmente óbvio pelos discursos e escritos de Hitler daquele período que ele, além do antissemitismo racial, também frequentemente mostrava sinais claros de antijudaísmo cristão e antissemitismo teológico inspirado na Bíblia.

Assim como é evidente que o Hitler de Eckart tem muito conhecimento literário, também é claro que as visões sobre Jesus e Paulo, e a ideia do cristianismo estabelecido como protobolchevismo, estão em total acordo com as visões reais de Hitler sobre esses tópicos.

A publicação de *Der Bolshevismus von Moses bis Lenin* parece, além disso, ter sido tudo menos um acontecimento casual insignificante, porque foi publicada em 2 de março de 1924, ou seja, quatro meses *depois*
A morte de Eckart, com o propósito explícito de testemunhar a fé cristã
valores dentro do movimento *völkisch ,* escreve Friedrich Heer. [112]

Além disso, o julgamento de Hitler havia começado apenas alguns dias antes, em 26 de fevereiro, um fato que certamente faz parecer que a publicação foi programada para afetar o resultado do julgamento ou pelo menos a percepção popular de Hitler. Talvez essa seja também a razão, embora isso seja realmente especulativo, pela qual Hitler não se referiu à sua fé religiosa durante o julgamento; e a ausência de tais referências é impressionante quando comparada aos seus escritos e discursos antes e depois de 1924, incluindo *Mein Kampf.* Os historiadores não perceberam completamente a importância do livro de Eckart e, portanto, não tentaram explicar como é que a visão do cristianismo estabelecido que o Hitler fictício de Eckart expressa era mais ou menos idêntica às visões que o Hitler real também professava. A explicação provável para esse acordo sobre as visões sobre Jesus, Paulo e o cristianismo em geral é, claro, que Eckart, como mentor e amigo próximo de Hitler, foi a fonte original das visões de Hitler e, portanto, estava muito bem familiarizado com elas. Eckart podia essencialmente expressar suas próprias opiniões sobre esses tópicos e saber que Hitler concordaria com o que ele estava dizendo. Embora Hitler não adotasse ideias de forma servil por atacado de nenhuma fonte, ele também não era um pensador ou intelectual original. Ele usava o que encontrava nos outros para criar uma mistura que lhe convinha.

[112] Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ... ,* p. 204.

Machine Translated by Google

2.7 Vestir o antissemitismo com linguagem bíblica e transformá-lo Hitler em um Messias Alemão

As ideias odiosas que Eckart tirou do cristianismo certamente parecem muito mais horríveis em retrospecto, quando sabemos no que elas eventualmente resultaram. Elas também parecem um pouco proféticas: houve uma guerra que para Hitler era sobre derrotar o mal supremo Satanás personificado na forma dos judeus, cuja existência seria erradicada de uma vez por todas em uma Solução Final. Mas a guerra não aconteceu por acaso. Foi Hitler, o aprendiz de Eckart, que a fez acontecer. Hitler também polvilhou *Mein Kampf* com inúmeras referências implícitas e explícitas ao Novo Testamento e aos judeus como estando em conluio com o Diabo. Um exemplo é quando ele fala sobre como os judeus produzem "ovos de enxofre". O enxofre estava conectado ao Diabo no livro do Apocalipse e, com o tempo, o enxofre passou a simbolizar o Inferno na cultura cristã. 113 O livro do Apocalipse foi uma fonte para muitas outras analogias sobre os judeus. Por exemplo, Hitler falou deles como "nosso velho inimigo" *(Widersacher;* um termo bíblico), que no cristianismo era uma referência a Satanás, assim como "a velha serpente"; e em janeiro de 1942, ele falou dos judeus como "o *inimigo mais maligno do mundo de todos os tempos",* que agora desempenhava seu papel por pelo menos mil anos. Esta foi uma referência direta a Apocalipse 20:1–3, onde diz:

> Então vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é *o* Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos; e lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não enganasse mais as nações, até que os mil anos se completassem. Mas depois destas coisas é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo. 114

Goebbels também usou a mesma linguagem bíblica e a palavra "inimigo" *(Widersacher)* ao falar sobre os judeus, como por exemplo em

113 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pp. 795–797 **[324].**

114 *HRP* I/2, p. 757 (8 de novembro de 1937); *HRP* II/4, p. 1829 (30 de janeiro de 1942). Veja também Reichelt, Werner, *O Evangelho Marrom: Hitler e a Liturgia Nazista* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 1990), p. 113; Hesemann, M., *A religião de Hitler ... ,* p. 240.

Machine Translated by Google

19 de abril de 1941, quando falou sobre como "nosso eterno inimigo e "rival" havia declarado guerra à Alemanha em setembro de 1939.[115] Hitler mesmo chamou explicitamente os judeus de imagem do Diabo em seu discurso de 1º de maio, 1923: "O judeu é uma raça, mas não um ser humano. Ele não pode ser um ser humano em o sentido de ser a imagem de Deus, o eterno. O judeu é o imagem do Diabo. O judaísmo significa a tuberculose racial do pessoas", disse ele.[116] Os judeus eram, portanto, certamente uma raça na visão de Hitler, mas suas qualidades espirituais os tornaram incapazes de serem totalmente humanos. Hitler certamente estava misturando metáforas aqui, mas isso não significa que ele não acredito sinceramente no que ele disse.

David I. Kertzer detalhou o importante papel da Igreja Católica Igreja na ascensão do antissemitismo moderno em seu livro *Os Papas contra os judeus.* Embora a Igreja não tenha abraçado o antissemitismo racial, ela espalhou uma série de ideias centrais para o antissemitismo moderno. Por exemplo, ela perpetrou as falsidades de que os judeus eram buscando dominar o mundo; que os judeus eram maus e queriam feriram os cristãos; que os judeus eram por natureza imorais; que os judeus assassinavam crianças cristãs para beber seu sangue; que eles eram antipatrióticos e só se importavam com dinheiro; e que controlavam a imprensa. Vários outros tais ideias impostas aos fiéis pela Igreja poderiam ser trazidas à tona.[117] Também em relação a este facto, é impressionante que as biografias de Hitler não reconhecem a fé cristã de Eckart. Por exemplo, Fest não passou menos de dezenove páginas escrevendo sobre Eckart, mas não menciona seu fé católica, mesmo uma vez. Isso é provável porque as crenças religiosas de Eckart não se manifestaram de uma forma que correspondesse à tradição ideia sobre o que é um católico. Fest também afirma que Eckart reclamou sobre o complexo de Messias de Hitler para Ernst "Putzi" Hanfstaengl já antes da tentativa de golpe em novembro de 1923.[118] No entanto, não é provável que esta afirmação é verdadeira. A fonte para isso são as memórias de Hanfstaengl, escrito várias décadas depois dos eventos, e eles simplesmente não são credíveis. Mas, como veremos, há mais e até melhores razões para duvidar essa alegação. Fest não está sozinho em levantar esse assunto.

115 *GR* II, pág. 57 (19 de abril de 1941).

116 *SA,* págs. 918–919 (Documento 524). Veja também Bucher, R., *Hitler's Theology,* pp. 114–115; Lüdicke, L., *A visão de mundo de Hitler ... ,* p. 73.

117 Kertzer, DI, *Os Papas contra os Judeus ... ,* especialmente pp. 133–236.

118 Fest, J., *Hitler ... ,* pág. 287.

Machine Translated by Google

Thomas Weber também se refere à suposta crítica de Eckart em seu *Becoming Hitler,* e ele também usa Hanfstaengl como suporte – desta vez com base em um interrogatório deste último feito pela agência de inteligência americana OSS em dezembro de 1942. Esta pode parecer uma fonte melhor, uma vez que está mais próxima no tempo dos eventos descritos, mas ainda está duas décadas inteiras removida dos eventos em questão. Mas enquanto Fest, com base nas memórias, afirma que Eckart havia expressado sua irritação a Hanfstaengl, Weber escreve que Eckart disse isso a Hitler diretamente. 119 Hanfstaengl havia, portanto, mudado sua história entre o interrogatório em 1942 e o tempo durante o qual ele estava escrevendo suas memórias. Mas a ideia de que Eckart teria ficado irritado com Hitler porque este último se comparou a Jesus é difícil de levar a sério. Há também algo sobre a cronologia que não faz sentido aqui, porque como Eckart poderia ter opinado contra Hitler retratando-se politicamente como Jesus Cristo antes de novembro de 1923, quando o próprio Weber acabou de explicar aos seus leitores que Hitler de fato não *se* retratou dessa forma até a publicação da primeira biografia de Hitler chamada *Adolf Hitler: Sein Leben und seine Reden* (Adolf Hitler: Sua Vida e Seus Discursos), encomendada pelo próprio Hitler e escrita por Victor von Koerber. O livro, que foi publicado em 1923, está entre as primeiras evidências que temos de que Hitler se via como uma figura de Cristo destinada a salvar a Alemanha e restaurar sua grandeza.

120 Até então, ele geralmente preferia falar de si mesmo como o "baterista" *(Trommler)* que supostamente apenas preparou o caminho para o *Führer.* 121

Deve-se notar, no entanto, que Hitler havia sugerido esse tema também antes de novembro de 1923. Há alguns discursos nos quais ele fala sobre seu papel como líder do movimento que lembra uma figura de Jesus. Em 6 de julho de 1923, por exemplo, ele disse a uma reunião de membros do NSDAP em Augsburg que via seu papel como líder como sendo sobre assumir a mesma responsabilidade pelo povo que Cristo teve. Então, em Munique, em 12 de setembro de 1923, ele disse que era o

119 Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* p. 264.

120 Koerber, A.-V. von, *Adolf Hitler: Sua Vida e Seus Discursos* (Munique: Deutscher Volksverlag, 1923), pp. 6–7; Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* pp. 285–291.

121 Essa jornada psicológica, política e ideológica foi o tema do livro de Albrecht Tyrell de 1975. Tyrell de fato usa o panfleto de Koerber como fonte: Tyrell, A., *Vom "Trommler" ... ,* p. 186 n12.

Machine Translated by Google

missão do líder de despertar o "espírito heróico" *(Heldengeist)* no povo alemão e liderá-los contra a "morte e o Diabo" *(Tod und Teufel).* Eles não pediriam a Deus para ajudá-los, Hitler proclamou.
Eles só pediriam que ele não ajudasse seus inimigos. [122] No entanto, a história de Hanfstaengl deve ser uma invenção ficcional *post facto.* Eckart certamente não teria reclamado sobre isso, e ao mesmo tempo escrito *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin,* que era em si uma celebração de Hitler que reforçava a imagem dele como uma figura do Messias para a direita *völkisch .*

Ao encobrir o catolicismo de Eckart, essas biografias também não precisam explicar por que Hitler, se ele realmente odiava tanto os católicos e o cristianismo, queria dedicar *Mein Kampf* a um católico autoproclamado. Partindo do pressuposto de que Hitler odiava o cristianismo em geral, e o catolicismo especialmente, torna-se muito difícil entender como Hitler conseguia sequer suportar falar com Eckart, e faz ainda menos sentido para ele ter considerado Eckart como seu mentor.

Não era como se a religiosidade de Eckart fosse um detalhe menor; ela definia toda a sua personalidade e todos os artigos odiosos que ele escreveu sobre os judeus. Assumir que Eckart deixou esse lado dele de lado ao inspirar e ensinar Hitler simplesmente não é razoável. Considerando a personalidade impaciente de Hitler, é muito difícil pensar que ele teria tolerado Eckart por tanto tempo — e até mesmo o tornado editor do *Völkischer Beobachter* — se sua fé cristã fosse o menor problema para ele. Além disso, Hitler deveria realmente ter se distanciado do livro de Eckart *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin,* onde é dito que Hitler foi muito influenciado pelo Novo Testamento e pelo cristianismo.

No entanto, ele nunca o fez, e nunca renegou Eckart. Ainda assim, muito poucos estudiosos questionariam a sinceridade da fé cristã de Eckart. As crenças de Hitler, no entanto, serão muitas vezes descartadas de imediato. No entanto, não temos mais motivos para duvidar das supostas crenças de Hitler do que das de Eckart.

Pode ser difícil entender e realmente apreciar a importância do que foi dito acima se não soubermos sobre o grande papel que o catolicismo político desempenhou na história inicial do NSDAP. O significativo anti-ultramontanista (ultramontanista significa "do outro lado

[122] *SA,* págs. 946 (Doc. 544), 1013 (Doc. 568).

Machine Translated by Google

das montanhas") O movimento católico na Baviera naquela época se reuniu em torno do NSDAP. Os anti-ultramontanistas eram uma seita de católicos ultranacionalistas que não consideravam o Papa em Roma (do outro lado dos Alpes) a autoridade máxima em questões relativas à sua fé. Como nacionalistas alemães, eles sentiam que o destino dos católicos alemães deveria ser decidido pelos alemães, e não por uma potência estrangeira (ou seja, o Vaticano). O NSDAP teve esse preconceito até quando foi recriado em uma plataforma parlamentar em fevereiro de 1925. Uma vez que a decisão de desistir da luta revolucionária armada foi tomada (efetivamente por Ludendorff durante o tempo de Hitler na fortaleza de Landsberg e sem a permissão deste último — Hitler apenas aceitou de má vontade o *fato consumado),* o catolicismo anti-ultramontanista se tornou uma desvantagem em vez de uma fonte de força. Porque enquanto essa versão do catolicismo ferozmente nacionalista estava bem representada na Baixa Baviera, era marginal ou mesmo inexistente no resto da Alemanha. Para se tornar um verdadeiro movimento de massa e vencer as eleições parlamentares, o NSDAP teve que mudar sua base. A solução foi uma reconstituição completa do partido também em termos de apoio religioso de base; enquanto o NSDAP permaneceu oficialmente baseado no "cristianismo positivo" no ponto 24 do programa do partido, o partido deixou o catolicismo anti-ultramontanista para trás e mudou para uma base protestante. 123 O ultramontanismo e o "clericalismo" foram explicitamente referidos por Rudolf Jung como incompatíveis com a natureza e o espírito alemães.

124 Embora esse lado do NSDAP seja bem conhecido, raramente, se é que alguma vez, faz parte das histórias tradicionais do partido, de Hitler ou do Terceiro Reich. Mas se não for, então como podemos esperar interpretar e entender corretamente o movimento e a visão de Hitler sobre Jesus e seu papel na ideologia nacional-socialista?

Ian Kershaw afirma que, embora o relacionamento entre Hitler e Eckart tenha sido harmonioso durante os primeiros anos, para Hitler era principalmente uma questão de usar Eckart em seu benefício.
Em 1923, essa necessidade havia se tornado tão pequena que os dois se afastaram, e Eckart supostamente ficou muito magoado e zangado quando foi substituído como editor do *Völkischer Beobachter* (Eckart foi a principal razão para o NSDAP ter conseguido comprar o jornal no primeiro

123 Para isso, veja Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ...*
124 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* p. 78.

Machine Translated by Google

lugar porque ele foi fundamental para convencer os atores principais a financiar o caso), ele escreve. 125 Kershaw também afirma que a dedicatória a Eckart em *Mein Kampf* não foi realmente destinada a ele, mas a todos aqueles que sabiam o quão importante Eckart foi para ele inicialmente.[126] Este relato não parece muito plausível, e não está claro como Kershaw pode saber disso (ele se refere a uma fonte secundária aqui). Há muitos que teriam merecido uma dedicatória, de acordo com este critério, mas Hitler escolheu ignorar os outros candidatos em potencial. A coisa natural a fazer se alguém não sente uma necessidade genuína de expressar gratidão a alguém é, claro, ficar em silêncio.

O que também torna o argumento de Kershaw pouco convincente é o fato de que Hitler continuou falando de Eckart com calor e admiração muito depois de ter publicado *Mein Kampf,* e que Eckart retribuiu esses sentimentos por Hitler mesmo depois de ter perdido sua posição como editor do NSD jornal.

2.8 Conclusão

A fé religiosa de Hitler era uma mistura de influências que ele recebeu de uma variedade de fontes diferentes. Mas ele recebeu as bases para suas crenças religiosas de duas fontes principais – Dietrich Eckart e Houston Stewart Chamberlain. Destes dois, Eckart parece ter sido o mais importante. A razão é provavelmente muito simples, ou seja, o fato de que Hitler era muito próximo de Eckart. A afinidade entre os dois é muito evidente no livro de Eckart *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin,* no qual ele apresentou conversas filosóficas religiosas fictícias entre ele e Hitler. Embora o Hitler que conhecemos neste livro seja um personagem fictício desenvolvido – como se Eckart estivesse escrevendo uma de suas peças – as crenças religiosas que são atribuídas a Hitler ainda estão corretas. O livro é um testemunho do lugar central que a fé religiosa teve no movimento nacional-socialista inicial.

Chamberlain foi claramente também um importante professor religioso para Hitler. Suas visões de Jesus como um guerreiro ariano se tornaram centrais para a teologia de Hitler. É provável que Hitler tenha aprendido sobre as ideias de Chamberlain por meio de seu professor espiritual Eckart. Ele provavelmente leu pelo menos partes de

125 Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ...* , pp. 155–156.

126 Ibidem, pág. 651, n119.

Machine Translated by Google

Grundlagen eventualmente; talvez durante seu tempo na fortaleza de Landsberg em 1924. Não pode haver dúvidas sobre a importância de Chamberlain como inspiração e líder espiritual para Hitler no início de sua carreira política e nacional-socialista. No entanto, deve-se notar que Hitler não simplesmente enxertou as ideias de Chamberlain em si mesmo. Por exemplo, as visões de Chamberlain sobre o apóstolo Paulo eram algo que Hitler não aceitava. Enquanto Chamberlain considerava Paulo um homem que havia desjudaizado os ensinamentos de Jesus, Hitler, ao contrário, considerava Paulo um judeu que havia corrompido os ensinamentos originais de Cristo ao judaizá-los. Aqui, Hitler seguiu a linha de raciocínio antissemita de Eckart.

As influências de Eckart sobre Hitler são muito mais diretas e fáceis de rastrear até sua fonte. Os historiadores geralmente ignoraram as crenças católicas de Eckart e seu papel como mentor religioso de Hitler ao escrever sobre ele e sua influência sobre Hitler no início dos anos 1920. É como se essa dimensão importante de seu relacionamento não tivesse sido entendida como tendo o significado que teve para Hitler. Eckart foi inspirado por Chamberlain também, mas também teve muitas outras fontes para seu cristianismo católico particular.

O início da década de 1920 foi um ano formativo não apenas para a ideologia política de Hitler, mas também para suas crenças religiosas. Foi durante esse período que sua crença em Deus, ou Providência, se tornou parte integrante de sua visão de mundo e ideologia política. Sua ideia sobre si mesmo como uma figura messiânica destinada a trazer salvação à Alemanha também começou com Eckart. Ao não prestar atenção a esse aspecto da visão de mundo de Hitler, os historiadores perderam de vista uma parte importante da ideologia nacional-socialista, bem como uma parte importante da personalidade de Hitler. Devemos levar a fé religiosa de Hitler a sério para entender completamente suas motivações.

Machine Translated by Google

3 CRISTO NA CRUZ TORTA, PARTE II Hitler acreditava que Jesus era divino?[1]

3.1 Introdução

O que Hitler realmente pensava de Jesus, a figura central do cristianismo? Hitler alguma vez considerou que Jesus tinha origem divina, isto é, que era o Filho de Deus? Como vimos, Hitler tinha uma visão positiva de Jesus — embora expressasse apenas desprezo pelo cristianismo das igrejas estabelecidas — e pensava que Jesus era um ariano. Hitler considerava Jesus um modelo para os antissemitas e afirmava que o movimento nacional-socialista seguia os "passos de Cristo" com o objetivo de finalmente realizar o objetivo que os nazistas pensavam que Jesus tinha originalmente: a erradicação dos judeus.

2 Embora as crenças religiosas de Hitler e sua relação com o cristianismo tenham sido objeto de um número crescente de estudos nos últimos trinta anos, ainda é seguro dizer que a visão de Hitler sobre a divindade de Jesus não foi totalmente explorada antes.[3]

[1] Uma versão deste capítulo foi publicada anteriormente como "Cristo na cruz torta: a divindade de Jesus na *Weltanschauung de Hitler", Journal of Religious History,* Vol. 45, No. 2 (2021), pp. 233–256.

2 Tomberg, F., *Cristianismo ... ,* pp. 14, 17.

[3] Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ...;* Strohm, H., *Gnose e Nacional-Socialismo;* Rhodes, J.M., *O Movimento Hitler;* Reichelt, W., *O Evangelho Marrom ...;* Bärsch, C.-E., *A religião política do Nacional-Socialismo ...;* Rißmann, M., *O Deus de Hitler ...;* Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ...;* Hesemann, M., *A religião de Hitler ...;* Redles, D., *O Reich Milenar de Hitler ...;* Bucher, R., *Teologia de Hitler;* Grabner-Haider, A., *Teologia da Morte de Hitler;* Hastings, D., *Catolicismo e as Raízes*

Machine Translated by Google

Em seu estudo clássico *O Terceiro Reich,* Michael Burleigh conclui laconicamente: “O Führer falava muito sobre Deus, raramente sobre o Salvador.”4 Como ficará evidente nas páginas abaixo, esta não é uma declaração totalmente justificada. Hitler de fato falou sobre Jesus várias vezes como seu “Senhor e Salvador”, e ele também expressou com bastante frequência sua admiração por “Cristo”. No entanto, o elogio de Hitler a Jesus é muito raramente mencionado nas principais biografias, nas quais sua religiosidade e sua visão de Jesus (se mencionadas) são tratadas como nada mais do que curiosidades. 5 Em outras palavras, é seguro dizer que a maioria dos historiadores até agora não levou a sério a alegação de Hitler de ter sido inspirado por Jesus. Somente aqueles que se concentraram especificamente nas crenças religiosas de Hitler é que notaram a importância destas últimas para ele e para a ideologia nacional-socialista. No entanto, os historiadores que escrevem as histórias mais amplas do nacional-socialismo e do Terceiro Reich têm sido lentos ou pouco dispostos a abordar isso e a integrar os resultados desses estudos em suas obras. Aparentemente, estes últimos claramente não reconheceram o valor dos primeiros.

Neste capítulo, detalharei o papel que Jesus desempenhou na *Weltanschauung* de Hitler e mostrarei que Hitler falou clara e repetidamente de Jesus como divino. Há evidências que sugerem que Jesus ocupou um lugar bastante importante na visão de mundo e imaginação de Hitler, e que podemos encontrar essas evidências espalhadas por todo o período de 1920 a 1944. A admiração por Jesus foi uma das muitas características constantes da visão de mundo de Hitler do início até o fim de sua vida nacional-socialista. No entanto, ao mesmo tempo, é certamente importante reconhecer que o Jesus que Hitler celebrou era radicalmente diferente em comparação com a figura normalmente adorada pela população cristã do mundo hoje. Foi Jesus como um ariano e um guerreiro em constante batalha contra os judeus, uma visão com uma longa tradição dentro dos círculos religiosos racistas, que chamou a atenção de Hitler.

do nazismo ...; Herbst, L., *O carisma de Hitler ...;* Landes, R., *O céu na Terra ...;* Kurlander, Eric, *Os monstros de Hitler: uma história sobrenatural do Terceiro Reich* (New Haven, CT: Yale University Press, 2017).

4 Burleigh, M., *O Terceiro Reich ...* , p. 259.

5 Fest, J., *Hitler ...;* Kershaw, I., *Hitler: 1889–1936 ...;* Kershaw, I., *Hitler 1936–45 ...;* Ullrich, V., *Adolf Hitler: Biografia* (Faixa I) ...; Longerich, P., *Hitler ...;* Pyta, W., *Hitler ...;* Ullrich, V., *Adolf Hitler: Biografia* (Faixa II) ...; Thamer, H.-U., *Adolf Hitler ...;* McDonough, Frank, *The Hitler Years: Triumph 1933–1939* (Londres: Head of Zeus, 2019).

Machine Translated by Google

Embora a própria ideia de que Hitler poderia ter sido inspirado por Jesus possa parecer forçada, ou mesmo prejudicial, para os cristãos de hoje, o propósito deste capítulo é simplesmente apresentar uma análise imparcial das evidências. Como historiadores, não podemos deixar de seguir as evidências e tirar conclusões delas simplesmente porque podem ser consideradas ofensivas para algumas pessoas. Mas, como Susannah Heschel observou, as crenças e declarações nacional-socialistas sobre Jesus e o cristianismo devem ser avaliadas dentro do contexto em que foram proferidas. É somente em seu contexto histórico que elas podem ser devidamente compreendidas.[6]

3.2 Hitler e a questão da divindade de Jesus

A questão de se Hitler considerava Jesus divino é uma questão que até agora gerou surpreendentemente pouco interesse dos historiadores, considerando as consequências para nossa compreensão de Hitler que se seguiriam se descobrisse que ele pensava em Jesus como divino pelo menos em algum momento de sua carreira política. Mas acontece que Hitler falou de Jesus como divino em várias ocasiões já no início da década de 1920. “Nosso programa contém”, disse Hitler no discurso em Rosenheim em 31 de agosto de 1920, “um Evangelho para a recuperação alemã, o renascimento moral, o princípio do valor humano”. Mas esse Evangelho não era para os judeus, a quem Hitler caracterizou como cambistas improdutivos e preguiçosos, “a quem nosso professor de religião, o filho carpinteiro de Nazaré, expulsou *do templo de seu pai* com seu chicote” [ênfase adicionada]. De acordo com o relatório no *Rosenheimer Tageblatt,* Hitler continuou alegando que o NSDAP “se apoia no fundamento do cristianismo positivo e apoia cada ação cristã como a fundação da autoridade”. Era importante permanecer unido na luta contra os “vampiros sugadores de sangue” judeus e os maçons. 7

[6] Heschel, S., “Historiografia do antissemitismo ... ,” p. 259.

[7] *SA,* pp. 220–221 (Documento 140). Observe que o *Völkischer Beobachter* (que ainda não é um jornal do NSDAP) incluiu um resumo mais curto que não inclui essas frases. Veja também *RSA Volume III: Entre as eleições do Reichstag, julho de 1928–setembro de 1930. Parte 3: janeiro de 1930–setembro de 1930. Editado e comentado por Christian* Hartmann (Munique: KG Saur, 1995) [Doravante: *RSA* III/3], p. 374 (Documento 97).

Machine Translated by Google

Alguém poderia ser levado a tirar a conclusão de que Hitler negou a divindade de Jesus ao falar sobre ele como o filho de um carpinteiro; no entanto, ao denotar claramente que Cristo expulsou os judeus do "templo de seu pai", ele na verdade fez o oposto. Ninguém sugeriria seriamente que José, o carpinteiro, construiu e era dono do Templo. Nem poderíamos acreditar que Hitler aqui usou "templo do pai" em um sentido alegórico, isto é, como significando o templo da religião de José. O Cristo sobre o qual Hitler estava falando aqui era claramente de caráter divino, e a ideia de que Jesus era filho de um carpinteiro é ela própria retirada diretamente do Novo Testamento.

[8] A humanidade de Jesus e a compreensão dele como o "Filho do Homem", que é denotada pela referência a ele como filho de um carpinteiro, é na verdade a contrapartida natural do "Filho de Deus" na teologia cristã. 9

Isso, é claro, também levanta a questão de qual "templo" Hitler estava se referindo aqui? Obviamente, ele não poderia estar falando do Templo Judaico ao qual o Novo Testamento se refere, já que isso não teria absolutamente nenhum valor para ele. Esta declaração deve ser entendida dentro do contexto da ideia de que o Novo Testamento havia sido "judaizado" por Paulo. Portanto, Hitler provavelmente não pensava no Templo em Jerusalém como um templo judaico, mas sim como um local de adoração religioso originalmente ariano, já que ele estava convencido de que Jesus era um líder ariano. Mas temos alguma indicação de que Hitler tinha tal crença?

Sim, de fato, nós fazemos. Hitler de fato negou em pelo menos uma ocasião que Jerusalém fosse a capital de um estado judeu antes do reinado do Rei Davi. 10 Claro, acredita-se que o Primeiro Templo em Jerusalém tenha sido construído sob o Rei Salomão, isto é, *após* o reinado do Rei Davi, mas isso não significa que a declaração de Hitler não fosse internamente consistente. Porque havia uma tradição cristã *völkisch* dominante , detalhada pelo escritor católico bávaro Franz Schrönghamer-Heimdal em um artigo chamado "Jesus era judeu?" no *Völkischer Beobachter* em março de 1920, que dizia que os israelitas, ou

[8] Jesus é chamado de filho de carpinteiro em Mateus 13:55. Em Marcos 6:3, o próprio Jesus é chamado de carpinteiro.

9 McGrath, Alister E., *Teologia: O Básico,* 2ª ed. (Oxford: Blackwell Publishing, 2008), pp. 67–68.

[10] *SA,* pág. 189 (Doc. 136).

Machine Translated by Google

Os arameus eram um povo ariano separado dos judeus. [11] Jesus, afinal, falava aramaico, e parece que Hitler estava repetindo algumas das visões de Schrönghamer-Heimdal do artigo em seu discurso alguns meses depois. Hitler, portanto, provavelmente considerou o Templo Judaico uma falsificação da história pelos escritores bíblicos judeus. Portanto, não haveria contradição aqui nem para Hitler nem para seus seguidores, o que é comprovado pelo fato de que Hitler nunca considerou necessário esclarecer o que ele quis dizer ao se referir ao "templo".

Quando Hitler falou sobre Jesus em uma reunião do NSDAP em 9 de janeiro de 1921, ele disse que os nacional-socialistas, junto com o resto do mundo, celebraram o nascimento de Cristo e se lembraram de como "os judeus covardemente pregaram o Libertador do Mundo na cruz". O NSDAP pretendia continuar o trabalho de Cristo, disse Hitler, de acordo com o relatório policial, e livrar o mundo de seus opressores. 12 Talvez a ocasião mais famosa, e certamente uma das mais frequentemente citadas, na qual Hitler falou de Jesus foi em uma reunião do NSDAP no *Bürgerbräukeller* em Munique em 12 de abril de 1922, quando ele declarou que era precisamente sua fé cristã que o forçava a ser um antissemita implacável. Hitler disse: *"Meu sentimento cristão me mostra meu Senhor e Salvador como* [sendo] *um lutador"* [ênfase no original], uma declaração que foi seguida por aplausos tempestuosos. Este sentimento:

> mostra-me o homem que uma vez sozinho, apenas rodeado por alguns seguidores, viu estes judeus como eles realmente eram e que clamou às armas contra eles, e que, verdade de Deus *[Wahrhaftiger Gott],* foi o maior não como *vítima ,* mas foi o maior como um *guerreiro!*
>
> Ele continuou:
>
> Com amor ilimitado, li, como cristão, a parte que nos proclama como o Senhor finalmente se recompôs e agarrou seu chicote para expulsar os usurários, essas crias de cobras e víboras, do templo. 13

11 Koehne, Samuel, "Os nacional-socialistas eram um partido völkisch? Paganismo, cristianismo e o Natal nazista" , *História da Europa Central,* Vol. 47, No. 4, (2014), pp. 768–769.

12 *SA,* p. 544 (Documento 341). Para muito mais sobre Schrönghamer-Heimdal, veja Hastings, D., *Catholicism and the Roots of Nazism ... ,* passim.

13 *SA,* p. 623 (Documento 377). Veja também Steigmann-Gall, R., *The Holy Reich ... ,* p. 37; Bucher, R., *Hitlers Theologie,* p. 116; Rißmann, M., *Hitlers Gott ... ,* pp. 29–31, 43–44; Hesemann, M., *Hitlers Religion ... ,* p. 207; Gentile, E., *Contro Cesare ... ,* pp. 240–241.

Machine Translated by Google

É óbvio que Hitler viu aqui um paralelo entre Jesus e seus seguidores de um lado e ele próprio e os seguidores do NSDAP por outro lado. A escolha de Hitler de chamar os judeus de "crias de serpentes e víboras" dificilmente foi acidental. A frase foi tirada do Novo Testamento, onde Jesus em várias ocasiões é atribuído a estas palavras ao falar dos fariseus e saduceus, os eruditos da língua judaica lei e tradição. 14 A mesma frase *(criação de cobras e víboras)* também foi usado no *Die Sünde* do nacional-socialista Artur Dinter *das Blut,* onde também foi dito que Jesus era a "contraparte espiritual" dos judeus que repreenderam os fariseus, "esses arquétipos de a raça judaica" *(esses arquétipos do judaísmo racial).* 15

Hitler também salientou que, como cristão, ele também tinha o dever de seja um lutador pela verdade e pelo direito e, portanto, por implicação, siga os passos de Jesus passos. [16] Não é por acaso, portanto, que este episódio foi descrito como "A Conquista da Cidade do *Templo "* num capítulo do livro de Hans Hauptmann, *Jesus der Arier* (Jesus, o Ariano) de 1930. 17 Isto sublinhou mais uma vez a implicação de que tanto o Templo e Jerusalém já foram centros de adoração ariana. a terminologia militar era adequada ao contexto nazista, e Chamberlain havia enfatizado em *Grundlagen* que ser um verdadeiro seguidor de Cristo significava realizar uma "luta" e que exigia grande coragem, uma "moral heroísmo", por parte do cristão para combater o instinto de escravo judeu dentro dele. [18] Afinal, a batalha estava realmente ocorrendo no reino metafísico e espiritual, e não no terreno e material.

3.3 O chicote de Hitler: um símbolo de identificação com Jesus?

A história de Jesus expulsando os agiotas do Templo quadrado com um chicote na mão poderia ser muito mais importante para entender como Hitler se via no início da década de 1920 do que se poderia imaginar. pense primeiro. O fotógrafo de Hitler, Heinrich Hoffmann, lembrou Hitler sempre carregando um chicote com ele "como um talismã", desde quando o conheceu

14 Mateus 3:7, 12:34, 23:33; Lucas 3:7.

15 Dinter, Arthur, *O Pecado Contra o Sangue: Um Romance Contemporâneo* (Leipzig: Verlag Matthes and (Thost, 1920), pág. 161.

16 p. 623 (Documento 377). 17 Hauptmann, H., *Jesus o Ariano SA,* ..., págs. 132–141.

18 Chamberlain, HS, *O básico ... ,* p. 208.

Machine Translated by Google

Hitler nos escritórios do *Völkischer Beobachter* em 1922. 19 Biografias de Hitler frequentemente mencionam o fato de que Hitler carregava um chicote. Ele até recebeu dois chicotes de cachorro de duas de suas apoiadoras idosas fanáticas, Helene Bechstein e Elisabeth Büchner (sua senhoria em Obersalzberg), e ele também carregava um maior feito de couro de hipopótamo. No entanto, ninguém parece ter conseguido entender por que ele carregava um chicote e, em vez disso, simplesmente o considerou uma "curiosidade". Fest acha que tinha a ver com Hitler querer se parecer com o autor Karl May (cujos livros ele gostava quando criança), e Kershaw especula que pode ter sido para proteção.

[20] Nenhuma dessas explicações parece credível, Kershaw menos ainda, considerando que Hitler também carregava uma pistola.

Como Rudolf Jung colocou em seu *Der nationale Sozialismus* em 1922: “Não se pode tornar o mestre da besta do mamonismo, com o espírito judaico em seu coração e mente, por meio de boas advertências; você tem que vir [contra isso] com o chicote.”21 E se essa declaração fosse muito mais do que simplesmente uma metáfora? Em 2 de novembro daquele ano, Hitler disse a uma multidão do NSDAP, pelo menos de acordo com o *Völkischer Beobachter,* que o chicote de Cristo era hoje representado pelos cassetetes de borracha da *Sturmabteilung* (SA): *“Não aceitarei que Cristo seja menos digno de amor porque ele segurou o chicote!”* [ênfase no original]. 22 Ele então traçou um paralelo direto entre Jesus chicoteando os agiotas judeus no primeiro século e a SA espancando os judeus na Alemanha na década de 1920.

Hitler carregou chicotes com ele durante toda a sua carreira, e há muitas fotos dele com um, mesmo depois de 1933. Mesmo na primeira foto tirada dele por Hoffmann, ele está vestido com seu característico sobretudo com seu chapéu em uma mão e o que parece ser seu chicote, feito de pele de hipopótamo, na outra. Esta imagem foi tirada em

19 Heydecker, Joe J., *A Imagem de Hitler: As Memórias de Heinrich Hoffmann* (St. Pölten: Residenz Verlag, 2008), pág. 30.

Português 20 Heiden, K., *Adolf Hitler ...* (Vol. I), pág. 197; Fest, J., *Hitler ... ,* pág. 198; Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ... ,* pág. 188; Longerich, P., *Hitler ... ,* págs. 116–117; Ullrich, V., *Hitler ...* (Banda I), pp. 142, 149; Thamer, H.-U., *Adolf Hitler ... ,* p. 78. Heiden tem até uma seção inteira com o título “O chicote do hipopótamo” *(Die Nilpferdpeitsche),* embora ele não elabore realmente o significado desse atributo.

21 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* p. 111.

22 *SA,* págs. 720–721 (Documento 416). Veja também Rißmann, M., *Hitler's God ...,* p. 30.

Machine Translated by Google

verão de 1923 e usado como um cartão-postal para cultivar sua imagem como um *Führer* dos movimentos Nacional-Socialista e *völkisch* . Joachim Fest relata uma história, baseada nas memórias de Hanfstaengl, de como Eckart, antes da tentativa de golpe em novembro de 1923, lhe disse que Hitler andava por aí com seu chicote na mão e falava sobre como ele tinha que ir a Berlim e, como Cristo, expulsar os agiotas do Templo. 23 Por si só, essa informação parece um tanto estranha e deslocada, e certamente alguém poderia ser perdoado se duvidasse de sua veracidade. Mas dentro do contexto da admiração de Hitler por Jesus e suas frequentes referências precisamente a essa história no Novo Testamento, há um bom argumento a ser feito para o argumento de que a versão dos eventos de Hanfstaengl poderia ter alguma verdade. Pelo menos não é um grande salto de imaginação considerar essa possibilidade, porque há outros episódios que testemunham o mesmo fenômeno.

Hitler também fez uso do chicote durante a limpeza de seu próprio "templo", isto é, durante a chamada Noite das Facas Longas, um expurgo de inimigos políticos que durou de 30 de junho a 2 de julho de 1934. O piloto de Hitler, Hans Baur, testemunhou ter pilotado um Hitler excepcionalmente agitado de Bad Godesberg para Munique, onde ele estava planejando prender o chefe da SA, Ernst Röhm. Baur afirmou que Hitler estava chicoteando seu chicote no ar com tanto frenesi que ele bateu em seu próprio pé várias vezes. Hitler então foi direto do aeroporto para Bad Weissee, onde ele irrompeu no quarto de Röhm com o chicote na mão e gritou que Röhm estava agora preso.

24 Os assassinatos realizados durante esse expurgo foram uma limpeza tanto do movimento quanto da mente de Hitler ao mesmo tempo; rancores que ele tinha contra as pessoas por mais de uma década foram eliminados. Claro, esse é um argumento especulativo, mas faz muito sentido considerando o lugar central que a imagem de Jesus limpando o terreno do Templo com seu chicote na mão desempenhou na visão de mundo de Hitler.

O que inspirou Hitler a carregar um chicote pode muito bem ter sido sua admiração, e de fato identificação com, o Jesus que espancava judeus de sua história favorita do Evangelho. Isso também explicaria por que Hitler pensou que o chicote reforçava sua imagem de liderança. O chicote

23 Fest, J., *Hitler ...* , pp. 287, 1070.
24 Ullrich, V., *Adolf Hitler ...* (Banda I), pp. 517–518.

Machine Translated by Google

poderia ter sido um aceno simbólico ao Jesus ariano que ele idolatrava e cuja missão ele pensava que ele próprio e o NSDAP tinham sido escolhidos por Deus para completar. Em vez de ser incidental, o chicote poderia, portanto, muito bem ser uma escolha consciente e um marcador da parte de Hitler de sua identificação com Jesus.

3.4 Jesus: Cristo e Senhor

Ironicamente, a releitura nazista de Jesus como um guerreiro representou um retorno à ideia judaica original do Messias: um guerreiro e um revolucionário que viria para derrotar os poderes malignos e libertar o povo escolhido. Foi, no entanto, precisamente a minimização dessas características no Messias cristão que os nazistas interpretaram como uma judaização de Jesus, já que os judeus eram considerados covardes e pacifistas, não corajosos e guerreiros. Ao mesmo tempo, trazer de volta a interpretação de Jesus como um guerreiro e revolucionário significava que era muito mais fácil fazer a conexão, de outra forma um tanto espúria, entre Hitler e Jesus funcionar, e argumentar que os nazistas estavam de fato continuando e completando a missão divina original de Cristo. Hitler era, afinal, um revolucionário e também tinha sido um soldado.

A palavra "Senhor", um termo que se origina da palavra grega *kyrios* (ÿÿÿÿÿÿ), denota a divindade de Jesus dentro da tradição cristã. 25 Assim, o uso que Hitler faz dela pode ser absolutamente interpretado como uma declaração de divindade. Obviamente, o Deus de Hitler não era o mesmo Deus que a maioria dos cristãos adorava ou aderia, mas o ponto importante aqui não são as especificidades da teologia de Hitler. Em vez disso, é que consistência interna para suas crenças [26] havia um Deus ariano religiosas. e Jesus foi um salvador ariano. A parte sobre como Jesus foi o maior não como uma vítima, mas como um guerreiro, foi citada também por Richard Steigmann-Gall. No entanto, Steigmann-Gall traduz a frase *Wahrhaftiger Gott*

25 McGrath, AE, *Teologia ...* , pp. 64–66.

[26] Se alguém visse a conversa de Hitler sobre Jesus apenas como propaganda, talvez pudesse argumentar que a consistência se relacionava apenas ao que era comunicado externamente. No entanto, naquele caso, era um plano muito cuidadosamente pensado. Esta opção parece menos provável, especialmente considerando que Hitler sustentou esta visão também em conversas privadas.

Machine Translated by Google

incorretamente como “o verdadeiro Deus”.27 Richard Weikart já observou esse erro em seu livro *A Religião de Hitler.*[28]

Ainda assim, Weikart argumenta: “Nunca encontrei nenhuma evidência de que Hitler acreditasse na divindade de Jesus.”29 Ele não discute o fato de que Hitler consistentemente se referiu a Jesus como “Cristo” ou como “Senhor”. A palavra “Cristo” é o título religioso dado a Jesus e vem da palavra grega *Christós* (ÿÿÿÿÿÿÿ) que significa “o ungido” e indica nada menos que sua divindade. 30 Observe que Bormann é a única pessoa que tem Hitler usando a palavra “Jesus” em vez de “Cristo”. Isso acontece em duas ocasiões em *Monologe,* ou seja, em 21 de outubro de 1941. No entanto, e em 30 de novembro de 1944.[31] temos uma nota paralela feita pelo representante de Alfred Rosenberg no *Führerhauptquartier* (FHQ), Werner Koeppen, para 21 de outubro de 1941, onde a palavra “Cristo” *(Christus)* é usada. 32 Heinrich Heim, que fez a maior parte das anotações em *Monologe,* então tem Hitler em 13 de dezembro de 1941, falando sobre como “Cristo” era um ariano, e a entrada do diário de Alfred Rosenberg para o mesmo dia também o faz. [33]

É certamente verdade que o uso do termo “Cristo” não prova definitivamente que Hitler considerava Jesus divino ou que reflete algum tipo de respeito profundamente sentido por ele. Afinal, era mais comum que crentes e não crentes na Alemanha na década de 1920 se referirem a Jesus como “Cristo”. Mas o uso do termo “Cristo” por Hitler não deve ser avaliado como evidência em si, mas junto com todas as outras evidências apresentadas neste livro. Visto dentro deste contexto, é óbvio que o uso do termo por Hitler parece ser um significante da admiração que ele tinha por um personagem que ele considerava ser o maior exemplo histórico de um antissemita. O fato de Hitler usar

27 Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ... ,* pp. 27, 37.

28 Weikart, R., *Hitler's Religion ... ,* pp. 84–85, 322. Ele erroneamente data o discurso em 22 de abril.

29 Ibid., pág. 84.

30 McGrath, AE, *Teologia ... ,* pp. 62–64, 77–79.

31 *Monólogos ... ,* pp. 96, 412.

32 Português BBL, R6/34a, Registros, Koeppen, “Relatório nº 48, Quartel-General do Führer, Quarta-feira, 22 de outubro de 1941. Página 2: Almoço 21.10,” p. 60.

33 *Monólogos ... ,* p. 150; Português Rosenberg, Alfred, *Alfred Rosenberg: The Diaries from 1934 to 1944. Editado e comentado por Jürgen Matthäus e Frank Bajohr* (Munique: S. Fischer Verlag, 2015), pp. 415–416. Heim está gravando uma conversa entre Hitler e Rosenberg.

Machine Translated by Google

"Jesus" em vez de "Cristo" apenas nas notas de Bormann é provavelmente um reflexo da escolha de palavras de Bormann e não de Hitler. A hipótese de que todas as outras fontes estão erradas sobre essa questão simplesmente não é provável. Isso é significativo no contexto de se Hitler considerava Jesus divino ou não. Mesmo que alguém acredite que Hitler usou esse título religioso simplesmente por convenção, é preciso trazer esse uso à tona se alguém fizer uma declaração como Weikart faz. Algo que torna a argumentação de Weikart totalmente insustentável é que ele mesmo dá vários exemplos de Hitler falando sobre Jesus como seu "Senhor e Salvador". 34 É impossível argumentar convincentemente que frases como "Senhor e Salvador" não carregam consigo a implicação de que Jesus era divino. O ônus da prova recai então sobre a pessoa que argumenta que isso não é significativo.

O discurso de Natal de Hitler em Munique em 11 de dezembro de 1928 é interessante dessa perspectiva. Dessa vez, ele não chamou Cristo de Filho de Deus, mas falou dele como Cristo, nosso Senhor, o que era uma referência igualmente clara à divindade de Jesus. 35 Hitler continuaria a falar sobre Jesus de maneiras que o apontavam inequivocamente como divino.
Em 29 de fevereiro de 1928, diante de uma audiência do NSDAP em Munique, Hitler se referiu a Cristo como "nosso mais misericordioso Senhor e Salvador" *(Herr und Heiland),* e um pouco mais tarde no mesmo discurso ele explicitamente chamou Cristo de "Filho de Deus" *(der Gottessohn).* [36] Além disso, Hitler declarou sarcasticamente em 6 de julho de 1929 que, para o *Bayerische Volkpartei* (BVP) católico, o judeu valia tanto quanto o Senhor Cristo. 37 Isso também é evidência de que Hitler fez a conexão entre a expressão "Senhor e Salvador" e a divindade de Jesus. Friedrich Tomberg declarou que Hitler não considerava Cristo divino. 38 Mas não há como Tomberg saber disso com certeza. Expressões como essas

34 Weikart, R., *A religião de Hitler ...* , pp. 77, 81.

35 *RSA* III/1, pp. 349–352 (Documento 65). Hitler chamou Jesus de "Cristo e Senhor" também em um discurso proferido em 12 de agosto de 1930: *RSA* III/3, p. 331 (Documento 87). Veja também Tomberg, F., *The Christendom ...* , pp. 107-1 128–131.

36 *RSA* II/2, pp. 699, 705 (Documento 237). Para as implicações teológicas deste conceito, veja McGrath, AE, *Theology ...* , pp. 66–67. Esta frase vem da frase grega ÿÿÿÿ ÿ ÿÿÿÿ no Novo Testamento.

37 *RSA Volume III: Entre as eleições do Reichstag, julho de 1928–setembro de 1930. Parte 2: março de 1929–dezembro de 1929. Editado e comentado por Klaus A. Lankheit* (Munique: KG Saur, 1994) [Doravante: *RSA* III/2], p. 285 (Documento 48).

38 Tomberg, F., *Cristianismo ...* , p. 120.

Machine Translated by Google

indicam claramente que ele fez, e certamente não há evidências de que Hitler tenha negado a divindade de Jesus. Portanto, o grosso das evidências disponíveis sugere que Hitler viu algum tipo de relacionamento divino entre Deus e Jesus, mesmo que não tenha sido o tipo de divindade que a maioria dos cristãos hoje pensa quando faz essa afirmação.

Na teologia cristã, o termo “Filho de Deus” se tornou sinônimo de divindade. Mais importante, na teologia cristã nacional-socialista, os termos “Filho de Deus” e “Cristo” foram usados especificamente para distanciar Jesus do conceito judaico do Messias.

Além disso, o termo para “Salvador” usado por Hitler, isto é, *Heiland,* era “um título cristológico central na teologia dos cristãos alemães” *[Deutsche Christen],* que consideravam o *Heiland,* isto é, Jesus, o fiador celestial de sua luta nas fileiras de Adolf Hitler. 39 Eles também proclamaram em uma declaração programática de sua fé em 4 de abril de 1939, que “a fé cristã é a contradição religiosa intransponível ao judaísmo”. O teólogo Walter Grundmann declarou oficialmente o mesmo apenas um mês depois. 40 A terminologia de Hitler não era, portanto, coincidente, mas vinculada a ideias teológicas específicas sobre Jesus. A declaração adicional de Cristo ser o Filho de Deus não era de todo necessária, e Hitler nunca a havia declarado tão claramente antes. Além disso, não se poderia argumentar razoavelmente que essa pequena admissão em um discurso aos membros do NSDAP em Munique teria qualquer valor de propaganda digno de ser mencionado. No entanto, se levarmos essa declaração a sério, ela explicará em grande parte por que não conseguimos encontrar sequer uma palavra crítica sobre Jesus em nenhuma fonte das declarações de Hitler durante toda a sua carreira política, bem como por que era tão importante para ele insistir que Jesus não era judeu, mas ariano.

Então, de qual Deus Jesus era filho? Bem, mais uma vez, as especificidades da teologia de Hitler não são o tópico de estudo aqui. Mas Samuel Koehne corretamente observou que não havia uma dicotomia clara entre ideias cristãs e pagãs na religiosidade nazista, mas sim que o paganismo e o cristianismo existiam lado a lado em “um único continuum” na mente nazista. Além disso, alguns ideólogos *völkisch* e

39 Lorenz, E., *Uma imagem de Jesus no contexto do Nacional-Socialismo ...* , pp. 114–119, 247–253; citação na p. 253.

40 Head, P., “A busca nazista...”, pp. 76–77.

Machine Translated by Google

(mais tarde) Nacional-Socialistas como Theodore Fritsch e Artur Dinter argumentaram que os arianos tinham sido os verdadeiros israelitas e que o Deus de Jesus era um Deus muito diferente do Deus dos judeus (Jahveh), que era considerado um "Deus falso". 41 A última ideia era uma dicotomia gnóstica e foi sugerida por Hitler em um discurso em Munique no best -seller de Dinter , *Die Sünde wide das Blut* (13 de agosto de 1920).

Sins against the Blood) de 1920 não foi dedicado apenas a Chamberlain, mas também citou o aviso de falsos profetas em 1 João 4:1 ("Não creiam em todo espírito, mas testem os espíritos para ver se eles são de Deus") na página de título. Além disso, continha uma longa seção sobre como Jesus não poderia ser judeu e como a Galileia havia sido colonizada por um povo indo-germânico. 43 Em uma carta a Fritsch, Hitler mais tarde afirmou que seu trabalho havia sido importante para o sucesso da ideologia nacional-socialista. 44 Basta dizer que tanto Hitler quanto seu público obviamente entenderam o que ele estava falando.

Argumentar que foi o antissemitismo de Hitler que afetou sua visão de Jesus, e não o contrário, seria um pouco retrógrado.

A religiosidade nazista era de fato vista como "uma contra-resposta à cultura secularizada moderna e sua decadência espiritual, e como uma tentativa de realizar um renascimento religioso construído sobre fundamentos modernos e 'seculares'". Foi motivada pela busca por "espiritualidade autêntica real" como "um novo fulcro ético e existencial na era da 'Morte de Deus', e ... redenção das vicissitudes do niilismo moderno". 45 Claro, havia uma interação causal entre as crenças raciais-ideológicas e religiosas, mas o antissemitismo não pode explicar o desejo de salvar a figura de Jesus. Em vez disso, então, deveríamos esperar que Jesus, que era um

41 Koehne, S., "Os nacional-socialistas eram um partido völkisch? ... ," pp. 761, 764–772.

42 *SA,* pág. 189 (Doc. 136).

43 Dinter, A., *O Pecado Contra o Sangue ... ,* páginas de título e pp. 153–181. Veja também Koehne, S., "Religião no meio nazista inicial...", pp. 677–678.

44 *RSA* IV/1, pp. 133–134 (Documento 32). Veja também Ullrich, V., *Adolf Hitler...* (Banda I), pp. 121, 867; Weikart, R., *Hitler's Religion ... ,* pp. 153–154. Fritsch, no entanto, não foi mencionado com frequência em estudos sobre o desenvolvimento ideológico de Hitler. Nem mesmo Brigitte Hamann menciona Fritsch mais de uma vez, e nem mesmo em conexão com Hitler (Hamann, B., *Hitlers Wien ... ,* p. 367). Uma exceção a essa regra é Richard Weikart, que escreve sobre Fritsch em seu *From Darwin to Hitler,* embora ele também não vincule as ideias de Fritsch diretamente a Hitler (Weikart, R., *From Darwin to Hitler ... ,* pp. 55–56, 69–123, 142–43, 204–205, 224–225).

45 Varshizky, A., "A Metafísica da Raça...", pp. 287–288.

Machine Translated by Google

Judeu, para ser descartado também. Para dar sentido a isso, simplesmente temos que assumir que havia uma crença religiosa, e uma necessidade religiosa, subjacente a esse esforço para transformar Jesus em um ariano.

Quando Hitler falou aos membros do NSDAP em 27 de outubro de 1928, em Passau, ele revisitou o tema do retorno de Cristo à Terra e disse que a Igreja poderia educar alegremente os partidos políticos sobre serviços religiosos, mas era tarefa do NSDAP educá-los para lutar por sua visão de mundo. Era convicção dos nacional-socialistas que se Cristo retornasse à Terra hoje, ele não negaria sua salvação àqueles que fizessem o melhor para colocar o cristianismo em prática defendendo seu povo e sua cultura. Nenhum dano causado à ideia fundamental cristã seria tolerado dentro do partido, ele disse, nem que alguém lutasse contra o cristianismo ou se entregasse ao arqui-inimigo da Igreja. "Este nosso movimento é realmente *cristão",* Hitler garantiu à sua audiência, e ele não desejava nada mais do que que católicos e protestantes se unissem na luta contra o sofrimento do povo alemão. O NSDAP nunca teve a intenção de degradar o cristianismo 46 O Natal de Hitler em uma ferramenta a ser usada a serviço da política. discurso em Munique em 11 de dezembro de 1928 é interessante dessa perspectiva. Ele não chamou Jesus de Filho de Deus, mas falou dele como que, como vimos, era uma referência igualmente clara à Cristo, nosso Senhor, o divindade de Jesus. 47 Mais uma vez, falar de Jesus como “o Senhor” faz pouco sentido dentro de qualquer contexto cristão se Hitler não estivesse se referindo a ele como sendo divino em algum sentido da palavra, e a ideia de Jesus trazendo “salvação” também implica uma conexão divina.

Em 1923, ele declarou que o futuro líder nacional-socialista e ditador da Alemanha não seria responsável perante nenhuma maioria parlamentar, mas apenas perante “sua consciência diante de Deus”. Por essa razão, o NSDAP não fez nenhuma promessa em seu programa partidário, porque não buscava um mandato maior no parlamento, ou seja, no *Reichstag.*
Esta última instituição não possuía, afinal, “a actividade criadora de um legislador como Cristo, Sólon e assim por diante”, como Hitler tinha salientado em

46 *RSA* III/1, pp. 191–192 (Documento 40).
47 *RSA* III/1, pp. 349–352 (Documento 65). Hitler chamou Jesus Cristo de Senhor também em um discurso em 12 de agosto de 1930: *RSA* III/3, p. 331 (Documento 87). Veja também Tomberg, F., *Das Christentum ...* , pp. 128–131.

Machine Translated by Google

ambivalência com relação ao status [48] Isso introduziu uma clara divino de Jesus. Hitler aqui colocou Jesus (Cristo) como um legislador e uma pessoa real na história na mesma categoria do antigo filósofo e estadista grego Sólon (640 a.C. – 558 a.C.).

Embora tenhamos provas de que Hitler às vezes equiparou o termo "legislador" a Deus — ele expressou isso até 4 de julho de 194449 — Solon claramente não era divino. Jesus, por outro lado, não era um estadista e nunca emitiu nenhuma lei secular. Assim, Hitler claramente não pode ter falado dos dois homens como "legisladores" no mesmo sentido aqui, e ele foi, portanto, inconsistente de duas maneiras ao mesmo tempo.

Ou ele se contradisse, ou talvez não tivesse a intenção de que essas duas pessoas fossem consideradas "legisladores" da mesma maneira: em vez disso, ele pode ter dado exemplos de um legislador secular (Sólon) e um legislador divino (Jesus).

Tudo o que foi dito acima, é claro, não prova definitivamente que Hitler acreditava que Jesus era realmente divino, já que é impossível saber no que alguém *realmente* acredita. Mas é impossível afirmar (como Weikart faz) que não há indicações de que Hitler falou de Jesus como divino. Como vimos, temos muitas dessas indicações — declarações implícitas e às vezes explícitas — que atestam tal visão.

Referências à divindade de Jesus podem de fato ser encontradas em quase tudo o que Hitler disse sobre Jesus, incluindo o fato de que ele sempre se referiu a ele como "Cristo".

3.5 Hitler rezou a Deus?

Mas como eram as práticas religiosas pessoais de Hitler? Ele tinha tais práticas; por exemplo, ele orava ao Deus em que acreditava? Há algumas evidências de que ele o fazia. Primeiro, há ampla evidência de que ele oferecia orações públicas à divindade tanto em discursos quanto por escrito. Em 10 de junho de 1923, Hitler falou em Munique para uma reunião de membros da *Vaterländische Verbände* (As Associações da Pátria). Ele encerrou seu discurso com uma declaração na forma de uma oração: "Senhor Deus! Nós prometemos a você que nos sacrificaremos a

48 *SA,* pág. 946 (Doc. 544). 49 *HRP* II/4, p. 2117 (4 de julho de 1944).

Machine Translated by Google

a última gota de sangue, e reze para que você nos dê sua bênção para isso!”50 É certamente verdade que as orações não eram comuns para ele, mas elas ocorrem de vez em quando no registro documental.

Em *Mein Kampf,* também encontramos uma injunção formulada como uma prece quando Hitler fala sobre como era papel da propaganda nacional-socialista incutir a seguinte prece na mente até da menor criança: “Deus Todo-Poderoso, nos dias que virão, abençoe nossas armas; seja tão justo quanto sempre foi; julgue agora se merecemos nossa liberdade; Senhor, abençoe nossa luta!”51 Esta mesma prece foi repetida aos membros do NSDAP em Nuremberg em 23 de março de 1927. 52 Em *Mein Kampf,* também encontramos o episódio em que Hitler afirmou ter caído de joelhos e agradecido a Deus pela eclosão da guerra em agosto de 1914. 53 Além disso, no final de um discurso em um comício da SA em Berlim em 1º de setembro de 1930, Hitler finalizou pedindo ajuda ao Deus todo-poderoso na luta contra todos os demônios. Ele então, de acordo com o relatório policial, silenciou os aplausos estrondosos e juntou as mãos como se estivesse rezando e contemplando suas próprias palavras. 54 Poucos anos depois, em 1º de maio de 1933, Hitler declarou: "Senhor, você vê que mudamos" e continuou observando que o povo alemão não era mais caracterizado pela vergonha e pela falta de virtude. 55 A implicação moral era que o povo alemão de fato merecia ser oprimido anteriormente porque não havia lutado o suficiente, mas que a renovação moral sob o nacional-socialismo significava que suas fortunas estavam prestes a mudar. Vários outros exemplos semelhantes poderiam ser fornecidos, mas isso deve ser suficiente para ilustrar que isso acontecia de tempos em tempos.

Pode ser tentador, mais uma vez, simplesmente escrever tudo isso como palavras vazias, com a intenção de nada mais do que propaganda para acalmar os cristãos (nacional-socialistas ou não) na audiência. Mas antes de fazermos isso, devemos mais uma vez tomar cuidado para observar que o

50 *SA,* pág. 935 (Processo 534, 10 de junho de 1923).

51 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume II), pág. 1605 **[291].** Ver também Bucher, R., *Teologia de Hitler,* pág. 91.

52 *RSA* II/1, p. 192 (Documento 89, 23 de março de 1927).

53 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 453 **[169].**

54 *RSA* III/3, p. 379 (Documento 100, 1 de setembro de 1930).

55 *HRP* I/1, p. 264 (1 de maio de 1933).

Machine Translated by Google

a teologia expressa nessas orações se alinha com a teologia de Chamberlain e muitos outros crentes cristãos sinceros nacional-socialistas. O que estou me referindo é à ideia de que era preciso *ganhar* a graça de Deus por meio de suas ações e fé. Era o foco na força de vontade e na vontade de lutar pela sobrevivência que era tão central para a ideologia nazista. Deus recompensava apenas aqueles que mereciam ser recompensados. Foi assim que o dilema embutido na teologia nacional-socialista, como conciliar a ideia da luta para ser o princípio mais elevado e sagrado do universo com um Deus onipotente, foi resolvido. O resultado absurdo e tautológico foi um princípio que dizia: se Deus não lhe concedeu a vitória, então você não a merecia. Se Hitler tivesse pretendido apenas que essas palavras fossem para propaganda, então deveríamos esperar (1) que essas orações fossem oferecidas com muito mais frequência e (2) que fossem formuladas de uma forma que correspondesse melhor às crenças cristãs tradicionais. O fato de não terem sido deve nos dizer que Hitler quis dizer o que disse. Claro que também era propaganda, mas não só.

Mas por que, se essas orações eram de fato honestas em sua intenção e conteúdo, elas não aparecem com mais frequência? Não deveríamos esperar que Hitler tivesse polvilhado seus discursos públicos com orações com muito mais frequência se suas crenças fossem genuínas? Não, essa não é a expectativa mais razoável. Também precisamos considerar o fato de que Hitler acreditava que práticas religiosas e questões teológicas eram questões que o crente individual deveria decidir por si mesmo. A crença religiosa era uma questão privada. Hitler nunca teve a ambição de se tornar uma figura ou líder religioso. Em tal contexto, deveríamos, ao contrário, esperar que exibições públicas de práticas litúrgicas religiosas fossem bastante infrequentes. Mais uma vez, Hitler sem dúvida percebeu o valor propagandístico das orações públicas e, ainda assim, não se envolveu nelas. Isso também corresponde muito bem ao ponto 24 do programa do partido NSDAP e seu princípio de cristianismo positivo, ou seja, que todas as confissões devem ser capazes de coexistir pacificamente lado a lado dentro do nacional

Encontrei evidências de que Hitler também orava em particular. Essas evidências vêm de Heinrich Heim, ajudante de Martin Bormann, que escreveu a maioria das notas da conversa à mesa, que passou muito tempo com Hitler entre meados de 1941 e meados de 1942 e que, em meados da década de 1970, declarou em correspondência com um pesquisador que Hitler considerava suas crenças religiosas uma questão muito pessoal e, portanto, raran

Machine Translated by Google

falou sobre eles abertamente. Mais interessante, Heim também afirmou que 56 Hitler orava a Deus, embora não na frente de outras pessoas. Heim sabia Como sobre isso? Infelizmente, ele não revelou isso. Mas considerando a quantidade de tempo que Heim passou com Hitler e Bormann, não é de todo improvável supor que Bormann ou Hitler possam ter contado a ele.

Temos, no entanto, outras indicações de que Hitler ocasionalmente entrava em um estado de oração. De acordo com Albert Zoller, a secretária de Hitler, Christa Schroeder, declarou que Hitler "de tempos em tempos" permanecia "em pé, emergido em pensamento diante de uma imagem de Bismarck, com um olhar de sonho, como se estivesse em oração". 57 Pode ser algo provocativo para muitas pessoas pensarem – Hitler orando a Deus por conselho e direção – mas não podemos deixar de considerar esse cenário simplesmente porque podemos considerá-lo questionável ou mesmo totalmente ofensivo. Afinal, Hitler escreveu em *Mein Kampf* que caiu de joelhos e 58 agradeceu ao céu (Deus) pela eclosão da guerra em agosto de 1914.

Geralmente, isso sem dúvida foi interpretado como simplesmente mais uma expressão da hipérbole característica de Hitler e apenas mais uma peça de propaganda política. Mas a declaração de Heim mostra que isso pode ter sido literalmente verdade.

Concedido, essa evidência não é muito forte, e poderia muito bem ser argumentado que Heim estava mentindo ou que alguém lhe contou uma mentira. O testemunho de Schroeder não afirma realmente que Hitler *estava* rezando, embora sugira que ela não considerava tal prática inteiramente estranha a ele. Hitler também pode, mesmo que tenha rezado em ambientes privados, tê-lo feito por razões puramente transacionais, embora seja difícil ver por que ele iria tão longe para enganar seus associados mais próximos. Mas embora isso não seja uma evidência forte, é uma informação que os historiadores não conheciam até agora e não deve ser ignorada.

56 Biblioteca da Universidade do Arizona, Coleções Especiais (UALSC); Documentos de Karen Kuykendall (PKK), MS 243; Série II; Caixa 2, Pasta 5; Resposta de Heim a uma pergunta em um questionário sem data fornecido a ele por Kuykendall, p. 5. De uma das cartas de Heim na mesma pasta (datada de 8 de abril de 1974), sabemos que Kuykendall havia lhe enviado o questionário em 26 de março de 1973. Veja também UALSC; PKK, MS 243; Série II; Caixa 2, Pasta 1; notas de entrevista manuscritas sem data por Kuykendall, pp. 2–4.

57 Zoller, A., *Hitler em particular ...* , p. 16. 58 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 453 **[169].**

Machine Translated by Google

3.6 A crença de Hitler em Jesus: é prova de que Hitler era cristão?

Alguns leitores podem pensar que o que foi dito até agora deve ser razoavelmente interpretado como evidência de que Hitler não era cristão, porque como alguém que pensa que o apóstolo Paulo perverteu o cristianismo pode ser considerado cristão? No entanto, não é tão fácil definir quem é cristão e quem não é. Afinal, várias denominações e seitas de cristãos autoproclamados têm lutado entre si por séculos sobre essa questão exata. O fato de não sabermos de nenhum livro de orações ou cruzes (crucifixos) que estiveram em posse de Hitler é talvez um problema para a tese de Hitler como um crente cristão honesto. No entanto, mais uma vez, há milhões de crentes cristãos que não usam livros de orações ou crucifixos. O número de denominações cristãs é tão grande, e as variações individuais dentro delas ainda maiores, que não é possível descartar a ideia de que Hitler orava em particular só porque não temos a parafernália geralmente associada a tal atividade.

De fato, havia seitas cristãs na história inicial do cristianismo que ensinavam ideias muito semelhantes às que Hitler professava. Uma dessas seitas era a dos judeus cristãos ebionitas (da palavra hebraica *ebyon* [ÿÿÿÿÿÿÿÿ, pobre]), um grupo de cristãos que não achavam que Jesus era divino, mas um homem comum que foi "adotado" por Deus quando foi batizado. Eles também rejeitaram Paulo, alegando que ele havia pervertido o cristianismo ao quebrar a lei mosaica que proibia a pregação aos gentios. 59 A oposição aos ensinamentos de Paulo não era nada incomum na história inicial do cristianismo, que estava repleta de seitas com interpretações amplamente divergentes do que era o "verdadeiro" cristianismo (as epístolas de Paulo no Novo Testamento também contêm evidências disso). Uma tradição no cristianismo primitivo falava de uma séria cisão entre Paulo, de um lado, e o discípulo de Jesus, Pedro, e seu suposto irmão terreno, Tiago, do outro, o que é expresso na apócrifa *Carta de Pedro a Tiago.* Esta carta se refere a Paulo como “meu [de Pedro]

59 Erhman, Bart D., *De quem é essa palavra? A história por trás de quem mudou a Bíblia e por quê* (Londres: Continuum, 2008), pp. 155–156; Freeman, C., *Uma nova história do cristianismo primitivo,* p. 133.

Machine Translated by Google

doutrina em oposição direta a Jesus. Esta crítica veio de judeus
Cristãos que pensavam que a corrupção dos ensinamentos de Jesus por Paulo consistia em ele ter desjudaizado o cristianismo.[60]

A crítica de Hitler contra Paulo afirmava o oposto, ou seja, que Paulo havia tornado os ensinamentos de Jesus *mais* judaicos. Mas o ponto aqui é que na história primitiva do cristianismo existiram grupos de cristãos que, embora por razões completamente diferentes, tal como Hitler, argumentou que Paulo tinha corrompeu os ensinamentos originais de Jesus. A história do cristianismo contém tantas expressões diferentes dessa religião que todos os argumentos que Hitler não era um verdadeiro cristão, tornou-se uma versão do "nenhum verdadeiro Falácia do "escocês". Falar do cristianismo nazista como heresia, escreve Susannah Heschel sugere que há uma ortodoxia com a qual comparar. Na verdade, não existe tal coisa.[61] O mesmo ponto foi levantado por Samuel Koehne, que salienta "que os académicos precisam de considerar 'o que conta como religião para pessoas em várias culturas e em vários tempos e lugares'."62 Isto é verdade também hoje, pois há muitos cristãos que, por exemplo, não consideram os mórmons como cristãos "reais". Mais importante, no entanto, é que a interpretação de Hitler se encaixava perfeitamente no contexto específico contexto contemporâneo da teologia cristã *völkisch* e racista.

Ele declarou em uma carta ao Ministro da Baviera, o Presidente Gustav Ritter von Kahr em 1921 disse que Hitler não era apenas religioso, mas também um bom católico. 63 Em uma carta de 15 de julho de 1923, Heß escreveu sobre como ele foi a um culto católico com Hitler e como o padre, um padre Achtleitner, fez um bom sermão. Achtleitner tinha um nacional-socialismo simpatias, e ele frequentemente participava das reuniões do NSDAP, escreveu Ele, e nesta ocasião também conversou com Hitler, que, durante o conversa, afirmou se considerar um dos "bons Católicos".64 Isto significa que Konrad Heiden pode de facto ter sido correto quando escreveu, no primeiro volume de sua biografia de Hitler, que

[60] Ehrman, Bart D., *Forjado: Escrevendo em Nome de Deus – Por que os Escritores da Bíblia Não São Quem pensamos que eles são* (Nova York: Harper One, 2011), pp. 60–63. Para mais informações sobre o paralelos entre o cristianismo primitivo e o nacional-socialismo, ver Grabner-Haider, A., *Teologia da Morte de Hitler,* pp. 50–56.

[61] Heschel, S., "Historiografia do antissemitismo ... ," p. 271.

[62] Koehne, S. "Religião no meio nazista inicial...", p. 669.

[63] Kershaw, I., *Hitler: 1889–1936 ... ,* pág. 159.

[64] *Rudolf Heß ... ,* p. 299 (nº 310). Obviamente, esta não é a conversa na íntegra, mas é provavelmente nos dá a essência do conteúdo mais ou menos corretamente.

Machine Translated by Google

Hitler comungou mesmo durante a guerra, embora a igreja formal
os serviços parecem ter sido algo em que ele normalmente não participava. 65
Até mesmo uma recepcionista, chamada Kascha, no hospital em Pasewalk, onde
Hitler foi tratado por sintomas de fadiga de batalha no final da guerra,
testemunhou mais tarde que Hitler havia falado de si mesmo como católico durante sua
estadia no hospital no outono de 1918. [66] Além disso, no manuscrito
notas na folha de rosto do arquivo de prisioneiros de Hitler da fortaleza de Landsberg
(e também em outra nota da mesma época), feita em 11 de novembro,
1923, pelo diretor da fortaleza Otto Leybold, afirma que Hitler considerou
ele próprio um católico. 67 O advogado de Hitler, Lorenz Roder, afirmou em uma carta
ao jornal *Münchener Post* em 6 de dezembro de 1923, que Hitler "é
ainda hoje um católico convicto."68

Então, em uma carta da fortaleza em Landsberg datada de
Em 20 de agosto de 1924, Rudolf Heß escreveu à sua amada Ilse Pröhl que
Hitler "é profundamente religioso no fundo". Hitler disse que Deus lhe emprestou
apoio apenas àqueles que foram corajosos e lutaram por si mesmos. 69
Esta era, como vimos, uma crença à qual Hitler retornaria repetidamente durante sua vida.
Ela o definia claramente como pessoa. Ele evidentemente
acreditava em um Deus pessoal que poderia intervir na história humana. Agora,
Hitler não era, naturalmente, o tipo de católico que depositava a sua fé na
Papa no Vaticano em Roma. Mas ele pode ter sido um católico anti-ultramontanista, o que
era bastante comum na Baviera e um
força poderosa dentro do NSDAP no início da década de 1920. [70] Hess também escreveu
em uma carta datada de 18 de maio de 1924, que durante seu tempo na fortaleza Hitler
era frequentemente visitado pelo padre protestante Gottfried Federschmidt. Hitler
também em várias ocasiões tomei café com um padre católico
chamado Fleck. 71

65 Heiden, K., *Adolf Hitler ...* (Vol. I), pág. 351.

66 Heiden, K., *Adolf Hitler: Um homem contra a Europa. Uma Biografia,* Vol. II (Zurique: Europa Editora, 1937), p. 144.

67 Fleischmann, P., *Hitler como prisioneiro ...,* pp. 83, 85.

68 *SA,* pág. 1059 (Doc. 602).

69 *Rudolf Heß ... ,* p. 351 (nº 353). Essas cartas foram surpreendentemente ignoradas por historiadores. Ian Kershaw, por exemplo, não os utilizou em sua biografia de dois volumes de Hitler.

70 Ver Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ... ,* passim.

71 Plöckinger, O., *Fontes e Documentos ... ,* pp. 116–117 (Documento 31); lago especialmente nn279–280.

Machine Translated by Google

Essas fontes de fato tornam impossível negar que Hitler, pelo menos na primeira metade da década de 1920, se definiu, e foi definido por outros, como uma espécie de católico. Na verdade, essa pode ser a única evidência mais forte de que Hitler realmente era sincero em suas crenças religiosas, já que não havia absolutamente nenhum valor propagandístico nessa declaração. Não foi nem o próprio Hitler quem a proferiu, mas seu confidente próximo Heß. Essas notas são, como já foi dito, provavelmente a melhor evidência que temos de como Hitler via sua própria religiosidade na época.

Embora a carta de Heß para Kahr pudesse talvez ser argumentada como tendo sido escrita por razões transacionais, a declaração do próprio Hitler ao diretor tinha muito pouco valor de propaganda discernível. O mesmo é verdade para a carta de Heß para sua noiva, que não tinha valor propagandístico algum.

Essa era uma correspondência privada entre amantes e, portanto, é uma evidência muito forte de que Hitler era realmente religioso – e de uma forma que correspondia ao que ele afirmava em público.

Algo que deve ser abordado neste contexto é uma declaração no diário de Alfred Rosenberg de 28 de junho de 1934, onde diz que Hitler havia dito o seguinte: “Ele enfatizou, rindo, que por muito tempo – agora mais do que nunca – ele havia sido um pagão.”[72] Isso significa que Hitler havia mudado sua crença religiosa nessa época? Possivelmente, mas na verdade não é provável que devêssemos interpretar a interpretação de Rosenberg das declarações de Hitler sobre ser um “pagão” literalmente. Hitler sempre foi desdenhoso e desdenhoso em relação às práticas pagãs e ocultas dentro do círculo *Ahnenerbe* de Himmler .[73] “Pagão” deve, portanto, neste caso, provavelmente ser interpretado como uma referência sarcástica às muitas acusações das igrejas cristãs a respeito do paganismo de Hitler e dos nazistas.

Provavelmente, era uma espécie de piada interna. Sabemos, por um dos discursos de Goebbels em 4 de dezembro de 1935, que a acusação vinda da Igreja de que os nazistas eram pagãos foi sarcasticamente aceita dessa forma.[74] Outra afirmação que poderia ser interpretada como

72 Rosenberg, A., *Alfred Rosenberg,* pp. 139–140 (28 de junho de 1934).

73 Ver, por exemplo, Dierker, Wolfgang, *Himmler's Religious Warriors: The Security Service of the SS and its Religious Policy 1933–1945* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2003), p. 127; Weikart, R., *A religião de Hitler ... ,* pp. 173–194.

74 Goebbels, Joseph, *Discursos de Goebbels 1932–1939, Volume I. Editado por Helmut Heiber* (Munique: Wilhelm Heyne Verlag, 1971), pp. 274–275. Veja também Steigmann-Gall, R., *The Holy Reich ... ,* p. 125. Na verdade, até mesmo Himmler negou ser realmente um “pagão”. Ele teria dito a um amigo em abril de 1945 que era frequentemente considerado “um pagão descuidado,

Machine Translated by Google

prova de que Hitler tinha crenças pagãs é quando ele disse o seguinte no final de seu discurso no funeral do presidente Hindenburg em Tannenberg em 7 de agosto de 1934: "Marechal de campo morto, vá agora para Valhalla!"75 Mas de acordo com o ajudante particular de Hitler, Julius Schaub, esta não foi uma expressão da fé religiosa de Hitler, mas sim pretendida como um comentário sarcástico espontâneo ao elogio que o capelão militar acabara de fazer diante dele. 76 Victor Klemperer também considerou esta uma declaração ridícula que dessacralizou o funeral

e não uma declaração das crenças pagãs de Hitler. 77 Sabemos que Hitler ao longo de sua vida continuou voltando a locais cristãos e que ele parece ter gostado de passar tempo nesses lugares. De acordo com Otto Dietrich, ele costumava visitar o mosteiro em Banz, e uma vez observou Hitler tendo uma conversa de três horas sobre a filosofia da religião e história da igreja com o ministro da Igreja Hans Kerrl no jardim da igreja do mosteiro; ele frequentemente se sentava e ouvia, e gostava muito, do famoso coral de meninos *Regensburger Domspatzen* em Regensburg. Sempre que estava em Stuttgart, ele morava no hospício cristão de lá, e ele "quase regularmente" visitava o mosteiro *Maulbronn* perto de Pforzheim. Após o *Anschluß* em 1938, ele reservou um tempo para visitar a escola do mosteiro *Lambach,* que ele frequentou quando era um menino. Hitler manteve uma pintura de um artista italiano desconhecido da mãe de Jesus, Maria, na lareira da lareira aberta no *Berghof,* em frente à qual ele e sua comitiva se reuniam à noite para conversar sob a luz brilhante do fogo. Ao lado disso estava pendurada uma pintura de nu feminino do profundamente religioso mestre renascentista italia

mas no fundo do meu coração eu sou um crente." Isso indica que Himmler interpretou o termo "pagão" como sendo essencialmente o mesmo que ser um descrente, isto é, um ateu. "Eu acredito em Deus e na Providência," ele supostamente disse. Para isso, veja Trevor-Roper, HR, *The Last Days ... ,* pp. 36–37.

75 *HRP* I/1, p. 438 (7 de agosto de 1934). 76
Rose, Olaf (ed.), *Julius Schaub – Na sombra de Hitler: memórias e notas do ajudante pessoal e confidente Julius Schaub 1925–1945* (Stegen/Ammersee: Druffel & Vowinckel Verlag, 2005), pp. 129–132. Veja também Longerich, P., *Hitler ... ,*
pág. 420.

77 Klemperer, V., *Quero testemunhar ...,* p. 137 (11 de agosto de 1934).

78 Dietrich, O., *12 anos com Hitler,* pp. 168, 177, 180, 194, 229. Veja também Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ...,* p. 319.

Machine Translated by Google

Outro exemplo que parece sugerir que a conversa de Hitler sobre os nazistas serem os verdadeiros cristãos era apenas propaganda vem do diário de Goebbels, que registra uma conversa que ele teve com Hitler sobre o cristianismo e a atitude do NSDAP em relação a ele, em 23 de fevereiro de 1937. Goebbels escreveu:

> Não o Partido contra o Cristianismo, mas sim devemos declarar-nos os únicos verdadeiros cristãos. 79

Isoladamente, essa citação pode parecer uma prova clara da falta de sinceridade de Hitler. No entanto, uma vez que olhamos para o contexto desta declaração, conforme relatado por Goebbels, torna-se óbvio que não é assim que se deve entender esta citação. Hitler também disse que desejava travar uma pequena guerra contra as igrejas e padres quando o tempo estivesse pronto, da mesma forma que a liderança marxista havia sido destruída pelo verdadeiro socialismo, isto é, pelo nacional-socialismo. Hitler também repetiu sua visão de que o verdadeiro ensinamento de Cristo havia sido corrompido e tornado irreconhecível pelo judeu Paulo.
[80] Isso implica que Hitler não apenas considerava o NSDAP como os únicos verdadeiros socialistas, mas também os únicos verdadeiros cristãos. Além disso, a declaração parece fazer pouco sentido, considerando que os nazistas se declararam os verdadeiros cristãos desde pelo menos 1920, com a herança teológica cristã remontando muito mais às origens do próprio nacional-socialismo em meados de 1800.

3.7 Conclusão

As descobertas apresentadas neste capítulo devem ser consideradas significativas, principalmente porque Hitler se considerava nomeado por Deus para liderar a Alemanha à grandeza. Vários outros exemplos poderiam ter sido mencionados, embora o que foi incluído deva ser o suficiente para ser convincente. Hitler consistentemente, ao longo de sua vida política, manteve sua admiração por Jesus e sempre o isentou do ódio que ele derramou sobre as igrejas e o cristianismo estabelecido. Ele se referiu a Jesus como divino em várias ocasiões e, em pelo menos uma ocasião, ele

[79] *TBJG,* I/3, p. 55 (23 de fevereiro de 1937). Veja também Steigmann-Gall, R., *The Holy Reich ... ,* p. 118.
[80] *TBJG,* I/3, p. 55 (23 de fevereiro de 1937).

Machine Translated by Google

explicitamente o chamou de Filho de Deus. Então, temos as múltiplas instâncias quando Hitler falou sobre Jesus como “Senhor”, “Salvador”, “legislador”, etc. Além disso, Hitler declarou várias vezes que Jesus usou seu chicote para afastar os judeus do “templo de seu pai”. Obviamente, o pai sobre o qual Hitler está falando aqui deve ser Deus, já que não é razoável pensar que ele pensou que o marido de Maria, José, era o dono do Templo. Ainda outra questão que provavelmente será muito importante aqui é, como já foi mencionado, o fato de que Hitler constantemente se referia a Jesus como “Cristo”. É certo que esta não é uma das indicações mais fortes de que Hitler considerava Jesus divino.

Certamente poderia ser que isso fosse simplesmente um resquício de seu passado católico ou uma expressão de linguagem convencional secular; no entanto, à luz de todas as outras evidências apresentadas neste capítulo, isso parece menos provável que seja o caso.

As referências explícitas a Jesus não são muito frequentes, e, portanto, não se pode dizer que Jesus tenha sido um tópico muito comum nas declarações públicas e privadas de Hitler. No entanto, também não era incomum. É evidente que a maioria das referências a Jesus aparecem durante a década de 1920 e, em menor extensão, no início da década de 1930. Mas Hitler fez essas declarações tanto em público quanto em privado, então não se pode argumentar que foi apenas para consumo externo. Durante o período de 1941 a 1944, temos algumas referências a Jesus, por exemplo, nas conversas de mesa. No entanto, também deve ser observado que as evidências nem sempre são cristalinas. Por exemplo, as declarações de Hitler sobre a divindade de Jesus eram às vezes ambíguas, ou mesmo contraditórias, e nem sempre são fáceis de interpretar ou conciliar umas com as outras. Dito isso, porém, essas declarações contraditórias foram abafadas pelas declarações em que ele claramente se referiu a Jesus como "divino".

A ideia de Hitler como um seguidor de Jesus – ou melhor, do próprio Hitler, e seus companheiros nazistas, olhando para ele dessa forma – certamente deixará muitas pessoas desconfortáveis, mas não é o papel da ciência histórica evitar tópicos e verdades que podem ser controversos até mesmo para a maioria das pessoas. Milhões de alemães pensavam que Hitler foi nomeado por Deus para liderar a Alemanha à grandeza, e muitos, se não a maioria, deles também o consideravam um seguidor de Cristo. Em vez disso, é tarefa do historiador explicar como isso poderia ter sido o caso, mesmo que contradiga a ideia de senso comum de quem Hitler era

Machine Translated by Google

e em quem ele foi inspirado. O Cristo de Hitler não era a mesma figura que a maioria dos cristãos no mundo adoram hoje (ou mesmo adoravam naquela época), mas também não era uma figura completamente alienígena. Hitler não criou o Jesus ariano. Ele o herdou de várias gerações de teólogos cristãos europeus e filósofos religiosos que fundiram suas crenças cristãs com seu racismo antissemita e chegaram à conclusão de que Jesus não era judeu. Isso, por sua vez, dependia de vários séculos de antissemitismo teológico cristão. Essa visão foi seguida por uma minoria não tão pequena de cristãos na Alemanha e se tornou uma crença fundamental também entre a liderança nazista.

No final, no entanto, a única pessoa que pode julgar se Hitler era sinceramente algum tipo de cristão é o próprio Hitler. Ninguém pode saber com certeza o que se passa na cabeça de outra pessoa. Alguns até argumentariam que nós mesmos não podemos ter certeza sobre quem realmente somos ou no que realmente acreditamos. As pessoas duvidam de si mesmas e de suas convicções o tempo todo e conseguem se convencer até mesmo de posições e ideias abertamente contraditórias. No entanto, o peso da evidência que foi apresentada aqui parece mostrar que Hitler realmente se considerava um seguidor dos ensinamentos originais de Jesus, e que ele pelo menos durante a década de 1920 se considerava um verdadeiro cristão, até mesmo (inicialmente) um bom católico. Pelo menos em relação a Jesus, ele continuou, mesmo em particular, a considerá-lo um ariano até o fim. Isso mostra que essa era uma crença muito profunda e honesta.

Machine Translated by Google

A EXPERIÊNCIA DE HITLER NA ESTRADA DE DAMASCO

4 Como Hitler modelou sua conversão política Narrativa em Mein Kampf sobre o apóstolo Paulo Conversão religiosa em Atos 9

4.1 Introdução

Este capítulo apresenta e aborda algo que até agora passou despercebido por aqueles que estudaram a religiosidade de Hitler, a saber, os paralelos entre a narrativa de Hitler sobre como ele dedicou sua vida à política, conforme contada em *Mein Kampf* e em outros lugares, e a experiência de Paulo na Estrada de Damasco, conforme contada em Atos 9.[1] Eu argumenta que eles provavelmente não são acidentais, considerando o bom conhecimento de Hitler sobre a Bíblia. Dado o que já aprendemos sobre a admiração de Hitler por Jesus nos capítulos anteriores, neste capítulo eu argumento que os paralelos dificilmente são incidentais, mas alusões reais e que Hitler construiu propositalmente sua narrativa de conversão em *Mein Kampf* com base na história da experiência de Paulo na Estrada de Damasco em Atos 9. Observe que estou apenas argumentando que o que passou despercebido por outros estudiosos é especificamente a modelagem da narrativa de conversão de Hitler em *Mein Kampf* em Atos 9. Outros, não menos importante Thomas Weber, já notaram qu

1 Curiosamente, a história da conversão de Paulo em Atos 9 é em si uma reescrita da história de Emaús. narrativa em Lucas 24:13–35; para este ponto, veja Carrier, Richard, *On the Historicity of Jesus: Why We Might Have Reason for Doubt* (Sheffield, Reino Unido: Phoenix Press 2014), pp. 365–366.

Machine Translated by Google

Hitler frequentemente usava a Bíblia para se apresentar em vários outros contextos.[2] Neste caso, porém, a encenação não é explícita.

Isso se encaixa bem com o fato de que *Mein Kampf* era muito mais um obra de ficção do que uma tentativa real de autobiografia. Weber tem apropriadamente referiu-se a ele como *Bildungsroman* de Hitler, no qual ele afirmava que a guerra "lhe tinha fornecido revelações semelhantes às de um profeta".3 O *Bildungsroman* é um gênero literário que se concentra na maioridade do protagonista e que coloca uma ênfase extremamente importante nos princípios fundamentais mudanças no caráter moral e psicológico do herói. Em *Mein Kampf,* Hitler construiu uma nova história de vida para si mesmo, uma que era pretendia apelar aos seus seguidores e consolidar a sua posição como o génio carismático e *Führer* do NSDAP. 4 O mesmo argumento foi feito de forma pungente por Susannah Heschel e outros estudiosos. 5

Wolfram Pyta observou que *Mein Kampf* foi escrito em um contexto, e já vimos muitos exemplos disto, onde o conhecimento objetivo e a ciência acadêmica eram menosprezados, desconfiados e até mesmo desprezados. Neste cenário, o indivíduo autodidata o gênio poderia ser transformado em um exemplo epistêmico, isto é, Hitler poderia assim, usar sua experiência subjetiva para emprestar sua *Weltanschauung* plausibilidade e autenticidade. De fato, o "gênio da ação" *(Genie der* O conceito *Tat)* era um gênero por direito próprio, no qual um indivíduo era atribuiu poderes e talentos induzidos pelo divino, e foi usado por teólogos sobre Jesus, e passou a ser usado tanto por Hitler quanto seus seguidores como um complemento *(Ergänzung)* ao conceito de carisma.[6] Na verdade, os Evangelhos e os Atos contêm basicamente os mesmos elementos que os *Bildungsroman* e pode ser lido como tal. 7 Portanto, tornaria faz todo o sentido que Hitler modele partes de sua narrativa de conversão política a partir de um texto de tradição semelhante.

2 Weber até dividiu seu livro *Becoming Hitler* em três seções chamadas "Gênesis", "Nova Testamentos" e "Messias".

3 Weber, Thomas, *A Primeira Guerra de Hitler: Adolf Hitler, os Homens do Regimento List e o Primeiro Guerra Mundial* (Oxford: Oxford University Press, 2010), pp. 269, 271.

4 Hans-Ulrich Thamer chama-lhe *Entwicklungsroman,* que significa essencialmente a mesma coisa mas com menor foco no desenvolvimento pessoal. Veja Thamer, H.-U., *Adolf Hitler ... ,* p. 17.

5 Heschel, S., "Sendo Adolf Hitler ... ," pp. 185–196.

6 Pyta, W., *Hitler ... ,* pp. 221–222, 241–260.

7 Summerfield, Giovanna e Downward, Lisa, *Novas Perspectivas sobre a Europa Bildungsroman* (Londres: Continuum, 2010), p. 38.

Machine Translated by Google

Também devo deixar perfeitamente claro o que *não* estou fazendo aqui. Neste capítulo, não estou argumentando que Hitler, ao usar imagens e expressões da conversão de Paulo em Atos 9, estava idolatrando Paulo. Ele certamente não estava; na verdade, como já indiquei, ele desprezava Paulo e o considerava o corruptor dos ensinamentos originais de Jesus. Isso pode fazer alguns leitores questionarem a validade do argumento deste capítulo já no início. Mas isso seria um erro. Atos não foi escrito por Paulo, então Hitler não estava realmente se referindo aos próprios escritos de Paulo neste caso, mas sim a uma história sobre ele escrita por outra pessoa que teria sido muito familiar a todos os cristãos na Alemanha. Usar uma história tão conhecida como modelo não implica nenhuma afinidade ideológica com o escritor daquela história original ou com qualquer um dos personagens nela. Neste capítulo, portanto, em contraste com o que foi argumentado até agora neste livro, estou sugerindo que olhemos para essas semelhanças como uma peça de propaganda proposital e habilmente elaborada. Alguns dos paralelos são inteiramente fictícios; mas muitas delas continham grãos de verdade, pois eram baseadas em eventos reais que foram feitos para se encaixar em uma narrativa alegórica.

Michael Rißmann observou que a interpretação de Hitler de sua própria vida tem paralelos claros com o que o Novo Testamento dá da vida de Jesus. Assim como Jesus, diz-se que Hitler nasceu em circunstâncias muito simples, o que é um tema muito comum na literatura sobre salvação.
[8] Hitler fez essa comparação explicitamente em um discurso para uma multidão do NSDAP em Dingolfing em 12 de dezembro de 1925. O Natal era celebrado em memória de Cristo e sua luta contra o materialismo judaico, disse Hitler. Então, assim como agora, a salvação veio de um ensinamento de salvação *(Heilslehre)* cujo pregador nasceu sob as mais empobrecidas circunstâncias. 9 Em *Mein Kampf,* Hitler começou o primeiro livro afirmando que foi devido ao "destino" divino *(Schicksal)* que ele nasceu em Braunau am Inn de todos os lugares, uma cidade na fronteira entre as duas nações alemãs que ele mais tarde se esforçaria para unir em uma Grande Alemanha durante toda a sua carreira política.

Rißmann também observa que Hitler, assim como os escritores do Novo Testamento fizeram em relação a Jesus, introduziu o primeiro chamado, isto é, a primeira missão divina, em um ponto no tempo cerca de trinta anos depois. 10

[8] Rißmann, M., *O Deus de Hitler ...,* p. 43. 9 *RSA* I, p. 237 (Documento 92).
10 Rißmann, M., *O Deus de Hitler ...,* p. 43.

Machine Translated by Google

Hitler faz esse ponto em *Mein Kampf,* quando ele começa o capítulo 3 dizendo que ele tinha se convencido de que um homem, a menos que ele não tivesse sido abençoado com talento notável, não deveria começar sua carreira política pública antes dos trinta anos. Era claro que era verdade que mesmo pessoas de trinta anos tinham muito a aprender durante a vida, Hitler afirma, mas isso seria apenas um preenchimento dos quadros já estabelecidos porque "sua erudição não será mais uma reaprendizagem principal, mas sim um aprendizado contínuo, e seus apoiadores não terão que suprimir o sentimento deprimente de que eles foram educados injustamente por ele, ... já que sua erudição significa apenas um aprofundamento de seus próprios ensinamentos."11 É claro que Hitler está aqui aludindo ao Evangelho de Lucas e à afirmação de que "o próprio Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou seu ministério."12 O paralelo entre Hitler e Jesus também foi o tema principal de Adolf Hitler de Victor von Koerber : *Sein Leben und seine Reden.* 13 Como vimos, Hitler não considerava sua missão simplesmente secular; pelo contrário, a missão de salvar a nação alemã e o povo alemão sempre foi vista também como uma tarefa divina repleta de significado religioso.

4.2 Um Período de Cegueira Temporária

A primeira semelhança a ser abordada aqui é o fato de que as narrativas de conversão de Hitler e Paulo incluem um período de cegueira temporária. Paulo experimenta isso por três dias. 14 Hitler não especifica quantos dias ele sofreu de sua cegueira, ostensivamente causada por um ataque de gás mostarda britânico, mas ele escreve que estava a caminho da recuperação quando as notícias sobre a revolução na Alemanha chegaram a ele em 8 de novembro de 1918, e que isso causou o recuo da cegueira para 15 Hitler experimentou o ataque de gás, no qual ele foi "levemente" retornar·ferido, em 13/14 de outubro de 1918, e foi hospitalizado primeiro em um hospital de campanha por La Montange entre 15 e 16 de outubro, depois do qual ele foi transferido para um hospital na cidade de Oudenaarde. Somente depois

11 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pp. 235–237 **[67–68].**
12 Lucas 3:23 (NVI). Para este ponto, veja também Reichelt, W., *The Brown Gospel ... ,* p. 15.
13 Koerber, A.-V. von, *Adolf Hitler ... ,* pp. 6–7; Weber, T., Tornando- *se Hitler...,* págs. 285–291.
14 Atos 9:8–9. 15 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pp. 547–553 **[212–215].**

Machine Translated by Google

depois de passar três ou quatro dias lá, ele foi transferido, via Ghent, para Pasewalk, onde chegou em 21 de outubro e permaneceu lá até 19 de novembro.[16] Agora, isso certamente não valeria a pena mencionar aqui se Hitler realmente tivesse ficado cego em um ataque com gás.

No entanto, Thomas Weber questionou se Hitler chegou a ficar cego. A pequena quantidade de gás a que Hitler foi exposto não justificava uma estadia tão longa no hospital, e ele descreveu a reação de Hitler como psicossomática. Esta não é uma visão implausível. De acordo com um relatório da inteligência dos EUA, com base em uma entrevista com um dos médicos do departamento psiquiátrico do hospital, Hitler foi internado na ala psiquiátrica do hospital, escreve Weber. 17 Na verdade, Friedrich Heer já sugeriu em 1968 que Hitler Isso também pode explicar por que
a cegueira era consequência da histeria.[18]
O arquivo hospitalar de Hitler desapareceu.[19] Hitler provavelmente cuidou para que esse arquivo fosse destruído. Muito provavelmente, Hitler não estava mais sofrendo com o ataque de gás quando foi transferido para Pasewalk. Seus principais problemas eram, portanto, provavelmente mentais, provavelmente resultado de fadiga de batalha (afinal, ele estava em serviço ativo na maior parte do tempo desde novembro de 1914) ou síndrome de choque de granada.

Por que esse fato é importante para o argumento feito neste capítulo? Bem, é importante porque torna muito provável que Hitler estivesse de fato inventando, ou pelo menos exagerando muito, seu período de cegueira. Hitler não estava mais sofrendo de cegueira quando a guerra terminou, várias semanas depois de ele ter chegado a Pasewalk. Isso significa que ele estava conscientemente construindo uma narrativa falsa sobre a cegueira usando essa informação, e é isso que torna a história sobre a cegueira de Paulo em Atos 9 potencialmente tão significativa. Por que Hitler escolheu enfatizar a cegueira em vez de, digamos, bolhas na pele ou nos pulmões, e a dor associada a esses ferimentos, que também são causados pelo gás mostarda? Razoavelmente, ele escolheu a cegueira porque a cegueira tem um significado simbólico na crença cristã. Declarações simbólicas são apenas

16 Joachimsthaler, A., *O Caminho de Hitler ...* , pp. 174–175; Português Plöckinger, Othmar, *Entre soldados e agitadores: os anos de formação de Hitler no exército alemão 1918–1920* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2013), p. 27.

17 Weber, T., *A Primeira Guerra de Hitler ...* , pp. 220–222.

18 Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ...* , p. 343.

19 Joachimsthaler, A., *O Caminho de Hitler ...* , p. 184.

Machine Translated by Google

significativos para um público se houver um contexto cultural e ideológico compartilhado dentro do qual eles podem ser interpretados e compreendidos como tal. O Novo Testamento forneceu precisamente esse contexto para os leitores de Hitler. Se Hitler estava de fato sofrendo de choque de granada (ou fadiga relacionada à guerra) e foi tratado disso no departamento psiquiátrico de Pasewalk, então o significado da cegueira é muito aumentado. É então mais ou menos um elemento inteiramente fictício introduzido em *Mein Kampf* muito mais tarde.

Friedrich Heer sugeriu que pode ter sido muito adequado ao histérico Hitler interpretar a recuperação de sua visão como um sinal milagroso de que ele havia sido nomeado por Deus. 20 Concordo com Heer, embora eu argumente que esta foi uma narrativa criada por Hitler após o fato, e que foi inserida em um ponto no tempo *após* a cegueira temporária causada pelo gás mostarda ter desaparecido. No entanto, isso pressupõe que Hitler realmente experimentou a cegueira e que ele realmente a interpretou como intervenção divina. Não temos como avaliar os verdadeiros sentimentos de Hitler sobre este assunto, no entanto. O que podemos fazer, no entanto, é determinar se Hitler fez desta narrativa uma parte de sua persona pública antes mesmo de escrever *Mein Kampf.* Temos provas de que Hitler vinculou a história da cegueira a uma experiência do divino.

Na verdade, tais histórias já circulavam em jornais alemães e americanos em 1923, ou seja, antes mesmo de *Mein Kampf* ser publicado, no qual a cegueira recebeu uma dimensão religiosa e foi vinculada a uma mensagem divina. A evidência vem na forma de dois artigos de jornal de 1923, um no *Frankfurter Zeitung* e um no *The Nation,* que relataram que Hitler havia recebido uma revelação divina durante seu estado de cegueira. Em um editorial em janeiro no *Frankfurter Zeitung,* foi alegado que “Hitler foi 'libertado por um arrebatamento interior que lhe deu a tarefa de se tornar o libertador de seu povo'.”

O artigo no *The Nation* chegou a afirmar que a visão de Hitler foi restaurada em conexão direta com “convulsões” durante as quais ele teve “visões extáticas” da futura vitória da Alemanha. [21]

Não se sabe de onde surgiu esta informação, mas é difícil imaginar que os opositores políticos do NSDAP pudessem ter tido uma

[20] Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ... ,* p. 343.
21 Citado em Redles, D., *Hitler's Millennial Reich ... ,* p. 113.

Machine Translated by Google

interesse em espalhar essa ideia. Deve ter vindo de dentro do nazismo
Partido, talvez até do próprio Hitler, como uma peça favorável de propaganda que foi
então autorizada a circular na imprensa. Hitler também
levantou este tópico, embora sem as conotações religiosas evidentes, durante a
tentativa de golpe de 8 de novembro de 1923, quando ele,
de acordo com um relatório do NSDAP, referiu-se a como ele, na época
quando ele "estava deitado no hospital como um aleijado cego", jurou
nunca descansar até que os criminosos de novembro fossem derrotados. 22 Ele então
voltou a este tema mais tarde durante o julgamento, dizendo que temia
que ele nunca mais seria capaz de ver, e que ele estava "quebrado e
com grandes dores" em sua cama de hospital, mas que mesmo assim ele decidiu,
durante a noite de 9 de novembro de 1918, "que eu, se recuperasse a luz,
iria se voltar para a política."23

O fato é que a mesma história foi incluída na primeira biografia de Hitler, *Adolf Hitler: Sein Leben und seine Reden,* publicada
em 1923, que também retratou Hitler como um novo Jesus. É possível que
a história em *The Nation* veio desta biografia porque ela também diz
que sua visão foi restaurada, seus olhos mortos receberam uma nova luz, em um
estado de êxtase. A luta dolorosa que Hitler passou em sua
cama de hospital é referida como seu "Gólgota" e como um "recurso espiritual e
crucificação corporal".24 Hitler passou por uma paixão, morreu e
ressuscitado. Este texto foi ostensivamente escrito por Victor von Koerber,
mas Weber encontrou evidências que mostram que Hitler era provavelmente
o verdadeiro autor. 25 Assim, aqui está a história de Hitler sobre seu período de cegueira
foi transformado em uma transposição de Hitler para o lugar de Jesus no Evangelho
histórias. Talvez Hitler tenha decidido mais tarde que essa comparação era um pouco demais
muito para que fosse incluído em *Mein Kampf* e suavizado um pouco
pouco, traçando paralelos com Paulo em vez de Jesus. O ponto importante
aqui está que Hitler usou o episódio da cegueira para criar um símbolo
narrativa religiosa – a conexão com a Bíblia e os mitos cristãos
assim parecia óbvio para ele.

22 *SA,* pág. 1055 (Documento 596, 8 de novembro de 1923).

23 *SA,* pp. 1062–1064 (Documento 605, 24 de fevereiro de 1924).

24 Koeber, A.-V. por, *Adolf Hitler ...,* pp. 6–7.

25 "Quem escreveu 'Sua vida e seus discursos'?," *Die Welt,* 8 de outubro de 2016, www.welt.de/história/artigo160311381/Quem-escreveu-sua-vida-e-seus-discursos.html.

Machine Translated by Google

A escolha de palavras de Hitler aqui – isto é, se ele "recuperou a luz" *(das Licht wiederbekäme)* – é obviamente cheia de simbolismo religioso e nem um pouco provável que seja coincidência. Por ter sido coberto pela escuridão, uma metáfora comum para o mal e a ignorância, isso parece ser uma promessa a Deus de que se ele recebesse a luz de volta – um símbolo de bondade, conhecimento e percepção – ele se dedicaria a lutar contra o que ele construiu como o mal supremo neste mundo, isto é, os judeus.

É exatamente isso que encontramos também em Atos, onde diz que, depois que Paulo foi tocado por Ananias, "caíram de seus olhos algo como escamas, e ele recuperou a visão imediatamente". Ele então se levantou, foi batizado, e começou a pregar o Evangelho. [26] Paulo nasceu de novo por meio de batismo e se tornou o fundador de um movimento de fé religiosa. Hitler também nasceu de novo, no sentido de que ele se tornou uma nova pessoa, um político, depois de ter passado por um batismo de fogo durante a guerra, ele se tornou o líder de um movimento de fé política. Paulo também deixou de ser um oponente dos seguidores de Jesus para se tornar um apoiador. Isso também era algo com que Hitler podia se relacionar em sua própria vida, já que ele trabalhava para as autoridades revolucionárias socialistas em Munique antes de maio de 1919.

Talvez a ideia de que Hitler havia nascido de novo após passar por um batismo de fogo pareça absurda? Na verdade, Hitler faria precisamente essa afirmação em um discurso em Pasewalk, de todos os lugares, realizado em 25 de outubro de 1932 (publicado também no *Völkischer Beobachter).* Hitler disse que ele provavelmente poderia ter morrido no campo de batalha como tantos milhões de seus camaradas, e, portanto, interpretou o fato de não ter morrido lá da seguinte maneira: "Recuperei minha vida como um presente da Providência e jurei dedicar esta vida ao povo."27 Para recuperar a vida de alguém, é preciso primeiro tê-la perdido em algum momento. Claro, Hitler não quis dizer morte literal aqui. Ele estava falando sobre uma morte espiritual. Ele estava dizendo que havia perdido sua vida espiritualmente, mas que Deus havia soprado uma nova vida espiritual nele. O que é importante aqui, é claro, não é se Hitler realmente quis dizer o que disse, isto é, se ele estava convencido de que estava dizendo a verdade ou não, embora certamente pudesse estar, mas simplesmente que ele escolheu

[26] Atos 9:18–20 (KJ21).

27 *HRP* I/1, p. 141 (25 de outubro de 1932); Bucher, R., *Hitlers Theologie,* p. 84.

Machine Translated by Google

narrar sua decisão de se dedicar à política dessa maneira abertamente religiosa e com essas claras alusões à experiência de Paulo, conforme retratada em Atos 9.

Que essas observações foram feitas em Pasewalk especificamente, o lugar onde tudo supostamente aconteceu, é claro que é ainda mais significativo. Isso mostra que Hitler manteve esse mito vivo por muito tempo, e é uma boa indicação de que ele internalizou essa narrativa a um grau em que ele provavelmente começou a acreditar nela. Depois que Hitler chegou ao poder em janeiro de 1933, Pasewalk foi declarada uma espécie de santuário nacional e, junto com o local de nascimento de Hitler, Braunau am Inn, tornou-se um local de peregrinação para fiéis nacional-socialistas. Hitler nunca abandonaria a narrativa da cegueira e se referiu a ela até mesmo em 1944, quando comemorou sua nomeação para chanceler, quando afirmou que a estrada entre ele como um soldado meio cego em novembro de 1918 e as realidades enfrentadas pela Alemanha em 1944 era mais longa e mais difícil do que o que agora estava entre a Alemanha em 1944 e a vitória na guerra.[28]

Isso é ainda mais apoiado por Hans Frank, que também cita Hitler em suas memórias e diz que Hitler lhe disse que, enquanto estava deitado em sua cama de hospital, ele havia prometido a Deus que se ele fosse ficar bem novamente, ele dedicaria sua vida à política. Como ele então recuperou sua visão um pouco mais tarde, ele ficou "completamente abalado e tomou isso como um chamado do céu para mim". 29 Primeiro, sabemos que esta não pode ser uma história verdadeira porque Hitler não decidiu se tornar um político enquanto estava em Pasewalk, mas ainda pode ser que seja verdade no sentido de que Hitler realmente contou a Frank uma história como esta. Segundo, embora essas fontes não sejam confiáveis para fornecer registros literais, elas provavelmente refletem o espírito do que Hitler havia dito. Pode ser que, naquela época, Hitler acreditasse que o que ele disse era verdade. Talvez ele realmente tenha interpretado sua voz interior como sendo de origem divina e, em retrospecto, realmente tenha considerado a experiência de Pasewalk como um chamado de Deus. Talvez ele tenha internalizado sua própria narrativa a tal ponto que se convenceu de que o que ele disse era verdade.

[28] *HRP* II/4, p. 2086 (30 de janeiro de 1944).

29 Frank, H., *Diante da forca ...,* p. 315. Ver também Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ... ,* pág. 343.

Machine Translated by Google

4.3 Conversas com o Divino: Deus fala com Hitler

A segunda similaridade entre as histórias em *Mein Kampf* e Atos 9 são as conversas com Deus que ambas envolvem. Em Atos 9, Paulo tem uma conversa com Jesus em uma visão na qual este lhe disse que ele era aquele que Paulo estava perseguindo. Jesus então disse a Paulo para se levantar e ir para Damasco, onde lhe diriam o que fazer em seguida. Obviamente, o Deus com quem Paulo estava falando não queria que ele se demorasse no passado, mas que seguisse em frente e se concentrasse no futuro.

Por meio da conversa semelhante que Jesus teve com Ananias nos versículos seguintes, isso ficou perfeitamente claro: Deus não queria que eles se concentrassem no passado, isto é, na obra de Paulo contra Deus e os seguidores de Cristo, mas, em vez disso, voltassem sua atenção para o futuro. 30 Isso também é refletido de perto em *Mein Kampf.*

Hitler escreve que enquanto estava deitado no hospital cheio de autopiedade, preocupado em ficar cego para sempre, sua própria consciência falou com ele. Mas a maneira como isso é descrito deixa bem óbvio que não era simplesmente uma conversa interna. Hitler escreveu "Então trovejou a voz da consciência para mim: miserável delator, você pode muito bem uivar", mas, disse a voz, seu sofrimento não era nada comparado ao que todos os heróis alemães caídos tiveram que suportar. Esses jovens morreram em vão, agora que a guerra havia acabado, depois de terem sido traídos pelos judeus na Alemanha. Então, em uma passagem que nos lembra também da história em Mateus 27:52–53 em que os túmulos em Jerusalém se abriram após a injustiça da morte de Jesus, Hitler pergunta retoricamente se os túmulos dos soldados mortos não se abrirão e se eles não voltarão para a Alemanha e se vingarão dessa traição e injustiça.

31 Hitler retornaria a essa imagem em particular em seu discurso no *Berliner Sportpalast* em 10 de fevereiro de 1933, quando afirmou que se os túmulos dos soldados mortos fossem abertos hoje, então os espíritos do passado, daqueles que lutaram e morreram pela Alemanha, se juntariam ao governo e o apoiariam. 32

É verdade que Hitler não diz explicitamente em *Mein Kampf* que foi Deus quem lhe falou, mas isso teria sido, por outro lado,

30 Atos 9:4–16. 31 *Hitler, Mein Kampf* ... (Volume I), pág. 553 **[215].**
32 *HRP* I/1, p. 207 (10 de fevereiro de 1933).

Machine Translated by Google

muito atípico dele, já que ele nunca afirmou ter tido tais conversas diretas com Deus. Essa não era a natureza do relacionamento de Hitler com seu Deus e sua religião. O Deus de Hitler nunca falou diretamente com as pessoas, mas ele interveio na história de outras maneiras.
Em vez disso, Hitler atribui essa voz à sua própria consciência. Observe como Hitler fala sobre essa voz interior na terceira pessoa do singular, como se fosse algo removido dele e não pertencente a ele. O mesmo efeito é alcançado pelo fato de que essa voz interior se dirige a Hitler na segunda pessoa do singular com o pronome "você" *(du).* Além disso, o uso da palavra "trovejou" é uma reminiscência de como Deus se dirige aos malfeitores na Bíblia.

No entanto, a ideia de que a voz interior de Hitler pretendia significar a voz de Deus ainda pode não parecer totalmente convincente. Existe alguma evidência explícita real de que Hitler pensava em sua voz interior de consciência dessa forma, ou isso é simplesmente um paralelo inventado? Como se vê, há de fato tal evidência disponível. A prova é fornecida pelo ex-líder da SA Otto Wagener, 33 que afirmou em suas memórias, escritas em cativeiro no País de Gales em 1946, que Hitler uma vez lhe disse que o *Führer* era responsável apenas "pelo povo e por sua consciência, e isso lhe é dado por Deus, é a voz divina dentro dele". 34 De acordo com Wagener, então, Hitler pensava que sua própria voz interior de consciência era de fato de natureza divina, isto é, a voz orientadora de Deus dentro dele.

Mas acontece que Hitler parece ter contado outra história para seus companheiros próximos durante a década de 1920, que também se referia a essa voz interior tendo falado com ele e salvado sua vida. Neste caso, é bastante óbvio que a voz interior é, na verdade, de origem divina e vem de uma fonte fora de Hitler. O evento em questão teria ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial e é recontado na biografia de Hitler de Konrad Heiden de 1936 – Heiden até chama essa seção do livro de

33 Entre 1929 e 1932, Wagener pertenceu ao círculo mais próximo de Hitler, sendo um líder na SA, e depois disso ele foi responsável pelo departamento econômico-político do NSDAP em Munique até julho de 1933, quando caiu em desgraça com Hitler, embora tenha permanecido como um *Gruppenführer* de nível inferior na SA até 1938.

34 Wagener, O., *Hitler de perto ... ,* p. 191. Ver também Redles, D., *Hitler's Millennial Reich ... ,* pp. i, viii, x, 132–133.

Machine Translated by Google

"A Voz Interior" *(Die innere Stimme).* De acordo com uma testemunha, a quem Heiden considerava confiável e que tinha ouvido Hitler pessoalmente contar esta história, Hitler alegou:

> Eu estava sentado no campo e comendo com vários camaradas. De repente, a voz interior me ordenou: Levante-se e sente-se naquele lugar ali! Eu obedeci; o lugar estava a uns vinte metros de distância. Assim que cheguei, a granada atingiu meus companheiros; ninguém sobreviveu. 35

A história em si é, é claro, muito provavelmente inteiramente fictícia. Curiosamente, porém, Hitler contou diferentes variantes dessa história para várias pessoas ao longo dos anos. John Toland, por exemplo, cita essa história do livro do jornalista britânico Ward Price, *I Know These Dictators,* de 1937, embora alguns dos detalhes sejam diferentes e a história seja um pouco mais 36 elaborada na versão de Price do que a que Heiden relata.

Aparentemente, Hitler desenvolveu a narrativa ao longo do tempo e a testou para efeito. A implicação de que foi Deus quem lhe disse para se mover e quem salvou sua vida é óbvia.

A história é, como já mencionado, muito provavelmente uma fantasia baseada em algumas experiências reais que Hitler teve. Uma ocorreu em 17 de novembro de 1914, em conexão com Hitler ter sido recomendado para a Cruz de Ferro pela primeira vez. Enquanto a lista de destinatários sugeridos estava sendo discutida no posto de comando regimental improvisado, Hitler e alguns de seus camaradas tiveram que sair para dar lugar a quatro comandantes de companhia. Cinco minutos depois, uma granada atingiu o posto, matando e ferindo todos os que estavam lá dentro, e um dos feridos era o comandante do regimento de Hitler, Phillipp Engelhardt - a quem Hitler idolatrava - que havia recomendado Hitler para o prêmio porque Hitler aparentemente ajudou a salvar sua vida dois dias antes. Hitler contou a seus conhecidos Joseph Popp e Ernst Hepp sobre esse episódio em cartas em 3 de dezembro de 1914 e 5 de fevereiro de 1915, razão pela qual podemos ter certeza de que na verdade

35 Citado em Heiden, K., *Adolf Hitler ...* (Vol. I), p. 352.

36 Toland, J., *Adolf Hitler,* p. 64. Toland parece realmente levar essa história a sério (mas se refere à página errada no livro de Price, i.e.p. 40 em vez de p. 38). Ian Kershaw observa também a versão de Price e observa que Hitler acrescentou coisas a isso (Kershaw, I., *Hitler: 1889–1936 ... ,* p. 634, n111). Veja Price, Ward, *I Know These Dictators* (Londres: Harrap, 1937), p. 38.

Machine Translated by Google

aconteceu, descrevendo-o como o pior momento de sua vida. 37 O segundo incidente aconteceu em 5 de outubro de 1916, na vila de Le Barqué durante a Batalha do Somme, quando a entrada do abrigo onde Hitler e dois de seus colegas despachantes estavam sentados foi atingida por um projétil britânico. Hitler foi ferido por um fragmento de projétil na parte superior da coxa esquerda. Como Thomas Weber observou, nenhum dos outros presentes foi morto, ao contrário do que a propaganda nazista alegaria mais tarde. 38 Mas parece que Hitler realmente contou essa história a seus seguidores durante o chamado *Kampfzeit.* A razão parece óbvia, ou seja, retratar a si mesmo como um homem que sempre foi guiado e protegido por Deus. Este caso torna o argumento de que Hitler considerava sua voz interior como Deus falando com ele ainda mais crível.

Aparentemente, outros entenderam Hitler dessa forma também, aparentemente sem que o próprio Hitler tivesse dito isso. Em seu livro *Das braune Evangelium,* Werner Reichelt cita "um comissário de estado evangélico" que em 1933 disse: "Confiamos no Führer, enviado a nós por Deus, que na época, quase cego, recebeu a ordem de Deus: Você salvará a Alemanha!"39 Isso é prova do fato de que a narrativa da experiência de Hitler na Estrada de Damasco realmente gerou o mesmo tipo de resposta religiosa entre seus seguidores nazistas que a história em Atos 9 teve entre os cristãos (muitos nacional-socialistas também eram cristãos crentes, o que significa que suas crenças se sobrepunham neste caso).

Note que não sou o primeiro a traçar um paralelo entre Hitler e a história da conversão da Estrada de Damasco. Outros acadêmicos, por exemplo Thomas Weber, usaram o termo "experiência da Estrada de Damasco" com relação à conversão política de Hitler antes, mas então apenas como uma metáfora cultural bem conhecida e estabelecida e *não* no sentido direto de Hitler realmente modelar sua própria história de conversão em Atos 9. 40 A voz interior de Hitler foi explicitamente interpretada, tanto pelo próprio Hitler quanto por seus seguidores, como sendo a voz de Deus transmitindo uma mensagem a ele. Se Hitler não pretendia que as pessoas interpretassem sua narrativa em *Mein Kampf* dessa maneira, isso certamente seria uma coincidência extraordinária.

37 *SA,* pp. 60–61, 68 (Documentos 26 e 30). Ver também Joachimsthaler, Anton, *Correção de uma biografia: Adolf Hitler 1908–1920* (Munique: Herbig, 1989), pp. 130–131; Weber, T., *A Primeira Guerra de Hitler ... ,* pp. 53–54.

38 Weber, T., *A Primeira Guerra de Hitler ... ,* p. 154.

39 Citado em Reichelt, W., *The Brown Gospel ... ,* p. 79.

40 Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* p. 81.

Machine Translated by Google

Obviamente, era assim que Hitler queria que as pessoas interpretassem essa passagem, já que ele mesmo disse isso aos seus seguidores. Hitler estava, assim como Paulo, na estrada para sua "Damasco" pessoal, alegando que lhe fora dito o que fazer em seguida por essa voz divina interior, isto é, por Deus, a saber, que ele deveria entrar na política e salvar a Alemanha e seu povo, liderando-a novamente para a grandeza.

4.4 Amaldiçoando as classes criminosas dominantes

O terceiro paralelo é um pouco menos direto, mas ainda assim muito interessante e relevante. As narrativas de conversão em *Mein Kampf* e Atos 9 incluem críticas mordazes contra os grupos dominantes percebidos da época. Em Atos 9, são os judeus e rabinos em Jerusalém que são atacados por serem inimigos da igreja e por perseguirem cristãos, e em *Mein Kampf* são os judeus e políticos em Berlim que são atacados por serem inimigos da Pátria. Hitler amaldiçoa aqueles que ele considerava "criminosos" e conta a seus leitores como, durante as noites após as notícias da rendição da Alemanha terem chegado até ele, seu ódio por aqueles que ele considerava responsáveis por essa catástrofe cresceu e aumentou em força. Em Atos 9, os judeus teriam conspirado contra Paulo, em várias ocasiões, para tentar capturá-lo e matá-lo. Assim, em Atos, também, os inimigos do herói são retratados como criminosos. 41 O fato de que a narrativa de Hitler em *Mein Kampf* difere consideravelmente nos detalhes daquela em Atos 9, à qual eu argumento que Hitler estava aludindo, não pode ser usado como um argumento contra a proposição feita neste capítulo, porque não deveríamos esperar que fossem exatamente as mesmas. Pelo contrário,

deveríamos esperar que fossem bem diferentes, já que a história não teria sido crível se ele tivesse copiado Atos 9 muito de perto. Hitler usou sua *licentia poetica* para reescrever a história sobre Paulo em Atos 9 e adaptá-la para se encaixar plausivelmente em sua própria autobiografia quase factual/semificcional. Tornar os paralelos muito evidentes derrotaria o propósito de todo o esforço. É da natureza de toda alusão que ela não pode ser muito óbvia.

41 *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), pp. 555–557 **[216–217];** Atos 9:1, 14, 20–23, 29.

Machine Translated by Google

4.5 Do anonimato à grandeza

Se sairmos de Atos e *Mein Kampf* por um momento, descobriremos ainda outras semelhanças entre Paulo e Hitler, sendo este nosso quarto exemplo. Na carta aos Gálatas, Paulo diz a seus leitores que ele tinha sido inicialmente completamente desconhecido para os cristãos em toda a Judeia. 42 Hitler falou com muita frequência sobre seu anonimato inicial. Na verdade, esta era uma parte importante de sua autoimagem projetada externamente. Assim, o anonimato antes de ascender à proeminência é outro paralelo entre as autobiografias oficiais de Paulo e Hitler. No caso de Hitler, esta ideia foi apresentada como o tema do soldado desconhecido que tinha criado um grande movimento a partir de origens extremamente humildes. Hitler usou-a publicamente em várias ocasiões durante sua vida.

Por exemplo, em 18 de agosto de 1930, Hitler declarou que doze anos atrás ninguém sabia quem ele era ou o que ele queria. À pergunta de quem ele era, ele poderia ter respondido: "Eu não tenho nome. ...
Tenho apenas um número... 'o Regimento de Infantaria de Reserva da Baviera nº 16, nº 167.' Esse era eu; nada mais."43 Hitler está essencialmente se reduzindo ao mínimo, a quase nada. Ele estava dizendo que havia começado de uma posição tão humilde quanto possível apenas para ascender à fama e liderar um grande movimento. Isso é, de fato, também extremamente reminiscente do que o apóstolo Pedro diz sobre Jesus em Atos, a saber, que Jesus era "a pedra que foi rejeitada por vocês, construtores, e que se tornou a pedra angular."44 O significado das duas histórias é exatamente o mesmo: o homem menos importante havia se tornado o mais importante – o escolhido – o último havia de fato se tornado o primeiro.

Hitler viria a repetir essa imagem de si mesmo muitas vezes ao longo dos anos. Em 14 de setembro de 1936, Hitler declarou o seguinte em um discurso que encerrou o congresso do NSDAP:

> Ai daquele que não acredita [em Adolf Hitler]. Este peca contra todo o sentido da vida. ... O que teria sido da Alemanha se no ano de 1919 um soldado desconhecido não tivesse tido a fé para salvar a nação alemã de sua decadência através da vontade de defendê-la, e através da coragem e do espírito

42 Gálatas 1:22.
43 *RSA* III/3, p. 358 (Documento 90, 18 de agosto de 1930).
44 Atos 4:8–12 (KJ21).

Machine Translated by Google

> de auto-sacrifício? ... Foi um milagre de fé que salvou a Alemanha. Hoje, depois de todos esses sucessos historicamente únicos, é dever do Partido, agora mais do que nunca, relembrar esse credo nacional-socialista e, mais uma vez, apresentá-lo como o sinal sagrado de nossa luta e nossa vitória certa. 45

Esta é realmente a linguagem de um fanático religioso. Além de apresentar a ideia do soldado desconhecido, Hitler aqui também fez questão de basear suas declarações em uma retórica que era completamente religiosa. Dois anos e meio depois, ele disse:

> Só posso expressar meus sentimentos mais profundos na forma de um humilde agradecimento à Providência que me chamou e que me permitiu ter sucesso, como um soldado antes desconhecido na guerra, para me levantar como o líder do meu povo sinceramente amado. Ela me deixou encontrar o caminho para libertar nosso povo de seu sofrimento mais profundo sem derramamento de sangue e continuar a liderá-lo adiante.
>
> Ela me deixou cumprir a única tarefa da minha vida: tirar meu povo alemão de sua derrota e libertá-lo dos grilhões do ditado mais vergonhoso de todos os tempos. 46

Mais uma vez, o tema do "soldado desconhecido" é usado em uma retórica fortemente carregada de religiosidade. Isso deixa claro que Hitler desejava que seu público conectasse os dois. Não havia como esse simples soldado ter se tornado o líder de um grande movimento revolucionário a menos que Deus tivesse tido uma mão nesse desenvolvimento e quisesse que ele tivesse sucesso.

Goebbels também destacou as origens humildes de Hitler em um discurso em novembro de 1942, ao declarar que o *Führer* era um presente de Deus para o povo alemão. 47 Poucos meses depois, em fevereiro de 1943, Hitler também alegou o direito de acreditar que a Providência o havia designado para cumprir a tarefa de exterminar os judeus, porque sem as bênçãos de Deus ele nunca teria, completamente desconhecido como era, subido ao palco em 24 de fevereiro de 1920, nem poderia ter chegado ao poder e conquistado todas aquelas vitórias para a Alemanha.

45 *HRP* I/2, p. 647 (14 de setembro de 1936).
46 *HRP* II/3, p. 1148 (28 de abril de 1939).
47 *GR* II, pág. 157 (17 de novembro de 1942).

Machine Translated by Google

Além disso, ele teve a sorte de ter uma comunidade de fiéis e fiéis que ousaram vincular seus destinos ao dele e ao seu.

considerou seu líder nessa luta. interpretou o 48 Foi assim que Hitler sempre o que ele considerava ser sua missão: como uma tarefa dada a ele por Deus que ele foi escolhido para cumprir. Esse tema foi usado por Hitler em ambientes mais privados também. Heinrich Heim relatou em 1942 que Hitler disse à sua comitiva em um de seus quartéis-generais de guerra como ele tinha sido totalmente incógnito dentro da comunidade *völkisch* durante o início dos anos 1920 simplesmente porque ninguém sabia como ele era, e que ele podia sentar e ouvir as pessoas falando sobre ele sem que elas soubessem que ele estava presente entre elas. 49 É claro que é verdade que Hitler *deixou* de ser

um desconhecido para ser bem conhecido em toda a Alemanha (e eventualmente no resto do mundo). Mas, ao mesmo tempo, também sabemos que Hitler usou isso para seus propósitos de propaganda. Sua relutância em ter fotos tiradas dele é um exemplo disso. Em entrevistas da década de 1950, o fotógrafo de Hitler, Heinrich Hoffmann, afirmou que Dietrich Eckart lhe disse que esse era um "movimento de xadrez propagandístico feito por ele". As pessoas liam sobre ele e ouviam falar dele, mas ninguém conseguia encontrar uma foto dele. Isso criou uma demanda e um desejo nas pessoas de virem vê-lo falar: "Eles vinham por curiosidade e saíam como membros registrados do partido", Hoffmann é citado como tendo dito.

50 No

entanto, isso provavelmente não é toda a verdade. Peter Longerich lança dúvidas sobre toda a ideia e afirma que a verdadeira razão era que Hitler desejava permanecer desconhecido fora da Baviera para que pudesse evitar ser preso pela polícia devido aos mandados de prisão que eram emitidos de tempos em tempos, bem como evitar ser alvo de oponentes políticos.

51

48 *HRP* II/4, pp. 1990–1993 (24 de fevereiro de 1943).

49 *Monologe ... ,* pp. 204–205 (16/17 de janeiro de 1942). Esta nota é bastante sugestiva e envolvente, mas não se deve cometer o erro de presumir que Heim escreveu as palavras de Hitler literalmente. Suas notas foram cuidadosamente revisadas, corrigidas e reescritas após o fato. Esta nota em particular está entre as poucas páginas de prova que ainda existem; veja BBL, NS 6; Vol. 819; "16/17.1.1942, nachts," p. 5 (Documento 17). A verdade é que não sabemos exatamente o que Hitler disse durante essa conversa noturna. Para mais informações sobre a questão da fonte crítica em relação às conversas de mesa, veja Nilsson, M., *Hitler Redux ... ,* passim.

50 Heydecker, JJ, *A Imagem de Hitler ... ,* pp. 28–29.

51 Longerich, P., *Hitler ... ,* pp. 117–118.

Machine Translated by Google

Não acho que devemos escolher entre esses dois cenários, porque ambos podem ser facilmente verdadeiros ao mesmo tempo. Longerich também aponta que Hitler sofria de medo de parecer ridículo em imagens, um medo que o acompanhou por toda a vida. 52 O segredo quase obsessivo de Hitler é, como Ian Kershaw apontou, uma das principais razões pelas quais sabemos tão pouco sobre ele e por que as palavras de Churchill (embora ditas em outro contexto) sobre ele eram tão adequadas: “um enigma envolto em mistério dentro de um enigma”. Kershaw chamou isso de “o vazio da pessoa privada”, uma situação que é consequência do “fato de que Hitler era altamente reservado – não menos importante sobre sua vida pessoal, sua origem e sua família”. Kershaw concorda que, embora esses fossem elementos de seu caráter pessoal, Hitler também explorou isso para fins de propaganda.

53 Ao mesmo tempo, Hitler também fez o melhor que pôde para mudar o registro histórico de seu passado – um esforço do qual *Mein Kampf* é um claro testemunho. O quão bem-sucedidos Hitler e seus simpatizantes foram em forjar seu passado foi provado em muitos livros que corrigiram as histórias oficiais. 54

4.6 Conclusão

Neste capítulo, sugeri que a narrativa de Hitler sobre sua decisão de dedicar sua vida à política, conforme apresentada em *Mein Kampf,* é uma alusão consciente à história da conversão de Paulo em Atos 9. Os paralelos entre *Mein Kampf* e Atos 9 são de fato muito claros e óbvios.

O que é discutível é *por que* eles estão lá – isto é, por coincidência ou por escolha? Tomados separadamente, cada um desses paralelos pode certamente ser pensado como sendo uma coincidência. No entanto, assumir que todos esses paralelos são simplesmente uma coincidência não parece nada plausível.

Portanto, estamos justificados em supor que as semelhanças são propositais.

Em *Mein Kampf,* Hitler apresentou sua experiência na Estrada de Damasco e, ao fazê-lo, colocou-se em pé de igualdade com o verdadeiro fundador do cristianismo, Paulo de Tarso. Ambas as narrativas incluem um período de cegueira temporária, um tema altamente simbólico na tradição cristã. Ambas

52 Ibid., pág. 118. 53 Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ...* , pág.

54 Veja, por exemplo, Weber, T., *A Primeira Guerra de Hitler ...;* Jetzinger, Franz, *A Juventude Hitlerista: Fantasias, Mentiras – e a Verdade* (Viena: Europa Verlag, 1956); Weber, T., *Tornando-se Hitler ...*

Machine Translated by Google

histórias contêm uma conversa com alguma entidade divina. No caso de Paul, Deus fala com ele de fora na forma de uma visão. No caso de Hitler, Deus, na forma de sua própria consciência, troveja seus comandos de dentro. Em *Mein Kampf,* não é dito explicitamente que esta era uma visão em si, mas vários relatos de jornais de 1923 afirmaram exatamente isso. É muito provável que esses relatos tenham sido baseados em entrevistas com o próprio Hitler ou alguém próximo a ele e, portanto, representassem a visão que Hitler desejava dar de si mesmo. Isso obviamente serviu como uma ferramenta de propaganda também. Tanto no caso de Paul quanto no caso de Hitler, essas vozes teriam os instado a deixar o passado e o presente de lado e, em vez disso, concentrar sua energia no futuro e nas tarefas que estavam por vir.

Tanto no caso de Hitler quanto no de Paulo, destaca-se que eles eram desconhecidos do mundo antes da fundação de seus movimentos.
Hitler retornaria a esse ponto muitas vezes em vários discursos durante sua vida, e isso de fato formou uma parte central de sua narrativa das origens do NSDAP. Isso era bastante natural, pois fazia o sucesso do NSDAP e seu próprio sucesso parecerem ainda mais milagrosos. Tanto Atos 9 quanto o final do capítulo 7 em *Mein Kampf* relatam uma jornada espiritual da ignorância ao conhecimento, da incerteza à certeza e da falsidade à verdade. Outra coisa que ambos têm em comum é, claro, a ideia abrangente de que tanto Paulo quanto Hitler foram nomeados e guiados por Deus para cumprir uma missão histórica.

Hitler tinha bons motivos para modelar sua narrativa em Atos 9, porque a experiência da Estrada de Damasco era uma narrativa bem conhecida na Alemanha naquela época, já que uma esmagadora maioria da população consistia de cristãos crentes. Ele pode, de fato, ter admirado Paulo no papel deste último como fundador de uma cosmovisão de enorme sucesso, porque sabemos que Hitler admirava a organização e o trabalho de propaganda da Igreja Católica, embora odiasse sua política e dogmas teológicos. Assim, embora Hitler não tivesse nada além de desprezo por Paulo por causa de seu papel percebido na corrupção da verdadeira mensagem de Jesus, a quem Hitler consistentemente chamava de Cristo, isso não significa que Hitler não desejasse usar a história de Atos 9. Certamente, em algumas ocasiões, a analogia pode ter sido sutil demais para as pessoas perceberem, pelo menos conscientemente, mas ainda pode ter pegado carona na familiaridade dessas histórias dentro de uma cultura completamente cristã.

Machine Translated by Google

Além disso, a experiência da Estrada de Damasco forneceu uma analogia conveniente e prontamente disponível para Hitler quando ele desejou modelar sua própria narrativa de sua conversão política em *Mein Kampf.*

A conversão de Hitler continha elementos que ele próprio interpretou através de uma lente religiosa como um sinal de que ele havia sido nomeado por Deus para liderar a Alemanha para a grandeza futura. Ele foi cuidadoso o suficiente para não tornar os paralelos entre sua narrativa e aquela em Atos 9 muito óbvios, tornando-os muito semelhantes, pois isso teria sido difícil para os leitores levarem a sério. Como qualquer bom contador de histórias sabe fazer ao pegar uma história emprestada de outra peça de ficção, ele fez uso de uma *licentia poetica* para reescrevê-la e encaixá-la em sua própria biografia semificcional. A estrutura básica é a mesma, mas os detalhes específicos são diferentes. É da mesma forma que Hitler usou a Igreja Católica como modelo para o NSDAP, ou seja, escolhendo o que ele considerava útil e descartando o resto. É dentro dessa estrutura religiosa e literária que a ideia de que Hitler modelou sua narrativa de conversão em *Mein Kampf* em Atos 9 não só faz sentido, mas é realmente altamente provável.

Machine Translated by Google

5 JESUS COMO INSPIRAÇÃO IDEOLÓGICA PARA HITLER E O NSDAP

5.1 Introdução

Neste capítulo, pretendo mostrar que Hitler de fato via Jesus como uma inspiração ideológica não apenas para si mesmo, mas para o NSDAP e o movimento *völkisch* em geral. Este é um assunto que não recebeu muita atenção dos historiadores até agora. Embora isso possa soar muito provocativo e talvez até inacreditável para muitos leitores, se você ainda não se convenceu de que este é o caso, então, ao final deste capítulo, ficará claro que esta deve ser a conclusão necessária a ser tirada de uma análise da evidência documental. Embora não seja minha intenção ser ofensivo, alguns leitores podem de fato se sentir ofendidos por muito do que aprenderão abaixo; no entanto, tenha em mente que as crenças religiosas de Hitler não refletem de forma alguma negativamente em nenhum cristão, ou pessoa religiosa, que não atribua as mesmas ideias e crenças de Hitler e os nazistas.

Hitler e muitos outros nazistas em todos os níveis do partido consideravam o NSDAP como os únicos verdadeiros seguidores dos ensinamentos originais de Jesus, isto é, antes de terem sido ostensivamente corrompidos por Paulo, o judeu. Como vimos anteriormente, Jesus era visto como um guerreiro ariano que havia dado sua vida na luta contra a “ameaça” judaica.
Foi por isso que os judeus, não os romanos, o fizeram morrer na cruz. O NSDAP simplesmente continuou de onde Jesus parou.
No Capítulo 2, vimos que Hitler mencionou Jesus em discursos de

Machine Translated by Google

1920 em diante. O fato de ele ter falado sobre Jesus desde o início de sua carreira política é muito significativo, porque mostra que esse não foi um tema que ele acrescentou mais tarde para tornar o Nacional-Socialismo mais palatável para grupos maiores de pessoas. O fato de ele não ter falado sobre Jesus com tanta frequência pode parecer indicar que o tópico não era importante para Hitler. Mas acredito que seria um erro tirar tal conclusão desse fato. Pelo contrário, acho que esse fato é uma indicação clara de que esse não era um tópico que Hitler usava apenas para fins de propaganda. Se esse tivesse sido o caso, então certamente Jesus teria sido mencionado com muito mais frequência em seus discursos.

5.2 Seguindo os passos de Jesus Cristo

Não há dúvidas de que Hitler considerava sua própria luta uma missão divina. [1] Albrecht Tyrell declarou que a percepção de que ele foi escolhido para liderar uma missão divina contra os judeus e contra o bolchevismo/comunismo/marxismo foi um processo gradual para Hitler de meados de 1921 até o início de 1924, cujo ponto final foi encapsulado na seguinte passagem infame e frequentemente citada em *Mein Kampf:* "Hoje, portanto, acredito que estou agindo de acordo com a intenção do Criador Todo-Poderoso: *quando me defendo contra os judeus, estou lutando pela obra do Senhor"* [ênfase no original]. [2] Embora formuladas de uma forma caracteristicamente pomposa para Hitler, nós, como historiadores, devemos levar suas palavras a sério. Mas, como vimos acima, há boas razões para acreditar que Hitler começou esse processo ainda mais cedo, já em 1920. Talvez a identificação de Hitler com Jesus também tenha sido parte da razão pela qual ele sempre esperou que não viveria uma vida longa.

Há várias boas indicações de que Jesus foi um personagem importante na vida de Hitler. Um exemplo disso é quando ele enfatizou que

1 Isso foi notado pela maioria dos historiadores que estudam Hitler, e também foi o tópico dos capítulos anteriores deste livro. Ainda assim, uma ótima visão geral da evidência para essa crença é dada em Rißmann, M., *Hitlers Gott ... ,* pp. 56–76, 174–206; Bucher, R., *Hitlers Theologie,* pp. 77–124.

2 Tyrell, A., *Sobre o "baterista" ... ,* pp. 132–174; *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 231 **[66].** A palavra alemã *Werk* tem vários significados possíveis e também pode ser traduzida como "criação", "trabalho manual", "ação" ou "obra".

Machine Translated by Google

A mensagem de Cristo era de importância central para o movimento; que os nacional-socialistas eram aqueles que trouxeram os ensinamentos de Cristo de volta à vida, que o NSDAP era o portador da "verdadeira mensagem" do cristianismo e que o objetivo do partido era ressuscitar os tesouros do Cristo vivo. Onde as igrejas falharam – isto é, em instalar ética objetiva na sociedade secular – o movimento nacional-socialista seria bem-sucedido. É óbvio, diz Richard Steigmann-Gall, que Hitler não apenas leu o Novo Testamento, mas também declarou que foi inspirado por ele em sua vida pública e privada. 3 Goebbels também não hesitou em citar os Evangelhos, como quando encerrou sua nota de desespero em seu diário em 1925, afirmando que o que foi dado a outros o destino não lhe concedeu. Goebbels até usou a frase "Meu Senhor, Meu Senhor, por que me abandonaste?", isto é, as últimas palavras de Jesus na cruz de acordo com o Evangelho de Mateus, para finalizar seu lamento .

Em 2 de novembro de 1922, Hitler disse, de acordo com o *Völkischer Beobachter,* que os judeus deveriam ser combatidos assim como Cristo lutou contra eles. "Ou nossa luta é santa, ou é injusta,"
Hitler disse. Tudo era permitido quando a existência de um povo estava em jogo, ele exclamou, e apontou que se Cristo tivesse caminhado pelo mundo hoje, ele teria sido extremamente crítico do fato de que os alemães estavam agora aprendendo com os judeus, o povo que ele havia marcado como a cria de víboras.
5 Claramente, Hitler foi inspirado por Jesus e considerava os membros do NSDAP os verdadeiros seguidores de seus ensinamentos.

Mas não era tudo isso simplesmente uma maneira conveniente de espalhar sua propaganda antissemita para uma população majoritariamente cristã? Eu argumento que esta não é uma explicação plausível para o que as evidências mostram. Se o objetivo fosse reunir grandes quantidades de cristãos para o NSDAP, então certamente Hitler teria adaptado sua mensagem para se encaixar na imagem predominante de Jesus entre os cristãos na Baviera na época. O fato de Hitler nunca ter se comprometido neste ponto deve nos dizer que o argumento de que suas declarações sobre Jesus eram apenas propaganda parece ba
Isso não significa que não fossem *também* propaganda. Eles certamente

3 Steigmann-Gall, R., *O Santo Reich ... ,* pp. 27–28.
4 Kershaw, I., *Hitler: 1889–1936 ... ,* pág. 271.
5 *SA,* págs. 720–721 (Documento 416). Veja também Rißmann, M., *Hitler's God ...,* p. 30.

Machine Translated by Google

eram – não havia, como já mencionado, nenhuma contradição entre os dois. Mas há, como já vimos nos capítulos anteriores deste livro, razões muito boas para assumir que eram muito mais do que isso, a saber, que eram opiniões e crenças honestamente sentidas. As evidências indicam claramente que Hitler realmente admirava Jesus como um modelo para si mesmo e seu movimento. Foi Cristo, o guerreiro, e não o pacifista, que serviu de modelo para Hitler. Se esse tema fosse um simples estratagema de propaganda, também deveríamos esperar que ele tivesse sido levantado com muito mais frequência. Além disso, o fato de o NSDAP não ter sido um movimento de massa de 1919 a meados da década de 1920, combinado com as relativamente poucas menções públicas de Jesus após 1925, parece negar claramente a tese de "apenas propaganda". Porque se fosse apenas propaganda, esperaríamos que o uso desse tema na propaganda aumentasse à medida que o NSDAP tentasse alistar seções cada vez maiores do público alemão. Todos os motivos listados acima apoiam fortemente a interpretação de que essas eram opiniões honestas.

Em 6 de abril de 1923, Hitler disse, de acordo com o *Völkischer Beobachter,* que um dos principais objetivos do movimento era elevar o cristianismo mais uma vez na sociedade. Mas era uma interpretação muito específica do cristianismo a que Hitler se referia, a saber, um "cristianismo guerreiro":[6]

> O cristianismo não é o ensinamento do sofrimento silencioso..., mas da batalha. Temos o dever como cristãos de combater a injustiça com todos os meios que Cristo nos deu, e agora chegou a hora de lutar com punho e espada. 7

Essa foi a mesma mensagem que Hitler enfatizou em 12 de abril de 1922: Jesus foi maior *não* como vítima, mas como lutador.[8]

Poucos dias depois, em 10 de abril de 1923, Hitler baseou-se em uma passagem de Apocalipse 3:16, que diz: "Portanto, porque você é morno, nem quente nem frio, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca".
Ele argumentou que uma abordagem intermédia nunca alcançaria

[6] *SA,* p. 867 (Documento 505). Veja também Weikart, R., *Hitler's Religion ... ,* p. 75.
[7] *SA,* p. 867 (Documento 505). Veja também Weikart, R., *Hitler's Religion ... ,* p. 75; Hastings, D., *Catholicism and the Roots of Nazism ... ,* p. 113. Para o mesmo, veja: Sebottendorff, Rudolf von, *Bevor Hitler kam ... ,* p. 26.
[8] *SA,* pág. 623 (Doc. 377).

Machine Translated by Google

os objetivos do movimento. Era preciso incitar o ódio contra os judeus no povo. O livro do Apocalipse pretende transmitir as palavras de Jesus neste caso, e no relatório *do Völkischer Beobachter* a declaração foi posteriormente atribuída ao "grande Nazareno". 9 Hitler retornou à passagem do Apocalipse em 1º de janeiro de 1932, quando chamou a atenção para "a palavra da Bíblia" que "de fato condena os mornos a serem cuspidos" e afirmou que foi o próprio Todo-Poderoso, por sua graça, que criou as condições para o extermínio do "meio morno", isto é, os partidos Conservador e Liberal, e assim garantiu a vitória do NSDAP.

10 Hitler usou a Bíblia para argumentar em favor de sua celebração do fanatismo ideológico.

Pouco antes de outubro de 1923, Hitler foi entrevistado por George Sylvester Viereck, ocasião em que ele novamente citou Jesus e o Sermão da Montanha:

> A Bíblia nos diz: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; porque te convém que se perca um dos teus membros, e não que todo o teu corpo seja lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; porque te convém que se perca um dos teus membros, e não que todo o teu corpo seja lançado no inferno."11 [Inglês no original]

Claro, tal entrevista tinha grande valor de propaganda e não pode ser tomada pelo valor de face. No entanto, em combinação com todas as outras evidências semelhantes, ela ilustra que Hitler não se esquivou de usar citações da Bíblia e que ele conhecia o livro muito bem. Ele, é claro, sempre teve o cuidado de citar apenas aquelas passagens que concordavam com, ou que faziam sentido dentro do contexto da ideologia nacional-socialista.

Portanto, não é verdade, como argumenta Lars Lüdicke em *Hitlers Weltanschauung,* que os princípios que Jesus ensinou, por exemplo, aqueles apresentados no Sermão da Montanha, eram impossíveis de conciliar com a visão de mundo de Hitler. A mensagem foi reinterpretada de modo que a

[9] *SA,* págs. 873, 877–878 (Documento 508).

[10] HRP 1/I, pág. 61 (1 de janeiro de 1932). Veja também Reichelt, W., *The Brown Gospel ... ,* pp. 36–37.

[11] *SA,* pág. 1026 (Doc. 578).

Machine Translated by Google

crenças religiosas e políticas foram harmonizadas. A razão pela qual Lüdicke não consegue ver isso, embora ele continue descrevendo as visões de Hitler sobre Jesus e o cristianismo, é provavelmente porque ele não leva a religiosidade e a admiração de Hitler por Jesus a sério. 12 Sabemos que

Hitler tinha uma bela edição em couro de bezerro de *Worte Christi* (As Palavras de Cristo) de Houston Stewart Chamberlain, o título impresso em letras douradas na capa, em sua estante. 13 Este livro foi extremamente popular na Alemanha e passou por dez edições entre 1901 e 1941. Consistia em 160 ditos de Jesus apresentados ao leitor em seis capítulos com um dito em cada página. Não continha comentários, referências ou contexto histórico ou bíblico para eles.

Os ditos eram de um tipo muito genérico que enfatizava um "tipo geral e interno de piedade" como "Acredite em Deus" e "Não tema, somente acredite!" Notavelmente, também continha uma seção que repreendia os inimigos judeus de Jesus. 14 Há boas indicações de que Hitler leu e ponderou esta obra, porque na margem ele marcou certas passagens. Uma delas pode ser encontrada no Evangelho de Marcos (12:30–31) e diz:

> Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há mandamento maior do que estes. 15

Hitler possuía vários livros semelhantes, entre eles *Das Leben Jesu,*
Nosso Salvador; O Filho de Max Erich Winkels : *O Protestante*
Fontes e a pregação de Jesus de Nazaré em sua forma original e sua mistura com o espírito judaico de
1935; *Alma Racial e Cristianismo ,* de Josias Tillenius , de 1926; Jorge
Os Evangelhos como uma Mensagem do Céu, de Lomer , de 1930; Hermano
Alemanha para Cristo , de Karwehl , de 1933; e Jörg Lanz de
O Livro de Orações de Liebensfels

12 Lüdicke, L., *A visão de mundo de Hitler ... ,* pp. 148–154. Outro *problema* é que Lüdicke baseia tudo isso em *monólogos* e notas de conversas à mesa.
13 Ryback, TW, *Biblioteca Particular de Hitler ... ,* pp. xv–xvi.
14 Head, P., "A busca nazista...", p. 66.
15 Hesemann, M., *A religião de Hitler ... ,* p. 29.

Machine Translated by Google

Ariosophen, Rassenmystiker und Antisemiten de 1926. que ele possuía[16] O fato esses títulos não significa, é claro, que ele os leu, ou que ele foi inspirado por eles. Eles foram provavelmente enviados a Hitler como presentes dos autores ou dos editores. Portanto, o fato de Hitler possuir esses livros, ou que ele os obteve de seus admiradores, não é evidência isolada de que ele os usou ou simpatizou com sua mensagem. Mas, tomados em conjunto com todas as outras evidências que mostram que ele defendeu visões religiosas e outras ideológicas que claramente se alinham com os tópicos desses livros, eles deveriam pelo menos ser adicionados à massa bastante grande de evidências da preocupação de Hitler com, e admiração por, Jesus.

Em 18 de dezembro de 1926, Hitler falou em uma reunião do NSDAP em Munique, e o relatório policial descreveu as visões de Hitler sobre Jesus de uma forma muito esclarecedora. A celebração do Natal teve um significado elevado para os nacional-socialistas, disse Hitler, "porque Cristo foi o maior lutador na luta contra o inimigo mundial judeu".
Cristo não era o Apóstolo da paz em que a Igreja o havia transformado, de acordo com Hitler, mas sim o maior lutador que já havia vivido. O ensinamento fundamental de Cristo era a batalha contra os judeus, e “essa missão que Cristo havia começado, mas não foi capaz de terminar, ele [Hitler] terminaria”. “O Nacional-Socialismo”, disse Hitler, de acordo com o relatório policial, “era nada menos que um seguidor dos ensinamentos de Cristo na prática”. 17 Aqui, vemos a ideia dos judeus como inimigos do mundo, que vem da Primeira Carta aos Tessalonicenses no Novo Testamento.
18

Já no dia seguinte, Jesus foi novamente o tema do discurso de Hitler em uma reunião partidária em Augsburg. Ele lembrou ao público que a celebração do Natal agora, mais do que antes, deveria ser um momento para lembrar o grande homem (Jesus) que há mais de 1.000 anos entrou no cenário mundial no caos moral da época com sua ideia santa e pura. Deve-se lembrar como ele, com seu chicote na mão,

16 Ibid. Hesemann aqui se refere a Ryback, mas também indiretamente a um artigo no *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung* de 13 de abril de 2003. Estranhamente, Ryback deixa de fora o fato de que Hitler sublinhou essas passagens de Marcos. Não é possível dizer em qual fonte Hesemann está se baseando nisso.

17 *RSA* II/1, pág. 105–106 (Documento 59). Veja também Rißmann, M., *Hitler's Gott ... ,* p. 44.

18 1 Tessalonicenses 2:15.

Machine Translated by Google

limpou o terreno do Templo dos agiotas e usurários. Os mesmos poderes (ou seja, os judeus) contra os quais Cristo lutou naquela época estavam hoje prestes a escravizar o povo alemão e ameaçar sua própria existência com envenenamento moral. A obra de Cristo não havia sido concluída, Hitler mais uma vez observou, mas era tarefa do Nacional-Socialismo terminar a luta pela qual o grande mártir havia morrido na cruz. [19]

A ideia de que os judeus careciam de moralidade foi um ponto frequentemente enfatizado também por Gottfried Feder. [20]

Um fato interessante neste contexto é que o tio de Rudolf Heß, Adolf Heß, fundou um grupo local da *Deutsche Christen* em Hamburgo em 1929. Esta congregação era frequentemente visitada por muitos nacional-socialistas de camisas marrons. [21] A Igreja Católica não estava de fato completamente imunizada contra as ideias disseminadas pelos cristãos nazistas mesmo depois de 1924. Ainda em 1939, o arcebispo Gröber anunciou que mesmo que Jesus não fosse um ariano – uma declaração que ecoava o desconforto da Igreja Católica com o Cristo ariano – ele estava em completo contraste com os judeus, que o crucificaram e que continuaram suas atividades assassinas até o presente. O bispo Hilfrich de Limburg escreveu em sua carta pastoral para a Páscoa naquele mesmo ano que o cristianismo havia superado sua natureza judaica e, portanto, não poderia ser considerado um produto judaico, ou seja, não era uma doutrina antigermânica. [22]

De fato, havia muitos clérigos católicos que eram membros do NSDAP e ainda mais que simpatizavam com o regime e idolatravam Hitler, mesmo que permanecessem inquietos sobre a filiação oficial ao partido. O teólogo católico mais prolífico e influente da Alemanha de 1933 a 1945, Karl Adam (1876–1966), usou o dogma católico da santificação da Virgem Maria no ventre de sua mãe, ou seja, a imaculada concepção (não confundir com a concepção de Jesus), para justificar por que a Igreja, durante o auge do Holocausto em 1943, não tinha razão ou responsabilidade para considerar os judeus da Europa como pertencentes

19 *RSA* II/1, pág. 106 (Documento 60). Veja também Tomberg, F., *Cristianismo* ..., pág. 125.

20 Veja, por exemplo, Sebottendorff, R., von, *Before Hitler came ... ,* pp. 79–81.

21 *Rudolf Heß ... ,* pág. 398 (nº 391).

Português 22 Citado em Voegelin, Eric, “Descent into the Ecclesiastical Abyss: The Catholic Church,” em *The Collected Works of Eric Voegelin, Vol. XXXI: Hitler and the Germans,* tr. e ed. *Detlev Clemens e Brendan Purcell* com uma introdução (Columbia, MI: University of Missouri Press, 1999), p. 191.

Machine Translated by Google

para a mesma raça ou etnia de Jesus. Adão nunca chegou a afirmar que Jesus não era judeu, mas argumentou que, devido ao estado imaculado de sua mãe, *ela* não era judia nem em corpo nem em espírito. Já que os judeus, como raça, eram por sua própria natureza pecadores, Maria não poderia ser judia no mesmo sentido, já que isso significaria que ela era pecadora e, portanto, que ela teria transferido essa pecaminosidade para seu filho, Jesus.

Dessa forma, Adam "poderia construir uma ponte entre a teologia católica e o ensino nazista". 23 Adam explicou isso da seguinte forma em uma palestra pública em 1943, uma palestra que era uma defesa contra a crítica nazista à Igreja por basear seus ensinamentos em mitos judaicos e a alegação de que Jesus não era judeu. Adam não conseguiu chegar ao ponto de aceitar a ideia de Chamberlain de um Jesus ariano, mas também não conseguiu condenar a visão nazista. Em vez disso, ele tentou ter seu bolo e comê-lo também, alegando que essa distinção era absurda. Ele disse:

> Esta visão é baseada na verdade da fé de que Maria foi concebida sem pecado original, em outras palavras, em perfeita pureza e beleza, ou seja, com as mais nobres disposições e poderes. É este dogma da imaculada concepção de Maria que, na visão católica, torna todas essas questões e reclamações maliciosas tão completamente sem sentido, como se tivéssemos que reconhecer Jesus como um "descendente dos judeus", apesar de suas qualidades mais refinadas. Pois isso nos testifica que a mãe de Jesus, Maria, não tinha nenhuma conexão física ou moral com essas disposições e forças feias que condenamos em judeus de sangue puro. Através do milagre da graça de Deus, ela está além desses traços hereditários judaicos, uma figura que transcende o judaísmo. 24

Outro fato contextualizador que é importante entender aqui é que Adam foi um nacionalista alemão feroz desde o fim da Primeira Guerra Mundial e compartilhou muitas visões com Hitler. Ele também considerou o Tratado de Versalhes uma grande injustiça, e em seu livro de 1928, *Cristo e o*

23 Blüger, Thomas, "Seguindo a Virgem Maria por Auschwitz: dogmática mariana Teologia na Época da Shoah," *Holocaust Studies: A Journal of Culture and History,* Vol. 14, No. 3 (2008), pp. 1–24. Para uma história detalhada dos padres católicos nazistas, veja Spicer, K., *Hitler's Priests ...* , passim.

24 Citado em Blüger, T., "Seguindo a Virgem Maria ... ," p. 6.

Machine Translated by Google

Spirit of the Western World ele ponderou sobre “a 'missão' alemã para o Reino de Deus.” Adam acreditava que a Alemanha só poderia ser curada por um grande líder, e ele descobriu esse caráter em Hitler. Ele estava convencido de que Hitler era o salvador que levaria a Alemanha à grandeza mais uma vez. Adam não estava sozinho entre os teólogos católicos a acreditar nisso. Outras pessoas proeminentes neste grupo foram Karl Eschweiler, Michael Schmaus e Joseph Lortz. Em 1933, Adam escreveu em seu artigo “Volkstum e o cristianismo católico”:

> E ele veio, Adolph Hitler. Do sul ele veio. Do sul católico ele veio, mas nós não o conhecíamos. Pois ele passou por sofrimento e terror e lutou pela salvação da Alemanha contra aqueles que se autodenominavam nossos líderes até então... Mas chegou a hora e nós o vimos e o reconhecemos... Ele agora está diante de nós como aquele que foi profetizado por nossos poetas e sábios, que é o libertador do gênio alemão, que tirou a venda dos nossos olhos e nos guiou por todos os traumas políticos, econômicos, sociais e confessionais para ver o único momento essencial: nossa unidade em sangue, nosso eu alemão, o homo Germanus. 25

Note que as frases e a linguagem usadas por Adam são indistinguíveis daquelas usadas por Hitler e os nazistas. Isso mostra que mesmo no final do verão de 1933, quando a ditadura nazista tinha um controle total sobre a Alemanha, as principais mentes católicas ainda argumentavam que a fé católica poderia ser perfeitamente harmonizada com o nacional-socialismo, e eles estavam usando a linguagem nacional-socialista para fazer isso. A linguagem messiânica é quase explícita aqui: a jornada de Hitler de um desconhecido para a fama mundial, discutida no Capítulo 4, está presente aqui; Adam tem Hitler passando por uma paixão (ele poderia ter adicionado um julgamento à sua narrativa) e até mesmo uma ressurreição figurativa; como Jesus, a vinda de Hitler havia sido prevista pelos profetas. Isso soou muito semelhante ao que o pastor nazista e membro da *Deutsche Christen,* Julius Leutheuser, havia declarado em

25 Citado em Ibid., p. 4. Ver também: Scholder, Klaus, *The Churches and the Third Reich,* Vol. I: *Preliminary History and the Time of Illusions 1918–1934* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 1988), pp. 426–427.

Machine Translated by Google

o *Peniger Tageblatt* já em 1931, embora Leutheuser fosse muito mais explícito:

> Em Adolf Hitler vemos os poderes despertando novamente, os quais foram dados ao Salvador. Para os nacional-socialistas, há a experiência de alegria de que finalmente alguém pode sacrificar sua vida por algo que permanecerá. ... Nosso caminho é difícil, mas uma coisa sabemos, que como resultado manteremos uma alma pura. O Gólgota é seguido pela ressurreição. Ainda estamos no caminho para o Gólgota. Alguns permanecerão nele, mas a alma, ela não pode ser roubada. Em suas mãos, recomendamos nosso espírito, por Adolf Hitler, morreremos alegremente. [26]

Aqui, Hitler foi literalmente retratado como o Messias fortalecido por Deus, assim como Jesus tinha sido, por quem os fiéis dariam suas vidas, para que a Alemanha pudesse ser ressuscitada após este maior dos sacrifícios. Deus estava guiando Hitler em seu caminho para o Gólgota. Não é de se admirar que o público na Paixão de Obergammau em 1934 tenha pensado em Hitler e na Alemanha enquanto Jesus estava sendo içado na cruz.

Os teólogos protestantes *Deutsche Christen* vincularam sua interpretação do Novo Testamento a Martinho Lutero e suas obras teológicas, mas acima de tudo antissemitas. Lutero foi transformado em um predecessor direto de Hitler, assim como o contrário: sem Hitler, não havia Lutero.

Não teria sido possível concluir a obra de Lutero sem Hitler (note o paralelo com o argumento sobre Jesus), foi argumentado. Walter Grundmann argumentou em 1936 que a *Deutsche Christen* lutou para que a obra de Lutero fosse cumprida na nação alemã nacional-socialista.

Lutero era nada menos que o protótipo de um *Deutsche Christen,* escreve Elisabeth Lorenz. Lutero também estava buscando o significado fundamental no Novo Testamento, argumentou o teólogo Erich Fromm, que enfatizou que a grandeza de Lutero não foi como tradutor da Bíblia, mas na reinterpretação do texto. Esta foi uma maneira do *Deutsche Christen* justificar as mudanças muitas vezes muito grandes no texto dos Evangelhos que eles iniciaram. Eles também produziram um panfleto chamado *Mensagem de Deus,* que passou por várias edições. O número de cópias e a disseminação dele parecem ter sido bastante substanciais. Já durante

[26] Citado em Heschel, S., “Confrontando o Passado ... ,” p. 47.

Machine Translated by Google

nos primeiros seis meses após sua publicação em 1940, estima-se que tenha atingido cerca de 200.000 exemplares (este número é de acordo com a editora, o que significa que pode ser um exagero, e não é possível corroborar 27 Esta publicação também foi chamada *de O Testamento do Povo* e con-it). consistia em partes cuidadosamente editadas e selecionadas do Novo Testamento. [28]

Othmar Plöckinger diz que essas parecem ter sido de fato as crenças honestas de Hitler, pelo menos durante o início da década de 1920. Era o mesmo nacional-socialismo cristão que havia sido pregado pelo cofundador do DAP, Anton Drexler. 29 Em seu "livro de memórias" grosseiramente antissemita de 1919, chamado *Mein politisches Erwachen* (Meu Despertar Político), Drexler, um católico devoto, também mencionou Cristo.

Derek Hastings afirmou que Drexler escreveu que foi diretamente inspirado pela carreira política heróica de Jesus Cristo quando fundou o partido em janeiro de 1919. Essa não é uma descrição totalmente precisa. O que Drexler disse foi que a luta contra os judeus seria conduzida com base no "socialismo e comunalismo no espírito de Cristo, o personagem de destaque na história mundial". Observe aqui a semelhança com as palavras que Otto Wagener coloca na boca de Hitler em suas memórias (veja abaixo). Drexler acrescentou que "somente o socialismo cristão pode lhe dar o poder de permanecer vitorioso na luta contra a hegemonia mundial materialista-talmúdica". Ele também escreveu sobre sua visão do Jesus ariano no *Völkischer Beobachter* em 12 de junho de 1921.

Hitler, por sua vez, alegou ter sido atraído para o partido por Drexler. 30 Heiden foi o primeiro historiador a escrever sobre como Drexler colocou seu panfleto nas mãos de Hitler na primeira reunião do DAP da qual Hitler participou, em 12 de setembro de 1919. 31 Isto é também o que Hitler afirma

27 Lorenz, E., *Ein Jesusbild im Horizont des Nationalsozialismus ...* , pp. 5–6. Veja também Carter, Guy C., "Martin Luther in the Third Reich: Recent Research on Luther as Iconic Force in Hitler's Germany," *Seminary Ridge Review,* Vol. 12, No. 1 (2009), pp. 42–62.

28 Lorenz, E., *Ein Jesusbild im Horizont des Nationalsozialismus ...* , pp. 29–30. O livro de Lorenz oferece uma análise detalhada e comparação textual do Testamento Popular do Instituto e os textos do Novo Testamento.

29 Plöckinger, O., *Entre soldados e agitadores ...* , p. 340.

30 Hastings, D., *Catolicismo e as raízes do nazismo ...* , pp. 64, 209 n88; Drexler, Anton, *Meu despertar político: do diário de um trabalhador socialista alemão* (Munique: Deutscher Volksverlag, 1937, publicado originalmente em 1919), p. 48.

31 Heiden, K., *Hitler ...* (Vol. I), pp. 81–82. Veja também Weber, T., *Becoming Hitler ...* , pp. 111–115. John Toland erroneamente afirmou que Hitler havia participado de um DAP antes daquele em 12 de setembro, mas que isso causou tão pouca impressão nele que ele nem sequer

Machine Translated by Google

em *Mein Kampf,* onde ele alegou tê-lo lido “com interesse” e que viu sua própria jornada política e despertar nas memórias de Drexler. 32 Não podemos saber se essa história é

inteiramente verdadeira, embora Drexler muito provavelmente tenha fornecido a Hitler uma cópia de seu panfleto, já que a intenção era influenciar as pessoas a se juntarem à causa nacional-socialista. Exatamente quando ele fez isso é outra questão. 33 Mas considerando o fato de que a primeira evidência escrita do antissemitismo de Hitler – ou seja, a carta a Adolf Gemlich, na qual ele apontava para a conexão entre os judeus e o capitalismo internacional, e dizia que os pogroms desordenados não eram a maneira certa de se livrar dos judeus – é datada de 16 de setembro de 1919, podemos estar absolutamente certos de que Hitler já era um radical, eliminacionista.

mencioná-lo em *Mein Kampf* (Toland, J., *Adolf Hitler,* p. 85). Ele não fornece nenhuma fonte para esta afirmação.

32 *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda I), pp. 587, 589 **[230–231].** Weber observa que isso foi talvez uma *gafe* de Hitler, que com esta última declaração implicitamente “admitiu seu passado de esquerda” e que ele também havia se envolvido na social-democracia antes de se tornar um nacional-socialista (Weber, T., *Becoming Hitler ...,* p. 114). Muito foi feito do serviço de Hitler sob primeiro os regimes revolucionários Socialista (8 de novembro de 1918–5 de abril de 1919) e depois Comunista (6 de abril–3 de maio de 1919) em Munique durante a primavera de 1919. O líder do SPD da Baviera *(Sozialdemokratische Partei Deutschlands),* Erhard Auer, afirmou já em 1923 que Hitler tinha sido um simpatizante do Partido Social Democrata na primavera de 1919. Sua fonte de informação foi provavelmente o Capitão Karl Mayr, antigo mentor de Hitler (em 1923) no exército e chefe da unidade de propaganda que treinou Hitler durante o verão de 1919. Hitler então parece ter sido "na esquerda moderada", escreve Weber (ibid., pp. 65–67). No entanto, devemos lembrar que servir sob os regimes revolucionários não diz necessariamente muito sobre a ideologia política de um soldado; muitos outros soldados que não se desmobilizaram ou deixaram o exército após a revolução também o fizeram. Isso também é verdade para o próprio Mayr, que continuou servindo aos regimes revolucionários. O fato de Hitler não ter deixado o exército poderia muito bem ser visto como um sinal de que ele ainda não estava pronto para agir com base em uma convicção política, ou mesmo que ele ainda não tinha uma. Ter uma renda e um propósito era mais importante para ele neste momento. Afinal, ele serviu formalmente à República de Weimar também, mesmo após a ratificação do Tratado de Versalhes, e ele certamente não tinha nenhuma afinidade com o estado de Weimar. Além disso, longe de todo soldado que serviu na *Wehrmacht* durante os anos de Hitler era um simpatizante nazista.

33 Sven-Felix Kellerhoff mostrou que Hitler mentiu em *Mein Kampf* sobre muitas outras coisas que supostamente aconteceram nesta primeira reunião. Por exemplo, o debate de confronto entre Hitler e "um professor", que supostamente ficou tão mutilado pelas habilidades retóricas de Hitler que deixou a reunião, não aconteceu. Kellerhoff prova isso referindo-se à lista de presença da reunião – não havia nenhum professor lá. Pode ser que algo assim tenha ocorrido durante a *segunda* reunião do DAP que Hitler compareceu em 16 de outubro de 1919, onde *o professor de ginásio* (ou seja, professor de ensino médio) Adalbert Baumann estava presente.
Kellerhoff ainda acha que Drexler pode ter dado a Hitler seu panfleto na reunião de setembro (Kellerhoff, SF, *Die NSDAP ... ,* pp. 37–38; Weber, T., *Becoming Hitler ... ,* pp. 112, 363 n31).

Machine Translated by Google

antissemita quando compareceu à reunião do DAP. Hitler até se referiu à Bíblia e aos judeus dançando ao redor do bezerro de ouro na carta. 34

O antissemitismo era uma posição que Hitler já havia adotado durante o verão de 1919, durante sua participação nas aulas de propaganda de Mayr. Já vimos que o primeiro relato de testemunha de Hitler proferindo propaganda antissemita veio de um discurso que ele fez no Camp Lechfeld nem um mês antes (o relatório é datado de 25 de agosto). Foi um discurso sobre a conexão íntima entre o capitalismo internacional e os judeus, uma visão que era compartilhada por amplas camadas da população bávara – seja em círculos políticos católicos ou entre fazendeiros – no verão de 1919. Era de conhecimento comum, como Wolfram Pyta observa, "que qualquer um que falasse sobre capitalismo não deveria ficar em silêncio sobre os judeus". 35 Tão deplorável era a cultura da época.

O jovem nobre bávaro, Conde Anton Arco-Valley, que havia assassinado o ministro presidente judeu-democrata socialista da Baviera, Kurt Eisner, em 21 de fevereiro de 1919, declarou durante seu julgamento em janeiro de 1920 que o havia feito porque odiava judeus e bolcheviques. Ao mesmo tempo, ele anunciou que amava "o verdadeiro povo da Baviera" e que era "um verdadeiro católico". Até mesmo o promotor, que havia providenciado para que ele recebesse a sentença de morte, admirava o "entusiasmo brilhante" de Arco-Valley e o considerava uma inspiração para toda a juventude alemã. [36] No entanto, Valley nunca foi executado. Ele serviu menos de cinco anos na fortaleza em Landsberg e foi libertado em 1925 e eventualmente perdoado em 1927 (ele sobreviveu à guerra, mas foi morto em um acidente de trânsito em junho de 1945). Como uma reviravolta irônica final para esta história, parece que Arco-Valley foi despejado de sua cela em Landsberg para dar lugar a um novo prisioneiro – ninguém menos que

34 Para a carta, veja *SA,* pp. 88–90 (Documento 61, 16 de setembro de 1919).

35 Weber, T., *Tornando-se Hitler ... ,* pp. 109–110, 362 n23; Pyta, W., *Hitler: O Artista ... ,* pp. 141–146. O relatório sobre o discurso de Hitler foi escrito pelo líder da *equipe* de propaganda em Lechfeld, Rudolf Beyschlag.

36 Taylor, Cory, *How Hitler Was Made: Germany and the Rise of the Perfect Nazi* (Amherst, NY: Prometheus Books, 2018), p. 130. A ironia trágica sobre tudo isso era que a mãe de Arco-Valley era judia. Sebottendorff afirmou em seu livro *Bevor Hitler kam* em 1933 que o assassinato foi uma maneira de Arco-Valley, que tinha "sangue judeu em suas veias", mostrar que mesmo um meio-judeu poderia cometer tal ato e, assim, tentar provar que era digno de ser membro da *Thule Gesellschaft,* que o havia rejeitado devido à sua herança judaica (Sebottendorff, R. von, *Bevor Hitler kam ... ,* p. 82).

Machine Translated by Google

Hitler. 37 Note também a semelhança com a forma como Hitler foi tratado durante seu julgamento após o golpe fracassado. Esse tipo de extremismo e fanatismo era, portanto, parte da vida cotidiana e da cultura da Baviera na época. Foi uma época muito violenta e turbulenta. Tudo isso significa que Hitler já estava preparado para aceitar o que ouviu na reunião do DAP, bem como o que Drexler escreveu em seu panfleto. Essas eram visões com as quais ele estava familiarizado e se sentia em casa.

As visões que Hitler defendia eram bens comuns (alguém poderia até considerá-las politicamente corretas) dentro dos círculos nacionalistas-conservadores de direita e *völkisch* da época. Em 1920, por exemplo, Rudolf John Gorsleben publicou um livro com o título *Die Überwindung des Judentums in uns und außer uns* (Superando o judaísmo dentro e fora de nós), no qual ele argumentava da mesma forma que Hitler fez em sua carta a Gemlich. Os judeus não tinham ethos nem idealismo; apenas dinheiro e lucro eram importantes para eles. O título do livro de Gorsleben expressava a ideia de Chamberlain de que o espírito judaico havia infectado a todos e que a tarefa agora era superá-lo por meio de um trabalho interno árduo na alma e no caráter. No ano anterior, em 1919, Wilhelm Meister também havia condenado o corruptor materialismo judaico no livro *Judas Schuldbuch: Eine deutsche Abrechnung* (O Registro de Dívidas de Judas: Uma Contabilidade Alemã). Ele também mencionou os judeus dançando ao redor do bezerro de ouro e sua incapacidade de honra e virtude. Ambos os livros foram publicados pela *Deutscher Volksverlag* em Munique. O livro de Meister foi publicado adicionalmente sob os auspícios da extremamente nacionalista e antissemita *Deutschen Schutz- und Trutzbund* (A Liga Alemã de Proteção e Defesa) fundada em 1919, cuja lista incluía muitos futuros líderes nazistas como Eckart, Gottfried Feder, Reinhard Heydrich, Fritz Sauckel e Julius Streicher. 38 Hitler estava, neste ponto, em setembro de 1919, convencido ideologicamente, isto é, ele realmente quis dizer o que disse sobre os judeus, ou estava

37 Robb, David, “Count Anton Graf von Arco auf Valley: The Assassin Who Sparked the Rise of the Nazi Party,” *Crime Magazine,* 24 de outubro de 2013; www.crimemagazine.com/count-anton-graf-von-arco-auf-valley-assassin-who-sparked-rise-nazi-party.

38 Plöckinger, O., *Unter Soldaten ... ,* pp. 338–339. A palavra *Abrechnung* é um pouco difícil de traduzir, e parece ser um jogo de palavras neste caso. Além disso, pode significar “fatura” ou “dedução”, mas também “vingança”. O último significado foi sem dúvida intencional.

Machine Translated by Google

ele simplesmente regurgitando pontos de discussão? Isso nunca poderemos saber com certeza. Talvez nem importe, já que o resultado foi o mesmo no final, e ele certamente estava convencido de que o que disse era verdade quando se tornou a força líder do NSDAP. Pode ser que a busca de Hitler por um novo lar significasse que ele simplesmente absorveu das diversas seitas ideológicas de direita ao seu redor o que ele sentia que poderia promover sua posição na comunidade nacional-socialista/völkisch em Munique. Ele internalizou esse novo bem ideológico, descartou o que sentia que não poderia usar e, eventualmente, o tornou seu.

5.3 Otto Wagener, Hitler e Jesus

As memórias do antigo líder do NSDAP/SA Otto Wagener, *Hitler aus nächster Nähe* (Hitler de Perto), são, depois de *Tischgespräche,* provavelmente a fonte mais frequentemente citada para as visões de Hitler sobre Jesus e o cristianismo. 39 Wagener é, no entanto, um líder nazista relativamente desconhecido, embora tenha feito parte do círculo interno de Hitler de 1929 a 1932, tenha sido Chefe de Gabinete da SA (do início de setembro de 1930 a janeiro de 1931, o Chefe de facto da SA) e tenha sido responsável pelo Departamento de Economia dentro do Secretariado Nacional do NSDAP em Munique. De setembro de 1932, ele estava em Berlim na equipe de Hitler e, até julho de 1933, foi *Reichskommissar* para a Economia. As razões para ele ser quase totalmente desconhecido para todos, exceto para especialistas em Hitler, são A política econômica nazista não é algo que seja um tema comum em histórias populares sobre o nacional-socialismo e (2) Wagener caiu em desgraça com Hitler em julho de 1933 e passou o período até 1938 como um SA *Gruppenführer comum.* No entanto, ele permaneceu um leal a Hitler e um grande admirador de Hitler e do nacional-socialismo como ideologia, mesmo depois da guerra. Durante seu tempo no círculo do poder, ele se encontrou e interagiu com Hitler centenas de vezes, e em muitas dessas ocasiões ele estava sozinho com Hitler e, portanto, teve muitas oportunidades de falar com

39 É um fato interessante que, embora os historiadores frequentemente usem as memórias de Wagener, basicamente todas biografias ignoraram o que Wagener escreve sobre a religiosidade de Hitler. Se isso é porque eles não acharam essas partes específicas confiáveis, isso deve ser mencionado em uma discussão crítica de fonte. Que tais discussões estejam ausentes, em vez disso, implica que os historiadores tiveram problemas para enquadrar essas partes com a imagem geralmente aceita de Hitler, embora não haja razões convincentes para deixá-las de fora.

Machine Translated by Google

ele. [40] No entanto, o quão próximo ele realmente era de Hitler é impossível de saber. Deve-se presumir que Wagener aproveitou a oportunidade para se engrandecer quando escreveu suas memórias depois da guerra.

Wagener escreveu o seguinte sobre a visão de Hitler sobre o que o termo "Socialismo" no Nacional-Socialismo realmente significava:

> Socialismo é uma visão de mundo! Mas essa visão de mundo não é realmente algo novo. Sempre me surpreendo quando leio o Novo Testamento e as revelações dos profetas... o quanto foi realizado por esses homens abençoados por Deus, especialmente a doutrina e os ensinamentos religiosos e espirituais claros e únicos de Jesus Cristo. *Eles* criaram, lançaram, ensinaram e viveram essa nova visão de mundo que agora chamamos de Socialismo![41] [ênfase no original]

Isso não deve ser interpretado como um registro literal do que Hitler disse a Wagener; suas memórias não são esse tipo de fonte. Elas certamente fornecem *as próprias* visões de Wagener. No entanto, sua interpretação e testemunho ainda são interessantes por si mesmos e por causa da conexão aparentemente estranha que eles traçam entre os ensinamentos de Jesus e Hitler e o Nacional-Socialismo. No geral, essas visões correspondem ao que sabemos de outras fontes mais confiáveis sobre as ideias de Hitler. Wagener então faz Hitler lançar uma maldição sobre as igrejas organizadas que transformaram os ensinamentos de Jesus em algo que era irreconhecível:

> Mas essas comunidades que então se chamavam igrejas cristãs não as entenderam! Ou se entenderam, mentiram sobre Cristo e o traíram! Pois transformaram a ideia sagrada do Socialismo Cristão em seu oposto! Eles o mataram, assim como os judeus pregaram Cristo na cruz; eles o enterraram, como quando o corpo de Cristo foi enterrado. Mas deixaram Cristo retornar à vida para fazer parecer que seu ensinamento também havia ressuscitado.[42]

[40] Wagener, O., *Hitler de perto ... ,* pp. i, viii, x.

[41] Ibidem, pág. 257.

[42] Ibidem.

Machine Translated by Google

Hitler também declarou solenemente, segundo Wagener, que era o Nacional-Socialistas que seriam os primeiros a desenterrar os verdadeiros ensinamentos de Cristo:

> *Nós somos os primeiros a desenterrar este ensinamento!* Somente *através de nós* este ensinamento celebra sua ressurreição!43 [ênfase no original]

Mais uma vez, as palavras exatas não são de Hitler, mas seu espírito parece plausível, mesmo que sejam um tanto exageradas. Vemos uma ideia semelhante em *Der nationale Sozialismus,* de Rudolf Jung , quando ele aponta que um objetivo central do NSDAP era a "renovação espiritual do nosso povo, [e o] desenvolvimento de sua vida religiosa em um espírito alemão". 44

Depois disso, o Hitler de Wagener reclama sobre como a falsificação da mensagem original de Jesus pela Igreja levou essa instituição a suprimir a liberdade religiosa e a perseguir os verdadeiros cristãos; levou aos assassinatos em massa da inquisição, queima de bruxas e campanhas armadas contra a fé cristã livre e verdadeira (não se sabe ao certo o que Wagener está insinuando aqui; obviamente, ele deve estar se referindo a grupos históricos como os hussitas, albigenses, cátaros e outros grupos heréticos – por exemplo, Rosenberg tinha muito carinho por eles). 45 Deve ser então tarefa do nacional-socialismo, diz Wagener, garantir que especialmente os jovens experimentem cada palavra de Cristo em sua alma, o que lhes diria para amar uns aos outros, cuidar do próximo e saber que todos eram irmãos criados por Deus. Mas esses jovens então se voltariam com ódio contra todo hipócrita que os atacasse com Cristo na boca, mas com o diabo no coração. 46 Embora esta não seja uma fonte que nos dê as palavras de Hitler como possivelmente foram ditas a Wagener, e embora o que temos diante de nós sejam mais palavras de Wagener do

que de Hitler, ainda é significativo e altamente interessante que Wagener tenha escolhido retratar Hitler dessa forma. A essência da mensagem que Wagener transmite aqui pode, no entanto, ser assumida como correta (mesmo que ligeiramente embelezada), porque a maior parte dela é apoiada por fontes independentes e confiáveis – não menos importante, as de Hitler.

43 Ibidem, pág. 258.

44 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* p. 72.

45 Sobre a admiração de Rosenberg pelas seitas heréticas da Europa medieval, veja Varshizky, A., "Alfred Rosenberg ... ," pp. 322–323.

46 Wagener, O., *Hitler de perto ... ,* p. 258.

Machine Translated by Google

discursos e escritos próprios. Isso pode ser porque Wagener baseou suas memórias nesses mesmos discursos e escritos, mas é difícil ver que ele teria tido acesso a tais textos enquanto estava em cativeiro britânico após a guerra. Portanto, é mais plausível supor que ele estava trabalhando de memória e de seu conhecimento pessoal do tipo de religiosidade que Hitler era conhecido por expressar.

É, portanto, claramente um Hitler religioso, e de certa forma até cristão, que encontramos nas páginas das memórias de Wagener. Seu testemunho parece mostrar que Hitler aderiu a algum tipo de cristianismo proto-igreja, ou gnóstico. Esse era de fato o tipo de cristianismo ao qual Chamberlain, Eckart e Rosenberg (que foram profundamente inspirados pelos dois primeiros) aderiram também, o que foi descrito como uma forma nacional-socialista de gnose moderna.

47 Amit Varshizky resumiu sucintamente a visão de mundo de Rosenberg da seguinte maneira:

> Rosenberg se considerava parte de uma tradição intelectual alemã que entendia a angústia da Alemanha em termos de uma crise teológica, que requer um despertar espiritual por meio da adaptação da religião cristã às necessidades nacionais particulares.
> Para Rosenberg, a *Weltanschauung* nazista pressupõe uma atitude religiosa. Rosenberg considerava o ateísmo como a maior ameaça à força do povo alemão e afirmava que ele tornava os alemães expostos ao "materialismo judaico".48

Isso também pode ser uma descrição da *Weltanschauung* de Hitler , e é realmente impressionante que foram precisamente essas ideias que Hitler apresentou àqueles que ouviram seus discursos – mais uma indicação de que Hitler realmente quis dizer o que disse. É a mesma visão que encontramos nas memórias de Wagener também.

Para ter certeza, é razoável questionar o quão bem as memórias de Wagener, ou pelo menos seu retrato delas (escrito várias décadas depois que as conversas ocorreram), refletem os detalhes do que Hitler e Wagener falaram. Mas, ao mesmo tempo, há pouca razão para duvidarmos da essência do texto. HA Turner, Jr., Professor de História na Universidade de Yale, que editou e escreveu o

47 Para um estudo detalhado sobre isso, veja Varshizky, A., "Alfred Rosenberg ... ," pp. 311–331.
48 Ibidem, pág. 319.

Machine Translated by Google

introdução às memórias de Wagener, também discute como os historiadores devem abordar o Hitler que encontramos nestas páginas.

Ele enfatiza que as memórias são uma fonte valiosa para *os tipos* de conversas que Hitler e Wagener costumavam ter, e talvez também de seu conteúdo geral. Isso ocorre porque as palavras colocadas na boca de Hitler não são de forma alguma simplesmente tiradas ou fabricadas do nada. Wagener alegou que ele havia de fato feito anotações das conversas logo depois e que ele regularmente escrevia um diário durante o período que as memórias cobrem. No entanto, ele não teve acesso a essas fontes muito mais confiáveis quando escreveu suas memórias como prisioneiro de guerra na Grã-Bretanha em 1946; este foi, portanto, um esforço para recriar essas notas anteriores muito depois que as conversas que ele registra ocorreram, ou seja, no final dos anos 1920 e início dos anos 1930. Turner Jr. escreve que se alguém assume que Wagener leu essas notas novamente durante seu tempo de exílio político na Alemanha entre 1934 e 1939, então Wagener pode ser considerado uma boa fonte sobre as visões de Hitler durante esses anos. Ele acrescenta, porém, que o texto de Wagener deve ser examinado da mesma maneira crítica com que examinamos textos semelhantes.

[49] Turner, Jr. pode estar um pouco otimista demais aqui. Considerando que Wagener era um devoto admirador de Hitler mesmo depois da guerra, ele pode ter tido razão para retratar Hitler dessa forma para fazê-lo parecer menos maligno e como um homem com apenas as melhores intenções.

Michael Rißmann afirmou que as crenças religiosas de Hitler, como são apresentadas por Wagener, em vários casos contradizem diretamente as ideias que encontramos em outras fontes. No entanto, seus exemplos não são tão convincentes; e às vezes são até incorretos.

Um exemplo do último é quando Rißmann cita uma, segundo ele, clara contradição entre Wagener e Hitler. É uma passagem de um discurso de 6 de abril de 1922, onde Hitler disse que o cristianismo prescrevia fé, esperança e amor, mas que “amor e esperança não podem nos ajudar; apenas fé”, enquanto Wagener afirma que Hitler havia dito que a tarefa principal do NSDAP era “evocar fé, amor e esperança”. 50 A princípio, isso parece provar que Wagener dá uma visão incorreta da ideia de Hitler, se não fosse pelo fato, para Rißmann, um tanto incômodo, de que Hitler

[49] Wagener, O., *Hitler de perto ... ,* pp. vi–vii.

50 Rißmann, M., *O Deus de Hitler ...,* pp. 166–168. Veja também Wagener, O., *Hitler de perto ...,* p. 331. Wagener repete isso várias vezes nesta página.

Machine Translated by Google

em 3 de janeiro de 1923, disse que a característica mais marcante do povo alemão era a "esperança" *(die Hoffnung).* 51 Então, um pouco mais tarde, em 1º de maio de 1923, em Munique, ele disse, de acordo com o *Völkischer Beobachter,* aos membros reunidos do NSDAP que "as três palavras que muitos pronunciam completamente irrefletidamente são para nós mais do que apenas palavras de ordem: as palavras amor, fé e esperança". Hitler então explicou em detalhes o que isso 52 O fato é que ele repetiu a mesma declaração em significou. um discurso em 5 de agosto de 1923.[53]

Portanto, afinal, não é Wagener que apresenta uma contradição aqui. Se alguma existe, então é o próprio Hitler que tem responsabilidade por ela. A explicação é provavelmente que Hitler quis dizer que, de uma certa perspectiva, a conversa do cristianismo sobre esperança e amor não era para o benefício do movimento ou do *Volk.* Isso não significa que Hitler realmente disse isso a Wagener; pode ser que Wagener esteja obtendo isso de outra fonte (no entanto, isso precisa ser provado), mas não pode ser usado para argumentar que a versão dos eventos de Wagener contradiz registros independentes. Além disso, como o discurso de 1º de maio veio *depois* daquele ao qual Rißmann se refere, não é possível argumentar que Hitler mudou de ideia mais tarde.

Fé, esperança e amor eram virtudes cardeais cristãs. 54 Isso significa que Hitler usou cinicamente esses conceitos em sua propaganda nacional-socialista? Alguém poderia certamente interpretar seu uso deles dessa forma, mas isso exigiria que desconsiderássemos a reinterpretação de Hitler deles. Claro, Hitler pensou que havia um valor de propaganda neles, ou então ele não os teria usado. Mas se fosse puramente uma questão de propaganda cínica, sem nenhuma intenção honesta, então uma redefinição não seria realmente necessária. Hitler poderia então ter usado esses conceitos da maneira tradicional. Mas ele não fez isso.

Ele até se preocupou em definir explicitamente o que queria dizer com eles em seus discursos. No discurso de 1º de maio de 1923, ele deixa perfeitamente evidente que

51 *SA,* pág. 778 (Doc. 454). 52 Ibid., p. 920 (Documento 524).

53 Ibid., p. 963 (Documento 554).

54 Este ponto é feito em Reichelt, W., *Das braune Evangelium ... ,* pp. 41–42. Reichelt, no entanto, argumenta que estas foram então empurradas para segundo plano e que foram eventualmente substituídas por outras virtudes. Isto só é verdade se dermos a estas palavras o significado que elas têm dentro da teologia e filosofia cristãs ortodoxas. Mas Hitler as definiu de outra forma, que dificilmente pode ter escapado aos seus seguidores.

Machine Translated by Google

essas palavras tinham um significado diferente para ele, contrastando a maneira como os nacional-socialistas as usavam com a maneira como eram normalmente usadas. Foi por isso que Hitler, no discurso de 6 de abril, especificamente aponta que, das interpretações cristãs tradicionais dessas palavras, havia apenas uma, a saber, esperança, que poderia ser de alguma utilidade na batalha que os nacional-socialistas estavam conduzindo. Hitler deve necessariamente ter usado uma interpretação diferente dos conceitos de amor e fé naquele discurso do que ele usou no discurso de 1º de maio do ano anterior.

Uma possível explicação é oferecida por algo que Hitler disse em um discurso em 30 de janeiro de 1940, quando afirmou que o movimento nacional-socialista surgiu da percepção de que "não se pode desrespeitar a si mesmo nesta terra esperando, rezando e protestando; mas que, antes de tudo, alguém foi colocado nesta terra para ajudar a si mesmo". 55 O que fica aparente aqui é, portanto, a tensão que existia entre o clamor de Hitler por esperança, amor e fé como motivação para a luta, por um lado, e sua convicção de que Deus só apoiaria e daria a vitória àquele que fizesse o que pudesse para ajudar a si mesmo, por outro.

Hitler sempre e incessantemente repetia o mantra de que não era suficiente pedir o apoio de Deus; Deus só daria suas bênçãos àquele que lutasse mais e mais arduamente – era somente em tal contexto que esperança e fé valiam alguma coisa. Portanto, não vemos a negação da fé e esperança em Deus aqui, mas uma confirmação da validade desses conceitos na visão de mundo de Hitler.

O fato é que Hitler desenvolveu ainda mais seus pensamentos sobre esses conceitos em 25 de janeiro de 1923. Hitler observou que a fé no direito eterno e no poder salvador do próprio povo havia sido deslocada na Alemanha. Isso havia "sido substituído por uma esperança *estúpida* no amor e na reconciliação, como base para a ordem mundial vindoura". 56 Ao mesmo tempo, ele sublinhou que os nacional-socialistas possuíam um amor brilhante pela pátria e que qualquer um que ainda tivesse um vislumbre de esperança de uma era vindoura de grandeza alemã deveria colocar suas esperanças no NSDAP. 57 Aqui, encontramos todos os três elementos – fé, esperança e amor – explicados em todos os seus significados, para Hitler, positivos e negativos. Em 1º de maio de 1938, Hitler enfatizou que "nós, alemães, queremos

55 *HRP* II/3, p. 1454 (30 de janeiro de 1940).
56 *SA*, pág. 800 (Doc. 463).
57 Ibidem, pp. 800–801.

Machine Translated by Google

resolver com o amor das pessoas umas pelas outras". Esta foi essencialmente a mesma mensagem de amor que encontramos atribuída a Jesus em João 13:35: "Por isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês tiverem amor por mim. uns aos outros."58 Outros historiadores, como David Redles e Friedrich Tomberg, fez um julgamento completamente diferente e considera As memórias de Wagener como uma fonte completamente confiável para o relato literal de Hitler declarações. [59] Entretanto, esse não é um argumento viável.

Num discurso em Rosenheim em 2 de maio de 1920, Hitler afirmou: de acordo com a reportagem do jornal sobre a reunião, que o partido desejava "liberdade de religião para todos, [e] lutar contra os judeus mamonismo".60 Hitler usou aqui uma figura retórica que ele mais uma vez obtido de Jesus, do Sermão da Montanha em Mateus 6:24 nada menos, que dizia: "Ninguém pode servir a dois senhores. ... . Não podeis servir a ambos Deus e Mamom."61 Encontramos as mesmas palavras em Lucas 16:13, mas depois não no Sermão da Montanha, mas sim em conexão com o Fariseus, "que eram amantes do dinheiro".62 Já vimos que Jung enfatizou o mesmo tema em seu *Nacional-Socialismo.* Chamberlain também levantou esse tema em *Die Grundlagen* e declarou que o aparecimento de Cristo significou o aparecimento de uma nova espécie de humano que se opôs ao espírito judaico no mundo, ele afirmou, e Jesus havia proclamado a escolha entre Deus ou Mamom. 63 O A ideia dos judeus como amantes do dinheiro, do mamom, é tão antiga quanto o Novo Testamento. Testamento, e este foi um tema fundamental no Nacional-Socialismo e seu pensamento conspiratório sobre os judeus, que se pensava controlar tanto o capitalismo financeiro internacional *quanto* o bolchevismo. Jung escreveu que embora o mamonismo (isto é, o capitalismo financeiro) e o bolchevismo tenham surgido sendo opostos, ambos eram na realidade o resultado do espírito judaico e o esforço judaico para tornar todos os outros povos escravos, tanto fisicamente e espiritualmente. "O judeu conhece apenas uma forma de reinado: a ditadura!," Jung escreveu. Não importava se isso era expresso no forma de capitalismo ou bolchevismo, uma vez que o objetivo ainda era minar todos outros povos e governá-los. Como prova desta afirmação absurda, Jung

58 Reichelt, W., *O Evangelho Marrom ... ,* p. 47.

59 Redles, D., *O Reich Milenar de Hitler ... ,* pp. 196–197; Tomberg, F., *O Cristianismo ... ,* pp. 132–148.

60 *SA,* pág. 129 (Doc. 97). 61 Mateus 6:24. 62 Lucas 16:13.

63 Chamberlain, HS, *O básico ... ,* p. 204.

Machine Translated by Google

trouxe à tona *Os Protocolos dos Sábios de Sião.* A democracia internacional também não era nada além de uma tentativa de hegemonia mundial judaica disfarçada, segundo ele. 64 A maldição do suposto amor materialista judaico ao dinheiro era uma característica fundamental da ética e moralidade de Hitler, e era no final uma condenação moral completa do caráter espiritual coletivo judaico.

A importância que Hitler deu à sua fé religiosa é repetidamente atestada por Wagener, que retorna a esse tema repetidamente ao longo de suas memórias. De acordo com Wagener, Hitler retratou a tarefa principal do Nacional-Socialismo como sendo a criação de uma comunidade racial para o povo alemão, e que se deve pregar como Cristo e amar os irmãos arianos. Wagener afirma que Hitler uma vez deixou claro que não via Deus como uma pessoa em forma humana com uma longa barba branca, mas como o Deus descrito no Evangelho de João (um Evangelho que Hitler frequentemente citava): Deus como *Logos* (o Verbo) feito carne e que viveu no mundo. 65 Na primavera de 1932, Hitler supostamente pediu a Wagener para guardar o que ele havia lhe dito como se ele fosse o "guardião do Santo Graal". Foi assim também que Wagener se sentiu, mesmo depois que ele e Hitler se afastaram - ele se sentiu obrigado por uma promessa
ao seu *Führer* para manter esse conhecimento vivo para as gerações futuras.[66] Mais uma vez, não é muito provável que Hitler tenha dito isso a Wagener com essas mesmas palavras, mas não há dúvidas de que Wagener pensou ter feito um retrato honesto de Hitler.

5.4 Natal nazista: Celebrando o nascimento de Cristo no Terceiro Reich

Em um artigo no *Die Welt,* Sven Felix Kellerhoff escreve sobre o fato de que Hitler observava absolutamente as tradições de Natal. Mas Kellerhoff diz simultaneamente que essas celebrações tinham muito pouco a ver com o cristianismo. Isso é óbvio, ele diz, a partir de uma análise de todas as vinte e quatro celebrações de Natal que Hitler e o NSDAP organizaram entre 1920 e 1944. Ele continua a catalogar algumas dessas ocasiões. Em 1935, Hitler celebrou o Natal com cerca de 1.200 chamados

64 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 50–53.
65 Wagener, O., *Hitler de perto ... ,* pp. 349, 359.
66 Ibidem, pp. 480–481.

Machine Translated by Google

velhos combatentes em um salão no Hotel Wagner em Munique. Durante a celebração na Chancelaria do Reich em 18 de dezembro de 1937, Hitler recebeu presentes de nada menos que dois Papais Noéis – tudo isso capturado pela câmera – e no ano seguinte, Goebbels se deixou fotografar junto com uma de suas filhas, um Papai Noel, e uma jovem vestida de anjo. Dessa perspectiva, a celebração deles parece ter sido bastante convencional, afinal. Não temos nenhuma informação sobre as celebrações de Natal durante o período de 1941–1943, ou seja, a época em que Hitler passou essa parte do ano em seus QGs de guerra na Frente Oriental. Isso não significa que não houve celebrações, no entanto. No calendário de trabalho de Hitler em 24 de dezembro de 1944, quando Hitler estava em seu QG *Adlerhorst* perto da cidade de Bad Nauheim em Hessen na Frente Ocidental, a notação só diz "privado" para as horas entre 20h e 23h (entre 18h e 20h seus generais o informaram sobre a situação na frente), ou seja, durante o tempo

quando a celebração do Natal geralmente acontecia. [67]

Hitler fez dois discursos de Natal para membros do NSDAP em Munique (em *Bürgerbräukeller* e *Münchner-Kindl-Keller)* em 17 de dezembro de 1922. O tema do primeiro discurso foi (de acordo com o relatório policial infelizmente muito curto) o nascimento, a vida e a morte de Cristo. Deve-se seguir o exemplo deste homem, disse Hitler. Cristo nasceu em uma cabana, mas, apesar disso, ele era um homem que seguia grandes ideais e que os judeus crucificaram precisamente por esse motivo. Cristo era um idealista, Hitler alegou, e não vivia por ouro ou coisas materiais. De acordo com o *Völkischer Beobachter,* Hitler também disse que Cristo havia dedicado sua vida a uma luta amarga e implacável contra a primazia do mal, que era manifestada pelos judeus. Os nacional-socialistas não deveriam ser cristãos apenas em palavras, mas também em ações. [68]

No segundo discurso da noite, Hitler continuou seguindo essas linhas, e de acordo com o relatório policial, Hitler mais uma vez levantou Cristo como um modelo para os nacional-socialistas. Embora o mundo estivesse encharcado no espírito material dos judeus por 1.900

[67] Português Kellerhoff, Sven Felix, “Como Adolf Hitler celebrou o Natal”, *Die Welt,* 25 de dezembro de 2018, www.welt.de/geschichte/zweiter-weltkrieg/article185955824/Nationalsozialismus- So-feierte-Adolf-Hitler-Weihnachten.htm.

[68] *SA,* págs. 769–770 (Doc. 450).

Machine Translated by Google

anos, o idealismo – que Hitler aqui equiparou ao verdadeiro cristianismo – ainda persistiu. Assim como Cristo se deixou crucificar pelos judeus, também cada nacional-socialista tinha que estar preparado para se idealista", ele disse, "sua sacrificar pela Pátria, Hitler pregava . é característica definidora é a esperança. O caráter do judeu é materialista. Seu lema é chamado: dinheiro." Contra os usurários, não se deve colocar o amor ao próximo, disse Hitler em 3 de janeiro de 1923, mas sim "o flagelo de Cristo, a forca". 70 Vale a pena notar que neste momento em que o NSDAP ainda era um pequeno e insignificante partido revolucionário, não parlamentar, o foco estava na morte e no sacrifício de Jesus.

O discurso de Natal de Hitler em Munique em 11 de dezembro de 1928 é interessante dessa perspectiva. Hitler começou deixando claro que para os nacional-socialistas o "Festival de Cristo" *(Christfest)* tinha um significado muito especial. Dois mil anos atrás, o mundo parecia mais ou menos o mesmo de hoje, ele afirmou. O materialismo governava a vida das pessoas: ouro, egoísmo e não idealismo. Esses desejos externos vendiam a vida interior de um humano para uma existência puramente material externa. O Festival de Cristo era celebrado em homenagem ao "aniversário do homem que havia travado a luta mais violenta" contra esse mesmo materialismo judaico que os nacional-socialistas estavam lutando hoje. Hitler declarou que sabia que durante essa época do ano muitas pessoas sentiriam a necessidade de amar o próximo. Os nacional-socialistas também desejavam manter a paz com outras pessoas, ele disse, mas qualificou essa declaração imediatamente acrescentando que isso ia apenas para as pessoas que tinham boa vontade. Contra aqueles de má-fé e má vontade, só se podia lutar. Quando alguns disseram que era anticristão lutar contra outras pessoas, então alguém deveria responder que não desejava fazer nada além do que esse portador da paz havia feito. Como Cristo, eles limpariam os templos alemães que os judeus haviam transformado em seus baús de roubo. Cristo era um lutador aos olhos dos nacional-socialistas, e alguém que havia sido perseguido pelos inimigos deste mundo até sua morte. Um povo que não tinha o desejo de lutar por sua existên Cristo era um símbolo de fé e segurança ilimitadas para os nacional-socialistas e, como cristãos, eles viam essa luta gigantesca que tinha

[69] *SA,* pág. 770 (Doc. 451). 70 Ibid., p. 779 (Documento 454).

Machine Translated by Google

começou há 2.000 anos como uma fonte de fé, de que um grande ideal realmente poderia ser vitorioso se a batalha fosse travada de uma maneira verdadeiramente heróica. Esse heroísmo significava que alguém, assim como Cristo, estava preparado para sacrificar a própria vida na luta contra o poder satânico. Assim como Cristo havia dito ao povo para dar ao imperador o que lhe pertencia e a Deus o que lhe pertencia, agora se poderia dizer hoje: dê ao povo o que lhe pertence. Portanto, o Festival de Cristo era mais do que simplesmente um momento para reminiscências sentimentais – era um chamado às armas. Mesmo que o povo alemão ainda estivesse acorrentado por fora, eles eram livres por dentro, Hitler pregou e encerrou seu discurso desejando paz àqueles com boa vontade. 71 Observe que, embora o tópico do auto-sacrifício de Jesus ainda estivesse

presente, em 1928 o NSDAP havia expandido suas operações e apoio muito.

Agora, ele estava representado em toda a Alemanha e até mesmo entrou no *Reichstag* (tendo recebido 2,6% do voto popular, o que significava doze cadeiras) nas eleições de maio de 1928. Agora, a ideia de Jesus como um lutador que nunca desistiu havia passado à vanguarda, sem dúvida para inspirar os membros do NSDAP a continuar lutando a "boa" luta contra os supostos inimigos da Alemanha.

Foi argumentado por Samuel Koehne que é "significativo" que o *Völkischer Beobachter* não tenha falado da celebração do Natal nazista "como o *Christfest* (celebração de Cristo)" em 1920/21 e 1921/22 e também que o termo *Julfest* (Festival de Yule) mostrou o quão infundida a ideologia nazista estava com ideias pagãs na época. 72 No entanto, o que já foi dito acima mostra que Cristo como um exemplo de um guerreiro contra os judeus e sua profunda admiração por ele ainda eram os tópicos dos discursos de Hitler nessas celebrações no início da década de 1920. Além disso, talvez não se deva dar muita importância ao termo *Julfest,* considerando que na Escandinávia o Natal é chamado de *Jul,* embora não haja nada pagão sobre a celebração. Contexto e conteúdo importam mais do que os termos usados para descrever a tradição.

71 *RSA* III/1, pp. 349–352 (Documento 65). Hitler chamou Jesus de “Cristo e Senhor” também em um discurso de 12 de agosto de 1930: *RSA* III/3, p. 331 (Documento 87). Veja também Tomberg, F., *The Christendom ... ,* pp. 107-1 128–131.

72 Koehne, S., “Os nacional-socialistas eram um partido völkisch? ... ,” pp. 777, 784.

Machine Translated by Google

Além disso, o termo *Christfest* foi usado várias vezes por Hitler, tanto na época quanto depois. Por exemplo, em 9 de janeiro de 1922, a polícia de Munique relatou que Hitler havia usado o termo. O *Christfest* era a época em que o mundo inteiro celebrava em homenagem ao "Libertador do Mundo", que foi crucificado pelos judeus. Ele encerrou o discurso com as palavras: "Que Deus cuide de nós! Amém!"73 O *Völkischer Beobachter* não relatou essas palavras, e Koehne não menciona o relatório policial quando afirma que "o segundo Natal nazista foi uma celebração da Alemanha em vez de uma comemoração do nascimento de Cristo".74 Então, talvez o fato de o *Völkischer Beobachter* não ter mencionado isso não seja tão significativo assim? O que Koehne apresenta em seu artigo parece ser uma seleção cuidadosa de citações destinadas a provar seu argumento sobre influências pagãs nas primeiras celebrações de Natal nazistas. Além disso, Koehne não comenta o fato de que a celebração do Natal de 1921 do NSDAP ocorreu em 6 de janeiro de 1922, ou seja, na Festa dos Três Reis *(Heliger Dreikönigstag)* ou na Epifania do Senhor *(Erscheinung des Herrn),* que comemorava os três chamados sábios, com base no Evangelho de Mateus, e foi durante essa data especial que a divindade de Jesus foi celebrada. Este foi um sinal claro das influências católicas no NSDAP antes da tentativa fracassada de golpe.

Já podemos ver que a alegação de Kellerhoff de que as celebrações de Natal do NSDAP tinham muito pouco a ver com o cristianismo não pode ser mantida. As evidências dizem outra coisa, e as celebrações do nascimento de Jesus continuaram dentro do NSDAP. Na véspera de Natal de 1925 (os alemães, como os suecos, celebram o Natal em 24 de dezembro), no entanto, Hitler parece ter partido para os Alpes para fugir das celebrações de Natal, de acordo com um informante (não está claro o quão correta essa memória é), mas já no ano seguinte ele estava celebrando como de costume novamente.

75 É provável que isso tenha ocorrido para fugir das lutas internas no NSDAP e no movimento *völkisch* que estavam acontecendo.

73 *SA,* pág. 544 (Doc. 341).

74 Koehne, S., "Os nacional-socialistas eram um partido völkisch? ... ," p. 783. Poder-se-ia talvez argumente que o relatório policial não nos dá as palavras exatas de Hitler; no entanto, essa alegação pode ser facilmente feita sobre o relato no *Völkischer Beobachter* também. Os dois relatos não se contradizem, mas se complementam.

75 Kellerhoff, SF, "Tão celebrado...".

Machine Translated by Google

na época, e para trabalhar no segundo volume de *Mein Kampf.*
De fato, Hitler foi a Berchtesgaden por quatro meses em agosto de 1925 com o propósito de trabalhar em seu livro. 76 Isso, é claro, não significa que Hitler não celebrasse o Natal.

O foco na celebração do nascimento de Cristo é claro. Em seu discurso de Natal aos membros do NSDAP em Munique em 1928 e à *Schutzstaffel* (SS) em 1930, Hitler disse que a celebração de Cristo era um chamado às armas. À SS, Hitler declarou que a celebração de Cristo era um lembrete do "exemplo imortal" de como até mesmo a menor coisa poderia crescer e que os nacional-socialistas servem à religião "mais do que os servos politizados da religião servem à religião, pois não a confundimos com política, mas em nossas ações políticas promovemos princípios pelos quais Cristo nasceu e pelos quais [ele] foi perseguido e pregado na cruz pelos judeus". Isso atraiu aplausos estrondosos dos homens da SS reunidos, de acordo com o *Völkische Beobachter.* 77 Podemos ver aqui traços claros do sucesso eleitoral do NSDAP em setembro de 1930, quando o partido recebeu impressionantes 18,3% dos votos. O NSDAP era de repente o segundo maior partido no *Reichstag* e passou de insignificante a um poderoso ator na Alemanha, e Hitler viu o paralelo com o crescimento do movimento de Jesus.

Por que enfatizar a importância da religião para a SS se era apenas uma questão de ideologia? A reação também mostra que os homens da SS também entenderam e abraçaram Jesus como um exemplo para eles. Tudo isso ilustra claramente que Hitler tirou lições políticas e ideológicas de sua fé em Jesus. Mais ou menos na mesma época, Rosenberg declarou em *Der Mythos* que se o ensinamento de Jesus de dar a Deus o que pertence a Deus e ao estado o que pertence ao estado fosse respeitado pelas igrejas, então nenhuma intrusão na vida da igreja pelo estado jamais seria 78 Ele também celebrou a natureza necessário. "completamente não judaica" de
Os "ensinamentos de Jesus sobre o 'reino dos céus dentro de nós'". 79 Isto sublinhou o princípio de que a crença religiosa era uma questão pessoal que não

76 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 17.

77 *RSA* III/1, pp. 349–352 (Documento 65). Hitler chamou Jesus de "Cristo" e "Senhor" também em um discurso em 12 de agosto de 1930, veja *RSA* III/3, p. 331 (Documento 87). Para o discurso à SS, veja *RSA* IV/1, pp. 148–149 (Documento 38).

78 Rosenberg, A., *Der Mythos ...,* p. 609.

79 Head, P., "A busca nazista...", p. 69.

Machine Translated by Google

não precisa ser mediada nem pelo estado nem pela igreja (a menos que a fé em questão seja considerada hostil ao *Volk ,* é claro).

Assim, com relação às conclusões de Koehne, é óbvio que o que o *Völkischer Beobachter* escreveu no início da década de 1920 nem sempre é um bom indicador das visões de Hitler durante sua vida. A ideologia nazista ainda era muito mais eclética durante aqueles anos do que eventualmente se tornaria uma vez que Hitler assumiu o firme controle ideológico do movimento.

Hitler também expressou sua admiração por Jesus em *Mein Kampf* da seguinte maneira:

> A vida [do judeu] é verdadeiramente apenas deste mundo, e sua alma é, por exemplo, tão intimamente estranha ao verdadeiro cristianismo quanto sua essência era para o alto fundador [Cristo] do novo ensinamento há dois mil anos. De fato, ele não manteve seus sentimentos pelo povo judeu em segredo; até mesmo agarrou o chicote, quando necessário, para expulsar esses inimigos da humanidade, que também naquela época viam a religião apenas como um meio comercial para sua própria existência, para fora do templo do Senhor. Por essa razão, Cristo foi então pregado na cruz.[80]

Isto foi quase uma repetição literal do que Hitler havia dito em seu discurso em Munique em 12 de abril de 1922. Cristo lutou contra o Veneno judeu e por isso ele sangrou até a morte na cruz.[81]
É provável que Hitler, neste ponto, considerasse tal final para si mesmo e para todo nazista fanático como muito provável. A inclusão desta expressão de admiração por Jesus em *Mein Kampf,* e o fato de que esta passagem apareceu nas edições impressas após 1933, também contradiz o argumento de que Hitler não se referiu a Jesus em público depois que ele se tornou chanceler. Hitler poderia facilmente ter tirado esta passagem de seu livro se não achasse que ela representava suas visões de forma satisfatória.

Os Natais de Hitler durante os anos logo após o suicídio de sua sobrinha Geli Raubal aparentemente foram passados em grande miséria. Ele escreveu a Winifred Wagner no final de dezembro de 1932 que nos últimos dois anos o Natal só significou tristeza para ele e que ele não conseguia

[80] *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 799 **[325].**
[81] *EUA,* p. 623 (Documento 377). Veja também Rißmann, M., *Hitler's God ...,* p. 30.

Machine Translated by Google

para encontrar seu antigo eu.[82] Hitler também tinha sua própria tradição, que consistia em sempre, alguns dias antes do Natal, visitar o casal de idosos Elsa e Hugo Bruckmann, que foram importantes apoiadores econômicos dele durante os anos após a Primeira Guerra Mundial, em Munique.

O Natal de 1939 foi então passado entre os soldados no Muro das Lamentações, na Frente Ocidental, para fins de propaganda. 83 Hitler visitou um contingente de tropas perto de Aachen, bem como *a SS Leibstandarte Adolf Hitler* de Sepp Dietrich em Bad Ems. 84 Hitler parece ter preferido celebrar o Natal em particular, mas às vezes, por razões de publicidade, ele era forçado a participar de espetáculos como esses.

Isso significa que infelizmente não sabemos como Hitler passou seu último Natal, mas o fato de ele ter se retirado sugere que ele preferia algum tipo de celebração privada. É provável que Hitler tenha passado esse tempo com Eva Braun, que provavelmente o acompanhou quando ele deixou Berlim em 10 de dezembro de 1944. Há motivos para acreditar que Hitler pode ter presumido que este seria de fato o último Natal de sua vida. Precisamente na véspera de Natal, o tempo melhorou e as posições alemãs foram alvos de bombardeios ferozes por cerca de 5.000 bombardeiros aliados, e já no Boxing Day era evidente que *a Operação Herbstnebel* (Operação Autumn Fog, mais conhecida como Campanha das Ardenas) havia falhado após apenas dez dias. Nicolaus von Below afirma em suas memórias (escritas após a guerra) que Hitler lhe disse (algum tempo após o Boxing Day) que ele percebeu que a guerra estava perdida e que ele, acima de tudo, preferia dar um tiro em sua cabeça. 85 É bem possível que a percepção de Hitler já o tivesse atingido na véspera de Natal, depois que seus generais terminaram o briefing militar.

Como já mencionado, a exceção em 1925 provavelmente estava relacionada ao seu trabalho em *Mein Kampf.* A expectativa parece ter sido que Hitler terminasse o segundo volume para que pudesse ser publicado antes do Natal de 1925, e em outubro daquele ano ele estava

82 Simms, Brendan, *Hitler: Only the World Was Enough* (Londres: Allen Lane, 2019), p. 182.
83 Ullrich, V., *Adolf Hitler ...* (Banda II), pp. 103–104.
84 Português Eberle, Henrik e Uhl, Matthias (eds.), *O livro de Hitler: dossiê secreto da NKVD para Joseph W. Stalin, compilado com base nos registros de interrogatório do ajudante pessoal de Hitler, Otto Günsche, e do valete Heinz Linge, Moscou 1948/49* (Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe Verlag, 2005), pp. 114–117.
85 Görtemaker, Heike B., *Eva Braun: Vivendo com Hitler* (Munique: CH Beck, 2010), pp. 263–265; Kershaw, I., *Hitler: 1936–1945,* pp. 743–747.

Machine Translated by Google

profundamente engajado nesse trabalho. Ele até cancelou uma série inteira de discursos em novembro com referência explícita ao trabalho no livro.
Problemas políticos contemporâneos e conflitos ideológicos dentro do NSDAP, no entanto, intervieram, e em algum momento por volta de outubro/novembro de 1925, Hitler mudou seus planos. Este não era um bom momento para escrever livros, conclui Othmar Plöckinger em sua história de *Mein Kampf.* No entanto, Plöckinger insinua que Hitler talvez tenha concluído o segundo volume "no final de 1925", afinal. a introdução à edição crítica de *Mein Kampf* diz, com referência a Plöckinger, [86] No entanto, em que o trabalho no livro "parou quase completamente". 87 Na celebração de Natal em 9 de janeiro de 1921, Hitler falou sobre Jesus e como os nacional-socialistas, junto com o mundo

inteiro, celebraram este dia em memória de como os judeus "covardemente pregaram o Libertador do Mundo na cruz". Isso era, claro, um pouco estranho, já que o Natal celebra o *nascimento* de Jesus, não sua morte e ressurreição (que seria a Páscoa); no entanto, Hitler nunca perdeu uma oportunidade de insistir nos judeus. O NSDAP tinha como objetivo continuar a obra de Cristo, disse Hitler de acordo com o relatório policial da reunião, livrando o mundo de seu opressor. Tão unificado quanto o mundo estava na celebração de Cristo, ele também ficaria quando o poder dos judeus (simbolizado como capital financeiro internacional) fosse esmagado. "Que Deus reine", concluiu Hitler. O relatório *do Völkischer Beobachter* da mesma reunião contém mais detalhes e deixa claro que Hitler também falou sobre o nascimento de Jesus. De acordo com o jornal, Hitler disse que o nascimento de Cristo foi o início da batalha entre duas visões de mundo que nunca poderiam chegar a um acordo: de um lado, a visão de mundo mamonista-materialista e, de outro, a idealista. A celebração *do Yule ,* a celebração alemã, provou que o idealismo, apesar do domínio do materialismo judaico, ainda não estava morto.

88

Como vimos, Jesus condenou a adoração de mamom no Sermão da Montanha em Mateus 6:24. O tema antimaterialista é, naturalmente, algo frequente no Novo Testamento. Em João

[86] Plöckinger, O., *História de um livro ... ,* pp. 90–94.
87 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 17. [88] SA, pág. 544 (Doc. 341).

Machine Translated by Google

18:36, Jesus declara que “meu Reino não é deste mundo”, uma frase que Chamberlain contrastou com a expectativa materialista judaica para um 89 e em terra, o mundo, ele o João 15:19 ele diz: “Se você pertencesse ao reino desta amaria como seu. Do jeito que está, você não pertence ao mundo, mas eu o escolhi do mundo. É por isso que o mundo odeia você.” Aqui, vale a pena mencionar novamente como Chamberlain influenciou Hitler na interpretação de algumas das declarações de Jesus conforme retratadas nos Evangelhos. Hitler usou as palavras de Jesus sobre seu reino não ser deste mundo para criticar a Igreja Católica por se intrometer na política, tanto diretamente quanto por meio de partidos católicos como o *Zentrum.* 90

Em 12 de dezembro de 1925, Hitler disse a mesma coisa aos membros do NSDAP que se reuniram para a celebração do Natal em Dingolfing. Os nacional-socialistas foram movidos pela mais ardente fé cristã quando lutaram por um movimento que tinha como objetivo libertar os arianos, e o mundo inteiro, do materialismo judaico e dar ao povo alemão paz eterna, proclamou Hitler. Na obra da vida de Cristo, os nacional-socialistas viram a oportunidade de alcançar o impossível por meio da fé fanática, ele continuou. Cristo também surgiu em um mundo caído, ele pregou a fé e foi ridicularizado, e apesar disso um movimento mundial cresceu a partir dessa fé. O nacional-socialismo queria fazer o mesmo no mundo da política, disse Hitler, e se cada membro carregasse a convicção de que isso era possível em seus corações, então nenhum poder terreno seria capaz de impedir que essa ideologia reinasse vitoriosa. Esta batalha tinha que ser travada de tal forma que as gerações vindouras pudessem olhar para trás e serem capazes de dizer que a luta tinha sido realizada de forma adequada, não apenas por alemães, mas por verdadeiros cristãos. 91 Em 5 de novembro de 1930, Hitler respondeu à pergunta de por que o NSDAP usou um sinal hedonista (a suástica) enquanto afirmava falar pelo cristianismo. A

razão para isso, ele disse, era que a cruz cristã tinha sido esvaziada de significado e conteúdo através da colaboração de partidos políticos explicitamente cristãos com os ateus marxistas.

Ele explicou, acompanhado pela aprovação estrondosa da multidão, que

89 Chamberlain, HS, *O básico ...* , p. 240.
90 Carta de Hitler a Magnus Gött, 2 de março de 1927; *RSA* VI, pág. 332 (Documento 10).
91 *RSA* I, pp. 237–238 (Documento 92).

Machine Translated by Google

seria melhor ficar longe desse símbolo até que a cruz cristã não fosse mais usada em contextos tão politizados.

Ele também declarou que estava convencido de que se o Senhor Cristo retornasse ao infeliz povo alemão de hoje, ele não se juntaria à facção *Zentrum* no *Reichstag,* ao que o público respondeu com ainda mais aprovação estrondosa. 92 A suástica era, ele disse, "a cruz do renascimento e da liberdade!" 93 É verdade que Hitler estava pregando para convertidos aqui, mas ainda deve ter sido o caso de o público concordar com ele para que lhe dessem essa reação.

5.5 A teologia de Hitler nas cartas de Gött

Em 4 de fevereiro e 2 de março de 1927, Hitler escreveu duas cartas muito interessantes a Magnus Gött, um padre católico em Augsburg que, desde 1922, apoiava o NSDAP (e que havia sido punido com uma liminar de publicação pelo Ordinato do Bispo em 1924 por causa disso). A primeira carta foi uma resposta a uma que Gött havia escrito em dezembro do ano anterior reclamando sobre um artigo no *Völkischer Beobachter* que havia expressado hostilidade em relação à Igreja Católica. Hitler pediu a Gött que não julgasse o NSDAP com muita severidade e ressaltou que, afinal, não era culpa do NSDAP que as pessoas estivessem se afastando das igrejas. Nunca foi intenção do NSDAP funcionar como um ponto de encontro para os cristãos piedosos e fiéis, disse Hitler, mas para todos os alemães, a fim de alcançar seu renascimento espiritual e moral. Com uma alegoria dos quatro Evangelhos, ele então observou que Pedro havia renunciado a Cristo três vezes antes que o galo cantasse duas vezes, mas Pedro havia se tornado a rocha sobre a qual a Igreja foi construída. Com Pedro em mente, Hitler garantiu a Gött que ele perceberia que a batalha que o movimento nacional-socialista estava travando, aquela que ele agora criticava, no entanto, "é hoje uma verdadeira cruzada pelo cristianismo do Senhor", uma que era levada muito a sério, e que se nesse movimento talvez houvesse um Pedro, então ele deveria deixar a misericórdia ir antes do julgamento neste caso.

94 Mais uma vez,

92 *RSA* IV/1, p. 33 (Documento 14). 93 Ibid., p. 62 (Documento 21).
94 *RSA* VI, pp. 327–329 (Documento 9); Mateus 26:69–75; Marcos 14:66–72; Lucas 22:54–62; João 18:25–27. Veja também: Rißmann, M., *Hitlers Gott ...* , p. 27.

Machine Translated by Google

Hitler exibiu seu bom conhecimento da Bíblia, e mesmo que ele esteja aqui tentando reparar o dano causado, está claro que ele não recorreu a quaisquer mentiras para atingir seu objetivo. Suas qualificações devem nos fazer considerar a possibilidade de que Hitler realmente olhou para o NSDAP como um campeão do tipo de cristianismo que ele havia confessado tantas vezes.

Gött respondeu que, embora apoiasse o programa do NSDAP tanto política quanto socialmente, ele não o fez de forma religiosa. Em sua resposta em 2 de março, Hitler lamentou que Gött achasse o programa muito escasso para formar um ponto de vista religioso, mas, ele explicou, isso era uma consequência do fato de que ele achava que os partidos políticos contemporâneos se intrometiam demais em assuntos religiosos.
O estado liberal secular do qual Gött se queixava era apoiado por partidos, como o *Zentrum Católico,* que eram explicitamente religiosos e em seus programas partidários defendiam uma confissão específica. Essa politização da religião era perniciosa, disse Hitler, e os ensinamentos de Cristo não ganharam seguidores por causa disso, mas perderam milhões que não desejavam ver seus ideais religiosos servirem como fulcros políticos. Era sempre uma grande tragédia quando a religião, não importava qual confissão, entrava na política, assim como era uma tragédia quando a religião se aventurava em áreas onde corria o risco de entrar em colisão com a ciência. "Estou profunda e sinceramente convencido de que isso não era o desejo nem a vontad Hitler escreveu. Quanto maior a distância entre política e religião, menos danos a religião corria o risco de sofrer por causa da liberdade liberal na política, ciência e artes. Hitler observou que até mesmo a Igreja e o Papa em Roma tinham sido repetidamente culpados do pecado de se intrometer na política contemporânea. Mas a luta de Cristo não tinha sido por um reino deste mundo, Hitler apontou em uma referência a João 18:36, mas um acima dele. Enquanto o cristianismo conduziu suas cruzadas contra os pagãos, o nacional-socialismo conduziu sua cruzada política contra os estados de hoje, contra o envenenamento da raça, a fragmentação do povo e a destruição da Pátria. Esta foi uma luta política, e a cruz sob a qual foi travada foi a suástica. Assim como o povo alemão não poderia alcançar a felicidade de nenhuma outra forma senão por meio de Cristo, a nação não poderia alcançar a purificação e o poder senão por meio da suástica. Hitler então declarou que podia imaginar como o povo alemão um dia se uniria à suástica

Machine Translated by Google

no lado esquerdo da espada e a cruz do Senhor no lado direito. O *Zentrum* católico traiu a religião quando criou alianças com os ateus marxistas – o NSDAP nunca havia concluído uma aliança com esses mentirosos de Deus, ele observou. Quando o NSDAP em seu programa simplesmente declarou que defendia um cristianismo positivo, uma posição que considerava ambas as confissões cristãs sagradas e intocáveis, então isso era tudo o que precisava ser dito. Mais do que isso só poderia prejudicar a religião. O NSDAP seria um partido onde o protestante mais convicto poderia sentar-se ao lado do católico mais ardente sem um conflito de consciência, ele concluiu. 95

A motivação de Gött para não poder apoiar totalmente o NSDAP lembra muito as razões declaradas pelo teólogo Karl Adam para não poder fazê-lo (embora tenham sido proferidas em 1941).
Em correspondência com um colega padre que era membro do NSDAP, Adam declarou que “não importa o quanto eu tenha em alta conta a figura heroica de Hitler e não importa o quanto eu acredite na natureza providencial de sua atividade”, ele não poderia honestamente se chamar de nacional-socialista e se tornar um membro do partido. A razão não era o antissemitismo brutal de Hitler ou a guerra que ele havia começado. Não, em vez disso, era porque ele então “seria obrigado a seguir a decisão [de Hitler] totalmente e se submeter completamente ao seu programa. Os conflitos de consciência mais severos serão então inevitáveis.”
Ele estava, no entanto, preparado para "servir ao espírito nacional-socialista, embora eu o experimente profundamente, à minha maneira, sem uma marca 'nacional-socialista' precisa". Ele disse isso em 24 de junho de 1941, apenas 96 dias depois que a invasão da União Soviética por Hitler começou. também vale a pena notar que Hitler não se dobrou para trás para assegurar a Gött, ou outros, que o NSDAP representava seu tipo de crença cristã. Ele continuou insistindo que o partido seria capaz de reunir todas as confissões cristãs - a única coisa da qual ele se distanciou claramente de forma consistente foi o ateísmo.

Hitler repetiu a sua opinião e a do partido de que a política e a religião deveriam permanecer separadas, bem como a opinião de que a crítica aos padres políticos não era a mesma coisa que a crítica ao cristianismo, em 29 de fevereiro de 1928. O partido não queria encorajar nenhum culto a Wotan, Hitler

95 *RSA* VI, págs. 329–335 (Documento 10).
96 Citado em Blüger, T., “Seguindo a Virgem Maria por Auschwitz ... ,” p. 7.

Machine Translated by Google

disse, porque esse culto era muito estúpido. A única coisa que ele queria fazer era evitar um conflito entre protestantes e católicos. Ele também aproveitou a oportunidade para criticar os social-democratas e os marxistas mais uma vez por suas atitudes ímpias, assim como o *Zentrum* por sua colaboração com esses partidos. Se Cristo tivesse ressuscitado hoje e visto a situação no Parlamento da Baviera (o *Landtag),* então ele teria pegado seu chicote mais uma vez, ele disse. O conselho da Bíblia para ficar de olho nos falsos profetas era mais verdadeiro hoje do que nunca. 97 Então ele chamou Cristo de "nosso misericordioso Senhor e Salvador", que havia expulsado os judeus, essas "serpentes" e crias de Satanás, do Templo. Mas Cristo, ele observou sarcasticamente, provavelmente não sabia melhor o que era o cristianismo; certamente, o *Bayerische Volkspartei* (BVP) deve saber melhor. O ponto que ele queria destacar era que o antissemitismo era frequentemente considerado anticristão. 98 Mas como o antissemitismo poderia ser anticristão, quando o grande prefeito de Viena, Karl Lueger, que era um católico profundamente fiel e líder do Partido Social Cristão, era um antissemita fanático? Era realmente anticristão defender-se, ele perguntou retoricamente?99 Friedrich Tomberg, no entanto, afirma que Hitler nunca pretendeu fortalecer seu público em sua fé cristã, 100

e essa é, claro, uma conclusão correta se alguém com “fé cristã” se refere a um cristão moderno. Mas, como vimos, nossa compreensão do que o cristianismo poderia significar tem que ser expandida no caso de Hitler e dos nacional-socialistas. Muitos dos nazistas, incluindo o próprio Hitler, se consideravam cristãos fiéis e, *nesse* sentido, é inteiramente plausível supor que Hitler realmente desejava fortalecer o público em sua fé cristã – que ele até queria que eles fossem fanáticos em sua fé. Se a conclusão de Tomberg fosse verdadeira, então a estratégia de propaganda de Hitler teria sido realmente muito irracional, uma vez que haveria um risco considerável de que o público tivesse

97 *RSA* II/2, pp. 694–699, 705–707 (Documento 237). 98 Ibid., p. 699 (Documento 237).

99 Ibid., p. 754 (Documento 242).

100 Tomberg, F., *Das Christentum ... ,* p. 127. Tomberg se mete em problemas com essa interpretação e afirma que havia algo muito paradoxal sobre Hitler, que, em um esforço para salvar a Alemanha dos efeitos danosos do cristianismo, foi forçado a se retratar como um verdadeiro cristão e como um seguidor de Cristo (ibid., p. 131). Mas com a interpretação apresentada neste livro, não há paradoxo para explicar. Faz todo o sentido.

Machine Translated by Google

acreditaram em suas mentiras e se tornaram ainda mais firmemente entrincheirados em sua fé cristã, e assim se tornaram ainda mais difíceis de recrutar para os propósitos do Nacional-Socialismo. Hitler não era estúpido o suficiente para arriscar todo o seu sucesso de propaganda e do NSDAP espalhando uma mensagem falsa para os membros do partido e os eleitores que poderiam ser mal interpretadas e usadas contra ele. Teria sido como propagar uma mensagem não antissemita enquanto se quer perseguir uma política antissemita; tal retórica atrairia a multidão errada e o tipo errado de apoiadores. Mais uma vez, as ações de Hitler são mais facilmente explicadas se simplesmente acreditarmos em sua palavra.

Ele sabia claramente quando abordar religião e quando não fazê-lo. Por exemplo, ele não abordou religião de forma alguma quando falou com membros da elite política, militar e econômica no *National-Klub von 1919* (Clube Nacional de 1919) em Hamburgo em 1º de dezembro de 1930, mas, como já vimos (ver página 208), ele o fez quando falou com a SS em Munique quatro dias depois. Como lembramos, ele declarou aos homens da SS que o Natal era um lembrete do exemplo imortal de como até mesmo a menor coisa poderia crescer, "e hoje talvez possamos confessar a nós, nacional-socialistas, com bons motivos, que servimos à religião mais do que os servos politizados da religião servem à religião, pois não a misturamos com política, mas em nossa ação política promovemos princípios pelos quais Cristo nasceu e pelos quais *[ele]* foi perseguido e pregado na cruz pelos judeus" [ênfase adicionada]. Os homens da SS reunidos então encharcaram Hitler com aplausos tempestuosos por suas palavras. A batalha era pela liberdade da alma do povo alemão, ele proclamou. 101 Em 7 de dezembro, ele expressou a esperança a uma reunião do NSDAP de que “o Deus Todo-Poderoso e misericordioso” finalmente deixaria chegar o grande momento em que os alemães seriam novamente elevados à honra e à dignidade. 102 É realmente interessante que Hitler enfatizasse os ensinamentos de Cristo aos membros da SS de todas as pessoas. A SS era, afinal, a organização mais hostil às igrejas cristãs após a revolução nazista. 103 Hitler não poderia se beneficiar de

101 *RSA* IV/1, págs. 1-1 141–144, 148–149 (Documentos 36 e 38). Veja também Tomberg, F., *The Christendom ... ,* p. 125.

102 *RSA* IV/1, p. 159 (Documento 39).

103 Veja, por exemplo, Dierker, W., *os guerreiros religiosos de Himmler ...*

Machine Translated by Google

retratando o movimento como um herdeiro direto de Cristo, a menos que os homens da SS que o ouviam simpatizassem com a mensagem e entendessem o que ele queria dizer com isso. Hitler parece ter se abstido de enfatizar sua fé religiosa precisamente nos contextos em que isso lhe teria servido muito bem propagandisticamente, como em entrevistas com jornalistas estrangeiros.

Em preparação para a eleição de julho de 1932, um apelo foi publicado no *Völkischer Beobachter* em 22 de junho, no qual Hitler declarou sua convicção de que "se Deus quiser" o NSDAP seria capaz de formar um governo em 1º de agosto. 104 Hitler atribuiu assim a Deus um papel ativo na história alemã, tornando-o o salvador da Alemanha.
Hitler não conseguiu formar seu governo em agosto, no entanto. Mas ele não estava muito longe.

5.6 Jesus como inspiração para o mal supremo: Hitler planejou o Holocausto desde o início?

Vamos levar a sério a admiração de Hitler por Jesus, bem como sua fé declarada em um Deus e sua visão de si mesmo como uma ferramenta da Providência divina. Os eventos de julho de 1921, quando Hitler saiu do NSDAP e exigiu poderes ditatoriais (que ele obteve) como condição para retornar, podem ter sido o momento decisivo. Em seu estudo clássico, Albrecht Tyrell enfatiza que foi depois desse ponto no tempo que Hitler desenvolveu sua autoimagem como *Führer;* uma transformação que foi concluída após sua prisão e passagem pela fortaleza de Landsberg após a tentativa fracassada de golpe. Tyrell argumenta que a decisão de Hitler de deixar o partido não foi resultado de um plano calculado, mas sim o ato desesperado de um homem histérico; foi uma reação a uma situação em que seu lugar no NSDAP (e talvez até a própria vida) estava ameaçado e onde ele não viu outra solução senão jogar *va banque* – colocar tudo em jogo e ganhar tudo ou perder tudo, como ele faria com tanta frequência mais tarde na vida também. 105 A maioria dos historiadores aceitou esta linha do tempo geral e desenvolvimento. [106]

104 *HRP* I/1, p. 114 (22 de junho de 1932). 105 Tyrell, A., *Sobre o "baterista" ...* , pp. 150–174.
106 Português Reuth, RG, *Hitler ...* , pág. Kershaw, I., *Hitler: 1889–1936,* pág. Longerich, P., *Hitler ...* , págs. Thamer, H.-U., *Adolf Hitler ...* , págs.

Machine Translated by Google

No entanto, Thomas Weber observou que Eckart e Rosenberg, assim como outros seguidores de Hitler, já tinham começado a retratar Hitler como um Messias por volta dessa época. Hitler aceitou essa visão dele, e jornais bávaros até começaram a se referir a ele como o "Mussolini da Baviera" já em 1922. Portanto, não é possível argumentar que Hitler se via simplesmente como "o baterista" *(Trommler)* até a tentativa de golpe, argumenta Weber.

107 É igualmente claro que Hitler já em julho de 1921 estava bem ciente do fato de que ele era um enorme trunfo para o NSDAP, pois ele era um orador que poderia atrair multidões bastante grandes. ney se ver [108] Hitler deve, portanto, ter razoavelmente iniciado a jornada. como aquele que deveria liderar o partido já antes de 11 de julho de 1921, ou então suas ações não teriam feito absolutamente nenhum sentido. Ele, afinal, exigiu poderes ditatoriais, e dificilmente teria feito isso a menos que achasse que os merecia e que havia uma parcela considerável do partido que o apoiaria.

Talvez tenha sido precisamente o desenvolvimento dentro do NSDAP para vê-lo como um Messias alemão que fez Hitler pensar que sua ação *va banque* tinha uma chance de sucesso. O sucesso dessa estratégia neste caso também pode ter sido um fator em sua decisão de agir dessa forma em tantas decisões importantes em sua carreira política depois disso. Certamente não era um traço de caráter que tinha sido visível em sua vida até aquele ponto. O fato de sua estratégia ter valido a pena também provavelmente o garantiu ainda mais que ele de fato estava protegido e nomeado por Deus para fazer grandes coisas. Que foi uma experiência formativa é inquestionável, e isso razoavelmente o deixou ainda mais confiante de que ele prevaleceria ao encontrar dificuldades ao longo de seu caminho. Sua falta de compromisso valeria a pena no final - porque Deus queria. Deus, no entanto, não teve nada a ver com a decisão do NSDAP de aceitá-lo de volta ao rebanho; em vez disso, foi Eckart, a pessoa que inculcou essa crença em Hitler e que também o via dessa forma, que pressionou o presidente Anton Drexler a aceitar o ultimato de Hitler. 109

107 Weber, T., *Wie Adolf Hitler zum Nazi wurde ...* , p. 353. Hans-Ulrich Thamer geralmente segue a visão de Weber, mas acrescenta nuances ao observar que Hitler se referiu a si mesmo como o "baterista" também em 1922 em várias ocasiões (Thamer, H.-U., *Adolf Hitler* pp. 82–87). ...,

[108] Joachimsthaler, A., *O Caminho de Hitler ...* , p. 286.

109 Ibid., pp. 286–287; Reuth, RG, *Hitler ...* , pp. 129–130.

Machine Translated by Google

O status de Hitler como uma figura messiânica só cresceu a partir daí. Walter Buch, um dos nazistas mais poderosos do Terceiro Reich, comparou os membros do NSDAP aos discípulos de Cristo e aos primeiros cristãos, e argumentou que, assim como a fé fanática tinha sido absolutamente vital para a sobrevivência do cristianismo, o mesmo era verdade para o movimento espiritual nacional-socialista.[110] O editor do *Der Stürmer,* Julius Streicher, comparou explicitamente Hitler a Jesus em um discurso que ele fez durante um curso na Escola do Reich da União Nacional Socialista de Estudantes em Bernau em julho de 1935. Embora a Igreja Católica tenha sido atacada pelo movimento, o NSDAP não rejeitou o cristianismo, Streicher explicou ao público, e continuou dizendo que Hitler falou clara e simplesmente, assim como Cristo havia feito. Cristo não podia falar tão abertamente quanto gostaria, disse Streicher, e teve que recorrer a parábolas. Por exemplo, Cristo falou da flor e da erva daninha, esta última simbolizando os judeus, disse Streicher. Ele então explicou aos alunos que a Bíblia era uma grande obra vista de uma perspectiva racial, porque Cristo havia sido um ariano e o maior antissemita de todos os tempos.[111]

Pode ser uma surpresa que o editor do jornal grosseiro de ódio e propaganda antissemita *Der Stürmer* diga tais coisas.
No entanto, Victor Klemperer observou em seu diário em agosto de 1936 que *Der Stürmer* de fato tinha o seguinte como lema: “Aquele que luta contra os judeus luta com o Diabo.”[112] Na verdade, imagens religiosas, paralelos e temas eram bastante comuns nas páginas de *Der Stürmer.* Anteriormente, ele tinha recorrentemente a epígrafe “O amor é a devoção diante de Deus no – homem” no jornal.[113] As mentiras que Streicher espalhou em *Der Stürmer* não foram vistas como mentiras pelos próprios nazistas, é claro. Pelo contrário, eles consideraram que a propaganda “informou” o leitor sobre o estado real do mundo.
O facto é que na primeira página, abaixo do nome do jornal, estava escrito: “Um semanário alemão para a luta pela verdade”.[114] Os paralelos com o

110 Steigmann-Gall, R., “Vinho velho em garrafas novas? ... ,” p. 296.
111 Citado em Steigmann-Gall, R., *The Holy Reich ... ,* pp. 125–126.
112 Klemperer, V., *Quero testemunho ...* (Volume I), p. 300 (29 de agosto de 1936).
113 Roos, Daniel, *Julius Streicher e “Der Stürmer” 1923–1945* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2014), p. 422.
114 Veja um fac-símile da primeira página *do Der Stürmer* em McDonough, F., *The Hitler Years ... ,* p. 125.

Machine Translated by Google

O número de veículos de comunicação que espalham informações falsas, notícias falsas e propaganda online hoje em dia é impressionante.

Isso significa que também devemos levar a sério o testemunho de Streicher depois da guerra, sobre quando ele ouviu Hitler falar pela primeira vez. Em suas memórias, escritas enquanto aguardava julgamento em Nuremberg, ele descreveu como compareceu a uma reunião no *Bürgerbräukeller* em Munique em 1922 e viu um homem que, para ele, parecia ter sido obviamente nomeado por Deus para cumprir uma missão divina.

Streicher escreveu que a mensagem de Hitler naquela noite

> foi uma revelação de uma profunda fé em Deus... Todos [que estavam lá] sentiram: Este homem fala por um chamado divino, ele fala como alguém nomeado pelo Céu. 115

Observe que, embora Streicher não seja uma fonte particularmente confiável (por exemplo, ele escreveu duas versões de suas memórias que diferem substancialmente uma da outra), sua descrição de sua experiência neste caso é muito semelhante à forma como muitos outros nazistas descreveram seu primeiro discurso de Hitler.
Mas o fato de Streicher ter falado de Hitler dessa maneira, mesmo depois do fim da guerra, mostra, no mínimo, que lhe parecia razoável descrever Hitler e o sentimento que teve na primeira vez que o viu e ouviu, dessa maneira.

Há um amplo consenso entre aqueles que estudam Hitler de que o Holocausto não foi planejado ou pensado desde o início, mas que foi o resultado de um processo gradual de radicalização ao longo do tempo que resultou em “soluções” cada vez mais brutais para o “problema judaico”.
No entanto, há evidências que talvez devam fazer os historiadores reconsiderarem esse consenso, pelo menos no sentido de que Hitler pode muito bem ter tido o desejo de assassinar os judeus desde muito cedo. Em *Mein Kampf,* por exemplo, há passagens que expressam motivos assassinos contra os judeus. O exemplo mais infame é quando Hitler, no segundo volume, fala sobre guerra de gás durante a Primeira Guerra Mundial e escreve:

> Tive um no início da guerra e, durante a guerra, coloquei de doze a quinze mil desses destruidores hebreus do povo sob gás venenoso, da mesma forma que centenas de milhares

115 Roos, D., *Julius Streicher ... ,* pág. 66.

Machine Translated by Google

> dos nossos melhores trabalhadores alemães de todas as camadas e profissões tiveram que suportar no campo de batalha, então o sacrifício de milhões na frente não teria sido em vão. [116]

Historiadores enfatizaram que não é possível traçar uma linha reta entre esta declaração e o Holocausto. No entanto, Ian Kershaw argumenta que isso mostra que a conexão entre o extermínio dos judeus, a guerra e o resgate da nação alemã já havia sido feita na mente de Hitler. O uso de termos como "extermínio" e "destruição" era muito frequente nos discursos de Hitler muito antes disso. 117 Ao mesmo tempo, como há muito mérito no julgamento de Kershaw, vale a pena notar que Hitler parece estar falando apenas de um número menor de judeus muito influentes que ele achava que eram responsáveis pela Alemanha ter perdido a guerra, ou seja, ele deve ter pensado em representantes do "capital judaico internacional".

Estranhamente, Hitler não parece ter pensado que a guerra poderia ter sido evitada, ou talvez nem mesmo que a Alemanha teria sido capaz de vencer se esse assassinato em massa tivesse sido realizado. Se ele tivesse, por que apontar que os milhões de mortos na frente não teriam sido em vão?

Mas há cartas na correspondência de Rudolf Heß que apontam para outra conclusão sobre esse assunto. As cartas de Heß já foram publicadas em 1987, mas, estranhamente, Kershaw não as usou ao escrever sua biografia de dois volumes, o que deve significar razoavelmente que ele não sabia sobre elas. São duas dessas cartas que são de considerável interesse para nós neste caso. A primeira foi escrita em 11 de junho de 1924 (enquanto ele e Hitler ainda estavam na fortaleza em Landsberg) e a segunda foi em 8 de março de 1928. A primeira é a mais cheia de conteúdo, e Heß descreve que foi somente quando eles foram trancados juntos na fortaleza de Landsberg que ele realmente conheceu Hitler, e ele também observa a diferença que isso fez em comparação com suas experiências anteriores dele em seus discursos ou breves reuniões. A parte relevante diz:

116 *Hitler, Mein Kampf ...* (Banda II), p. 1719 **[344].** Veja também Longerich, P., *Hitler ... ,* p. 150; Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ... ,* p. 244.

117 Longerich, P., *Hitler ... ,* pág. 150; Kershaw, I., *Hitler 1889–1936 ... ,* pág. 244.

Machine Translated by Google

> Por exemplo, eu também nunca imaginei que ele somente após uma grande luta interna tivesse alcançado a posição sobre a questão judaica que ele tem hoje. Dúvidas constantes retornando se ele não está realmente cometendo uma injustiça. E ainda hoje ele fala de uma maneira diferente em um pequeno círculo de iniciados do que como ele deve falar diante das massas; somente diante destes [os iniciados] ele pode apresentar o ponto de vista mais radical. [118]

Há várias coisas interessantes nesta passagem. Uma delas é, com certeza, que Heß diz que Hitler sofreu escrúpulos morais sobre sua solução para o "problema judaico". Isso é, por si só, uma informação nova. No entanto, Heß permanece em silêncio sobre o que essa solução radical implicava, e isso certamente implica que estamos lidando com algo muito radical, brutal e controverso. Sua solução real era algo que ele só poderia compartilhar com seus seguidores mais íntimos, de acordo com Heß. Isso se encaixa bem com o ponto de Thomas Weber de que Hitler e Eckart compartilhavam uma retórica genocida sobre os judeus desde muito cedo. [119] Mas numa entrevista de jornal feita por um jornalista catalão pouco antes

[118] *Rudolf Hess ...* , pp. 334–335 (nº 339).

[119] Martin Menke afirma em um capítulo recente de antologia que Hitler em “uma carta escrita em 1919 ... identificou 'assassinato noturno' dos judeus como 'a melhor solução, mas, fora isso, expulsão em massa'” (Menke, Martin, “Catholic Authority and the Holocaust,” em John J. Michalczyk et al. (eds.), *Hitler's* Mein Kampf *and the Holocaust: A Prelude to Genocide* [Londres: Bloomsbury Academic, 2022], p. 197). Isso despertou meu interesse, já que eu não sabia de nenhuma carta desse tipo e pensei que talvez Menke tivesse descoberto uma carta primária previamente desconhecida da mão de Hitler (o que não seria pouca coisa). A fonte de Menke é uma nota de rodapé na edição IfZ habilmente anotada de *Mein Kampf.* No entanto, acontece que Menke não só está enganado ao se referir a uma carta de 1919, mas suas citações também não podem ser encontradas na nota de rodapé a que ele faz referência. A nota de rodapé contém citações de *duas fontes diferentes* , uma delas sendo a infame carta a Adolf Gemlich de 16 de setembro de 1919, e a outra sendo uma entrevista com Hitler por um jornalista catalão pouco antes da tentativa de golpe em 8 e 9 de novembro de 1923. A carta de Gemlich não contém nada nem remotamente parecido com o que Menke cita, mas na entrevista de 1923, na qual Hitler argumenta *contra* a eficácia dos pogroms de estilo medieval como uma solução para a "questão judaica", encontramos Hitler perguntando que bem faria forçar todos os judeus a sair de Munique quando o resto do dinheiro e poder político do país ainda estavam nas mãos dos judeus. Havia mais de um milhão de judeus na Alemanha, ele acrescentou. Então ele disse (claramente se dirigindo àqueles que defendiam tais pogroms): “O que vocês querem fazer? Matá-los todos da noite para o dia? Essa seria, é claro, a melhor solução, e se alguém pudesse escapar impune, a Alemanha estaria salva. Mas isso não é possível. Eu investiguei o problema de todos os lados: não é possível. O mundo nos atacaria, em vez de nos agradecer, o que eles deveriam fazer. ... Já vimos que isso não pode ser feito por pogroms. Portanto, resta apenas a expulsão: uma expulsão em massa” *(Hitler, Mein Kampf ...* [Band I], p. 206, n172. É

Machine Translated by Google

a tentativa de golpe em novembro de 1923, Hitler candidamente insinuou que a expulsão em massa de um milhão de cidadãos judeus da Alemanha era a única solução realista e possível para o "problema judaico". Matá-los todos certamente seria a melhor solução de todas, disse Hitler, mas ele enfatizou que havia ponderado a questão de todas as perspectivas e chegou à conclusão de que isso simplesmente não era possível. 120 Embora isso não seja uma declaração de intenção e não seja evidência de um plano genocida contra os judeus, mostra que Hitler certamente havia cogitado a ideia de matar todos os judeus na Alemanha naquele momento.

Hitler supostamente disse algo semelhante ao membro do NSDAP da Boêmia, N. Kugler, de Viena, que o visitou em 29 de julho de 1924. Hitler contou ao jornal *Der Nationalsozialist* sobre essa conversa, e esse relatório foi publicado em 17 de agosto. Aparentemente, Hitler acreditava que essa questão era de tal importância que merecia ser divulgada a um público maior. Hitler disse que tinha vindo para mudar sua atitude sobre a questão da luta contra os judeus. Quando estava trabalhando em seu livro, ele percebeu que tinha sido "muito brando" e que a "arma mais afiada" *(schärfsten Kampfmittel)* deveria ser usada para que alguém tivesse sucesso. Não era simplesmente uma questão de uma questão fatídica para o povo alemão, disse Hitler, mas para todos os povos do mundo, já que "Juda" era a "praga mundial"

(Weltpest). 121

Em sua carta de 1928 (o mesmo ano em que o artigo de Eckart sobre Cain foi publicado no *Völkischer Beobachter,* veja Capítulo 2), Heß escreve simplesmente que Hitler havia dado uma palestra particular para ele sobre a solução para o problema judaico *"que me deixou profundamente atordoado"* [ênfase no original]. 122 É realmente razoável acreditar que essa "arma mais afiada" e o "ponto de vista mais radical" que seriam usados para livrar o mundo da "praga mundial" judaica *não* incluíam violência massiva contra os judeus? Heß era um soldado endurecido pela batalha que havia experimentado muitas mortes durante e depois da guerra como membro da

claro que Hitler não estava declarando seus próprios planos genocidas nesta entrevista. As citações que Menke oferece são, portanto, falsas.

120 *Hitler, Mein Kampf ...* (Volume I), pág. 206, n172.

121 *SA,* pág. 1242 (Documento 654); Lüdicke, L., *A visão de mundo de Hitler ...* , p. 72; Fleischmann, P., *Hitler como prisioneiro ...* , p. 362.

122 *Rudolf Heß ...* , pág. 391 (nº 384).

Machine Translated by Google

Freikorps Epp. Se *ele* ficou atordoado, então temos boas razões para supor que o que lhe foi dito foi algo muito radical de fato.

Portanto, não é completamente irrealista supor que Hitler já em 1924 havia chegado à conclusão de que os judeus tinham que ser fisicamente exterminados se a Alemanha fosse salva. Isso significava que ele previa um assassinato em massa de todos os judeus na Europa, ou apenas uma política que seria tão extrema que, após um frenesi de violência contra eles, expulsaria todos os judeus da Alemanha por meio de emigração forçada e deportações? Não sabemos a resposta para essa pergunta. Mas é provável que Hitler tivesse escrúpulos morais sobre simplesmente expulsar todos os judeus da Alemanha? Essa era realmente uma ideia tão radical que ele não podia falar abertamente sobre isso em seus discursos, mas apenas para seus fiéis parceiros no crime? Heß teria achado tal proposta tão surpreendente em 1928? Não, é difícil imaginar que a ideia de Hitler não incluísse atos e medidas muito mais radicais do que emigração forçada e deportação. Hitler também era um criminoso endurecido e um soldado, e estava acostumado a extrema violência e morte. O fato de parecer tão estranho para Heß deve pelo menos significar que tinha a ver com o fato de que Hitler ainda estava longe de assumir o poder na Alemanha e que não havia paralelo histórico para o que ele queria fazer.

Wolfram Pyta também deu razões convincentes para que devêssemos assumir que Hitler havia assumido uma posição extremamente radical em relação aos judeus e, na verdade, defendido o assassinato em massa, já no início da década de 1920. Primeiro, Pyta se refere a uma carta escrita por Heinrich Heim (o principal autor das notas da mesa redonda) a Fritz von Trützschler em 12 de agosto de 1920. Heim escreveu que Hitler havia dito que era preciso erradicar o *bacilo* judeu do corpo do povo alemão. Quando se tratava da existência ou não existência do povo, não se podia permitir a timidez de tirar a vida de “cidadãos”. *(Staatsangehörige),* e ainda menos quando se tratava de tribos estrangeiras ameaçadoras e hostis. Além disso, o ex-padre protestante Georg Schott escreveu a Houston Stewart Chamberlain em 13 de abril de 1924 e disse a ele que tinha ouvido Hitler mencionar que o ponto final era a destruição física brutal dos judeus. Os pogroms não eram suficientes, Hitler supostamente disse, porque isso não cortaria esse "mal" *(Übel)* pela raiz de uma vez por todas. Schott até usou a expressão "a solução final para a questão judaica". Isso prova que Hitler já em

Machine Translated by Google

neste estágio inicial – mesmo antes de ele terminar *Mein Kampf* – havia formulado um plano gigantesco para assassinar os judeus, conclui Pyta, e ressalta que é surpreendente que os historiadores tenham ignorado tão unanimemente essas declarações quando elas apontam tão claramente para uma continuidade entre o antissemitismo genocida de Hitler da década de 1920 e o Holocausto da década de 1940. [123]

Vale a pena chamar a atenção para o fato de que a carta de Schott foi escrita apenas alguns meses antes de Heß escrever sobre a difícil decisão de Hitler e suas dúvidas morais sobre o assunto, bem como a conversa com Kugler na fortaleza de Landsberg. Os dois documentos são independentes e apoiam um ao outro. Considerando que as declarações de Heim de 1920 são quase idênticas às que foram publicadas no *Der Nationalsozialist* em agosto de 1924, somos forçados a tirar a conclusão de que a declaração de Hitler a Kugler não era completamente verdadeira.
Hitler *não* chegou a essa conclusão durante o trabalho em *Mein Kampf;* ele de fato tinha a mesma visão em relação aos judeus pelo menos desde o verão de 1920. Em vez disso, o que encontramos aqui é apenas mais uma das muitas mentiras autobiográficas de Hitler. Não é de todo implausível que Hitler tenha jogado o mesmo jogo na frente de Heß, e que Heß tenha acreditado em tudo e, portanto, pode ter acreditado honestamente que Hitler havia sofrido sob um dilema ético. Mas se ele realmente sofreu, nunca poderemos saber.

Talvez seja significativo que a frase de Heß, “a solução mais radical” para a chamada questão judaica, tenha sido usada também por Goebbels quase vinte anos depois, em 7 de outubro de 1943. Goebbels, que naquela época estava bem ciente do assassinato em massa dos judeus, comentou sobre o discurso de Himmler em Posen no dia anterior (ele também havia feito um discurso semelhante em 4 de outubro), durante o qual Himmler falou sobre como era fácil o suficiente proferir a declaração de que os judeus devem ser exterminados, mas que para aqueles que realmente tinham que fazê-lo, essa era a coisa mais difícil imaginável. Himmler estava, no entanto, comprometido em matar todos eles – homens, mulheres e crianças. 124 Himmler fez seu discurso logo após o

123 Pyta, W., *Hitler ... ,* pp. 172–173.

124 Há alguma confusão na literatura e nas fontes quanto ao texto exato do segundo discurso de Himmler em Posen. Speer cita-o no seu livro *O Estado Escravista: Os Meus Confrontos com a SS* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1981), p. 376, mas quando Kershaw e Matthias Schmidt citam a mesma passagem, eles dão a ela uma interpretação ligeiramente diferente.

Machine Translated by Google

maiores frenesis de matança durante o Holocausto. Na primavera de 1942, nada menos que 75 por cento de todas as vítimas do Holocausto ainda estavam vivas; um ano depois, o oposto era verdade: naquela época, 75 por cento de todos os que seriam assassinados já estavam mortos. A chamada *Operação Reinhard* (e seu final , *Operação Erntefest* – Operação Festival de Outono) não só viu cerca de 1,3 milhão de judeus gaseados até a morte nas câmaras de gás em Treblinka, Auschwitz, Sobibor, Belzec e Majdanek. Além disso, cerca de 1,5 milhão foram baleados em execuções de perto durante o mesmo período. No total, quase metade dos cerca de 6 milhões de vítimas do Holocausto foram assassinadas em tais assassinatos de curta distância. 125 Himmler estava tocando na natureza muito pessoal dos assassinatos em seu discurso, quando falou da dificuldade para os assassinos. Portanto, não se engane. O Holocausto foi muito pessoal para as vítimas e para os carrascos. Foi isso que Goebbels comentou com aprovação, dizendo que a solução "mais radical" era absolutamente necessária.[126] Essa escolha similar de palavras poderia, é claro, ser uma coincidência. No entanto, os nazistas, desde muito cedo, desenvolveram um "groupspeak", formando um dicionário de eufemismos mórbidos que basicamente permaneceram os mesmos ao longo dos anos.

Alon Confino aborda o mesmo paradoxo em seu livro *Um Mundo sem Judeus,* quando escreve que Hitler (e Himmler e Goebbels) não tinham quaisquer escrúpulos morais sobre o assassinato em massa dos judeus, mas que ao mesmo tempo suas ações indicam uma certa consciência de que uma linha havia sido cruzada e que um tabu havia sido violado. Porque

formulação do que Speer (ver Kershaw, I., *Hitler 1936–1945 ...* , p. 605; Schmidt, Matthias, *Albert Speer: O Fim de um Mito. A Exposição de Sua Falsificação da História.*
Speers wahre Rolle im Dritten Reich [Bern: Schertz, 1982], p. 231). Suas versões concordam, embora pareçam ter fontes diferentes. Schmidt, no entanto, começa sua citação de forma diferente, enquanto Kershaw começa sua citação um pouco mais tarde no texto. Em vez das duas primeiras frases na versão de Speer, Schmidt tem outra formulação. Além disso, tanto Kershaw quanto Schmidt têm uma formulação diferente na parte sobre as crianças, em comparação com Speer. A versão deles parece mais completa, e pode ser que Speer tenha esquecido de incluir algumas palavras Speer também parece ter excluído uma frase inteira após esta passagem. O diário de Goebbels, por outro lado, afirma que Himmler disse que esperava que esta questão fosse resolvida até o final de 1943. Isto é incluído por Speer também, mas não na versão citada por Kershaw e Schmidt (ver *TBJG* II/10, p. 72 [7 de outubro de 1943]).

125 Confino, Alon, *Um mundo sem judeus: a imaginação nazista da perseguição ao genocídio* (New Haven, CT: Yale University Press, 2014), p. 190.

126 *TBJG* II/10, p. 72 (7 de outubro de 1943). Veja também Brechtken, M., *Albert Speer ...* , pp. 220–226.

Machine Translated by Google

apesar de terem passado anos gritando dos telhados sobre a destruição dos judeus, eles não conseguiam falar abertamente sobre esse extermínio depois que ele havia começado e estava acontecendo.

Goebbels escreveu cerca de três milhões de palavras todos os anos, observa Confino, mas ainda não conseguiu – com uma única exceção – mencionar quaisquer detalhes sobre o Holocausto com uma única sílaba. 127 A exceção mencionada por Confino é uma passagem do diário de Goebbels de 27 de março de 1942, onde ele descreve como os judeus, começando em Lublin, estavam agora sendo enviados para o leste do Governo Geral para se tornarem

trabalhadores escravos e serem assassinados.[128]

Após a guerra, Hans Frank lembrou-se de como Hitler no *Reichskanzlei* em 1938 lhe dissera que nos Evangelhos os judeus haviam clamado a Pilatos, depois que ele se recusou a crucificar Cristo, que o sangue de Cristo agora estaria sobre os judeus e seus filhos (uma referência a Mateus 27:25). De acordo com Frank, Hitler então declarou que ele pode ter que fazer essa maldição se tornar realidade.

129 Se a memória de Frank estiver razoavelmente correta, e se assumirmos que ele não estava inventando esse episódio enquanto aguardava sua morte na prisão de Nuremberg (Frank redescobriu sua fé católica enquanto estava em cativeiro), então é seguro dizer que a admiração de Hitler por Jesus tinha um lado muito sombrio e sinistro, um que pode ter influenciado diretamente sua decisão de lançar o Holocausto. Mas mesmo que essa história seja fruto da imaginação de Frank, ainda é instrutivo que ele esperasse que seus leitores acreditassem que Hitler poderia ter feito tal

uma declaração.

Outro aspecto particularmente sombrio da religiosidade de Hitler encontramos no conceito de "produtivismo cristão" descrito no Capítulo 1. Isso era parte integrante da ideologia nacional-socialista, e foi expresso particularmente bem na seguinte frase: "Aquele que não está disposto a trabalhar não deve comer." Este princípio moral *não* foi tirado de Oswald Spengler ou de algum ethos darwinista social secular. Ele veio diretamente do Novo Testamento, ou seja, 2 Tessalonicenses, onde diz:

127 Confino, A., *Um mundo sem judeus ... ,* p. 197.

128 *TBJG,* II/3, p. 561 (27 de março de 1942).

129 Frank, H., *Diante da força ... ,* p. 315. Ver também Heer, F., *A fé de Adolf Hitler ... ,* p. 350.

Machine Translated by Google

> nem comemos a comida de ninguém sem pagar por ela. Pelo contrário, trabalhamos noite e dia, trabalhando arduamente e nos esforçando para não sermos um peso para nenhum de vocês. Fizemos isso, não porque não temos o direito de tal ajuda, mas para nos oferecermos como um modelo para vocês imitarem. Pois, mesmo quando estávamos com vocês, demos a vocês esta regra: "Aquele que não quer trabalhar não coma."130

Em um discurso realizado em 28 de outubro de 1925, Hitler citou esta passagem e a chamou de "um direito eterno e supremo na terra...: aquele que não trabalha não comerá". Ele fez isso em um discurso religioso sobre como Deus havia criado povos *(Völker),* não classes, e que o ariano havia sido criado por Deus para ser um "portador de cultura" *(Kulturträger)* e um criador de civilizações. 131

Parece que esta passagem foi muito mais importante para a ideologia nacional-socialista do que estas duas ocasiões sugerem; de fato, foi um dos aspectos mais fundamentais da ideologia. Mais tarde, ele citou a mesma passagem novamente em um discurso em 23 de março de 1927. A vida era uma luta, e quem não trabalhasse não deveria comer. Aqui vemos como a ideologia e a teologia produtivistas se combinaram em uma reinterpretação vigorosa da mensagem da Bíblia. Hitler se referiu a Gênesis 3:19, e ao julgamento de Deus sobre a humanidade após a queda da graça, onde afirma que os humanos deveriam, a partir de então, comer seu pão com o suor de suas testas. Isso pode parecer sombrio, mas na verdade foi uma bênção. Somente os judeus preguiçosos poderiam considerá-lo uma maldição, Hitler raciocinou com rancor antissemita característico. Ele, portanto, reinterpretou-o como sendo uma bênção - era de fato a fonte de toda a vida na Terra. 132

Isso também não era algo que Hitler tinha inventado na hora. Era um princípio moral estabelecido dentro do movimento nacional-socialista desde muito cedo. Rudolf Jung falou sobre isso em seu *Der nationale Sozialismus* em 1922, onde lamentou o fato de que o princípio de "quem não trabalha também não deve comer" não era mais

130 2 Tessalonicenses 3:8–10 (NVI).

131 *RSA* I, p. 202 (Documento 78, 25 de outubro de 1925). Para o ponto sobre Deus ter criado povos e não classes, veja também Lüdicke, L., *Hitlers Weltanschauung ... ,* p. 56.

132 *RSA* II/1, p. 192 (Documento 89, 23 de março de 1927). Veja também Bucher, R., *Hitlers Theologie,* pág. 121.

Machine Translated by Google

não mais aplicado na sociedade. Ele fez isso no contexto de explicar precisamente a distinção entre trabalho "produtivo" *(schaffender)* e "improdutivo", ou melhor, "arrebatador" [de dinheiro] *(raffender)* .
Este último, isto é, "renda sem trabalho", era sinônimo da economia "capitalista mamonista" judaica da época e, na verdade, sua maior e mais severa característica. 133 O termo "mamonismo" também foi, naturalmente, retirado da Bíblia.

Jung referiu-se aos "grubbers" como os "filhos do deserto" *(Wüstensöhne)* (uma referência à história no Antigo Testamento sobre os israelitas vagando no deserto por quarenta anos após a fuga do cativeiro egípcio) que agora estavam firmemente "plantados no oceano de casas *[Häusermeer]* na cidade grande, este deserto do presente". Como principais exemplos de capitalistas gananciosos e representantes do desprezado "interesse" *(Zins)* na economia moderna, Jung mencionou "os Rothschilds e companhia", a quem ele se referiu como "o Rei Judas não coroado". Essas pessoas estavam interessadas apenas em "renda sem trabalho" e, observou Jung, "renda sem trabalho prepara para elas uma punição de Deus". 134 Jung misturou suas metáforas aqui e exibiu o romantismo nacional-socialista sobre o fazendeiro e a vida fora do meio urbano. Ele também deixou claro o significado religioso da ideologia política e mensagem nacional-socialista quando falou da punição de Deus para os judeus supostamente ociosos, uma punição que os nacional-socialistas deveriam distribuir em seu nome.

Aqueles que não podiam contribuir "produtivamente" realizando trabalho escravo eram, portanto, considerados "comedores inúteis" *(unnütze Esser)* ou "comedores nocivos" *(schädliche Fresser).* Dar comida a essas pessoas era considerado um desperdício de recursos preciosos. Hans Frank usou essas expressões quando falou sobre como os judeus na Polônia tiveram que ser exterminados, assim como o inspetor assassino do campo de extermínio Christian Wirth e o comandante de Treblinka Franz Stangl. 135 Acredito que David

133 Jung, R., *Nacional-Socialismo ... ,* pp. 92–94. 134 Ibidem, pp. 91–92, 100–101.
135 Gerlach, Christian, *O assassinato dos judeus europeus: causas, eventos, Dimensões* (Munique: CH Beck, 2017), pp. 79–85, 89–90, 238; Piotrowski, Stanislaw (ed.), *Diário de Hans Frank* (Varsóvia: Editora Científica Polonesa, 1963), p. 347; Pauer-Studer, Herlinde e Velleman, J. David, *"Porque sou um fanático pela justiça": O caso do juiz da SS Konrad Morgen* (Berlim: Suhrkamp Verlag, 2017), pp. 189–190.

Machine Translated by Google

Redles está correto ao enfatizar os aspectos escatológicos e religiosos nas origens do Holocausto. Hitler e os outros nazistas líderes viam a luta contra os judeus como uma guerra santa entre o bem e o mal, uma guerra que os alemães arianos tinham que vencer não importando o custo. [136]

Isso era, portanto, um ajuste perfeito com, e sem dúvida causado por, a ideologia produtivista que tinha sido pregada pelos pioneiros nacional-socialistas Naumann, Fritsch e Marr (que também encontramos no Capítulo 1) no final dos anos 1800 e início dos anos 1900. A ideia de que aqueles que não trabalhavam não deveriam comer era a base para a obsessão do programa do partido NSDAP com, e ódio à, renda sem trabalho. O trabalho duro, por outro lado, era libertador e o libertaria porque significava libertação do "ocioso" e "parasitário".

Espírito judaico que infestou todas as pessoas em maior ou menor grau.
O que encontramos aqui é nada menos que a filosofia e a teologia moral por trás da frase provocadora nos portões dos campos de trabalho de Dachau, Groß-Rosen, Sachsenhausen, Theresienstadt e – talvez o mais infame – Auschwitz: *Arbeit macht frei.* [137] *Não* era uma frase que pretendia implicar que o trabalho escravo que os judeus eram forçados a realizar nesses campos levaria à sua libertação dos campos se eles apenas "cumprissem sua sentença" e fizessem o suficiente. A mensagem que esses sinais estavam transmitindo era espiritual, já que o suposto problema com "o judeu" era sua própria natureza e sua alma. O trabalho que os judeus eram forçados a fazer nesses e nos outros campos libertaria seu *espírito* – Deus estava aplicando sua punição e o trabalho forçado era, visto pela lógica distorcida da teologia nazista, uma maneira dos judeus fazerem as pazes com Deus por sua ociosidade. Esse aspecto só aumenta a crueldade ilimitada dos campos nazistas e desses sinais.

136 Redles, D., "O Apocalipse de Adolf Hitler ... ," pp. 213–233.
Chamberlain, HS, *O básico ...* , p. 247.

137 O campo de Buchenwald, em vez disso, tinha a frase semelhante *Jedem das seine* (A cada um o seu), que também significava que você receberia o que merecia. Embora a origem dessa frase seja uma tradução do *suum cuique de Cícero,* o conceito como tal tem raízes profundas no cristianismo também, já que a ideia é que cada um receberá sua justa punição ou recompensa no final. A frase *Arbeit macht frei* teve uma história intelectual mais longa na Alemanha. Foi até o título de um livro do autor nacionalista Lorenz Diefenbach de 1872. Também foi usada na Alemanha de Weimar de 1928 em diante no contexto de programas de grande escala financiados publicamente para lidar com o desemprego em massa. Havia, portanto, muitas camadas que interagiam na escolha de palavras dos nazistas.

Machine Translated by Google

5.7 Conclusão

Neste capítulo, vimos que não pode haver dúvidas de que Hitler e os nacional-socialistas consideravam Jesus uma inspiração importante para eles. Hitler considerava Jesus o maior lutador ariano contra os judeus que já existiu. Mas Cristo foi morto pelos judeus antes que pudesse levar sua missão sagrada ao fim. Portanto, o NSDAP pretendia terminar a missão divina de Jesus, ou seja, livrar o mundo do povo judeu. É difícil encontrar um objetivo ideológico mais central do nacional-socialismo do que esse. Isso significa que a idolatria de Jesus está no centro da ideologia nazista. Como é que não aprendemos isso antes? A razão é que os historiadores até agora não levaram a sério as alegações de Hitler e dos outros principais ideólogos nazistas.

Poderia ser que Hitler foi inspirado por Jesus para assassinar os judeus? A questão em si pode inicialmente parecer tão ofensiva quanto absurda. Mas este livro não deve deixar dúvidas de que devemos levar a admiração de Hitler pelo personagem central do cristianismo – Jesus de Nazaré – a sério. Hitler repetidamente, tanto em ambientes públicos quanto privados, expressou que Jesus era o maior guerreiro ariano, que Jesus lutou contra os judeus e foi morto por eles antes de ter tempo de terminar seu trabalho, ou seja, a destruição física do povo judeu, e que o NSDAP iria continuar de onde ele parou e desta vez seu trabalho seria concluído. Em *Mein Kampf,* Hitler declarou que quando estava lutando contra os judeus, ele estava lutando pelo Senhor. Esta passagem geralmente foi tratada simplesmente como uma curiosidade pelos historiadores. Eu argumento que deveríamos realmente levar Hitler a sério. O Jesus que inspirou Hitler – o guerreiro ariano Cristo – não era, portanto, um Jesus que os cristãos de hoje reconheceriam. Não era um Cristo de compaixão e amor, mas de vingança e ódio. Mas é importante lembrar que Hitler e os nazistas não inventaram esse Jesus ariano antissemita. Eles simplesmente se agarraram a ideias e desenvolvimentos teológicos que antecederam o Nacional Socialismo por várias décadas. Essa batalha mais tarde evoluiu para incluir assassinato em massa. A resposta à pergunta aparentemente ofensiva e absurda colocada acima pode, portanto, ser absolutamente um terrível e assustador "sim".

Do Novo Testamento, Hitler e o Nacional-Socialismo obtiveram o princípio ético de que “quem não trabalha não comerá”.

Machine Translated by Google

princípio foi implementado sem nenhuma consideração pelas consequências para aqueles na ponta afiada dele. Foi usado implacavelmente em prisioneiros de guerra soviéticos, bem como em trabalhadores escravos judeus, e se tornou o ethos orientador dentro do sistema de campos de Himmler. O fato de ser uma profecia autorrealizável – um prisioneiro enfraquecido por rações muito pequenas de comida não pode trabalhar tão duro – não incomodou os nazistas e seus capangas. Os prisioneiros tinham valor apenas na medida em que podiam realizar trabalho para o Reich. Uma vez que essa capacidade foi perdida, eles foram mortos. Matá-los era, claro, também simultaneamente uma maneira de economizar comida, o que significava que ainda mais comida poderia ser enviada de volta para a Alemanha para alimentar o *Volk.* Era um empreendimento criminoso de proporções surpreendentes.

Com a frase *Arbeit macht frei,* a teologia nacional-socialista recebeu uma de suas formas mais feias e horrendas. Ela expressava a compreensão nazista dos judeus como um povo que era caracterizado pela ociosidade e pela "renda sem trabalho". Estava em sua natureza e em sua própria alma. Assim, a frase nos portões de tantos campos de concentração deve ser entendida como uma referência a essa visão dos judeus. Dentro desses campos, os judeus seriam forçados a trabalhar, e por meio desse processo sua alma seria purificada diante de Deus. A libertação, portanto, não era física ou deste mundo, mas espiritual e de outro mundo. Era uma maneira terrivelmente cruel de insultar os prisioneiros do campo – como se o pessoal da SS estivesse fazendo um favor aos cativos ao fazê-los trabalhar até a morte.

Machine Translated by Google

CONCLUSÃO

"O 'Caso Hitler' permanece como um exemplo de advertência para todos os tempos", escreve Volker Ullrich na segunda (e última) parte de sua extensa biografia de Hitler. Ele continua a apontar corretamente que talvez a principal lição que podemos aprender dessa parte terrível da história é o quão rápido a democracia pode ser desmantelada e eliminada se as instituições políticas e a sociedade civil forem fracas demais para se opor às forças autoritárias. Nunca "terminaremos" com Hitler, ele diz, porque estamos para sempre ligados a ele e ao legado que ele deixou para trás. 1 Os desenvolvimentos políticos de hoje nos Estados Unidos e na Europa nos mostram, além de qualquer dúvida razoável, que esse julgamento está correto. Tendências autoritárias, principalmente na direita, estão se fortalecendo em nação após nação. Os ideais de democracia e humanismo estão mais uma vez sob ataque, e o nacionalismo e o ódio xenófobo, até mesmo o antissemitismo, estão crescendo em escopo e força. Há até mesmo uma crescente falta de respeito pela expertise, conhecimento, pesquisa e ciência – algo que é aparente acima de tudo na espantosa disseminação e crença, e concomitante popularidade de, todos os tipos de teorias da conspiração não científicas. Esperançosamente, este livro pode servir como pelo menos um remédio parcial para esta doença dos nossos tempos.

Além disso, espero que este livro tenha esclarecido, inspirado, mas também provocado, e que leve a mais pesquisas e

1 Ullrich, V., *Adolf Hitler ...* (Banda II), p. 694.

Machine Translated by Google

mais estudos sobre este e outros tópicos semelhantes no futuro. Ainda há muito a ser feito: por exemplo, a relação entre a ética e a moral nazistas e as crenças religiosas dos principais ideólogos nacional-socialistas ainda precisa ser investigada mais completamente. Talvez isso se torne o tópico de um próximo livro. A filosofia moral nazista é um assunto que até agora geralmente não recebeu atenção suficiente dos acadêmicos. Com certeza, a própria ideia de que o nacional-socialismo tinha um ethos pode parecer contraintuitiva, ofensiva e rebelde contra nossos sentimentos morais mais profundos. No entanto, não pode haver dúvida de que a velha, mas difundida ideia de que o nacional-socialismo era niilista é completa e absolutamente equivocada. É uma visão ultrapassada que não contribui para a compreensão do porquê os nazistas fizeram o que fizeram e como foram tão bem-sucedidos.

Neste livro, investiguei uma questão que até então tinha sido negligenciada: a questão de qual papel a figura de Jesus desempenhou na ideologia nacional-socialista em geral e para Adolf Hitler em particular.
Argumentei que as crenças religiosas de Hitler, e particularmente sua admiração e crença em Jesus, a figura central do cristianismo, são essenciais para entender seu posicionamento ideológico do final de 1919 em diante. Em muitas ocasiões ao longo de sua carreira, Hitler se referiu a Jesus como uma inspiração tanto para ele pessoalmente quanto para o movimento nacional-socialista. Hitler claramente se entendia como tendo sido nomeado por Deus para uma missão divina e para completar a tarefa que Jesus não tinha conseguido cumprir antes de ser crucificado, a saber, livrar a terra do "flagelo dos judeus". Hitler levou sua missão extremamente a sério, e o Holocausto foi o terrível resultado dessa convicção religiosa e fanática de estar moralmente certo ao exterminar o povo judeu na Europa.

A admiração nacional-socialista por Jesus remontava muito mais ao passado do que Hitler. Comparado àquela pré-história, o amor de Hitler por Cristo era recém-descoberto. Cristo esteve na vanguarda do nacional-socialismo desde o início, em meados de 1800, pelo menos desde o nacional-socialismo cristão de Naumann, e definitivamente desde as ruminações de Chamberlain em seu épico *Die Grundlagen.* Até Drexler deu a Cristo o que lhe era devido em sua quase autobiografia *Mein politisches Erwachen,* na qual ele afirmou que a luta contra os judeus deveria ser conduzida no espírito de Jesus Cristo, o salvador nacional-socialista.

Machine Translated by Google

Isso não foi notado pela maioria dos historiadores. Na verdade, até onde eu sei, Derek Hastings é o único a mencionar isso. Claro, isso pode ser porque muito poucos parecem ter lido o panfleto de Drexler em primeira mão. Isso não é uma questão pequena. Na verdade, esse foi o próprio panfleto que Drexler colocou na mão de Hitler em uma das primeiras reuniões (talvez até a primeira) do DAP que ele compareceu. Foi uma parte vital do processo que recrutou Hitler para o partido. Em *Mein Kampf,* Hitler alegou ter ficado acordado naquela noite lendo as memórias políticas de Drexler.

Não sabemos se Hitler já havia adotado Jesus como sua figura salvadora e o considerava a principal inspiração para todos os antissemitas antes de ler *Mein politisches Erwachen, de Drexler.*
Mas é óbvio que esse era o papel que Jesus desempenhou na ideologia do DAP, recentemente estabelecido, e deve ter, no mínimo, fortalecido Hitler em sua fé nesse Jesus ariano imaginário. Sem dúvida, também, foi Eckart quem veio a realmente cimentar essa crença na mente de Hitler ao longo dos três anos seguintes. Depois que Eckart morreu no final de 1923, Hitler emergiu de seu casulo ideológico e se transformou em uma mariposa horrenda de pleno direito: uma figura do Messias raivosamente racista e antissemita que o Nacional-Socialismo como movimento, e o NSDAP como partido, buscaram e desejaram. Jesus liderou pelo exemplo, de acordo com a mitologia nacional-socialista na qual Hitler acreditava de todo o coração. Jesus deu sua vida e morreu na cruz, não pelos pecados da humanidade, mas por ter lutado contra os judeus e, consequentemente, por ter sido assassinado por eles antes de ter a chance de terminar sua missão divina. Agora cabia ao NSDAP e ao próprio Hitler continuar de onde Jesus havia parado e completar sua luta divinamente ordenada para livrar o mundo dos judeus.

Drexler estava longe de ser o único entre os ideólogos do DAP/NSDAP a se referir a Jesus como seu modelo ou salvador. Assim como Rosenberg em *Der Mythos des 20 Jahrhunderts* e Sebottendorff em seu *Bevor Hitler kam* de 1933. Rudolf Jung tinha Jesus em alta conta, como é óbvio em seu *Der nationale Sozialismus* de 1922, onde o retratou como um exemplo a ser seguido pelos nacional-socialistas, e até mesmo comparou Hitler a Jesus — como se Hitler fosse uma reencarnação de Cristo — depois de ter visitado Hitler na fortaleza de Landsberg am Lech. É imediatamente aparente em todos os escritos dos primeiros ideólogos nazistas que a religiosidade e a crença em Deus eram de importância central para sua visão de mundo. Foi por meio

Machine Translated by Google

a renovação espiritual do povo alemão de que a Alemanha seria salva. Os alemães tinham se tornado fracos em espírito e precisavam ser fortalecidos novamente. Para alcançar a grandeza, o povo teria que se livrar do espírito materialista judaico que os dominava e que os escravizava para fazer as ordens dos judeus. Esta era uma luta espiritual e moral tanto quanto física. O sangue tinha que ser purificado não em um sentido biológico em primeiro lugar, mas em um sentido moral, espiritual e religioso. A alma do *Volkskörper* da Alemanha – o corpo do povo – tinha que ser purificada da influência contaminante e paralisante dos judeus. Um povo saudável não poderia nutrir parasitas em seus próprios corações e almas.

É realmente impressionante como esses primeiros textos nacional-socialistas estão ausentes de argumentos raciais, mesmo de um tipo pseudocientífico. A biologia não era o foco principal desses escritores. A verdadeira luta era no domínio espiritual, e os nacional-socialistas estavam convencidos de que tinham Deus ao seu lado e que estavam do lado do bem em uma batalha contra um inimigo avassalador, um inimigo que estava em todo lugar, em tudo e em todos. Os judeus eram realmente uma força a ser respeitada e talvez até temida. No entanto, a imagem de Jesus e como esse suposto guerreiro ariano enfrentou os judeus, expulsou-os dos lugares mais sagrados com seu chicote na mão e quase os derrotou foi uma fonte de grande inspiração e esperança para os nacional-socialistas em geral e para Hitler em particular. Esta foi a luz guia que lideraria a luta.

Eu argumentei que Hitler pode ter sido tão inspirado pelo exemplo de Jesus, como recontado nos Evangelhos do Novo Testamento, expulsando os cambistas judeus do Templo enquanto os espancava com seu chicote, que essa poderia ser a explicação para o motivo pelo qual Hitler carregava um chicote. Isso foi julgado como uma curiosidade por estudos anteriores, mas sugiro que pode ser muito mais significativo do que isso. Hitler fez uso dessa história bíblica em tantas ocasiões que simplesmente não podemos ignorar a identificação simbólica bastante óbvia com Jesus que o chicote de Hitler constitui. Hitler também tinha a ambição de expulsar os "cambistas", isto é, os judeus, do "Templo", que no caso dele era a Alemanha, e limpar o mais sagrado dos lugares sagrados do que ele considerava um grande mal e uma abominação.

Machine Translated by Google

Hitler foi profundamente inspirado pela filosofia religiosa e crenças dos principais Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart. Destes dois, Eckart foi o mais importante, não menos importante porque ele se tornou um mentor ideológico para Hitler quando ele se juntou ao DAP.

Foi Eckart quem preparou o jovem soldado veterano enquanto ele se desenvolvia em um fervoroso e fanático nacional-socialista e o líder inquestionável do NSDAP depois de meados de 1921. Tanto Eckart quanto Chamberlain entenderam imediatamente que Hitler era aquele que eles estavam esperando para liderar a causa nacional-socialista e levar a Alemanha à grandeza mais uma vez, mas foi Eckart quem convenceu o próprio Hitler de sua missão divina que o levou a começar a se considerar uma figura do Messias que deveria terminar o que Jesus havia começado.

A convicção religiosa de Hitler era seguir os passos de Jesus, que na *Weltanschauung* Nacional-Socialista foi o maior lutador ariano contra os judeus que já existiu. Lutar contra os judeus era, de acordo com essa interpretação, não apenas um dever moral para todo nacional-socialista, mas também cumprir a missão divina original de Jesus de exterminar os judeus e o espírito judaico da face da terra.

Era uma estrutura claramente genocida desde o início, e não é de se admirar que Hitler já no início da década de 1920 pareça ter desenvolvido uma solução violenta e radical para o "problema judaico". Há múltiplas testemunhas independentes e corroborativas desse período que mostram que Hitler provavelmente estava planejando algum tipo de genocídio dos judeus. Os detalhes desse plano são desconhecidos, no entanto, uma vez que essas testemunhas nunca explicaram o que Hitler havia sugerido a elas. É assim que elas devem ter sido radicais e horríveis para essas testemunhas - elas não ousavam repetir essa mensagem nem mesmo em particular. No entanto, o próprio fato de que esses criminosos, assassinos e bandidos endurecidos pela batalha, vários dos quais eram veteranos da Primeira Guerra Mundial e dos *Freikorps do período entreguerras,* pensaram que sua solução era tão radical deve nos dizer que deve ter sido de fato. Há, portanto, uma boa razão para os historiadores ajustarem a tese de que o Holocausto foi algo que ocorreu a Hitler apenas muito mais tarde. Em vez disso, parece que Hitler estava apenas procurando o momento certo para desencadear sua orgia planejada de assassinato em massa dos judeus. A guerra, que também foi planejada desde muito cedo, forneceu a ele e aos nazistas a oportunidade perfeita. Nas “terras de sangue” sem lei (para usar a frase de Timothy Snyder) da Europa Central e Oriental,

Machine Translated by Google

alguém poderia organizar o maior crime da história humana e (pelo menos antes de 1945, e em muitos casos muito mais tempo do que isso ou mesmo indefinidamente) literalmente escapar impune de

um assassinato. 2 Eu mostrei que o princípio moral religioso que orientou o pensamento produtivista dentro do Nacional-Socialismo, isto é, a divisão do mundo entre trabalho "produtivo" (caracterizado pelo ariano) e "improdutivo" (caracterizado pelo judeu), onde apenas o primeiro valia alguma coisa, foi fundado em interpretações da Bíblia.

No caso de Hitler, isso foi expresso como o princípio tirado de 2 Tessalonicenses 3:10 de que aqueles que não trabalhavam não deveriam comer. Hitler chamou isso de o mais alto direito moral da Terra. Foi essa mesma teologia moral que formou a base por trás das palavras *Arbeit macht frei,* que ordenou os portões para os campos de trabalho escravo de Dachau, Groß-Rosen, Theresienstadt, Sachsenhausen e Auschwitz. Esse princípio foi brutalmente imposto pelas autoridades do campo da SS e milhões de pessoas perderam suas vidas por causa disso. Somente se os prisioneiros pudessem realizar trabalho produtivo eles teriam algum valor. Uma vez que estivessem fracos demais para trabalhar, eles eram mortos por fome ou gaseados até a morte. Como a "ociosidade" era considerada pelos nazistas como a característica natural do espírito judaico, isto é, sua alma, e considerando que o trabalho forçado tinha a intenção de "curar" os judeus dessa "doença" espiritual, poderíamos (ou talvez até devêssemos) ver o sistema de trabalho escravo nos campos de concentração nazistas como um esforço para erradicar o espírito judaico em si – para cometer um genocídio espiritual dos judeus que se igualasse ao físico.

Os muitos exemplos do uso da Bíblia por Hitler mostram claramente que ele a estava usando como uma fonte de inspiração religiosa e ideológica, em vez de uma fonte de fatos, ou seja, Hitler não estava usando a Bíblia principalmente como um livro de história. Hitler realmente gostava de fazer uso da história para resolver os problemas contemporâneos que ele via, mas não era assim que ele abordava a Bíblia, e as partes que ele citava não podem ser entendidas simplesmente como exemplos históricos. Pode, é claro, ser preocupante ou mesmo totalmente ofensivo para os cristãos crentes de hoje (e para muitos na época) até mesmo considerar a possibilidade de que Jesus poderia ter inspirado Hitler a lançar o Holocausto sobre os judeus da Europa. No entanto,

[2] Veja Snyder, Timothy, *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin* (Nova York: Basic Books, 2010).

Machine Translated by Google

saiba com certeza que o antissemitismo teológico cristão dominante desempenhou um papel vital em tornar o Holocausto possível através de séculos de pregação sobre o mal dos judeus. Os judeus sempre foram considerados coletivamente culpados pela morte de Cristo. Até mesmo os Evangelhos alegaram que seu sangue estava sobre eles e seus filhos. Durante séculos, a Europa cristã discriminou sistematicamente, espalhou ódio e lançou pogroms violentos contra os judeus. A violência em massa contra os judeus da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, mas também durante a década de 1930, não surgiu simplesmente *ex nihilo.*

As igrejas claramente entenderam isso também, e é por isso que elas, depois da guerra, se apressaram em fazer o controle de danos alegando que os nazistas eram ateus ou pagãos, e que os cristãos tinham sido quase tão perseguidos pelos nazistas quanto os judeus. O principal "pecado" do regime de Hitler não tinha sido o assassinato em massa dos judeus, mas a colocação do nacionalismo, do NSDAP e de Hitler mais alto na hierarquia do que o cristianismo.
Se as igrejas colaboraram com os nazistas, foi porque foram forçadas a isso sob a mira de uma arma. A reviravolta defensiva foi muitas vezes macabra, como quando o professor de teologia Wolf Mayer-Erlach, "um notório propagandista nazista e líder do movimento cristão alemão" que antes e durante a guerra havia trabalhado incansavelmente para expurgar a Bíblia hebraica da Bíblia cristã, em 1947 comparou o povo alemão aos israelitas bíblicos que, após o cativeiro na Babilônia, tiveram que fazer trabalho escravo no Egito.

3 Isso, é claro, ignorou todos aqueles heróis das igrejas que realmente se opuseram a Hitler e ao NSDAP. Mas não era assim que o próprio regime entendia sua missão no mundo. Em vez disso, ele considerava que seu papel era terminar o que Jesus havia começado e erradicar os judeus da face da terra.

Dessa perspectiva, a ideia de que a idolatria de Jesus por Hitler contribuiu para torná-lo um louco genocida não é tão difícil de compreender, afinal. Devemos lembrar que Hitler não estava sozinho na orquestração do Holocausto e que essa maneira de lidar com o percebido "problema judaico", portanto, deve ter parecido razoável para um grande número de pessoas. Esse é o poder da ideologia e da religião.
As ideias são importantes e têm consequências materiais porque constituem a

3 Para uma boa visão geral disto, veja Heschel, S., "Confronting the Past ... ," pp. 46–70, citação é p. 48.

Machine Translated by Google

fundamentos para nossa interpretação do mundo, e consequentemente influenciam nossas ações no mundo. A ideia semeia a semente, e nossas ações são o fruto maduro da árvore que cresce dessa semente. No caso de Hitler, as sementes já haviam sido semeadas durante o verão de 1919, quando ele participou dos cursos de propaganda do capitão Karl Mayr. Sua presença na reunião do DAP em 12 de setembro de 1919 fez a semente criar raízes, e dela cresceu um tronco e galhos que eventualmente deram o fruto mais horrível imaginável. Ninguém poderia ter previsto isso em 1920, e ainda assim, dada a natureza da realidade causal e física que todos nós habitamos, o resultado foi inevitável.

Argumentei que Hitler modelou sua transformação mítica em um nacional-socialista e político na história sobre a conversão de Paulo na estrada para Damasco em Atos 9. Os muitos paralelos entre os dois contos são muitos para que sejam puramente acidentais.

Hitler conhecia muito bem as histórias do Novo Testamento, como ele frequentemente demonstrava em seus discursos durante a década de 1920, e não seria nada difícil para ele tomar emprestado de uma saga que seria bem familiar a todos os bávaros no início da década de 1920. Ao manter silêncio sobre o fato de que ele foi tratado para sintomas relacionados à fadiga de batalha no hospital em Pasewalk, e em vez disso se concentrar no período de cegueira temporária do ataque com gás mostarda, o paralelo era óbvio. A cegueira, tanto literal quanto metafórica, foi levantada uma vez que a verdade, também literal e metafórica, foi revelada a ele. A natureza corrupta do mundo que ele serviu tão fielmente por tanto tempo foi revelada a ele, assim como foi a Paulo. Hitler serviu aos políticos inúteis, covardes e traidores em Berlim; Paulo serviu às autoridades judaicas decadentes e corruptas e aos cristãos perseguidos. Hitler estava através do espelho - antigos inimigos se tornaram aliados e antigos aliados se tornaram seus inimigos mortais. Hitler até mesmo engendrou um diálogo interno com sua consciência que refletia a conversa de Paulo com Jesus.

A dúvida sobre si mesmo e a luta com a nova realidade que ele alegava estar enfrentando tiveram suas contrapartidas na história sobre Paulo em Atos 9. Ao mesmo tempo, ele se retratou como o grande fundador de um novo movimento, uma nova fé.

É um facto preocupante que os estudos tradicionais e as principais biografias sobre Hitler e o Nacional-Socialismo tenham sido muito lentos, ou mesmo completamente relutantes, em abordar o tema emocionante e esclarecedor

Machine Translated by Google

pesquisa que tem sido feita sobre a religiosidade da liderança do NSDAP há várias décadas. Isso significa que um aspecto importante e central para o desenvolvimento ideológico do Nacional-Socialismo foi deixado de lado quando as principais sínteses da história da Alemanha nazista estavam sendo escritas. Já é hora de pôr fim a essa negligência. As crenças religiosas de Hitler devem receber a atenção que merecem. No mínimo, os historiadores que desejam tratá-las como nada mais do que uma curiosidade sem sentido devem ter que justificar sua decisão de fazê-lo.

A conclusão de que Hitler foi genuinamente inspirado por Jesus em sua luta antissemita contra os judeus, portanto, não pode ser evitada. Hitler via Jesus como o guerreiro ariano original que havia começado uma batalha apocalíptica contra os judeus, mas que havia sido morto antes de ter a chance de terminar o trabalho. Os historiadores devem começar a levar as crenças religiosas de Hitler (e dos outros principais nazistas) a sério se quisermos entender completamente como Hitler e seus seguidores puderam ser tão moralmente convencidos de que o que estavam fazendo era a coisa certa — na verdade, a coisa "boa" — a fazer. Isso acrescenta significativamente à nossa compreensão não apenas de como Hitler conseguiu influenciar tantos alemães a fazer o que ele queria, mas também de como o crime final dos nazistas — o Holocausto — foi possível de ser cometido em uma das nações mais "civilizadas" e cultural e economicamente desenvolvidas da Europa. Hitler pensava que estava seguindo os passos de Jesus — um suposto guerreiro ariano que dedicou sua vida a lutar contra os judeus — e que os nacional-socialistas tinham o dever de terminar o que ele estava convencido de que Jesus havia começado: a erradicação do povo judeu da face da Terra.

Machine Translated by Google

BIBLIOGRAFIA

Arquivos

Arquivos Federais, Berlim-Lichterfelde
NS 6

R6/34a

Documentos *das coleções especiais da Biblioteca da Universidade do Arizona* de Karen Kuykendall, MS 243.

Literatura e fontes primárias impressas

Adolf Hitler: sua vida e seus discursos. Editado por Adolf-Victor von Koerber (Munique: Deutscher Volksverlag, Dr. E. Boepple, 1923).

Aly, Götz, *Europa contra os judeus 1880–1945* (Frankfurt am Main: S. Fischer, (2017).

Arendt, Hannah, *The Origins of Totalitarianism.* Nova ed. com prefácios adicionados (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973, publicado originalmente em 1951).

Baranowski, Shelley, *A santidade da vida rural: nobreza, protestantismo e nazismo na Prússia de Weimar* (Oxford: Oxford University Press, 1995).

Bärsch, Claus-Ekkehard, *A religião política do nacional-socialismo: a dimensão religiosa da ideologia nazista nos escritos de Dietrich Eckart, Joseph Goebbels, Alfred Rosenberg e Adolf Hitler* (Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1998).

Bel, Germà, “Contra a corrente dominante: a privatização nazista na Alemanha dos anos 1930”, *Revista de História Econômica,* Vol. 63, No. 1 (2010), pp. 34–55.

Bembridge, Steven, “Jesus como uma arma cultural na obra de Jack London”, *Estudos em Naturalismo Americano,* Vol. 10, No. 1 (2015), pp. 22–40.

Machine Translated by Google

Bergen, Doris L., *Twisted Cross: O movimento cristão alemão no Terceiro Reich* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1996).

Besier, Gerhard, “As Igrejas e o Nacional-Socialismo entre Hitler e a Revolução Português Equivocação religiosa e o mito de Rosenberg: ambiguidades, fascínio e autoafirmação”, em Martin Nykvist, David Gudmundsson e Alexander Maurits (eds.), *Clássicos da história da Igreja do Norte da Europa ao longo de 500 anos: ensaios em homenagem a Anders Jarlert* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 2017), pp. 153–198.

Bialas, Wolfgang, “A Voz Eterna do Sangue: Ciência Racial e Nazismo Ética”, em Anton Weiss-Wendt e Rory Yeomans (eds.), *Ciência racial na nova Europa de Hitler 1938–1945* (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2013).

Bialas, Wolfgang e Fritze, Lothar, *Ideologia e Ética Nazista* (Newcastle upon (Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014).

Blüger, Thomas, “Seguindo a Virgem Maria por Auschwitz: Marian Teologia Dogmática na Época da Shoah”, *Estudos do Holocausto: Um Jornal de Cultura e História,* Vol. 14, No. 3 (2008), pp. 1–24.

Brechtken, Magnus, *Albert Speer: Uma carreira alemã* (Munique: Siedler, (2017).

Brechtken, Magnus e Becker, Maximilian, “A edição dos discursos de Adolf Hitler Hitler de 1933 a 1945”, *Quarterly Journal of Contemporary History,* Vol. 67, No. 1 (2019), pp. 147–163.

Browning, Christopher R., *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, setembro de 1939–março de 1942.* Com contribuições de Jürgen Matthäus (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2004).

Bucher, Rainer, “A Teologia de Hitler? Alguns Pressupostos,” em Lucia Scherzberg (ed.), *Teologia e reconciliação com o passado: uma avaliação crítica em uma comparação interdisciplinar* (Munique: Ferdinand Schöningh, 2005).

Bucher, R., *Teologia de Hitler* (Würzburg: Echter Verlag, 2008).

Bucher, R., *Hitler's Theology: A Study in Political Religion.* Traduzido por Rebecca Pohl (Londres: Continuum, 2011).

Bullock, Alan, *Hitler: Um estudo sobre a tirania* (Londres: Odhams Press, 1952).

Burleigh, Michael, *O Terceiro Reich: Uma Nova História* (Nova York: Hill and Wang, 2000).

Carrier, Richard, “Hitler's Table Talk: Troubling Finds”, *German Studies Review,* Vol. 26, No. 3 (2003), pp. 561–576.

Carrier, R., *Sobre a historicidade de Jesus: por que podemos ter motivos para duvidar* (Sheffield, Reino Unido: Phoenix Press, 2014).

Machine Translated by Google

Carroll, James, *Constantine's Sword: A Igreja e os Judeus. Uma História* (Boston, Massachusetts: Houghton Mifflin Company, 2001).

Português Carter, Guy C., "Martinho Lutero no Terceiro Reich: Pesquisa recente sobre Lutero como força icônica na Alemanha de Hitler", *Seminary Ridge Review,* Vol. 12, No. 1 (2009), pp. 42–62.

Chamberlain, Houston Stewart, *Os Fundamentos do Século XIX I. Metade* (Munique: Verlagsanstalt F. Brückmann A.–G., 1899).

Chapoutot, Johann, "Do humanismo ao nazismo: a antiguidade na obra de Houston Stewart Chamberlain", *Miranda,* n.º 11 (2015), https://journals .openedition.org/miranda/6680.

Chapoutot, J., *A Revolução Cultural Nazista* (Paris: Gallimard, 2017).

Chappel, James, *Católico Moderno: O Desafio do Totalitarismo e a Refazendo a Igreja* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018).

Clemens, Detlev e Purcell, Brendan (eds.) e (trad.), *The Collected Works of Erich Voegelin.* Vol. XXXI: *Hitler e os alemães* (Columbia, MI: University of Missouri Press, 1999).

Confino, Alon, "Por que os nazistas queimaram a Bíblia hebraica? Alemanha nazista, representações do passado e o Holocausto", *The Journal of Modern History,* Vol. 84, No. 2 (2012), pp. 369–400.

Confino, A., *Um mundo sem judeus: a imaginação nazista da perseguição ao genocídio* (New Haven, CT: Yale University Press, 2014).

Português Deines, Roland, "Jesus do Galileu: História da Tradição e Gênese de uma Construção Antissemita em Walter Grundmann", em Roland Deines, Volker Leppin e Karl-Wilhelm Niebuhr (eds.), *Walter Grundmann: Um Estudioso do Novo Testamento no Terceiro Reich* (Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2007), págs. 43–131.

Dennis, David B., *Desumanidades: Interpretações Nazistas da Cultura Ocidental* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012).

Dierker, Wolfgang, *Guerreiros religiosos de Himmler: o serviço de segurança da SS e sua política religiosa 1933-1945* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2003).

Dietrich, Otto, *12 anos com Hitler* (Munique: Isar Verlag, 1955).

Dinter, Arthur, *O Pecado Contra o Sangue: Um Romance Contemporâneo* (Leipzig: Verlag Matthes e Thost, 1920).

Domarus, Max (ed.), *Hitler: Discursos e Proclamações 1932–1945. Comentado por um contemporâneo alemão. Volumes I–IV, 1932–1945* (Munique: Süddeutscher Verlag, 1965).

Drexler, Anton, *Meu despertar político: do diário de um trabalhador socialista alemão* (Munique: Deutscher Volksverlag, 1937, publicado originalmente em 1919).

Machine Translated by Google

Eberle, Henrik e Uhl, Matthias (eds.), *O Livro de Hitler: Dossiê Secreto do NKVD para Joseph W. Stalin, compilado com base nos registros de interrogatório do ajudante pessoal de Hitler, Otto Günsche, e do valete Heinz Linge, Moscou 1948/49* (Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe Verlag, 2005).

Eckart, Dietrich, *Bolchevismo de Moisés a Lenin: Um diálogo entre Adolf Hitler e eu* (Munique: Franz Eher Verlag, 1924).

Erhman, Bart D., *De quem é a palavra? A história por trás de quem mudou a Bíblia e Por quê* (Londres: Continuum, 2008).

Ehrman, BD, *Forjado: Escrevendo em Nome de Deus – Por que os Escritores da Bíblia Não São Quem Pensamos que São* (Nova York: Harper One, 2011).

Ericksen, Robert P., *Teólogos sob Hitler: Gerhard Kittel, Paul Althaus e Emanuel Hirsch* (New Haven, CT: Yale University Press, 1985).

Português Ericksen, Robert P. e Heschel, Susannah, "As igrejas alemãs e o Holocausto", em Dan Stone (ed.), *Historiografia do Holocausto* (Londres: Palgrave Macmillan, 2004), pp. 296–318.

Evans, Richard J., *O Terceiro Reich no Poder 1933–1939* (Londres: Allen Lane, (2005).

Fenske, Wolfgang, *Como Jesus se tornou um "ariano": efeitos da desjudaização de Cristo no século XIX e início do século XX* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005).

Fest, Joachim, *Hitler: Uma biografia* (Berlim: Propyläen, 1973).

Fest, J., *Hitler: Uma Biografia* (Berlim: Propyläen, 2008).

Fischer, Klaus P., *Alemanha nazista: uma nova história* (Londres: Constable, 1995).

Fleischmann, Peter, *Hitler como prisioneiro em Landsberg am Lech 1923/24: O Arquivo de prisioneiros de Hitler, juntamente com outras fontes da custódia protetora, prisão preventiva e centro de detenção da fortaleza* (Neustadt: Verlag PH. CW (Schmidt, 2015).

François, Stephane, *Ocultismo Nazista: Entre a SS e o Esoterismo* (Londres: (Routledge, 2023).

Frank, Hans, *Em face da forca: interpretação de Hitler e seu tempo com base em experiências e percepções pessoais* (Munique: Friedrich Alfred Beck Verlag, 1953).

Freeman, Charles, *Uma nova história do cristianismo primitivo* (New Haven, CT: Yale University Press, 2009).

Friedländer, Saul, *Alemanha nazista e os judeus.* Vol. I: *Os anos de perseguição, 1933–1939* (Nova York: Harper Perennial, 1997).

Gärtner, Sandro, *A síntese do nacional e do social em Friedrich Naumann* (artigo de pesquisa GRIN, 2001).

Machine Translated by Google

Genoud, François, *Comentários livres sobre a guerra e a paz: coletados sob as ordens de Martin Bormann. Prefácio de Robert d'Harcourt da Academia Francesa. Versão francesa de François Genoud.* Voo. Eu (Paris: Flammarion, 1952).

Genoud, F., *Comentários livres sobre guerra e paz. Coletado por ordem de Martin Bormann. Prefácio de Robert d'Harcourt da Academia Francesa. Versão francesa de François Genoud.* Voo. II (Paris: Flammarion, 1954).

Gentio, Emílio, *contra César: Cristianismo e totalitarismo na era da fascismo* (Milão: Feltrinelli Editori, 2010).

Gerdmar, Anders, *Raízes do antissemitismo teológico: Bíblia alemã Interpretação e os judeus, de Herder e Semler a Kittel e Bultmann* (Leiden: Brill, 2009).

Gerlach, Christian, *O Assassinato dos Judeus Europeus: Causas, Eventos, Dimensões* (Munique: CH Beck, 2017).

Glover, Jonathan, *Humanidade: Uma História Moral do Século XX* (Londres: Jonathan Cape, 1999).

Goebbels, Joseph, *Discursos de Goebbels 1932–1939. Volumes I e II. Editado por Helmut Heiber* (Munique: Wilhelm Heyne Verlag, 1971).

Goebbels, J., *Diários de Joseph Goebbels 1924–1945. Encomendado pelo Instituto de História Contemporânea e apoiado pelo Serviço de Arquivos Estatais Russo. Editado por Elke Frölich. Volumes I–IV e Volumes I–XV* (Munique: KG Saur, 1987–1995).

Goeschel, Christian, *Mussolini e Hitler: a formação da aliança fascista* (New Haven, CT: Yale University Press, 2018).

Goldhagen, Daniel Jonah, *Os carrascos voluntários de Hitler: alemães comuns e o Holocausto* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1996).

Görtemaker, Heike B., *Eva Braun: Vivendo com Hitler* (Munique: CH Beck, 2010).

Grabner-Haider, Anton, *A teologia da morte de Hitler* (Kevelaer: Topos, 2009).

Programa fundamental do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães Festa, http://jgsaufgab.de/intranet2/geschichte/geschichte/natsoz/programm_nsdap_20.htm.

Gugenberger, Eduard, *Os visionários de Hitler: os pioneiros ocultos do Terceiro Reich* (Viena: Ueberreuter, 2000).

Gutteridge, Richard, *Open Thy Mouth for the Dumb! A Igreja Evangélica Alemã e os Judeus, 1879–1950* (Oxford: Basil Blackwell, 1976).

Hamann, Brigitte, *A Viena de Hitler: Aprendizagem de um Ditador* (Munique: Piper, 1996).

Hamann, B., *Winifred Wagner ou o Bayreuth de Hitler* (Munique: Piper Verlag, (2002).

Hastings, Derek, *Catolicismo e as raízes do nazismo: identidade religiosa e nacional-socialismo* (Oxford: Oxford University Press, 2010).

Machine Translated by Google

Hauptmann, Hans, *Jesus, o Ariano: A Vida de um Herói* (Munique: Deutscher Volksverlag Dr. E. Boepple, 1930).

Head, Peter, “A busca nazista por um Jesus ariano”, *Journal for the Study of the Historical Jesus,* Vol. 2, No. 1 (2004), pp. 55–89.

Português Head, P., “ O *Jesus Ariano* de Susannah Heschel : Uma Resposta”, *Revista para o Estudo do Novo Testamento,* Vol. 32, No. 4 (2010), pp. 421–430.

Heer, Friedrich, *A fé de Adolf Hitler: anatomia de uma religiosidade política* (Munique: Bechtle Verlag, 1968).

Heiden, Konrad, *Adolf Hitler: A Era da Irresponsabilidade. Uma biografia.* Vol. I (Zurique: Europa Verlag, 1936).

Heiden, K., *Adolf Hitler: Um homem contra a Europa. Uma biografia.* Vol. II (Zurique: Europa Verlag, 1937).

Herbst, Ludolf, *O carisma de Hitler: a invenção de um messias alemão* (Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2010).

Herf, Jeffrey, *O inimigo judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006).

Hermle, Siegfried, “A política nazista antijudaica como um desafio à Protestantismo”, em Thomas Brechenmacher e Harry Oelke (eds.), *As Igrejas e os Crimes do Estado Nacional Socialista* (Göttingen: Wallstein Verlag, 2011), pp. 175–200.

Português Heschel, Susannah, “Lendo Jesus como um nazista”, em Tod Linafelt (ed.), *A Shadow of Glory: Reading the New Testament after the Holocaust* (Nova York: Routledge, 2002), pp. 27–41.

Heschel, S., *O Jesus Ariano: Teólogos Cristãos e a Bíblia na Alemanha Nazista* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008).

Português Heschel, S., “Confrontando o passado: teologia protestante alemã pós-1945 e o destino dos judeus”, em Jonathan Frankel e Ezra Mendelsohn (eds.), *The Protestant-Jewish Conundrum: Studies in Contemporary Jewry,* Vol. XXIV (Oxford: Oxford University Press, 2010), pp. 46–70.

Português Heschel, S., “Estudos judaicos no Terceiro Reich: um breve olhar sobre Viktor Christian e Kurt Schubert”, *Review of Rabbinic Judaism,* Vol. 13 No. 2 (2010), pp. 236–249.

Português Heschel, S., “Historiografia do antissemitismo versus antijudaísmo: uma resposta a Robert Morgan”, *Journal for the Study of the New Testament,* Vol. 33, No. 3 (2011), pp. 257–279.

Português Heschel, S., “Sendo Adolf Hitler: *Mein Kampf* como Bildungsroman antissemita”, em John J. Michalczyk, Michael S. Bryant e Susan A. Michalczyk (eds.), *Mein Kampf de Hitler e o Holocausto: um prelúdio ao genocídio* (Londres: Bloomsbury Academic, 2022), pp. 185–196.

Machine Translated by Google

Hesemann, Michael, *A religião de Hitler: a doutrina fatal da salvação do nacional-socialismo* (Munique: Pattloch Verlag, 2004).

Heß, Ilse (ed.), *Prisioneiro da Paz: Novas Cartas de Spandau* (Leoni am Lago Starnberg: Druffel Verlag, 1955).

Heydecker, Joe J., *A imagem de Hitler: as memórias de Heinrich Hoffmann* (St. Pölten: Residenz Verlag, 2008).

Hitler, Adolf, *Segundo livro de Hitler: um documento de 1928. Apresentado e comentado por Gerhard L. Weinberg. Com prefácio de Hans Rothfels* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1961).

Hitler, A., *Hitler, Mein Kampf: Uma edição crítica. Volumes I e II. Editado por Christian Hartmann, Thomas Vordermayer, Othmar Plöckinger e Roman Töppel* (Munique: Instituto de História Contemporânea, 2016).

Hitler, A., *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933 Volume I: A refundação do NSDAP Fevereiro de 1925–junho de 1926. Editado e comentado por Clemens Vollnhals* (Munique: KG Saur, 1992).

Hitler, A., *Hitler. Discursos, escritos, ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933. Volume II: Do Congresso do Partido de Weimar às Eleições do Reichstag, julho de 1926 a maio de 1928. Parte 1: julho de 1926 a julho de 1927. Editado e comentado por Bärbel Dusik* (Munique: KG Saur, 1992).

Hitler, A., *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933. Volume II: Do Congresso do Partido de Weimar às Eleições do Reichstag, julho de 1926 a maio de 1928. Parte 2: agosto de 1927 a maio de 1928. Editado e comentado por Bärbel Dusik* (Munique: KG Saur, 1992).

Hitler, A., *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933. Publicado pelo Instituto de História Contemporânea. Volume III: Entre as eleições do Reichstag, julho de 1928–setembro de 1930. Parte 1: julho de 1928–fevereiro de 1929. Editado e comentado por Bärbel Dusik e Klaus A. Lankheit com a assistência de Christian Hartmann* (Munique: KG Saur, 1994).

Hitler, A., *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933. Publicado pelo Instituto de História Contemporânea. Volume III: Entre as eleições do Reichstag, julho de 1928–setembro de 1930. Parte 2: março de 1929–dezembro de 1929. Editado e comentado por Klaus A. Lankheit* (Munique: K. (G. Saur, 1994).

Hitler, A., *Hitler: Discursos, Escritos, Ordens. Fevereiro de 1925 a janeiro de 1933. Publicado pelo Instituto de História Contemporânea. Volume III. Entre as eleições do Reichstag de julho de 1928 a setembro de 1930. Parte 3: janeiro de 1930 a setembro de 1930. Editado e comentado por Christian Hartmann* (Munique: K. (G. Saur, 1995).

Machine Translated by Google

Hitler's Table Talk 1941–1944: His Private Conversations. Com um ensaio introdutório sobre a mente de Adolf Hitler por HR Trevor-Roper) (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1953).

Português Jäckel, Eberhard (ed.), *Hitler: Notas completas 1905–1924* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1980).

Jäckel, E., *A visão de mundo de Hitler: um projeto para um regime.* Nova edição revisada. (Stuttgart: Editora Alemã, 1991).

Jetzinger, Franz, *A Juventude Hitlerista: Fantasias, Mentiras – e a Verdade* (Viena: Europa Verlag, 1956).

Joachimsthaler, Anton, *Correção de uma biografia: Adolf Hitler 1908–1920* (Munique: Herbig, 1989).

Joachimsthaler, A., *O caminho de Hitler começou em Munique 1919-1923* (Munique: Herbig Verlag, 2000).

Jung, Rudolf, *Nacional-Socialismo: Seus Fundamentos, Seu Desenvolvimento e Seus Objetivos,* 3ª ed. (Munique: Deutscher Volksverlag, Dr. E. Boepple, 1922).

Português Junginger, Horst, "De Buda a Adolf Hitler: Walther Wüst e a tradição ariana", em Horst Junginger (ed.), *O estudo da religião sob o impacto do fascismo* (Leiden: Brill, 2008), pp. 107–177.

Kedar, Asaf, "Nacional-Socialismo antes do Nazismo: Friedrich Naumann e Theodor Fritsch, 1890–1914," tese de doutorado (Universidade da Califórnia, Berkeley, 2010).

Kellerhoff, Sven Felix, *O NSDAP: Um Partido e Seus Membros* (Stuttgart: (Klett-Cotta, 2017).

Português Kellerhoff, SF, "Como Adolf Hitler celebrou o Natal", *Die Welt,* 25 de dezembro de 2018, www.welt.de/geschichte/zweiter-weltkrieg/article185955824/Nationalsozialismus-So-feierte-Adolf-Hitler-Weihnachten.htm .

Kelley, Shawn, *Racializando Jesus: Raça, Ideologia e a Formação da Erudição Bíblica Moderna* (Londres: Routledge, 2002).

Kellogg, Michael, *As raízes russas do nazismo: emigrantes brancos e a criação do nacional-socialismo 1917-1945* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

Kershaw, Ian, *Hitler 1889–1936: Hubris* (Nova York: WW Norton & Empresa, 1998).

Kershaw, I., *Hitler 1936–45: Nemesis* (Londres: Allen Lane, 2000).

Kershaw, I., *Hitler, os alemães e a solução final* (New Haven, CT: Yale University Press, 2008).

Kertzer, David I., *Os Papas contra os Judeus: O Papel do Vaticano na Ascensão do Antissemitismo moderno* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2001).

Klee, Ernst, *"A SA de Jesus Cristo": A Igreja sob o feitiço de Hitler* (Frankfurt am Main: Fischer, 1989).

Machine Translated by Google

Kleeberg, Bernhard, *Theophysis: Filosofia do Todo Natural de Ernst Haeckel* (Colônia: Böhlau Verlag, 2005).

Klemperer, Victor, *Serei testemunha até o fim: Diários 1933–1941. Editado por Walter Nowojski com a assistência de Hadwig Klemperer, Volumes I–II* (Berlim: Aufbau Verlag, 1995).

Português Koehne, Samuel, "O critério racial: 'etnoteísmo' e visões oficiais nazistas sobre religião", *German Studies Review,* Vol. 37, No. 3 (2014), pp. 575–596.

Koehne, S., "Os nacional-socialistas eram um partido Völkisch? Paganismo, Cristianismo e o Natal Nazi", *História da Europa Central,* Vol. 47, No. 4 (2014), pp. 760–790.

Português Koehne, S., "Religião no meio nazista inicial: em direção a uma maior compreensão da 'cultura racista'", *Journal of Contemporary History,* Vol. 53, No. 4 (2018), pp. 667–691.

Koerber, Adolf-Victor von (ed.), *Adolf Hitler: Sua vida e seus discursos* (Munique: Deutscher Volksverlag, 1923).

Koonz, Claudia, *A consciência nazista* (Cambridge, MA: The Belknap Press da Harvard University Press, 2003).

Kuehnelt-Leddin, Erik R. von, "O contexto boêmio do nacional-socialismo alemão: o DAP, DNSAP e NSDAP", *Journal of the History of Ideas,* Vol. 9, No. 3 (1948), pp.

Kurlander, Eric, *Monstros de Hitler: Uma história sobrenatural do Terceiro Reich* (New Haven, CT: Yale University Press, 2017).

Landes, Richard, *O Céu na Terra: As Variedades da Experiência Milenar* (Oxford: Oxford University Press, 2011).

Longerich, Peter, *Hitler: Biografia* (Munique: Siedler, 2015).

Longo, James, *Hitler e os Habsburgos: A vingança contra os austríacos Royals* (Nova York: Diversion Books, 2018).

Português Lorenz, Elisabeth, *Uma imagem de Jesus no horizonte do nacional-socialismo: estudos sobre o Novo Testamento do "Instituto para a pesquisa e eliminação da influência judaica na vida da Igreja alemã"* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2017).

Lüdicke, Lars, *A visão de mundo de Hitler: de "Mein Kampf" a "Nero-Comando"* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2016).

Maser, Werner, *Adolf Hitler: Lenda, Mito, Realidade,* 12ª ed. (Munique: Bechtle Verlag, 1989).

McDonough, Frank, *Os anos de Hitler: Triunfo 1933–1939* (Londres: Chefe de (Zeus, 2019).

McGrath, Alister E., *Teologia: O Básico,* 2ª ed. (Oxford: Blackwell Publishing, 2008).

Machine Translated by Google

Português Menke, Martin, “Autoridade Católica e o Holocausto”, em John J. Michalczyk, Michael S. Bryant e Susan A. Michalczyk (eds.), *Mein Kampf de Hitler e o Holocausto: Um Prelúdio ao Genocídio* (Londres: Bloomsbury Academic, 2022), pp. 197–212.

Michalka, Wolfgang (ed.), *História Alemã 1933–1945: Documentos sobre Política interna e externa* (Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996).

Monólogos na sede do Führer 1941–1944. Os registros de Heinrich Heims editado por Werner Jochmann (Hamburgo: Albrecht Knaus, 1980).

Português Nilsson, Mikael, “Hugh Trevor-Roper e as edições inglesas de *Hitler's Table Talk* and *Testament”, Journal of Contemporary History,* Vol. 51, No. 4 (2015), pp. 788–812.

Nilsson, M., “Construindo um Pseudo-Hitler? A Questão da Autenticidade do *Testamento Político de Hitler,” European Review of History–Revue Européenne d'histoire,* Vol. 26, não. 5 (2018), págs. 871–891.

Nilsson, M., “Embaraçoso: documentos forjados sobre o Führer são considerados óbvios no livro de Svante Nordin 'Hitler's Munich'”, Dagens *Nyheter,* 4 de junho de 2018.

Português Nilsson, M., “Hitler Redivivus: 'Conversas à mesa de Hitler' e 'Monólogos no quartel-general do Führer': um estudo crítico”, *Quarterly Journal of Contemporary History,* Vol. 67, No. 1 (2019), págs. 105–146.

Nilsson, M., *Hitler Redux: A incrível história das chamadas conversas à mesa de Hitler* (Londres: Routledge, 2021).

Pauer-Studer, Herlinde e Velleman, J. David, *“Porque eu sou um “Sou um fanático pela justiça”: O caso do juiz da SS Konrad Morgen* (Berlim: Suhrkamp Verlag, 2017).

Petropoulos, Jonathan, *Artistas sob Hitler: colaboração e sobrevivência na Alemanha nazista* (New Haven, CT: Yale University Press, 2014).

Picker, Henry, *Conversas à mesa de Hitler no quartel-general do Führer 1941–42. Organizado, introduzido e publicado por Gerhard Ritter em nome do Instituto Alemão de História da Era Nacional-Socialista* (Bonn: Athenäum Verlag, 1951).

Pinker, Steven, *Os anjos melhores da nossa natureza: o declínio da violência em História e suas causas* (Londres: Allen Lane, 2011).

Piotrowski, Stanislaw (ed.), *Diário de Hans Frank* (Varsóvia: Editora Polonesa da Ciência, 1963).

Piper, Ernst, “Steigmann-Gall, *O Sagrado Reich”, Journal of Contemporary História,* Vol. 42, No. 1 (2007), pp. 47–57.

Plewnia, Margarete, *A caminho de Hitler: o publicista “nacionalista” Dietrich Eckart* (Bremen: Schünemann Universitätsverlag, 1970).

Machine Translated by Google

Plöckinger, Othmar, *História de um livro: "Mein Kampf" de Adolf Hitler 1922–1945. Uma publicação do Instituto de História Contemporânea.* 2ª edição atualizada (Munique: Oldenburg Verlag, 2011).

Plöckinger, O., *Entre soldados e agitadores: os anos de formação de Hitler no exército alemão 1918-1920* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2013).

Plöckinger, O. (ed.), *Fontes e documentos sobre a história de "Mein Kampf" 1924–1945* (Estugarda: Franz Steiner Verlag, 2016).

Pois, Robert A., *Nacional-Socialismo e a Religião da Natureza* (Nova York: (São Martinho, 1986).

Price, Ward, *Eu conheço esses ditadores* (Londres: Harrap, 1937).

Pyta, Wolfram, *Hitler: O artista como político e líder militar. Um Análise da Dominação* (Munique: Siedler Verlag, 2015).

Rauschning, Hermann, *A Revolução do Niilismo: Cenário e Viabilidade no Terceiro Reich* (Zurique: Europa Verlag, 1938).

Redles, David, *O Reich Milenar de Hitler: Crença Apocalíptica e a Busca por Salvação* (Nova York: New York University Press, 2005).

Português Redles, D., "O Apocalipse de Adolf Hitler: *Mein Kampf* e as Origens Escatológicas do Holocausto", em John J. Michalczyk, Michael S. Bryant e Susan A. Michalczyk (eds.), *Mein Kampf de Hitler e o Holocausto: Um Prelúdio ao Genocídio* (Londres: Bloomsbury Academic, 2022), págs. 213–233.

Reichelt, Werner, *O Evangelho Marrom: Hitler e a Liturgia Nazista* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 1990).

Reuth, Ralph George, *Hitler: Uma biografia política* (Munique: Piper, 2003).

Rhodes, James M., *O Movimento Hitler: Uma Revolução Milenar Moderna* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1980).

Rißmann, Michael, *O Deus de Hitler: Crença na Providência e o Sentido de Missão do Ditador Alemão* (Zurique: Pendo, 2001).

Robb, David, "Conde Anton Graf von Arco auf Valley: O Assassino que Português "Sparked the Rise of the Nazi Party", *Crime Magazine,* 24 de outubro de 2013, www.crimemagazine.com/count-anton-graf-von-arco-auf-valley-assassin-who-sparked-rise-nazi-party.

Roos, Daniel, *Julius Streicher e "Der Stürmer" 1923–1945* (Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2014).

Rose, Olaf (ed.), *Julius Schaub – Na sombra de Hitler: memórias e Anotações do ajudante pessoal e confidente Julius Schaub 1925–1945* (Stegen/ Ammersee: Druffel & Vowinckel Verlag, 2005).

Rosenbaum, Ron, *Explicando Hitler: A Busca pelas Origens de Sua Maldade* (Londres: Papermac, 1999).

Machine Translated by Google

Rosenberg, Alfred, *Dietrich Eckart. Um legado. Editado e introduzido por Alfred Rosenberg* (Munique: Franz Eher Verlag, 1928).

Rosenberg, A., *O mito do século XX: uma avaliação das lutas espirituais e psicológicas do nosso tempo,* 3ª ed. (Munique: Hoheneichen-Verlag, 1934).

Rosenberg, A., *Alfred Rosenberg: Os diários de 1934 a 1944. Editado e comentado por Jürgen Matthäus e Frank Bajohr* (Frankfurt am Main: S. Fischer, 2015).

Rubenstein, Richard L., *A astúcia da história: morte em massa e o futuro americano* (Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1992).

Rudolf Hess: Cartas 1908–1933. Editado por Wolf Rüdiger Heß. Com introdução e comentários de Dirk Bavendamm (Munique: Langen Müller, 1987).

Ruppert, Wolfgang (ed.), *Artistas no Nacional-Socialismo: O "Alemão Arte", política de arte e a Academia de Arte de Berlim* (Colônia: Böhlau Verlag, 2015).

Ruppert, W., "Artistas no Nacional-Socialismo: Artista Individual, Política de arte e a Academia de arte de Berlim", em Wolfgang Ruppert (ed.), *Artistas no nacional-socialismo: "Arte alemã", Política de arte e a Academia de arte de Berlim* (Colônia: Böhlau Verlag, 2015).

Ryback, Timothy W., *Biblioteca particular de Hitler: os livros que moldaram sua vida* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2008).

Sarkowicz, Hans, *Os artistas de Hitler: a cultura a serviço do nacional-socialismo* (Frankfurt do Meno: Insel Verlag, 2004).

Schmidt, Matthias, *Albert Speer: O fim de um mito. A exposição de sua Falsificação da história. O verdadeiro papel de Speer no Terceiro* Reich (Berna: Schertz, 1982).

Schneider, Wolfgang, *Adolf Hitler: O Aprendiz de Feiticeiro Político de Mussolini* (Oldenburg: De Gruyter, 2017).

Scholder, Klaus, *As Igrejas e o Terceiro Reich. Vol. I: História Preliminar e o Tempo das Ilusões 1918–1934* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 1988).

Schreiber, Gerhard, *Interpretações de Hitler 1923–1983: Resultados, métodos e problemas de pesquisa* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984).

Sebottendorff, Rudolf von, *Antes da chegada de Hitler: documentos do período inicial do movimento nacional-socialista* (Munique: Deukula-Verlag Graffinger & Co., 1933).

Simms, Brendan, *Hitler: Só o mundo era suficiente* (Londres: Allen Lane, (2019).

Snyder, Timothy, *Bloodlands: A Europa entre Hitler e Stalin* (Nova York: Livros Básicos, 2010).

Machine Translated by Google

Speer, Albert, *Memórias* (Berlim: Propyläen, 1969).

Speer, A., *Dentro do Terceiro Reich: Memórias de Albert Speer* (Londres: Weidenfeld e Nicolson, 1970).

Speer, A., *Diários de Spandau* (Berlim: Propyläen, 1975).

Speer, A., *O Estado escravo: meus confrontos com a SS* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1981).

Spicer, Kevin P., *Os padres de Hitler: clero católico e nacional-socialismo* (DeKalb, IA: Northern Illinois University Press, 2008).

Steigmann-Gall, Richard, *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919–1945* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003).

Steigmann-Gall, R., "O nacional-socialismo era uma religião política ou uma política religiosa?" em Michael Geyer e Hartmut Lehmann (eds.), *Religião e Nação, Nação e Religião: Contribuições para uma História Não Resolvida* (Göttingen: Wallstein Verlag, 2004), pp. 387–408.

Português Steigmann-Gall, R., "Cristianismo e o movimento nazista: uma resposta", *Journal of Contemporary History,* Vol. 42, No. 2 (2007), pp. 185–211.

Steigmann-Gall, R., "Vinho velho em garrafas novas? Religião e raça no nazismo Português Antissemitismo", em Kevin P. Spicer (ed.), *Antissemitismo, ambivalência cristã e o Holocausto* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 2007), pp. 289–304.

Strohm, Harald, *Gnose e Nacional-Socialismo* (Frankfurt am Main: (Verlag Suhrkamp, 1973).

Summerfield, Giovanna e Downward, Lisa, *Novas Perspectivas sobre a Europa Bildungsroman* (Londres: Continuum, 2010).

Taylor, Cory, *Como Hitler foi feito: Alemanha e a ascensão do nazista perfeito* (Amherst, Nova York: Prometheus Books, 2018).

Thamer, Hans-Ulrich, *Adolf Hitler: Biografia de um ditador* (Munique: C. (H. Beck, 2018).

Toland, John, *Adolf Hitler* (Nova York: Doubleday & Company, 1976).

Tomberg, Friedrich, *Cristianismo na cosmovisão de Hitler* (Munique: Editora Wilhelm Fink, 2012).

Trevor-Roper, Hugh, *Os Últimos Dias de Hitler* (Londres: Macmillan & Co., 1947).

Trommer, Isabell, *Justificação e Demissão: Albert Speer no República Federal* (Frankfurt: Campus Verlag, 2016).

Tyrell, Albrecht, *De "baterista" a "Führer": A transformação da filosofia de Hitler Autoimagem entre 1919 e 1924 e o desenvolvimento do NSDAP* (Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1975).

Ullrich, Volker, *Adolf Hitler: Biografia. Volume I: Os anos de ascensão* (Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2013).

Machine Translated by Google

Ullrich, V., *Adolf Hitler: Biografia. Volume II: Os anos de declínio* (Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2018).

Varshizky, Amit, "Alfred Rosenberg: A *Weltanschauung* nazista como visão de mundo moderna Gnose," *Política, Religião e Ideologia,* Vol. 13, No. 3, (2012), pp. 311–331.

Português Varshizky, A., "Entre a ciência e a metafísica racial: Fritz Lenz e a antropologia racial na Alemanha entre guerras", *Intellectual History Review,* Vol. 27, No. 2 (2017), pp. 247–272.

Português Varshizky, A., "Em busca do 'homem inteiro': alma-homem-mundo na *Weltanschauung nacional-socialista", Dapim: Estudos sobre o Holocausto,* Vol. 31, No. 3 (2017), pp. 200–226.

Varshizky, A., "A Metafísica da Raça: Revisitando o Nazismo e a Religião," *História da Europa Central,* Vol. 52, No. 2 (2019), pp. 252–288.

Português Varshizky, A., "Estilos explicativos não mecanicistas na teoria racial alemã do entreguerras: uma comparação de Hans FK Günther e Ludwig Ferdinand Clauß", em Sabine Hildebrandt, Mirriam Offer e Michael Grodin (eds.), *Medicina e o Holocausto: novos estudos sobre vítimas, perpetradores e legados para o século XXI* (Nova York: Berghahn Books, 2019), pp. 21–43.

Voegelin, Eric, "Descida ao Abismo Eclesiástico: A Igreja Católica," em *The Collected Works of Eric Voegelin.* Vol. XXXI: *Hitler e os alemães.* Traduzido, editado e com introdução por Detlev Clemens e Brendan Purcell (Columbia, MI: University of Missouri Press, 1999).

Wagener, Otto, *Hitler de perto: Notas de um confidente 1929–1932.* Editado por HA Turner, Jr. (Frankfurt am Main: Ullstein, 1978).

Weber, Thomas, *A Primeira Guerra de Hitler: Adolf Hitler, os Homens do Regimento List e a Primeira Guerra Mundial* (Oxford: Oxford University Press, 2010).

Weber, T., *Como Adolf Hitler se tornou um nazista: de soldado apolítico a Autor de "Mein Kampf"* (Berlim: Propyläen, 2016).

Weber, T., *Tornando-se Hitler: a formação de um nazista* (Oxford: Universidade de Oxford Imprensa, 2017).

Weikart, Richard, *De Darwin a Hitler: Ética Evolucionária, Eugenia e Racismo na Alemanha* (Houndmills, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2004).

Weikart, R., *A religião de Hitler: as crenças distorcidas que impulsionaram o Terceiro Reich* (Washington, DC: História do Regnery, 2016).

"Quem escreveu 'Sua vida e seus discursos'?," *Die Welt,* 8 de outubro de 2016, www .welt.de/geschichte/article160311381/Wer-schrieb-Sein-Leben-und-seine- Reden.html.

Werner, Koeppen, *Outono de 1941 no "Quartel-General do Führer": Relatórios de Werner Koeppen ao seu ministro Alfred Rosenberg. Publicado e*

Machine Translated by Google

comentado por Martin Vogt (Koblenz: Materials from the Federal Archives, edição 10, 2002).

Português Wetzell, Richard F., “Eugenia, ciência racial e biopolítica nazista: houve uma gênese da 'solução final' do espírito da ciência?” em Devin O. Pendas, Mark Roseman e Richard F. Wetzell (eds.), *Além do estado racial: repensando a Alemanha nazista* (Cambridge: Cambridge University Press, 2017), págs. 147–175.

Wiskemann, Elizabeth, *Eixo Roma-Berlim: Uma história das relações entre Hitler e Mussolini* (Oxford: Oxford University Press, 1949).

Wladika, Michael, *A geração dos pais de Hitler: As origens da Nacional-Socialismo na Monarquia Austro-Húngara* (Viena: Böhlau Verlag, 2005).

Zoller, Albert, *Hitler Private: Relato de sua experiência Secretário Secreto* (Düsseldorf: Droste Verlag, 1949).

Sites

www.diewelt.de
www.historisches-lexikon-bayerns.de
www.lorber-verlag.de
https://onedrive.live.com

Machine Translated by Google

ÍNDICE

1 João (livro do Novo Testamento), 146
2 Tessalonicenses, 239

Abel (personagem bíblico)
  como representante do judeu, 124
Achtleitner (padre), 153
Atos 9, 6, 160, 162, 164, 168–169, 172–173, 177–179, 241
Adão, Carlos, 188–189, 215
Adolf Hitler: Sua Vida e Seus Discursos (primeira biografia de Hitler, por Victor von Koerber), 129, 163, 166
Ahnenerbe, 63
Albigenses, 197
Althaus, Paulo, 65, 83
Aly, Götz, 21–23, 29
Amann, Máx, 120, 125
conexão, 156
Anticristo, 59, 111, 115
  Judeus sendo, 59, 116
Antijudaísmo, 22–23, 72, 74, 82, 126

Partido Popular Antissemita (Partido Popular Festa), 40
Antissemitismo, 5, 21–24, 32, 39–40, 43, 45–52, 54, 56, 59, 64, 66, 68, 70–72, 74, 76, 78, 80, 82–83, 86–87, 109–111, 117, 123–126, 128, 134, 143, 146, 159, 182, 190–194, 215–217, 220, 226, 229, 232, 234, 236, 240, 242

Anti-ultramontanismo, 130–131, 154
Aquino, Tomás, 50
O trabalho liberta, 231, 233, 239
Arco-Valley, Anton, 193
Arendt, Hannah, 19–20
Arianização, 45
Ateísmo, 57, 63, 119, 156, 198, 212, 215–216, 240
Em bom alemão (diário de Dietrich Eckart), 115
Augsburgo, 62, 90, 129, 148, 186, 213
Auschwitz (campo de trabalho escravo e extermínio), 227, 231, 239
Áustria, 4, 122

Batalha do Somme, 172
Bauer, Bruno, 38, 83
Bauer, Walter, 65–66
Baur, Hans, 141
Baviera, 118, 131, 153–154, 176, 182, 193, 216, 219, 241

Machine Translated by Google

extremismo violento no 194º
Regimento de Infantaria da Reserva da Baviera nº. 16, 174
Partido Popular da Baviera (partido político alemão), 57, 144, 216 Bayreuth,
87–88, 103 Bechstein, Carl,
88 Bechstein, Helene,
88, 140 Beethoven, Ludwig van,
58 *Igreja Confessante ,*

71–72
Bélgica, 93
Abaixo, Nicolaus von, 210 Belzec
(campo de extermínio), 227
Berchtesgaden, 121–122, 208 Bergen,
Doris L., 18, 74–75 Berghof, 156
Berlim, 7, 12,
52, 58, 75, 85, 93–94, 96,
105, 112, 123, 141, 149, 173, 195,
210, 241
Palácio Esportivo de Berlim, 169
Antes que Hitler chegasse (livro de Rudolf von Sebottendorff), 40, 90, 103, 236
Bíblia, 37, 64, 68, 83, 98, 111, 114, 118, 161, 166,
170, 184, 190, 193, 214, 216, 220, 229–230,
237, 239–240
O bom conhecimento de Hitler, 160
Contaminação judaica de, 68 expurgo
de todas as influências judaicas de,
65
Pecado de sangue, 17
Bolchevismo, 114, 181, 193 como
criação judaica, 26, 59, 115, 126,
202
Livro de Ester (livro no Antigo Testamento), 118
Livro do Apocalipse (livro do Novo Testamento) Testamento), 115, 127, 183–184
Bormann, Martin, 33, 72–74, 143–144,
150–151
Botticelli, Sandro, 156
Bousset, Guilherme, 65 anos
Braun, Eva, 210
Braunau am Inn, 162 Partido
Nacional Socialista Britânico, 4 Browning,
Christopher R., 22 Bruckmann, Elsa,
88, 210 Bruckmann, Hugo, 88,
210 Brunner, Alfred, 45 Buch,
Walter, 220 Buchenwald
(campo de concentração),
231 Bucher, Rainer, 25 Bullock, Alan, 8, 26, 29–30
Burleigh, Michael, 17,
31, 135 BVP. *Veja Partido Popular da Baviera* Büchner, Elisabeth, 140
Büchner, Georg, 103 *Bürgerbräukeller,* 94,
138, 204, 221 Bärsch, Claus-
Ekkehard, 116

Caim (personagem bíblico)
como o primeiro antissemita, 124, 224
Capitalismo, 40, 42, 44, 50–51, 109,
192–193, 202
Cátaros, 197
Igreja Católica, 3, 60, 110, 128, 178–179,
187, 212–213, 220
A admiração de Hitler por, 117
Catolicismo, 18, 23, 55, 57, 60, 64–65, 67, 74, 109–
110, 116–117, 119, 128, 130–131, 133,
137, 144, 147, 153–155, 158–159, 178–179,
187–189, 191, 193, 207, 212–216,
220, 228

Associação Central para a Reforma Social (Central Associação para a Reforma Social), 39
Chamberlain, Houston Stewart, 5, 59, 64, 68–69, 78,
84, 86–87, 89–90, 95, 97, 101, 107, 125, 132–
133, 139, 146, 185, 194, 198, 225, 235, 238

Fé cristã, 64, 67–69, 77, 86–88,
92–93, 150
encontrando Hitler, 87–89
rejeitando a ciência, 81
visões do apóstolo Paulo, 6, 107–108,
115, 133

Machine Translated by Google

Chamberlain, Houston Stewart (cont.) visões
de Jesus, 6, 38, 64, 83, 86, 89,
91–94, 96, 108, 132, 188, 202, 212
Chapoutot, Johann
citando Rauschning, 108
alegando que Hitler rejeitou a ideia de um
Jesus ariano, 108
Cristo. *Veja* Jesus de Nazaré
Antissemitismo cristão, 138
Nacional-socialismo cristão, 47
Produtivismo cristão, 47–48, 50, 52, 228–229,
239
Socialismo Cristão, 50, 54, 191, 196, 235
Cristianismo, 1, 3, 5, 18, 24, 27, 32–34, 37–38,
42, 49–51, 55–57, 60, 62–67, 69–
70, 72–78, 80–83, 86, 88, 91, 93, 95, 97,
107, 109–110, 112, 114, 116, 120, 124,
126–127, 130, 133–134, 136, 145, 147,
152–153, 157, 177, 182–183, 185,
187, 195, 198–200, 203, 205, 207, 209,
212–216, 220, 232, 235, 240

como proto-bolchevismo, 114, 126
Cristianismo de ações, 63
Cristianismo de palavras, 63
Partido dos Trabalhadores Sociais Cristãos
(Partido Cristão-Trabalhadores Sociais), 34
Natal, 144, 147, 162, 186, 203–212,
217
apelo às armas contra os judeus, 206
Igreja da Inglaterra, 56
Civilização Católica, 38
Comunismo, 42, 181
Confinamento, Alon, 57, 227–228
Socialismo Conservador, 34, 39, 42
Croácia, 75
Partido Nacional Socialista Checo, 4
Checoslováquia, 35

Dachau (campo de concentração), 71, 231, 239
Experiência na Estrada de Damasco, 160, 172,
177–179, 241

DAP *(Partido dos Trabalhadores Alemães),* 35–36,
41, 45, 109, 112, 191, 193–194, 236, 238,
241 Darwin,
Charles, 101–104 nenhuma
evidência de que Hitler tenha lido, 104
nenhuma evidência de que Hitler tenha
lido ou mencionado,
104 Darwinismo. *Veja* Teoria da evolução Delff,
Hugo, 76 Democracia,
23 causando
antissemitismo, 21 Dominação
mundial judaica disfarçada,
203
sob ataque, 234
volatilidade de, 234
Bolchevismo de Moisés a Lenin
(livro de Dietrich Eckart), 6, 34, 78, 80, 111–
113, 115, 119, 121, 125–126, 130,
132
O mito do século XX: A
Avaliação do estado mental e espiritual
Gestaltenkampf der unserer Zeit (livro de
Alfred Rosenberg), 52, 60–61, 63, 69,
208, 236
Nacional-Socialismo (livro de
Rudolf Jung), 35, 37, 43, 59, 69, 103,
118, 140, 197, 202, 229, 236
O Nacional Socialista (jornal), 224,
226
A vitória do judaísmo sobre
Germanenthum (livro de Wilhelm Marr), 47
Der
Staatssozialist (jornal), 39 *Der Stürmer,*
220 *Deutsch-* Soziale
Partei (Partido Social Alemão), 40, 49

Deutschsozialistische *Partei (Partido Socialista*
Alemão), 45 *Deutsche*
Arbeiterpartei German. *Veja* DAP

Partido dos Trabalhadores Alemães (Partido Alemão
Partido dos Trabalhadores), Austríaco, 4, 35

Machine Translated by Google

Associação dos Trabalhadores Alemães (Associação Alemã dos Trabalhadores)
Associação dos Trabalhadores). *Veja*
DAP *Cristãos Alemães,* 5, 65, 67, 70–72, 83, 145, 187, 189–190
Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Veja
DNSAP *Deutsche Reformpartei* (Partido Reformista
Alemão), 40 *Deutscher Schutz- und Trutzbund,*
194 *Deutscher Volksverlag* (editora de literatura antissemita), 194
Devil. *Veja* Satanás
Os Fundamentos do Décimo Nono Século (livro de Houston Stewart Chamberlain), 64, 86–89, 91, 95, 133, 139, 202, 235
A Revolução do Niilismo (livro de Hermann Rauschning), 30
A Trilha do Judeu Através dos Séculos (livro de Alfred Rosenberg), 59, 69
O Pecado Contra o Sangue (livro de Artur Jantar), 139, 146
A superação do judaísmo em nós e fora de nós (livro de Rudolf João Gorsleben), 194
Die Welt (jornal), 203
Dietrich, Otto, 122, 156
Dinter, Arthur, 139, 146
DNSAP *(Partido Nacional Socialista Alemão) Partido dos Trabalhadores),* 4, 35–37
Domarus, Max, 11–12
Drexler, Anton, 35, 41, 45–46, 112, 191–192, 194, 219, 236
Fé católica, 191
celebrando Jesus, 191, 235–236
DAP baseado no Socialismo e comunitarismo no espírito de Cristo, 191
DSP *(Partido Socialista Alemão),* 45–46, 49, 112, 190
Dühring, Eugen, 47, 51–52, 101
rejeitando Jesus, 52
Ebionitas, 152
Eckart, Dietrich, 5–6, 34, 37, 45–46, 55, 78, 80, 84, 86, 93, 95, 109–114, 116–133, 141, 176, 194, 198, 219, 223–224, 236, 238
Fé católica, 109–111, 115–117, 127–128, 130, 132–133 morte de, 121
dedicação em
Mein Kampf, 118, 121, 125
Financiando a compra nsdap do *Völkischer Beobachter,* 112 Morfina
Addiction, 117, 122 Eisner, Kurt,
193 Elser, Georg,
94 Emperadores e
Galileus (Drama por Henrik ibsen), 116
Engelht, Phillipp, 171
(171 , Henrik Ibsen, 116,
RELHARDT,
PHILLIPP (171 Karl, 189
Esterwegen (acampamento de concentração),
71 etnoteísmo, 81
Eugenics, 90, 104 Europa, 5, 19, 21, 23-24,
61, 125, 159, 187,
225, 234-235,
238-240, 242 Evangélico da Christianity, 71
Evans, Richard J.
Caso Amarelo (Plano Amarelo),
93 Fascismo, 5, 43,
87 Feder, Gottfried, 44–47, 112, 187, 194
Federschmidt, Gottfried, 154 Fest,
Joachim, 8–9, 27–29, 128, 140–141 Fichte,
Johann Gottlieb, 38, 76, 83 Fiebig, Paul,
65 A Solução
Final. *Veja* Holocausto Primeira Guerra
Mundial, 4, 35, 89, 95, 149, 170, 188, 210, 221, 238

Machine Translated by Google

França, 93
Frank, Hans, 79, 112, 168, 228, 230
Frankfurter Zeitung (jornal), 165 *Freikorps,* 238
Freikorps Epp,
225 Frey, Thomas. *Veja*
Fritsch, Theodor Friedländer, Saul, 22
Frederico II (o Grande),
63 Fritsch, Theodor, 4, 38–39,
47–48, 50–52, 146, 231 Fromm, Erich, 190

Gálatas (livro do Novo Testamento),
174
Galileia, 94, 146
Gansser, Emílio, 119, 122, 125
Gemlich, Adolf, 51, 192, 194, 223 primeira
evidência escrita de Hitler
antissemitismo, 109
Governo Geral, 79, 228
Gênesis (primeiro livro do Antigo
Testamento), 49, 98, 229
Genoud, François, 2
Trabalhadores Nacional-Socialistas Alemães
Partido. *Veja* DNSAP
Partido Socialista Alemão. *Veja* DSP
Alemanha, 3–9, 19–23, 29, 38–39,
41–43, 45, 47, 54, 58–59, 65–75, 82–83,
87, 89, 92, 99, 103, 105, 108, 120–121,
123–124, 128–129,
131, 133, 140, 143, 147, 157–159, 162–
163, 165, 168–169, 172–175, 178–179,
185, 187, 189–190, 198–199, 201,
206–208, 218, 222, 224–225, 233, 237–
238, 242
Gênero e caráter (livro de Otto Weininger), 124
Conversas com
Hitler (livro de Hermann Rauschning), 33, 108
Glauer, Adam Alfred
Rudolf. *Veja* Sebottendorff, Rudolf von
Glover, Jonathan, 2 Gnosticismo,
67–68, 146, 198
Deus, 3, 6–7, 16–17, 20, 25, 28, 31,
37–38, 40–41, 52, 54, 57–58, 62, 65, 67–
70, 82, 84, 87, 89, 91–94, 96, 103–104,
116, 128, 130, 133–135, 137–138,
142–152, 154, 156–158, 165, 167–173,
175–176, 178–179, 181, 185, 188, 190,
196–197, 201–203, 206–208, 211,
215, 217–221, 229–233, 235–237
abençoando o assassinato do judeu Abel,
124
punindo os judeus ociosos, 230
Goebbels, Joseph Paul, 10, 12, 57–58, 78,
155, 157, 175, 182, 204, 226–227
conhecimento do Holocausto, 226–228
NSDAP como os verdadeiros cristãos, 157
crenças religiosas, 27, 57–58, 94, 127,
182
Goldhagen, Daniel Jonah, 24
Gólgota, 166, 190
Gorsleben, Rudolf John, 194
Evangelho de João, 37, 59, 62, 116, 203,
211, 214
Evangelho de Lucas, 67, 91, 98, 163, 202
Evangelho de Marcos, 62, 185
Evangelho de Mateus, 62, 88, 91, 98, 169, 182,
202, 207, 211, 228 Evangelhos
(quatro livros do Novo Testamento), 54,
60–61, 67, 76, 123, 141, 161, 166, 182, 190,
212–213, 228, 237, 240 Gött, Magnus, 213–
215 Grant,
Madison, 100 Grassinger,
Hans George, 112 Grã-
Bretanha, 4, 199 Grande Guerra.
Veja Primeira Guerra
Mundial
Groß, Walter, 90
rejeitando o humanismo, 91
Gross-Rosen (campo de concentração), 231,
239
Grundmann, Walter, 65–66, 71–73, 145,
190

Machine Translated by Google

Planta baixa (livro de Fritz Lenz), 105
Günther, Hans FK, 105–106
rejeitando o método científico, 105

Haeckel, Ernst Heinrich, 38, 103
Hamann, Brigitte, 95, 101
Hamburgo, 71, 187, 217
Hanfstaengl, Ernst "Putzi," 128, 130, 141
Comedores nocivos, 230
Harnack, Adolf von, 68
Hastings, Derek, 18, 63, 191, 236
Hauptmann, Hans, 59, 139
Cabeça, Peter, 72–73, 108
Aqui, Friedrich, 18, 120–121, 126, 164–165
Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 38, 76, 83
Heiden, Conrado, 13, 35, 46, 88, 123, 153, 170, 191
Heim, Henrique, 89, 108, 143, 150–151, 176, 225–226
Hitler rezando em privado, 151
Hepp, Ernesto, 171
Herbst, Ludolf, 16, 123
Heschel, Susana, 18, 23, 52, 61, 64, 71–73, 80–81, 97, 124, 136, 153, 161

Hess, Adolf (tio de Rudolf), 187
Hess, Rudolf, 13, 96, 112, 153–155, 187, 222–226
visões de Jesus, 96
Heß, Wolf Rüdiger (filho de Rudolf), 13
Heydrich, Reinhard, 194
Himmler, Heinrich, 226, 233 discurso em Posen, 226
Hindenburg, Paul von, 121 funeral de, 156
Hirsch, Emanuel, 65, 83
Hitler, Adolfo, 1, 3–4, 7–8, 11, 14, 30–32, 35, 38, 51, 54, 66, 77–79, 82, 86, 90, 94–95, 98, 106, 108–109, 114, 121, 124–125, 128, 131, 133, 135, 144, 160, 168, 194, 196, 209, 215, 218, 234, 240
"Quando me defendo do Judeus, estou lutando pela obra do Senhor", 181
alcançando poderes ditatoriais no partido, 115, 218–219 admiração
pela Igreja Católica, 117 admiração por
Dietrich Eckart, 132 admiração por Jesus,
5, 7, 20, 31–32, 53–54, 60–61, 77, 79–80, 83, 109, 135–136, 146, 157–158, 160, 186, 204
admiração por Jesus, sinceridade de, 158
admiração por Jesus não apenas propaganda, 33
admiração por Karl Lueger, 53
admiração por Mussolini, 43
admiração busto de Jesus em Roma, 79
objetivo de destruir os judeus, 118
Alan Bullock mudando de ideia sobre, 30
As citações falsas de Hitler de Albert Speer, 9
nos diários de Alfred Rosenberg, 13
supostos criadores do emblema do partido, 36 supostas influências ocultas, 117
supostos poderes de persuasão, 8
supostamente na esquerda moderada em 1919, 192
supostamente lendo Platão, 114
supostamente rejeitando um Jesus ariano, 108–109
supostamente usando Dietrich Eckart, 131
animado por ideias e ideologia, 24 anonimato
como ferramenta de propaganda, 176–177
do anonimato à grandeza, 174, 176, 178

anticonservadorismo de, 42
antissemita e um cristão, 27 e
antissemitismo, 47, 194
antissemitismo nos primeiros discursos, 113

Machine Translated by Google

Hitler, Adolf (continuação)
antissemitismo em *Mein Kampf,* 47–48, 51
antissemitismo influenciando a visão de Jesus, 80
anti-semitismo de, 82, 99 e
apóstolo Paulo, 6, 153 sobre o
apóstolo Paulo, 107 e apóstolo
Paulo, corrompendo os ensinamentos de Jesus, 79
aprovando *Der Bolschewismus von Moisés bis Lenin,* 119
o Jesus ariano, 107
frequentando curso de propaganda do exército, 86, 109, 192–193, 241
presentes em sua primeira reunião do DAP, 191
como o Mussolini da Baviera, 219
Bayreuth como o lugar onde a espada espiritual foi feita, 87 se tornando
famoso durante o julgamento, 121 sendo
pagão, 155 sendo o
nome do partido sugerido por Rudolf Jung, 35
crença em ser enviado pela Providência, 30
crença em Deus no NSDAP, 93 biografias
sem mencionar Eckart Catolicismo, 130
biografias sem mencionar Eckart Fé cristã, 128 local de
nascimento se torna local de peregrinação, 168
sobre sangue e espírito, 98
O bolchevismo como criação judaica, 115
tomando emprestado *o Die* de Chamberlain *Grundlagen* da biblioteca, 87 ambos
criadores e produtos do Terceiro Reich, 24
anos, chamando Jesus de Senhor e Salvador,
135 anos, e o capitão Karl Mayr, 86 anos,
193 anos, e Carl e Helene Bechstein, 88 anos,
carregando um chicote como Jesus, 139–141 anos
Fé católica de, 153–155, 159
Fé católica, tomar comunhão, 154
celebrado por Goebbels, 57
celebração do diletantismo, 102
celebração de Karl Lueger em *Mein Luta,* 53
Chamberlain traça um paralelo entre Parsifal e, 89
Chamberlain encantado por, 89
Chamberlain escrevendo para, 89
A influência de Chamberlain em 90, 92, 95
sobre a visão de Chamberlain sobre o apóstolo Paulo, 108
mudando sua história pessoal, 177 como
líder carismático, 19 como líder
semelhante a Cristo, 37
Cristo lutando contra os judeus, 57 e o
nacional-socialismo cristão, 47 e o produtivismo
cristão, 48, 196, 228–229, 239

O cristianismo como proto-bolchevismo, 126
Cristianismo de ações, 63 e
celebração do Natal, 181, 203–208, 210, 212 citando o Evangelho
de João, 203 afirmam que Rudolf Jung
fez dele um antissemita, 37 combinando traços do cristianismo
primitivo Nacional-socialistas, 42
encomenda a primeira biografia de si mesmo, 129, 166
comparado a Jesus, 220
comparado a Jesus por Rudolf Jung, 37 conceito
de raça, 82 concepção
de Deus, 116 sobre conflitos
confessionais, 56 constantemente
excluindo Jesus da crítica, 80 construindo
narrativa de conversão política em Atos 9, 160–170, 172–179, 241
como ideólogo convicto, 27

Machine Translated by Google

como nacional-socialista convicto, 29–30
transcrições do julgamento, 11
criticando o partido católico Zentrum, 55
crítica do ateísmo, 216 como
cínico interessado apenas no poder, 30
Experiência da Estrada de Damasco, 172–173, 177, 179
ao decidir se tornar um político, 93 decidir
escrever *Mein Kampf,* 122 dedicatória a
Eckart em *Mein Kampf,* 118, 121, 125, 132
e *o bolchevismo de Moisés a Lênin,* 55, 78, 111, 113–114, 119–120, 125–126, 130, 132
no *bolchevismo de Moisés a Lenin,* 6, 34
designação *Führer* usada pela primeira vez, 123
desenvolvimento em nacionalista de extrema direita e antissemita, 86 ditados para
discursos, 10
Dietrich Eckart como figura paterna para, 109
Dietrich Eckart como mentor de, 130
Dietrich Eckart como pai espiritual de, 123
Dietrich Eckart apresentando Chamberlain e Lagarde para, 95
Dietrich Eckart influência mais importante para, 132
Dietrich Eckart não quer aparecer *Bolchevismo de Moisés a* Dia *de Lenine ,* 120
Dietrich Eckart ensinando como escrever e falar, 123
A admiração de Dietrich Eckart por, 132
Crenças católicas de Dietrich Eckart, 133
e o catolicismo de Dietrich Eckart, 117
A influência de Dietrich Eckart em, 113, 115, 118, 122, 132–133, 238 diferenças
em comparação com o início do National Socialistas, 41
descobrindo Chamberlain, 95
desdenhoso do/em relação ao paganismo no SS, 155
em uma missão divina, 6, 163, 176, 178–179, 181, 219, 221, 235, 238 missão
divina de, 157 divindade de
Jesus, 6, 135–137, 142–145, 147–148, 157–158 fazendo
a obra de Deus ao lutar contra o Judeus, 115
anos de formação no início da década de
1920, 133 extasiados com os elogios de
Chamberlain, 87 edições de discursos e escritos como fontes, 10
esforço para criar uma igreja estatal, 69 e Elsa
Bruckmann, 88 entrando em um
estado de oração, 151 equiparando os
judeus a Satanás, 115, 127–128 estabeleceu o cristianismo
como judeu em espírito, 51 ética e moralidade, 20 o mal dos
judeus, 118 experiências na
Primeira Guerra Mundial, 171–172
expostos ao gás mostarda, 163–164
expressando intenção genocida em relação ao Judeus para Dietrich Eckart, 123
retórica exterminadora em direção ao Judeus, 124
sobre o falso humanismo, 90
declarações falsas nas mesas de conversa, 15
a Solução Final, 127 primeiras
declarações públicas antissemitas, 88 primeira
vez falando sobre Jesus, 77 primeira vez
falando sobre Jesus como um Ariano, 77
diários forjados, 11 sobre
livre arbítrio, 92
frequência de aparições públicas ao longo do tempo, 10
angariação de fundos na Suíça com Dietrich Eckart, 122

Machine Translated by Google

Hitler, Adolf (cont.)
cegueira induzida por gás questionada, 164
como gênio da ação, 161
como o Messias da Alemanha, 123, 129–130, 158, 166, 172, 175, 189–190, 219–220, 236
desistindo de criar uma igreja estatal, 56
Deus deu o direito de exterminar os judeus, 175
Deus intervindo na história humana, 17
Deus fala através da voz interior, 170, 172–173, 178 nos
diários de Goebbels, 13
Evangelho não para os judeus,
136 aceitando de má vontade a plataforma parlamentar do NSDAP, 131
ódio à família Hohenzollern, 42 ódio à família Habsburgo, 42 nas cartas privadas de Heß, 13 insinuando sua semelhança com Jesus, 129
historiadores rejeitando crenças religiosas de, 130
história do nome do partido,
35 hostilidade ao materialismo,
26 hostilidade à ciência, razão e racionalidade, 17
hostilidade ao cristianismo, 2
hostilidade aos conservadores, 42
hostilidade à educação, 101 hostilidade à organização Cristianismo, 31–32, 130
hostilidade para com a Igreja Católica, 213–214
Houston Stewart Chamberlain importante professor religioso de, 132
Houston Stewart Chamberlain elogiando, 87
Houston Stewart Chamberlain reconhecendo o potencial de, 87
Houston Stewart Chamberlain de influência sobre, 133
desenvolvimento ideológico e religioso, 5
desenvolvimento ideológico de, 5
formação ideológica, 6
influências ideológicas sobre, 82
ideologia central para a compreensão de, 29
idolatrado pelo clero católico, 187–189, 215
IfZ nova edição de discursos e escritos, 12 visão
ilógica de Jesus, 52
personalidade impaciente de, 130
como imperialista e expansionista, 58
importância de analisar a ideologia, 24
importância de ter Deus ao seu lado, 93 sobre a
importância de Houston Stewart Chamberlain, 88
sobre a importância da aptidão física, 100
sobre a importância da tolerância religiosa, 56
importância do apoio do *Deutsche Christen,* 72
importância de Wagner por suas visões sobre Jesus, 76
imprecisões em discursos transcritos, 12
influenciado por Madison Grant, 100
influenciado por Theodor Fritsch, 48
influências nas primeiras crenças religiosas, 86 inspirado por Jesus,
7 inspirado pelo Novo Testamento, 182–185, 203, 241
inspirado para a ação revolucionária por Mussolini, 43
anos, como força intelectual no Partido Nacional Socialismo, 24
consistência interna do Nacional Socialismo, 102
introduzido à elite social, 123
introdução da suástica, 36 invasão da União Soviética, 215

Machine Translated by Google

irracionalidade de, 102 e
Jesus, 131–132, 134–135, 138
Jesus como guerreiro, 59
Jesus como um ariano, 146
Jesus como um guerreiro ariano, 34, 83, 135–138, 143, 145, 183, 186, 209, 232
Jesus como inspiração para o Holocausto, 228, 231–232, 235, 238–240, 242
Jesus como legislador, 147–148
Jesus como Senhor e Salvador, 144–145, 158
Jesus como Filho de Deus, 145
Jesus sendo chamado Filho de Deus por, 144
Jesus expulsando os agiotas do Templo com seu chicote, 55, 83, 139–140, 158, 186, 216, 237

Jesus não sendo judeu, 138
Deus judeu como Deus falso, 146
Judeus são uma raça, mas não totalmente humanos, 128
Judeus e religião, 107
Os judeus como portadores de veneno espiritual, 100
sobre os judeus como parasitas no corpo de outras pessoas, 48
Judeus como crias de serpentes e víboras, 139
Judeus incapazes de ter uma religião, 95
Judeus trabalhadores cambistas, 136 mantendo livros sobre Jesus, 185–186 conhecimento de Paul de Lagarde, 77–78 conhecimento da publicação de *Der Bolchevismo de Moisés a Lenin,* 119
conhecimento da Bíblia, 114
Erro de julgamento de Konrad Heiden, 46 falta de fiéis na *Wehrmacht,* 94 leis raciais reveladas por Deus, 31 saída do NSDAP, 218 carta a Adolf Gemlich, 51, 109, 192, 194
mentiras sobre debate durante a primeira reunião do DAP, 192
encontra-se em *Mein Kampf,* 36 a vida como luta, 55
longa história de antissemitismo cristão, 82
fazendo esforços para esconder o Holocausto, 227
e Martinho Lutero, 190
O marxismo como um vírus ideológico judaico, 100
reunião Alfred Rosenberg, 109 reunião Dietrich Eckart, 109 reunião Houston Stewart Chamberlain em Bayreuth, 87–89
encontrando a família Wagner, 88 e *Mein Kampf,* 118, 120–121
Mein Kampf como fonte, 14
Mein Kampf como *Bildungsroman,* 161
mencionando Eckart no segundo livro, 118
Expectativas messiânicas sobre, 28–29
declarações ausentes sobre religião, 12
imperativos morais para destruir os fracos, 102
moralidade e ética ordenadas por Deus, 17
como narcisista e teimoso, 36
O nacional-socialismo como política religiosa, 31
O nacional-socialismo como verdadeiro Cristianismo, 3, 62, 147, 157–158, 183

O Nacional-Socialismo como verdadeiro Socialismo, 196
Nacional-Socialismo baseado nos ensinamentos de Cristo, 90
Nacional-Socialistas, seguidores de Jesus, 158
Nacional-Socialistas como verdadeiros cristãos e verdadeiros socialistas, 79
nunca mencionando Darwin, 104 nunca mencionando a Trindade, 116 e Nietzsche, 117
Noite das Facas Longas, 141

Machine Translated by Google

Hitler, Adolf (cont.)
como niilista,
30 sem ambição de se tornar líder religioso, 150
sem ruptura entre Dietrich Eckart e, 122, 125
nenhuma declaração religiosa durante o julgamento, 126
nenhuma falácia escocesa verdadeira, 153 como descrente e anticristão, 2 não um pensador ou intelectual original 126
não deportado para a Áustria, 122
não carente de princípios morais, 27
não quase religioso, 29
não falando a partir de um manuscrito, 10
não o inventor do Nacional-Socialismo, 4
não o criador do Jesus ariano, 77
NSDAP continuando a obra de Cristo, 138–139, 142, 147 e
NSDAP os verdadeiros seguidores de Jesus, 180–184, 186–187, 191, 195–205, 208–209, 211–218, 232, 235–238 e
Paixão de Obergammau, 123, 190
segredo obsessivo de, 177
opondo-se ao hedonismo no NSDAP, 27
opondo-se à luta contra as igrejas, 27 originador
do Holocausto, 24 e Otto Wagener, 195, 198–200, 203 paralelos entre histórias bíblicas sobre a vida de Jesus e, 162–163, 166, 169

nas festas *Zentrum* e BVP, 57 em Pasewalk, 164, 166, 168–169
Pasewalk declarado santuário nacional, 168
em Pasewalk, arquivo hospitalar desaparecido, 164 gênios fisicamente inaptos exceções à regra, 101
pioneira na privatização da economia, 41
planejando guerra contra as igrejas, 157
conspirando o extermínio dos judeus desde o início, 221–226, 238
inícios políticos, 85 narrativa de conversão política, 6 e cristianismo positivo, 136 orando a Deus, 149, 151–152 orando a Deus caindo de joelhos, 149
orando a Deus em privado, 150–151 e bolsa de estudos anterior, 1, 3, 7–9, 15, 17–19, 25, 29, 31, 33, 35, 73, 83, 113–114, 133, 135, 199, 202, 216, 234, 241
professou crença em Deus, 31
promete a Deus dedicar a vida à política, 168
como profeta, 57
sobre a Providência, 94 racismo pseudocientífico de, 101
leis raciais reveladas por Deus, 17
sobre a miscigenação, 100, 110 antissemitismo racial e teológico, 126
como anticristão radical, 18 como materialista racional, 26
Rauschning forjando declarações de, 109
lendo Chamberlain, 95 recebe o chamado de Deus, 168 recebe a Cruz de Ferro, 171 recepção de seu antissemitismo em Alemanha, 71
recrutados por Anton Drexler, 191–192, 194, 236
referência à Bíblia em discursos, 118
referência ao Novo Testamento, 88
referência a Jesus como divino, 6
como reencarnação de Jesus, 236
como reencarnação do Messias, 72

Machine Translated by Google

reinterpretando Jesus, 61
relação com o cristianismo debatida, 1 relação com Jesus, 1, 3, 5–6 confiabilidade de notas de discursos, 10 crença religiosa, aspectos cristãos de, 156
crença religiosa, sinceridade de, 159
crenças religiosas, 3, 5–6, 16–17, 25–27, 34, 68, 84, 132–135, 153, 180, 201 crenças religiosas e o Holocausto, 24 crenças religiosas não apenas propaganda, 74, 82–83, 99, 150–151, 155, 181–182, 200, 216–218, 242 crenças religiosas não motivadas pelo racismo, 76 fatalismo religioso de, 92 prática religiosa, 148, 150
prática religiosa como um assunto privado, 150–151
visões religiosas em *Mein Kampf,* 55
substituindo Eckart como editor de *Völkischer Beobachter,* 122
ressentimento em relação ao organizado Cristianismo, 26
ressoando com as crenças espirituais do seu público, 100
retornam a Berlim após a Primeira Guerra Mundial, 85
de direita, mas não conservador, 42
ressuscitado espiritualmente pela Providência, 167 papel de Theodor Fritsch para, 146
Rudolf Jung dedica livro a, 36 na mesma cela do Conde Anton Arco-Vale, 194
como o salvador, 37 como líder salvador nomeado por Deus, 16 segundo livro, 11
como fenômeno secular, 26
autoimagem como gênio, 49
servindo sob o revolucionário Socialista e regimes comunistas em Munique, 192
mudança na base religiosa do NSDAP, 131
semelhanças entre ele e Visão de Chamberlain sobre Jesus, 89
semelhanças com a fé ebionita, 152
fontes de declarações anticristãs, 7 falando sobre Jesus em *Der Bolchevismo de Moisés a Lenin,* 55
falando sobre o Jesus ariano, 78 falando no Campo Lechfeld em Agosto de 1919, 109, 193
falando no funeral de Hindenburg, 156 falando de Valhalla, 156 falando com Goebbels sobre o ariano Jesus, 78
falando com seus generais, 93
batalha espiritual contra os judeus, 98–99
educação espiritual em vez de ciência, 101
potencial espiritual de vários povos, 81
começando a se comparar a Jesus, 129
sofrendo de complexo de Messias, 128
sofrendo de histeria na Primeira Guerra Mundial, 164–165 sugerindo Partido Social Revolucionário como nome do partido, 35
sobrevivendo a uma tentativa de assassinato, 94
suásticas como símbolo da verdadeira Cristianismo, 212
nas conversas de mesa, 15 participa da formulação do programa NSDAP, 46 e Templo em Jerusalém, 137–138 cegueira temporária, 6 agradecendo a Deus pela sobrevivência da tentativa de assassinato, 94
teologia de, 6, 25, 84, 142, 145–146, 154, 170, 178, 201, 213, 218 disse que tinha uma missão divina por Dietrich Eckart, 123
transformação em Führer, 123
julgamento de, 126

Machine Translated by Google

Hitler, Adolf (cont.) de
não religioso a crente fervoroso, 83 relutância
em espalhar fotos de si mesmo, 176 uso de
Atos 9, 6
usando seu
julgamento como plataforma de propaganda,
121
usando a Bíblia como livro de história,
117
usando a Bíblia para se encenar, 161 valor
dos livros de Albert Speer como fontes
históricas, 9 valor das
testemunhas oculares contemporâneas como
fontes sobre as crenças religiosas de
Hitler, 8
valor da raça nórdica, 82 valor para
o NSDAP, 219 visão da alma,
91 se vendo como figura
de Jesus, 130 visões sobre o apóstolo Paulo,
133 visita a Roma em maio de 1938,
79 visita de padre na fortaleza de
Landsberg,
154
visitado na prisão antes do julgamento por Rudolf
Jung, 37
anos, visitado na fortaleza de Landsberg por Rudolf
Jung, 36,
visitando Dietrich Eckart escondido,
122
visitando Dietrich Eckart ao escrever
Bolchevismo de Moisés a
Lenin, 125
visitando o túmulo de Dietrich Eckart, 122 e
as óperas de Wagner, 68
Walter Riehl do DNSAP como inspiração
ideológica, 37
desejam evitar conflito aberto com as igrejas,
120
deseja controlar a narrativa sobre
ele próprio, 120
trabalhando para revolucionários socialistas em
Munique em 1919, 167
feridos na Primeira Guerra Mundial, 172
escrevendo para Houston Stewart
Chamberlain, 89
tolerância zero para conflitos
confessionais no NSDAP, 56
Hitler: Um Estudo da Tirania (livro de
Alan Bullock), 8, 30
Hitler de perto (livro de Otto
Wagener), 195
Conversa à mesa de Hitler, 2, 7–8, 15, 80, 113
Hitler e eu (livro de Otto Straßer), 78, 95

As conversas à mesa de Hitler em
Quartel-general do Führer 1941–1942,
15, 33, 195
Hoffmann, Henrique, 139–140, 176
Holanda, 93
Holocausto, 4–5, 20–23, 25, 28, 38, 116, 127, 187,
221–222, 225, 227–228, 231, 235, 238–
240, 242
número de vítimas, 227
Hussitas, 197

Eu conheço esses ditadores (livro de Ward
Preço), 171
Ibsen, Henrique, 116
Instituto de História Contemporânea (IfZ), 11–12,
14, 223
Instituto para o Estudo e Eliminação da Influência
Judaica na Vida da Igreja Alemã (The
Instituto de Estudos e
Erradicação da influência judaica em
Vida da Igreja Alemã), 71–73

Jäckel, Eberhard, 30
Jerusalém, 137, 139, 169, 173
Jesus como um homem do povo (livro de Friedrich
Naumann), 53
Jesus o Ariano (livro de Hans
Hauptmann), 59, 139
Jesus o ariano e o jesusiano
Visão de mundo (livro de Max
Sebaldo), 76

Machine Translated by Google

Jesus Galileu e o Judaísmo
(livro de Walter Grundmann), 66
Jesus de Nazaré, 1, 3, 5–7, 20, 25, 29, 31–34, 37–38, 49, 53–57, 59–67, 69, 71, 73, 75–84, 86, 88–91, 93–94, 96, 98, 107–108, 111, 114–116, 123, 126, 129, 131, 133–136, 138–139, 141–146, 148, 152–153, 156–159, 161–163, 166–167, 169, 174, 181–182, 184–191, 195–197, 202, 204–209, 211–214, 216–218, 220, 232, 235–238, 241

Celebração de Alfred Rosenberg, 69 *apóstolo Paulo corrompendo os ensinamentos de,* 78, 80, 157 como
um guerreiro ariano, 59–61, 63–67, 73, 76–78, 80, 82, 88–89, 108, 117, 132, 134–135, 137–138, 141–143, 145, 159, 180, 183, 186–187, 191, 204–206, 208–209, 211, 232, 235,
237, 242
como não divino, 65
sendo judaizado, 142
chamado ariano pela primeira vez por Hitler, 77
chamado legislador por Hitler, 147
chamado Filho de Deus por Hitler, 144–145, 158
expulsando os agiotas do templo, 59, 117, 136–137, 139–140, 216

vindo para trazer a espada, 90
considerada divina por Hitler, 135–137, 143–145, 147–148, 157–158 dedicando sua
vida à luta contra os judeus, 204
lutando para erradicar os judeus, 134
mencionado pela primeira vez por
Hitler, 77 seu sangue estava sobre os judeus, 228
Hitler admirando busto de, 79
Hitler e NSAD continuam o trabalho de, 142
Hitler e o NSDAP como os verdadeiros seguidores de, 138–139, 158, 180, 183, 196–197, 218, 220, 238
Hitler tomando emprestado detalhes biográficos de, 163
Hitler comparado a, 220
Hitler se identificando com, 181
Hitler imaginando o retorno de, 147
Hitler inspirado por, 135–136, 141, 159–160, 178, 180, 185–186, 204, 208, 212, 235–237, 240
Elogiando Hitler, 135, 145, 181, 209, 232, 235
A profunda admiração de Hitler por, 80
como Senhor e Salvador de Hitler, 135, 144–145, 147
inspiração para matar judeus, 205
inspiração para o Holocausto, 228, 232, 235, 238–240, 242 sacrifício inspirador
pela Pátria, 205
rei dos judeus, 73 líder
de um movimento como Hitler, 129
álibi moral para matar judeus, 70
Nazistas limpando os templos alemães de Judeus, 205
precisam amar os irmãos arianos, 203 precisam
sacrificar a vida lutando contra o mal (Judeus), 206
sem sangue judeu, 95
não membro de nenhuma raça, 66
não o rei dos judeus, 73 perseguido
pelos judeus, 73 e Pilatos, 228
puro idealismo de,
76 ressuscitado dos
mortos por Deus, 196 protegido de críticas
por Hitler, 80 forte e sem humanismo fraco,

89
ensinando como comunista, 115
ensinando a importância da força de vontade,
91 o maior antissemita de todos os tempos, 220

Machine Translated by Google

Jesus de Nazaré (cont.)
transcendendo sua judaidade, 64
natureza não judaica de, 208
Questão judaica, 22, 51, 225–226 Judeus,
5, 21, 23, 95, 104, 113, 173, 194,
204, 211, 232, 242
supostamente impossível de assimilar, 39 como
o Anticristo, 59, 116
Arianização, 45
natureza ateísta, 57 libelo
de sangue, 128
como vampiros sugadores de sangue, 136
Antissemitismo cristão, 22, 27, 37–39, 59, 72–74,
76, 81, 93, 112, 117, 119, 130, 139, 188,
193, 240
Cristãos alegando que foram perseguidos da
mesma forma que, 240
A Igreja não tinha nenhuma responsabilidade com
a qual se
preocupar, 187 conspirando contra o apóstolo Paulo,
173
corruptores dos ensinamentos de Cristo, 114
natureza cosmopolita e nômade,
51
covardes e pacifistas, 142
dançando ao redor do bezerro de ouro,
193–194
pogroms desordenados não poderiam
exterminar os judeus, 192 dever
moral divino de exterminá-los,
238
inimigos da Pátria, 173 escravizando
todos os outros povos, 237 como o mal
encarnado, 23, 51–52, 73,
115–116, 118, 124, 127–128, 167,
204, 220, 231, 240
Goebbels escrevendo sobre o assassinato
em massa de, 228
Goebbels escrevendo sobre a necessidade de
exterminar, 226 ódio
de, 23
Hitler fazendo o trabalho de Deus enquanto lutava
contra, 115, 181–182, 232
Hitler lutando contra, 7
Hitler incitando o ódio contra, 184
Hitler planejando assassinar, 221–226
Hitler proclamando a destruição de,
115, 175
Hitler afirmando que queria matar todos,
123–124, 238
imorais por natureza, 37, 56, 187–188,
194
e capitalismo internacional, 192–193,
202, 211
Javé como Deus falso, 146
Jesus lutando contra, 31, 38, 49, 61, 83, 88,
118, 134–135, 137–138, 140, 158, 186–
187, 191, 205–206, 216, 232, 235–238, 242

como assassinos de Cristo, 23, 60, 67, 73, 78,
98, 138, 180, 187, 196, 204–205, 207–208,
211, 217, 228, 232, 236,
240
amantes do dinheiro, 202
assassinatos em massa de, 7, 24, 51, 227, 230,
232, 235, 239–240, 242
materialistas por natureza, 205, 211–212 e
miscigenação, 22 como
assassinos, 111, 117
Ódio nazista de, 70
Obrigação moral nazista de matar, 70
Propaganda nazista contra, 21
Luta espiritual nazista contra, 97–99
Luta nazista contra, 5
O ódio dos nazistas por,
21 não humanos,
128 e programa do partido NSDAP, 44–47
número assassinado no Holocausto,
227
apenas uma raça, não uma religião, 51, 75, 95,
107, 128
opressão de, 21–22, 40, 72
originadores do comunismo e do capitalismo,
42 como parasitas,
48, 52, 100, 111, 237 ódio racial de, 22, 43

Machine Translated by Google

fonte de toda a miséria, 50
crias de Satanás, 59
como crias de Satanás, 77, 116
como crias de cobras e víboras, 139, 182
mito da facada nas costas, 89, 169
como "um estado dentro de um estado", 47 para ser respeitado e temido, 237 usado como trabalho escravo, 51, 231, 233
como usurários, 47
vestindo a religião como um manto, 76 como preguiçoso, 47, 50, 136, 229–231, 233
João Batista, 37, 91
Jones, John Joseph "Jack" (líder do Partido Nacional Socialista Britânico), 4
Judaísmo, 22–23, 64, 66, 72–74, 81–82, 93, 97, 115, 120, 126, 128, 145, 188
O Livro da Dívida de Judá: Um Alemão Reckoning (livro de Wilhelm Mestre), 194
Judeia, 94, 174
Judeo-Bolchevismo, 26, 59
Jung, Rudolf 34, 59, 90, 103, 131, 140, 197, 229, 236 celebrando
Jesus, 37, 59–60, 90, 236 comparando Hitler a Jesus, 37 erro ao rejeitar Jesus, 69 sugerindo o nome do NSDAP a Hitler, 35 visitando Hitler na fortaleza de Landsberg, 36

Kahr, Gustav Ritter von, 153, 155
Tempo de luta, 93, 99, 172
Kapp, Wolfgang, 123
Kapp, golpe, 123
Katedersozialisten (Socialistas do púlpito), 39
Kedar, Asaf, 4, 52
Kellerhoff, Sven Félix, 35, 192, 203, 207
Kerrl, Hans, 156
Kershaw, Ian (senhor), 19, 36, 88, 131–132, 140, 154, 171, 177, 222, 227
Kittel, Gerhard, 65, 83
Klee, Ernst, 18, 71
Klemperer, Victor, 75, 156, 220
Koehne, Samuel, 47, 81, 145, 153, 206–207, 209
Köppen, Werner, 143
Koerber, Victor von, 129, 163, 166
Koonz, Cláudia, 28
Kühnen (campo de concentração), 71
Kujau, Konrad, 10–11

Lagarde, Paul de, 38, 77–78, 83, 95, 108
O conhecimento de Hitler sobre, 77 Jesus masculino, 38
Lambach (escola monástica de Hitler), 156
Landes, Ricardo, 26
Associação Estadual para Missão Interior (Associação do País para a Missão Interior), 71 *Os Últimos*
Dias de Hitler (livro de Hugh R. Trevor-Roper), 8, 29 Landsberg am Lech, 36,
89, 96, 99, 119, 154, 193, 222, 226, 236 *Leben Jesu* (livro de Ernest Renan),
38 Lebenfels, Jörg Lanz von, 79 Leffler, Siegfried,
66, 70 obrigação teológica de matar
judeus, 70 Leibniz, Gottfried
Wilhelm, 92 Lenz, Fritz, 92, 104–105

admitir que o conceito de raça não era científico,
105 fé na raça em vez da ciência, 106
rejeitar a genética, 105
rejeitar a ciência materialista, 105
Leutheuser, Júlio, 189
Levítico (terceiro livro do Antigo Testamento), 98
Lei, Roberto, 99
Leybold, Otto, 154
Pureza de sangue , 23
Longerich, Peter, 18, 176
Lorber, Jacó, 110

Machine Translated by Google

Lorberbewegung (Movimento Lorber), 110
Lorenz, Elisabeth, 66, 190–191
Lortz, José, 189
Ludendorff, Erich, 103, 131
Lüdicke, Lars, 184
Lueger, Carlos, 48, 53, 102, 216
Lutero, Martinho, 69
  antissemitismo de, 190
  como predecessor do Nacional-Socialismo, 190

Majdanek (campo de extermínio), 227
Mammonismo, 44, 53, 140, 202, 211, 230
Cristianismo maniqueísta, 68
Marcha sobre Roma, 43, 123
Marcião: O Evangelho do Estrangeiro Deus (livro de Adolf von Harnack), 68
Marcião de Sinope (pai da igreja primitiva), 67–68
Marr, Guilherme, 21, 47, 50–51, 53, 231
Marx, Carlos, 40, 42, 57, 78, 103
Marxismo, 4, 34, 39–40, 42, 44, 46, 51, 57, 59, 99–100, 157, 181, 212, 215–216
Mestre, Werner, 113
Maio, Karl, 140
Mayr, Carlos, 86, 109, 192–193, 241
Minha Luta, 6, 14, 16, 36, 47–48, 51, 53, 55, 64, 66, 78, 88, 93, 100, 108, 110, 115, 117–122, 125–127, 130, 132, 149, 151, 160–163, 165–166, 169, 172–173, 177–179, 181, 192, 208–211, 221, 223, 226, 232, 236
Meu despertar político (memórias de Anton Drexler), 191, 235–236
Mestre, Guilherme, 194
Genética Mendeliana
  rejeitado como judeu e materialista, 105
O homem e Deus: reflexões sobre Religião e Cristianismo (livro de Houston Stewart Chamberlain), 96
Messias, 60, 62, 65, 72, 116, 123, 128, 130, 142, 145, 190, 219–220, 236, 238
Meyer-Erlach, Lobo, 66, 240
Miscigenação, 17, 22, 51
  pecado contra Deus, 110
Monólogos no Quartel-General do Führer 1941–1944, 15, 80, 88, 143
Montesquieu, Charles-Louis de Apoiado, 104
Reforma moral, 42, 136, 149, 213
Moralidade e ética, 5, 17, 20, 27–28, 37, 42, 47–48, 53, 56, 67, 70–72, 81, 91–93, 95, 97–98, 102, 121, 128, 136, 148–149, 161, 186–188, 203, 213, 223, 225–229, 231, 235, 237–239, 242
  Quem não trabalha não comerá, 232
Mormonismo, 153
Munique, 35, 43, 56, 64, 85, 87, 94, 99, 105, 109, 112, 117, 121, 123, 129, 138, 141, 144–148, 167, 186, 195, 200, 204–205, 207–210, 217, 221
Mussolini, Benito, 43, 123, 219
  discutindo busto de Jesus com Hitler, 79
  visitado por Hitler em 1938, 79
Munich Observer (jornal), 112
Munich Post (jornal), 154
Munique-Kindl-Keller, 204

A Nação (jornal), 165–166
Nacional-Socialismo, 1, 3, 5, 7–8, 13–14, 18, 20–24, 26–27, 31, 33, 40, 45, 48, 51, 56, 61, 63, 65, 68, 71–75, 78, 81–83, 90, 96–97, 100, 103–106, 110, 116–117, 124, 134–135, 139, 142, 145–146, 150, 153, 155, 157–159, 166, 172, 180, 187–189, 194–195, 198, 206–207, 209, 216–217, 220–221, 227, 231–233, 235–236, 238–242 e "fé na raça", 97 e "vida como luta", 55 e antissemitismo, 45, 51, 56, 72, 75, 99, 230, 232

Machine Translated by Google

e a influência de Anton Drexler em
Hitler, 192
como anti-religioso, 26
como biologia aplicada, 104
e catolicismo, 153, 189 e Cristo
como um guerreiro, 205 e Cristo
como um guerreiro antissemita, 186
Ideias cristãs na propaganda, 72 e
produtivismo cristão, 48, 228,
231, 239
Raízes socialistas cristãs de, 34, 47–48,
50
e teólogos cristãos, 64 e cristianismo,
53, 56, 73–74,
81–82, 149, 172, 184, 187, 200,
217
Cristianismo e racismo, 64 e
celebração do Natal, 205, 211 e as igrejas,
27 e criação de uma
igreja estatal, 69 e o *Deutsch Christen,*
72
A influência de Dietrich Eckart em, 109,
118, 238
e conservadorismo ético, 53
fundamentos éticos de, 20
como etnoteísmo, 81
e cristianismo evangélico, 71 terminando
a obra de Cristo, 187 seguindo os
passos de Cristo, 134 e Deus, 4, 147, 149,
237 história de, 3–5, 42, 82, 195
e as primeiras simpatias de Hitler
com
Social Democracia, 192
O fanatismo de Hitler, 99
O controle narrativo de Hitler sobre suas
crenças, 120
e os primórdios políticos de Hitler, 85 e as
crenças religiosas de Hitler, 135 e o
Holocausto, 20–21
Houston Stewart Chamberlain de
influência em, 133
ideologia de, 3, 14, 17, 24, 41, 48, 82, 146,
195, 242
e expansão imperialista, 58 importância
da religiosidade de Hitler para,
133
influência da *Thule Gesellschaft* em, 112 como
internamente racional, 102 e
Jesus, 1, 3, 7, 31, 33, 59–60, 80, 82–83, 131,
135–136, 138, 141, 145–147, 181, 196,
204–205, 208, 212, 220, 232, 235–238,
242 e os ensinamentos de Jesus
nos Evangelhos, 61 e judeus e mamom, 202
falta de base científica para o
conceito de raça, 105 como falta de propósito
ideológico, 30
como amor, fé e esperança, 201

como movimento de massa,
29 significado de 'Socialismo',
41 princípios morais de, 229, 232, 235 e
renovação moral, 149 e
necessidade de reforma ética, 53
como niilista, 235 e
ética e moralidade objetivas, 182 oposição a,
82 oposição ao
darwinismo e evolução, 103–104
oposição à racionalidade
e à ciência,
102, 104
e a “igreja do povo”, 69 como cruzada
política, 214 e cristianismo
positivo, 56, 150 e propriedade privada,
49–50 e privatização, 41 como
punição para os judeus,
230 e purgação da Bíblia de influências
judaicas, 68 como religião quase
religiosa ou
política,
28
como comunidade cristã racial, 203 como
mal radical, 20
rejeição do humanismo, 90–91 e
religião, 5, 18 religião
como propaganda, 33 como
movimento religioso, 75

Machine Translated by Google

Nacional-Socialismo (cont.)
natureza religiosa de, 5, 14, 19, 26–27, 29, 31, 75, 79, 82, 132, 168, 175, 198, 201, 215, 220, 229–230, 237, 241
e renovação da vida religiosa alemã, 69
como revolucionário, 42–43
natureza de direita, 43 origem de direita, 82 raízes de direita, 4–5, 39–40 papel de Deus em, 17, 20 e teologia de Rosenberg, 63
e darwinismo social, 54 e socialização/nacionalização, 44 fontes de, 15
e estudos do judaísmo, 66 teologia de, 150, 233 como
verdadeiro cristianismo, 63, 157, 182, 186, 190–191, 197, 204–205, 212–213, 216–217
como
verdadeiro Socialismo, 42, 157, 196 como ultranacionalismo, 45
compreensão da biologia, 104 visão da alma, 98 e força de vontade, 92
Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. *Veja* NSDAP
Naumann, Friedrich, 4, 34, 37, 39, 41–42, 47–48, 50, 53–55, 58, 231, 235 Nazi/Nazismo. *Veja* Nacional Socialismo *Neu-Salems-Gesellschaft* (New Salem Society), 110 *Neu-Salem Verlag,*
110 Novo Testamento, 23,
52, 62, 67, 70, 73, 79, 88, 96, 111, 116–117, 127 130, 137, 139, 141, 144, 152, 162, 165, 182, 186, 190–191, 196, 202, 211, 228, 232, 237, 241 Newton, Isaac (Sir), 104 Nietzsche, Friedrich, 38, 92, 101, 117
Dietrich Eckart criticando amargamente, 117
Noite das Facas Longas, 141
Niilismo, 20, 30, 235
Nolte, Ernesto, 113
Nordin, Svante, 11
Pogrom de novembro (9 a 10 de novembro de 1938), 68
Partido Nazista Nacional Socialista (NSDAP), 4, 10, 13, 16, 24, 27, 32 , 34–37, 40–41, 43–44, 46–48, 52, 56–57, 59, 63, 72–73, 77–78, 82, 90, 93 , 99–100, 112, 116, 119–120, 124–125, 129–132, 136, 138–140, 142, 144–145, 147, 149–150, 153–154, 157, 161–162, 165–166, 174, 178–180, 182–184, 186–187, 195, 199–201, 203–208, 211–215, 217–220, 224, 231–232, 236, 238, 240, 242
Hitler alcançando poderes ditatoriais, 115 como verdadeiros socialistas, 57
Programa do partido NSDAP, 41, 43, 45–48, 55–57, 74, 93, 111, 125, 131, 147, 150, 214, 231
Associação de Professores do NSDAP, 103

Paixão de Obergammau, 123, 190
Antigo Testamento, 62, 67, 70, 111, 115, 117, 230
inspirando Dietrich Eckart ao antissemitismo, 117
Aquele que não está disposto a trabalhar deve não comer, 228
Operação Festival da Colheita, 227
Operação Reinhard, 227

Paganismo, 145, 155, 206–207, 240
Parsifal (ópera e personagem, de Ricardo Wagner), 89
Passeio, 85, 93, 154, 164–165, 167–168, 241
A Passagem da Grande Raça (livro de Concessão Madison), 100
Paulo de Tarso, apóstolo, 3, 6, 57, 62, 67, 78, 80, 86, 95–96, 107–108, 111,

Machine Translated by Google

114, 126, 133, 137, 152–153, 157, 160, 162–164, 166–169, 173–174, 177–178, 180, 241 ensinamentos
corruptores de Jesus, 57
Epístolas paulinas (no Novo Testamento), 62
Peer Gynt (por Dietrich Eckart), 110
Peniger Tageblatt (jornal), 190
Igreja do Povo, 63, 69–70
Carta de Pedro a Tiago (apócrifa antiga Texto cristão), 152
Fariseus, 37, 59, 98, 139, 202
Phayer, Michael, 18
Pilatos, 228
Pinker, Steven, 29
Platão, 114, 121
Plewnia, Margarete, 112–113, 119–120
Plockinger, Othmar, 191, 211
Ploetz, Alfredo, 105
Polônia, 79, 230
Religião política, 25, 31
Papa, o, 131, 154, 214
Popp, José, 171
Posen, 226
Cristianismo Positivo, 46, 56–57, 93, 111, 125, 131, 136, 150, 215
Preço, Ala, 171
Propaganda, 6, 16, 21, 25, 33, 46, 71–72, 74–75, 82–83, 86, 99, 109, 112, 117–119, 121, 123, 142, 145, 149–151, 155, 157, 162, 166, 172, 176–178, 181–182, 184, 192–193, 200, 210, 216–217, 220–221, 241
Livro de canções do soldado protestante, 65
Protestantismo, 5, 34, 39, 56, 63, 65, 69, 71–72, 74, 83, 103, 124, 131, 147, 154, 190, 215–216, 225
Os Protocolos dos Sábios de Sião, 49, 203
Providência, 30–31, 58, 84, 92–94, 133, 156, 167, 175, 218
Pergunta, Wolfram, 120–121, 161, 193, 225–226
Higiene racial, 80, 91, 105, 107
Racismo, 4–5, 17, 21–22, 28, 37, 40, 49, 51–52, 54, 56, 64, 74, 76, 80–81, 83, 86, 91, 95, 97, 100–101, 104–108, 110, 125, 128, 135, 146, 153, 159, 203, 220, 236–237
Estudos Raciais do Povo Alemão (book by Hans FK Günther), 105
Rassenschande, 17
Raubal, Geli
suicide of, 209
Rauschning, Hermann, 30, 33, 73, 108–109
Redles, David, 2, 113–114, 202, 231
Renan, Ernest, 38, 64, 77, 83
Riehl, Walter, 35, 37
Rißmann, Michael, 25, 162, 199–200 Ritter, Gerhard, 82 Rodbertus-Jagetzow, Carl, 39 Roder, Lorenz (Hitler's lawyer during trial), 154 Röhm, Ernst, 141
Rome, 43, 131, 154, 214 Hitler visiting, 79
Rosenberg, Alfred, 13, 47, 52, 56, 61, 66, 68, 70, 77, 88, 108–109, 112, 114, 122–124, 143, 155, 197–198, 219
hostilidade à ciência e à racionalidade, 102 rejeita a teoria da evolução, 103 visões de Jesus, 59–63, 69, 208, 236 escrevendo como teólogo, 63
Rosenheim, 77, 136, 202
Rosenheimer Tageblatt (jornal), 136
Rothschild (família de banqueiros judeus), 50, 230
Rousseau, Jean-Jacques, 104
Ryback, Timothy, 78, 95, 186

SA *(Composição de Construções),* 71, 140–141, 149, 170, 195
Sachsenhausen (campo de concentração), 231, 239

Machine Translated by Google

Satanás, 37, 52, 59, 61, 77, 99, 111, 115–117, 127, 130, 197, 206, 216, 220
Sauckel, Fritz, 194
Schaub, Júlio, 156
Schemm, Hans, 103
  nossa religião é Cristo, 103
Schiller, Friedrich, 58, 101
Schmaus, Michael, 189
Schopenhauer, Arthur, 92, 101, 114
Schott, Jorge, 225–226
  Hitler mencionando a Solução Final em 1924, 225
Schroeder, Christa, 94, 151
Schrönghamer-Heimdal, Franz, 59, 137–138
Sebald, Máx, 76
Sebottendorff, Rudolf von, 40, 79, 90, 103, 111–112, 193, 236 fundador
  da *Sociedade Thule,* 112
Segunda Guerra Mundial, 4, 23–24, 240
Sermão da Montanha, 63, 91, 184, 202, 211
Colonos, Wolf Jobst, 9
Sobibor (campo de extermínio), 227
Darwinismo Social, 17, 22, 54, 104, 228

Social Democracia, 4, 34, 37, 42, 192, 216
Partido Social Democrata, 192
Sócrates, 121
Sohm, Rudolf, 54
Sólon, 147
Caminho especial (hipótese), 4, 24
União Soviética, 75, 215
Prisão de Spandau, 96
Diários de Spandau (livro de Albert Espiã), 9
Speer, Alberto, 8–9, 30, 227
Spengler, Oswald, 40, 103–104, 228
Spicer, Kevin, 18, 119
SS *(equipa de proteção),* 20, 71, 208, 210, 217, 233, 239

Stangl, Franz, 230
Steigmann-Gall, Ricardo, 18, 31, 57, 64, 142, 182

Stempfle, Bernhard, 119
Stoecker, Adolf, 4, 34, 37–39, 41, 47–48, 53
Strasser, Otto, 78, 95
Streicher, Júlio, 194, 220–221
Suástica, 74, 90, 213–214 como
  símbolo do verdadeiro cristianismo, 212
  história do emblema do partido, 36

Talmude (coleção de escritos judaicos), 114, 191
  Hitler supostamente tendo lido, 114
Teólogos, 5, 22–23, 25, 38, 41, 52, 63–66, 71, 76, 78, 83, 87, 93, 97, 108, 126, 157, 159, 161, 178, 187, 189–190, 215, 232, 240
Teoria da evolução, 102–104
  considerado judeu e materialista, 103–104
Theresienstadt (campo de concentração), 231, 239
Terceiro Reich, 1, 3, 8–9, 15, 18, 23–24, 28, 71, 83, 116, 124, 131, 135, 220, 233 Guerra
dos Trinta Anos, 100 *Thule*
Gesellschaft, 36, 79, 103, 112, 193 Tomberg,
Friedrich, 11, 32–33, 144, 202, 216 Torá (os cinco
livros de Moisés), 68, 98 Treblinka (campo de
extermínio), 227, 230 Trevor-Roper,
Hugh R., 2, 8, 29 Trinity, 116 Hitler
nunca
  menciona, 117
Trützschler, Fritz von, 225
Turner, Jr., Henry Ashby, 198 Tyrell,
Albrecht, 34–35, 46, 129, 181, 218

Ullrich, Volker, 234
Comedores inúteis,
230 URSS. *Veja* União Soviética
Utopia, 29

Machine Translated by Google

Valhala, 156
Varshizky, Amit, 68, 104, 106, 198
Vaticano, 38, 131, 154
Associação para a Política Social (Associação para Política Social), 39
Viena, 35, 53, 85, 87, 95, 102, 216, 224
Voegelin, Erich, 20, 25
Bibliotecários populares, 10, 12, 36, 59, 77, 87, 104, 112, 116, 119, 122–124, 130–131, 136–137, 140, 167, 182–184, 191, 200, 204, 206–209, 211, 213, 217–218, 224
Igreja do Povo. Veja Igreja do Povo
Voltaire (François-Marie Arouet), 104 *Da Corte Imperial à Chancelaria do Reich* (livro de Joseph Goebbels), 13

Wagener, Otto, 170, 191, 195–200, 202–203
Wagner, Cosima (segunda esposa de Richard Wagner), 87
Wagner, Eva (filha de Richard), 87, 95
Wagner, Ricardo, 38, 68, 76, 83, 87, 89, 95, 103
Wagner, Siegfried (filho de Richard), 89
Wagner, Winifred (esposa de Siegfried, filho de Richard), 209
Weber, Máx, 19
Weber, Thomas, 4, 111, 122, 124, 129, 160, 164, 166, 172, 219, 223
Wehrmacht, 65, 93–94, 192
Weikart, Richard, 25–26, 143–144, 146, 148
Weininger, Otto, 124–125
Qual era a aparência de Cristo? (livro de Franz Wolter), 61 Wirth, cristão, 230 Wolter, Franz, 61 *Palavras de Cristo* (livro de Houston Stewart Chamberlain), 185 Wotan, 69, 215 Wrede, William, 65 Wüst, Walther, 64 *Zentrum* (partido político católico), 55, 57, 116, 212–216

Zluhan, Otto, 110

Machine Translated by Google